HISTORIA
DOS
DESCOBRIMENTOS,
E CONQUISTAS
DOS
PORTUGUEZES,
NO NOVO MUNDO
TOMO III.

LISBOA
NA OFFICINA DE ANTONIO GOMES.
MDCCLXXXVI.
Com licença da Real Meza Censoria.

Vende-se na logea da Viuva Bertrand e Filhos, Mercadores de Livros junto á Igreja dos Martyres ao Xiado, em Lisboa.

HISTORIA
DOS
DESCOBRIMENTOS,
E CONQUISTAS
DOS
PORTUGUEZES,
NO NOVO MUNDO.

LIVRO IX.

S grandes preparos, que fazia D. Henrique para huma expediçaõ consideravel, tinha attenta toda a India; porém o segredo do Governador era taõ profundo, que ninguem podia penetrar as suas vistas. Os Autores escreveraõ, que elle os queria para á Cidade de Diu, sobre a qual os Portuguezes tinhaõ sempre os olhos

Ann. de J. C. 1526.

D. JOAÕ III. REI.

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

ANN. de J. C. 1526.

D. JOAÕ III. REI.

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR

olhos abertos. Melique Saca vivia sempre sobre este ponto em desconfiança, e seguindo a politica de seu Pai, tinha despachado para o Vice-Rei D. Vasco da Gama, hum Mouro de consideraçaõ chamado Cid-Alle, em apparencia para comprimentar sobre a sua volta ás Indias, e sobre a sua nova dignidade; porém com effeito para lhe servir de espia. Cid-Alle tendo sabido a morte do Vice-Rei, mudou a sua comissaõ para o novo Governador, que depois de naõ querer receber os presentes do Melique, com o pretexto de que naõ tinhaõ sido destinados para elle, usou com muita civilidade com o seu Enviado, dissimulando perfeitamente com elle, e cobrindo muito bem os seus projectos. Porém Cid-Alle tendo acompanhado D. Henrique até perto de Baticala, se salvou de noite com as suas fustas, receando sem duvida de ver vir cahir sobre Diu a tempestade, que se formava, e que foi rebentar depois sobre Calicut.

Pode dizer-se bem, que o General teve formado algum disignio sobre Diu, que naõ teria deixado, se o podesse attacar com vantagem; porém eu creio tambem que elle tinha al-

Ann. de J. C. 1526.

D. JOAÕ III. REI.

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

algumas viſtas ſobre Adem. O que eu conjecturo da envernada que elle tinha premeditado fazer em Maſcate, da ordem, que elle tinha dado a Heitor da Silveira de o hir eſperar perto do Cabo de Guardafú, e do genero meſmo dos preparativos, que elle tinha feito em Goa, e que deviaõ, ao que parece, ſervir para huma pancada, que podia prometer maior felicidade em Adem do que em Diu, onde teria achado huma mais vigoroſa reſiſtencia. Como quer que ſeja, elle ſe fez á vela com huma frota de 17 embarcaçoens de diverſas eſpecies, porém todas de grande porte, moſtrando de hir fazer guerra aos Corſarios, que ainda eſtavaõ á Coſta. No caminho deſembarcou 500. homens debaixo das ordens de D. Georje de Menezes, que foi reduſir a cinſas hum poſto conſideravel duas legoas diſtante de Calicut. Em Bacalor achou D. Georje Tello de Menezes, e Pedro de Faria, que tinhaõ como ſitiados na embocadura do rio mais de 100. paráos carregados de mercadorias para á Coſta de Cambaia. O General lhes enviou 400. homens governados por D. Georje de Menezes, que naõ foi taõ feliz eſte golpe. Porque tendo-ſe

empenhado no rio, foi obrigado a voltar sem ter feito nada, e com perda de 40. homens.

Ann. de J. C. 1526.

D. João III. Rei.

D. Henrique de Menezes Governador.

Com tudo D. Henrique tendo adoecido com huma inflamaçaõ, que lhe veio a huma das pernas, e que foi fomentada e muito irritada pelos botoens de fogo, que lhe aplicaraõ os Medicos ignorantes, o mal se fez incuravel, e só teve tempo de voltar para Cananor, onde morreo com todos os sentimentos de hum perfeito Christaõ, e pronunciando os nomes de Jesus Maria, no dia da Purificaçaõ do anno de 1526.

Era belo homem, muito bem feito de sua pessoa; porem tinha a alma infinitamente mais bela. Bem longe de tomar o serviço do Rei como huma occasiaõ de se enriquecer, pode affirmar-se que o serviço foi a causa da sua ruina, tinha o costume de dizer áquelles, que o exortavaõ a pensar hum pouco nos seus negocios „ se eu viver, ElRei meu bom „ Senhor me dará pam: se eu morrer, elle terá piedade de meus filhos: „ naõ lhe acharaõ de dinheiro amoedado mais do que 540 reis. Isto só naõ supoém huma virtude consumada? com tudo era ainda hum

moço

moço, que naõ paſſava de 30 annos. He pena que neſta idade, e com eſta virtude morreſſe. Como ſeriaõ felices, os Reis ſe podeſſem ſempre depoſitar a ſua auctoridade nas maõs de peſſoas d'eſte caracter ? e que felicidade para os povos, ſe naõ houveſſem d'outros para governar!

ANN. de J. C. 1526.

D. JOAÕ III. REI.

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

Como ainda os homens mais perfeitos naõ ſaõ ſem algum defeito, e que parece que lhes he percizo algum para os perſuadir de que ſaõ homens, podem reprehender neſte, ter algumas vezes cedido com muita facilidade ás ſuas ſuſpeitas: o que deo lugar a alguns motivos de queixa. Porém no meſmo tempo os que tinhaõ lugar de ſe queixar, eſtavaõ taõ perſuadidos da ſua rectidaõ, da ſua equidade, e de que o ſeu coraçaõ era exempto de paixaõ, que elles o accuſavaõ menos a elle, que á propria furtuna delles. Sobre o que naõ me poſſo eſcuſar de referir duas acçoens, que aperfeiçoaõ o ſeu retrato. A primeira he de Melchior de Brito, que tinha feito prender por algum deſgoſto verdadeiro, ou ſupoſto. Apenas ſe ſoltou depois da morte de D. Henrique logo foi aſſima do ſeu tumulo, onde depois de chorar

eſte

Ann. de J. C. 1526.

D. JOAÕ III. REI.

D. HENRIQUE DE MENEZES GOVERNADOR.

este grande homem, ajuntou em torno de si os que estavaõ presentes, fez o elogio do defunto, e insistio particularmente sobre a sua justiça com huma eloquencia militar, mais pathetica, do que o fora huma oraçaõ funebre. D. Vasco de Lima, que tinha estado no mesmo caso, fez logo depois o mesmo. A segunda he de Heitor da Silveira. Este achando-se á mesa com hum que ousou dizer, que D. Henrique naõ era bom Capitaõ, porque era demasiadamente soldado: impôs-lhe silencio, e sahio arrebatadamente, dizendo, que elle cortaria o pescoço com qualquer, que fosse taõ atrevido, que dissesse a menor coisa em seu desabono. Elogios taõ pouco suspeitos mostraõ hum merecimento bem solido, e bem provado.

D. Henrique naõ tinha ainda acabado o segundo anno do seu Governo. Parece que Deos só o mostrou á India para lhe pezar, e tornar mais sensiveis as perturbaçoens horrorosas, que foraõ as consequencias da sua morte. Tinha nomeado, quando morreo, Francisco de Sá para lhe succeder no Governo Geral, até, que se abrissem as successoens, e que

Ann. de J. C. 1526.

D. João III. Rei.

D. Henrique de Menezes Governador.

o que fosse designado, estivesse em estado de governar. D. Henrique tinha feito antes Sá Governador de Goa, quando deixou elle mesmo o Governo para tomar o manejo Geral dos negocios. A virtude de Francisco de Sá, e o bem do servisso tinhaõ sido os unicos motivos d'esta escolha taõ honrosa para elle. A ambiçaõ, e a paixaõ fizeraõ comque naõ tivessem respeito algum as ultimas vontades de D. Henrique.

Pedro Mascarenhas, e Lopo de Sampaio Governadores.

Tanto, que a noticia da sua morte chegou a Cochim, Lopo de Sampaio Governador da Praça e os principaes officiaes se ajuntaraõ na caza de Affonso de Mexia Intendente da Fazenda Real, para abrirem a segunda successaõ com as formalidades prescritas. Acharaõ o nome de Pedro Mascarenhas, que era entaõ Governador de Malaca. Esta nomeaçaõ deo hum gosto infinito ao publico, que fazendo a Mascarenhas a justiça, que merecia, o amava e estimava mais que Sampaio, a quem a ambiçaõ, que o devorava o fez muito desagradavel.

Mascarenhas estava ausente, e precisava de onze mezes contando o tempo das Monçoens, para que podesse vir a Cochim, e entrar nas fun-

Ann. de J. C. 1526.

D. Joaõ III. Rei.

Pedro Mascarenhas, e Lopo de Sampaio Governadores.

funçoens do ſeu emprego. Era eſte hum inconveniente, que todos ſuſtiaõ, e naõ neceſſitava de mais para favorecer as idéas ambicioſas de Sampaio. Achou o homem de que preciſava para o favorecer com Affonſo Mexia o Intendente. Eſte bem differente do Doutor Pedro Nunes ſeu predeceſſor, que a Corte tinha conſervado ſeis annos no exercicio do ſeu cargo, que tinha feito as delicias do publico pelas ſuas virtudes, era hum homem vivo, inquieto, temerario, e muito perturbador. Como era intimamente ligado com Sampaio, a eſperança, que concebeo de achar o ſeu nome na terceira ſucceſſaõ, fez com que naõ duvidaſſe em propor abrila.

Era iſto hum crime. A propoſiçaõ eſcandaliſou toda a gente, e foi no principio regeitada com horror de todas as peſſoas de bem; porem em fim depois de muitas intrigas, e juramentos ſobre o que ha de mais Santo, que o Governo ſeria entregue a Maſcarenhas tanto que chegaſſe, abriraõ a terceira ſucceſſaõ, onde Sampaio ſe achou nomeado, e foi reconhecido por Governador, com tudo naõ ſem pezar, e ſem hum occulto preſentimento das ſcenas, que deviaõ apparecer. Ten-

Tendo Sampaio tomado as redeas do Governo, expedio logo alguns officiaes para diversos postos, e elle mesmo querendo assignalar-se por alguma acçaõ, que mostrasse, que era digno do emprego, que arrebatava ao seu rival, se pôz no mar com alguns navios, e mil homens de desembarque para correr a Costa do Malabar. Foi até Cananor, sem achar nada; porem estando lá, recebeo huma carta de D. Georje Tello de Menezes, que lhe pedia soccorro contra os paráos inimigos, que commandava o Cutial ou Almirante do Samorim, o qual tinha debaixo das suas ordens 12ↀ homens, contra quem se naõ achava bastantemente forte para lhes impedir a passagem. Era aquella a occasiaõ, que Sampaio procurava: assim tendo-se fornecido de viveres, partio logo para o rio de Bacanor, onde os inimigos estavaõ. Além da superioridade de gente, que tinha o Cutial; tinha-se tambem poderosamente fortificado. As suas praias estavaõ guarnecidas de batarias. O mesmo leito do rio estava taõ embaraçado pelas estacadas que elles tinhaõ feito, que os navios só podiaõ passar hum a hum, com perigo de ficarem detidos, por cau-

ANN. de J. C. 1526.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADORES.

Ann. de J. C. 1526.

D. João III. Rei.

Pedro Mascarenhas, e Lopo de Sampaio Governadores.

causa da multidaõ das amarras, que o atravessavaõ por baixo d'agua d'huma borda á outra. Isto naõ obstante, Sampaio se resolveo ao ataque; porém o seu Conselho composto pela maior parte de pessoas affeiçoadas a Mascarenhas, se lhe oppôz para lhe tirarem a gloria, que podia adquirir nesta occasiaõ, e o abater mesmo pela injuria que teria por lhe recuar, depois de se ter interessado tanto.

Sentio bem todos estes motivos, porém isto só servio para o confirmar no seu designio: com tudo consentio em deixar a causa indiciza, até que elle tivesse por si mesmo reconhecido as forças dos inimigos. Elle o fez como verdadeiro menino perdido com dois caturs, que experimentando todo o fogo das batarias, pareciaõ, que só por milagre se deviaõ salvar. Naõ obstante considerou bem tudo, e quando voltou fez cortar pelos seus mergulhadores as amarras, que passavaõ d'huma á outra estacada.

A conta, que Sampaio deo aos seus Capitaens quando voltou, naõ tendo feito mudar a primeira determinaçaõ d'estes, esperou pela chegada de Christovaõ de Sousa, e de Antonio da Silveira, a quem tinha dado or-

ordem de vir ajuntar-se-lhe. Tendo estes sido do seu parecer, a ordem da acçaõ foi regulada por este modo. Que tanto que despontasse o dia quatro bateis bem cobertos de mantas fizessem a vanguarda seguidos de muitos caturs. Sampaio commandando o segundo corpo vinha immediatamente depois com embarcaçoens hum pouco mais fortes, que tinhaõ cada huma grossa pessa de artilheria no seu beque, e muitos pedreiros nos seus dois bordos. Vogavaõ com todos os remos, empavesados como para hum dia de festa, e faziaõ soar por toda a parte a armonia dos seus instrumentos militares. Chegaraõ assim até á primeira estacada dos inimigos, naõ obstante o fogo da sua artilheria. Manoel de Brito, e Payo Rodrigues d'Araujo, que estavaõ na frente, tendo desembarcado com muito trabalho, limparaõ o terreno, e attacaraõ os entrincheiramentos. Sampaio desembarcando depois com a Bandeira Real, os inimigos naõ fizeraõ mais alguma resistencia. Os seus paráos foraõ todos queimados com a sua feitoria, que estava cheia de mercadorias. O General naõ quiz que se tocasse na povoaçaõ, que era do dominio

nio

ANN. de J. C. 1526.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADORES.

nio do Rei de Narſinga ; e depois de ter feito embarcar 80 peças de canhaõ, de que a maior parte era de bronze, todo ſoberbo com huma taõ bela victoria, continuou a ſua derrota até Goa.

Achando-ſe lá o ſeu partido mais forte, que o de Franciſco de Sá, que devia naturalmente governalo ſegundo a diſpoſiçaõ, que tinha feito D. Henrique de Menezes, tirou-lhe o Governo deſta praça, e o enviou ás Ilhas de Sunda, para onde a Corte o tinha deſtinado quando partio de Portugal, para hir lá fundar huma Fortaleſa. Deſpachou tambem de lá Jorje de Menezes, para hir tomar o Governo das Molucas, e D. Affonſo Martinho de Mello para hir fazer a carreira para as Maldivas, depois do que partio elle meſmo para Ormus.

Diogo de Mello, naõ obſtante as aſperas advertencias, que lhe tinha feito D. Henrique de Menezes, continuava as ſuas tyranias. Naõ haviaõ nenhumas violencias, que eſte velho avarento e cubiçozo naõ fizeſſe para ter dinheiro. Tinha apreſionado Seraph para o reſgatarem, e as coiſas tinhaõ chegado a hum ponto, que

por

por ordem do Rei d'Ormus, os Governadores de Mascate, de Calajate e d'outras praças se tinhaõ já sublevado contra os Portuguezes. Melo, que tinha sabido a nomeaçaõ de Mascarenhas, temendo os rigores da sua justiça, tinha escrito á Sampaio, que era seu proximo parente, para lhe rogar que viesse a todo o custo, que fosse concertar os seus negocios antes da chegada do novo Governador General. Sampaio devia lembrar-se das opposiçoens, que tinha feito a D. Henrique de Menezes, quando este General queria hir envernar a Mascate, para se achar em estado segundo as occurrencias de cahir sobre Goa, ou sobre Adem. Porque entaõ lhe representou vivamente os inconvenientes, que havia para deixar a India sem soccorro. Elle mesmo a deixou mais desguarnecida. Porém a protecçaõ, que elle queria dar a hum parente injusto e culpado, o fez desprezar a razaõ, e os pareceres de todos os seus Officiaes, que eraõ contrarios a esta viagem, que fez naõ obstante toda a gente.

Ann. de J. C. 1526.

D. Joaõ III. Rei.

Pedro Mascarenhas, e Lopo de Sampaio Governadores.

Com tudo conclusio-se bem alli para socegar o espirito do Rei e do seu Ministro, o qual soltou tanto que che-

Ann. de J. C. 1526.

D. João III. Rei.

Pedro Mascarenhas, e Lopo de Sampaio Governadores.

chegou. Fez dizer a hum, e a outro que vinha fazer-lhes justiça, e que supposto, que Mello fosse culpado, elle o puniria muito severamente, ainda que fosse seu parente muito proximo. Seraph entendeo bem esta lingoagem, e vendo que naõ tinha que esperar grande coisa de hum Juiz, que era parente da sua parte, disse que esquecia todo o passado.

Tendo assim concertado todas as coisas, Sampaio se apressou para tornar á India, onde se teria imortalisado se se tivesse aproveitado da mais bela occasiaõ, que elle pôde ter para se fazer Senhor de Diu, sem ser obrigado a tirar a espada. Sultaõ Mahmud Rei de Cambaia, deixou por herdeiro quando morreo, hum de seus filhos debaixo da tutela da Rainha mai d'este moço Principe, que morrendo elle mesmo pouco tempo depois, teve por successor outro de seus irmaõs. Mahmud tinha tido outro filho chamado Badur, que tinha dado ordem para que o matassem, quando era já grande; por lhe terem feito d'elle hum pessimo vaticinio. Badur tendo sido avisado secretamente, fez dar hum veneno lento a seu Pai, e se refugiou na Corte de Chitor, onde

onde comettendo hum novo crime, ſe ſalvou em habito de calendar Turco, ou Perſa ſempre vagabundo: aproveitando-ſe das ſuas diſgraças, para formar o eſpirito nas ſuas viagens pela aſſiſtencia, que faria nas Cortes eſtrangeiras. Tendo ſabido da morte de ſeu Pai, e do ſucceſſor, que eſte eſcolhera, fez rogar á Rainha ſua Mãi para que bem o quiſeſſe ajudar á ſu[illegible] a hum throno, que lhe naturalmente pertencia, e de que o tinhaõ apartado, ſem ter dado motivo algum. Eſta Princeſa, que o amava exceſſivamente, conſintio niſto, e ſe ajuſtou ſecretamente com Crementina Rainha de Chitor, de quem lhe procurou a protecçaõ. Badur tendo entrado por ſoccorro ſeu com maõ armada nos ſeus Eſtados, conquiſtou-os, e ſe fez pacifico poſſeſſor pela victoria d'huma batalha, onde o Rei foi morto, e pela morte de quaſi todos os outros ſeus irmaõs, que fez deshumanamente morrer.

Ann. de J. C. 1526.

D. João III. Rei.

Pedro Mascarenhas, e Lopo de Sampaio Governadores.

Apenas Badur ſe vio ſocegado, procurou vingar-ſe dos Grandes do Eſtado, que lhe tinhaõ ſido contrarios, e tomou a reſoluçaõ de os ſubmeter, tirando-lhes os empregos, que peſſuhiaõ, menos como vaſſallos obedientes,

que

Ann. de J. C. 1526.

D. João III. Rei.

Pedro Mascarenhas, e Lopo de Sampaio Governadores.

que como rivaes, que queriaõ dar a lei ao feu Soberano, ou hir a par com elle. Melique-Saca eftava nefte cafo: tinha pegado em armas contra Badur, e temia com rafaõ os effeitos da fua vingança. Nefta inquietaçaõ, fe determinou a chamar os Portuguezes, e aconceder-lhes a Cidadella, que elles havia muito tempo cubiçavaõ, para terem hum reparo contra o Rei feu Senhor. Sampaio recebeo em Chaul a carta, que elle lhe efcreveo, na qual lhe communicava o feu projecto, e logo lhe enviou Heitor da Silveira com alguns navios, em lugar d'elle mefmo hir: o negocio valia o trabalho, e naõ faltaria fe elle fe tiveffe fómente aprefentado.

Heitor da Silveira tendo ancorado no porto de Diu, Saca fe achou mais irrefoluto, que nunca. Aga-Mahmud feu parente, e o feu Confelho porém, que aborrecia mortalmente os Portuguezes, naõ podendo refolver-fe a velos fenhores d'efta praça, quiz evitar o golpe, e formou defde entaõ o difignio de trahir Saca, com a efperança de fe elevar fobre as fuas ruinas. Naõ podendo confeguilo pela força defcuberta na prefença da frôta

ta Portugueza, uzou de fingimento, e de arteficio. Encheo o espirito de Saca de tantas perturbaçoens e desasocegos, que naõ concluia nada. Heitor da Silveira enfadado das suas demoras, escreveo a Sampaio para lhe pedir conselho, e hum soccorro que o pôz em estado de fallar como Senhor, e de fixar as irresoluçoens de Saca fazendo-se temer. Era este o melhor partido que elle podia tomar, e era o parecer de todos os officiaes de Sampaio. Porém Sampaio naõ podendo determinar-se, enviou o negocio a Silveira, que sendo muito vivo para se acommodar com as desfeitas, que lhe faziaõ todos os dias, partio arrebatadamente, e tornou sem ter feito nada. Apenas se fez á vela, fez Aga sublevar a Cidade em favor de Sultaõ Badur, e isto taõ subitamente, que apenas teve Saca tempo para se salvar. Sampaio estava ainda em tempo de tomar a praça, antes que Badur tivesse entrado; porém tendo-se entertido inutilmente, se lhe anticiparaõ, e só lhe ficou o arrependimento de ter deixado por sua culpa, o que podia ter com tanta facilidade.

ANN. de J. C. 1526.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADORES.

Quiz consolar-se descarregando a

ANN. de J. C. 1526.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADOR.

ſua colera ſobre a Cidade de Dabul, que eſtava reſoluto a deſtruir, porque o Tanadar a tinha em nome do Idalcaõ; naõ obſtante a paz feita entre ſeu Senhor, e a Coroa de Portugal, favorecia o commercio dos Mouros de Meca, e conſervava hum numero de fuſtas, que ſerviaõ de piratas ſobre a Coſta. Porém com a ſua chegada, naõ ficando mais eſte Tanadar no emprego, o que lhe ſuccedeo fez a ſua paz com o General, deixando-lhe as fuſtas e hum navio dos Mouros ricamente carregado, que eſtava preſtes a fazer-ſe á vela, prometendo além d'iſto de naõ dar mais azilo aos navios, que vieſſem ſem paſſa-porte da Coroa de Portugal.

Da outra parte Georje Cabral, que Sampaio tinha deſpachado de Cochim para fazer carreira para ás Maldivas, em lugar de ſeguir a ſeu deſtino, ſe foi direito á Malaca, para alli fazer a ſua Corte á Maſcarenhas, levando-lhe a noticia da ſua promoçaõ; que Sampaio naõ ſe tinha apreſſado a fazer-lho ſaber, tendo eſperado, que elle foſſe a Goa para lhe dar aviſo d'huma coiſa, que naõ tinha animo de lhe ceder, inda que diſſo lhe fizeſſe o comprimento. Malaca re-

recebeo esta noticia com a maior satisfaçaõ; Mascarenhas alli foi reconhecido por Governador General. Cabral por recompensa foi provido do Governo da praça, e o novo General se vio obrigado partir para o Indosstan, onde suppunha necessaria a sua presença, antes do tempo da Monçaõ. Porém foi acometido por huma grande tempestade quando atravessava as Ilhas de Pulopuar, que o obrigou a demorar, tendo sido desmastreado, e corrido grande risco de fazer naufragio.

ANN. de J. C. 1526.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADOR.

Pareceo que a sua fortuna lhe tinha procurado esta satisfaçaõ, para o livrar das desgraças, que lhe preparava ao depois, e para fazer ver ao mesmo tempo pela gloria, que elle lhe fez adquirir destruindo o Rei de Bintam, que se elle era infelis, o era quando menos o merecia. Mahmud fatigava sempre Malaca, e esperando sempre poder alli restabelecer-se, aproveitou todas as occasioens de lhe fazer vivamente guerra. Do tempo de Georje d'Albuquerque tinha tido sempre superioridade, e Mascarenhas, que tinha succedido a Albuquerque, tinha esbarrado em todas as empresas, que tinha feito contra este Princepe.

Ann. de J. C. 1526.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADORES.

Na partida de Mascarenhas para á India, tinha Mahmud concebido novas esperanças. O seu prompto retorno as fez abater hum pouco, sem que elle nunca afrouchasse nas suas attençoens. Mascarenhas da sua parte tinha huma inveja tanto mais forte de domar este inimigo; porque além da gloria com que assignalaria os principios do seu governo, com esta destruiçaõ o tornava mais socegado daquella parte, e se privaria d'hum grande motivo de inquietaçaõ, que tinha fatigado todos os seus predecessores, por causa da distancia, e da dificuldade de enviar soccorros, e da incertesa das noticias.

As circunstancias eraõ tanto mais favoraveis, porque Francisco de Sá, D. Georje de Menezes, e Simaõ de Soisa Galvaõ, que tinhaõ suas destinaçoens para ás Ilhas de Sunda, estavaõ entaõ em Malaca com as suas esquadras. Mostrando Mascarenhas naõ ter outro intento do que de os expedir, trabalhou ocultamente em preparar 21. embarcaçoens, 400. Portuguezes, e 600. Malaios, com que partio para á Ilha de Bintam.

Esta Ilha dista 60. legoas de Malaca, situada na extremidade do es-

trei-

treito de Sincapur, e só he separada da terra firme por hum pequeno braço de mar, sobre o qual tinhaõ feito huma ponte para a communicaçaõ d'huma e outra praia. A povoaçaõ situada neste lugar estava cercada por trez ordens de espinhaes vivos, cujas pontas saõ envenenadas, e o defendiaõ milhor do que fossos. O terreno era taõ lodoso, que todas as casas eraõ fundadas sobre estacas, e que passavaõ d'huma para a outra por pontes levadiças. Só o Palacio do Rei fundado sobre huma eminencia era d'huma obra solida. Além do cerco d'huma triplicada ordem de silvado, havia quarto feito de estacas e taipa, o qual formava huma muralha em torno da praça, que tinha suas portas onde faziaõ guardas exactas. Sobre esta muralha, e sobre dois baluartes que estavaõ na frente da ponte, havia trezentas peças de artilheria. O canal do braço de mar, além de ser tortuoso por extremo, estava embarassado pelas traves, e estacas, que alli tinhaõ cravado a toda a força, que só havia passagem para pequenas embarcaçoens.

Ann. de J. C. 1526.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOIO DE SAMPAIO GOVERNADORES.

Mascarenhas tendo ancorado ao largo da Ilha, fez logo sondar o rio ou braço de mar, e enviou depois huma

Ann. de J. C. 1526.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADOR.

huma embarcaçaõ a reboque por dois Calaluſſes, reſoluto a attacar pela ponte, aſſim como tinha feito Affonſſo d'Albuquerque na tomada de Malaca. Franciſco Serraõ, que commandava a embarcaçaõ, encontrou alli tantas difficuldades, que tudo o que podia fazer no eſpaço d'hum dia, era avançar o comprimento d'hum cabo com difficuldades, e perigos extremos, por cauſa do grande fogo dos inimigos, que o obrigaraõ a diſiſtir.

Aviſado o Rei de Pam do perigo em que eſtava ſeu ſogro, fez logo partir 30 lanchas com 2000 homens, e toda a ſorte de proviſoens. O General naõ lhes deu tempo de ganharem a Ilha, foi eſperalos, desbaratou-os, afugentó-os, e lhes tomou 12. Franciſco Serraõ tendo tornado ao ſeu trabalho, o adiantou com tanto esforſo e frequencia, que depois de 15 dias d'huma fadiga immenſa, chegou até á ponte, e a afferrou; poſto que a ſua embarcaçaõ foſſe taõ crivada de tiros, que era hum prodigio que naõ foſſe a pique. Em vaõ os inimigos de noite cortaraõ as amarras. Serraõ fez deitar novas cobertas de cadeas.

Mahmud deſeſperado de ver que a ſua artelharia naõ tinha podido deſfa-

ANN. de J. C. 1526.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADOR.

fazer a embarcaçaõ, ou fazela encalhar, mandou em furor a Lacſamana, que meteſſe ſem demora onze lanchas ao mar, e que a foſſe atacar com 1⸗500. A ordem do Principe foi logo executada com muito valor, e determinaçaõ. Os Portuguezes ſe defenderaõ como Lioens; porém naõ obſtante a ſua valentia, naõ poderaõ impedir aos inimigos, que naõ ganhaſſem a embarcaçaõ, onde ſubiraõ pela parte do beque, e os fizeraõ recuar até ao maſtro grande. Combatendo alli Serraõ como heroe, cahio quaſi morto abatido pelo trabalho. O abatimento do Chefe devia ſer ſeguido pelo dos mais, ſe Maſcarenhas, que deſde os primeiros tiros de canhaõ conheceo o perigo em que eſtavaõ os ſeus, tomando comſigo Duarte Coelho, e alguns valeroſos reſolutos, naõ ſe deitaſſe em huma balandra para voar a ſoccorrelos. A força de remos alcanſou logo o lugar do combate, onde abrindo caminho por entre as lanchas, com o favor das granadas, ſubio á embarcaçaõ, e tomando o poſto d'aquelles a quem o trabalho, e as feridas tinhaõ quaſi expulſado do combate, naõ deixou alli nenhum dos inimigos com vida: os ou-

Ann. de J. C. 1526.

D. João III Rei.

Pedro Mascarenhas, e Joiò de Sampaio Governadores.

outros foraõ tambem apartados, que naõ ousando mais aproximarem-se á embarcaçaõ, naõ houve nenhum que naõ pensasse em procurar a sua salvaçaõ na fugida. O que nesta acçaõ houve de mais singular, que foi verdadeiramente bela, he que neste pequeno numero de valerosos, que estando taõ embebidos no combate, naõ perceberaõ o soccorro que lhe tinha vindo, e ainda que todos foraõ feridos, nenhum com tudo morreo das feridas.

Mascarenhas bem satisfeito com este successo, naõ deixou com tudo de se assustar com a vista dos obstaculos que tinha para vencer, quando contemplou de perto a ordem dos entrincheiramentos que devia expugnar. Julgando com tudo que naõ tinha tempo para perder, se dispôoz a atacar de noite pela frente da ponta, que prendia com a terra firme; porém para chamar a atençaõ dos inimigos para á parte opposta, fez descer á terra na Ilha da parte da praça as tropas Malayesas, commandadas por Sanaia Raya, e Tuam Mahmed, a quem tinha unido 40. Portuguezes, como se tivera tençaõ de atacar a praça pelos entrincheiramentos daquelle lado.

Mas-

Mascarenhas foi descer huma legoa abaixo da ponte sobre a praia opposta, donde os inimigos naõ tinhaõ nenhuma desconfiança, por ser huns pays todo debaixo d'agua. E posto que com effeito tiveraõ muito trabalho, principalmente na escuridade da noite, para se tirarem dos lodos, e da agua, que algumas veses lhes dava pela cintura, e outras veses até aos sovacos dos braços, salvaraõ com tudo todos os máos passos, e se acharaõ ainda muito frescos para pelejarem bem.

ANN. de J. C. 1526.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADORES.

Duas ou trez horas antes do dia, tendo Serraõ feito os sinaes que tinha ajustado com o General, e deitado granadas, e artificios no baluarte do ataque, Sanaia Raia se moveo com todas as suas tropas com grande estrondo de clarins, de trombetas, de tambores, gritos redobrados, levantados por esta multidaõ á maneira dos Indios, e de jogo da artilheria, que o horror da noite fazia ainda mais medonho. Despertado o inimigo por este attaque inopinado, e enganado por este fingimento, acudia á parte donde vinha o estrondo, assim como o General havia premeditado. Laczamana, que commandava nos entrincheiramentos, dispondo a sua gente, a ani-

Ann. de J. C. 1526.

D. João III. Rei.

Pedro Mascarenhas, e Lopo de Sampaio Governador.

animou, e a pôz em eſtado de pelejarem bem. Começado o combate de ambas as partes, os tiros voaõ de toda a parte. Com tudo Maſcarenhas, que eſperava ſó por eſte momento, dá o aſſalto ao primeiro baluarte, e o toma: ganha a ponte, e o ſegundo baluarte com a meſma facilidade, e ſe eſpalha pela Cidade com a flor das tropas, onde ſeguindo o fogo do ardor militar, e da vingança, encheo tudo de ſangue e de mortandade. O inimigo ſurprendido, e atemoriſado naõ ſabia para onde correſſe para ſe defender. Mahmud, a quem os primeiros fugitivos levaraõ a triſte noticia de que o inimigo eſtava na Cidade, naõ o podia comprehender, e ſe contentava com deſabafar a ſua colera pelas reprehençoens que lhes fez da ſua fraqueza. Apenas acreditou os ſeus olhos, quando o dia lhe moſtrou a deſtruiçaõ que lhe tinhaõ feito de noite. Entaõ penſando elle meſmo ſó em fugir, montou em hum Elefante, que depois deixou, para melhor ocultar a ſua marcha ſalvando-ſe nos matos, e como lá meſmo naõ ſe julgou ſeguro, paſſou para á terra firme, e ſe retirou para huma Cidade onde foi morrer conſumido de triſtezas, e diſgoſtos.

O

O General tendo-o feito procurar em vaõ, entregou á pilhagem a Cidade, e o Palacio, onde achou grandes riquezas. Tendo depois trabalhado 15 dias para destruir todas as fortificaçoens, limpou o rio, tirou a artilheria, restituhio a propriedade da Ilha ao seu primeiro Senhor, que Mahmud tinha desapossado, com a condiçaõ que elle a possuiria debaixo da Fé, e homenagem de Portugal, e que naõ levantaria mais as fortificaçoens, voltou para Malaca acogulado de bens, gloria, e honra.

ANN. de J. C. 1526.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADOR.

De sinco navios que tinhaõ partido de Lisboa neste mesmo anno de 1526 sómente dois chegaraõ ás Indias, commandados por Tristaõ da Veiga, e Francisco da Naya. Levavaõ novas cartas de successaõ, que mudavaõ a ordem das primeiras, e as annulavaõ. Ignoravaõ em Portugal a morte de D. Henrique de Menezes. Os Ministros amigos de Lopo de Sampaio o tinhaõ feito preferir nestas ao seu concurrente, e naõ o tinhaõ deixado ignorar a Sampaio, e a seu amigo Affonso de Mexia, a quem ellas eraõ dirigidas: com ordem porém de entregar as primeiras fechadas, e selladas; e que fossem consideradas como naõ aber-

Ann. de J. C. 1526.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADORES.

bertas. Mexia sem declarar os avisos secretos que tinha recebido, e ajuntando á sua primeira audacia huma nova temeridade, chamou o Conselho, leo as ordens que tinha recebido da Corte, e fez instancia para abrir as novas successoens. Esta proposiçaõ causou ainda mais horror do que tinhaõ feito os primeiros procedimentos. A maior parte do Conselho votou contra, com indignaçaõ. Vaz Déça, que commandava em Cochim, representou com energia os incovenientes que nasceriaõ d'huma empresa taõ atrevida. Porém o audaz Mexia, tomando sobre si todas as consequencias d'este negocio, passou ávante, e abrindo as Cartas Regias, declarou Lopo de Sampaio legitimo Governador, e disto fez auto, de que o avisou por Francisco de Mendonça, que enviou para o encontrar até Goa.

Sampaio vinha de Dabul quando Mendonça o encontrou, sabia já alguma coisa pelas cartas, que tinha recebido de Portugal, e vendo que todas as coisas se encaminhavaõ tambem a seu favor, naõ fez caso dos seus primeiros juramentos, e resolveo de se conservar a todo o custo, que podesse. Tendo chegado a Goa, foi

re-

reconhecido de todas as Ordens. De lá partio para Cochim para acabar d'alli se estabelecer; o que lhe era tanto mais facil, porque Mexia por novas ordens da Corte se achava no mesmo tempo Intendente da Fazenda, e provido no Governo desta praça.

ANN. de J. C. 1526.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADORES.

Ainda que pareceo que o reconheciaõ logo de boa vontade, com tudo como a maior parte dos Officiaes alli estavaõ juntos, e o maior numero inclinava para Mascarenhas, além disso o direito, e a rasaõ estavaõ a favor d'estes; a Cidade se repartio logo em duas facçoens, donde nasciaõ todos os dias questoens, contendas, e desafios. Os Ecclesiasticos naõ deixaraõ de tomar partido. Sampaio, e o Intendente, tendo tido o cuidado de os chamar a si, fizeraõ da cadeira da verdade o theatro das suas affeiçoens particulares. Faziaõ invectivas contra Mascarenhas, e chegavaõ ás ameaças de lançarem excomunhoens. Sampaio se ajudava occultamente de todas estas divisoens, affectando moderaçaõ e desenteresse. Teve alguns Conselhos de pessoas compradas, e fez lavrar autos das suas deliberaçoens. Depois d'isto com tudo naõ deixou de recorrer aos desterros, e outros procedimentos

vio-

violentos contra os ſeus adverſarios.

Ann. de J. C. 1526.

D. João III. Rei.

Pedro Mascarenhas, e Lopo de Sampaio Governador.

Com todos os esforços que elle fez o ſeu partido diminuia ſempre, e o do ſeu concorrente ſe fortalecia. Chriſtovaõ de Souſa, que commandava em Chaul, inſtruido pelos deſterrados de tudo o que ſe tinha paſſado, fez hum auto com os da ſua guarniçaõ para obrigar os dois competidores a decidirem as ſuas differenças pelas vias da juſtiça, ſem virem ás de facto: e notificou a Sampaio por huma carta, que lhe eſcreveo enviando-lhe huma copia do auto. Sampaio ſentio muito iſto. Souſa era o Official mais acreditado da India. Além da probidade de que fazia profiſſaõ, vivia como grande Senhor: tinha huma meza eſplendida, fazia gala de rico, e tinha no ſeu partido grande numero de Gentilhomens que conſervava pelas ſuas liberalidades.

Os partidiſtas de Maſcarenhas, e as peſſoas indifferentes propunhaõ a meſma via de louvamento para evitarem as perturbaçoens. Porém Sampaio que deſconfiava da juſtiça da ſua cauſa, e da affeiçaõ dos Juizes, naõ queria ouvir falar niſſo: e como temia ſer a iſſo obrigado com a chegada de Maſcarenhas, que além diſto naõ queria incor-

ANN. de J. C. 1527.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADOR.

correr no odio que alli haveria em executar em pessoa o rigor das ordens, que elle devia deixar contra o seu competidor, estimou de ter hum pretexto para se ausentar.

A noticia que se espalhou entaõ que Raix Solimaõ, este que havia feito morrer o Hemir-Hocem, edificava huma Fortalesa na Ilha de Camaraõ, e se dispunha para vir á India com huma poderosa frôta, lhe offerece huma occasiaõ favoravel. Naõ deixou de se aproveitar da inquietaçaõ que ella causava. Penetraraõ logo os seus designios; a proposiçaõ que elle fez desta expediçaõ foi considerada como hum laço, e algumas ordens que elle deo para os aprestos da guerra, foraõ recebidas taõ friamente, que ninguem se apressava a seguilo. Para vencer esta má disposiçaõ dos animos, fez hum juramento publico na Igreja, em quanto o Padre levantava a Deos, e protestou sobre o Augusto Sacramento dos nossos Altares, sobre a presença real do corpo de Jesus Christo, que elle julgava necessario, e do bem do servisso do Rei, de hir ao encontro dos Turcos, e que a sua tençaõ era verdadeiramente de hir combatelos. Este juramento taõ solemne

Ann. de J. C. 1527.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADORES.

——ne tendo conduſido a gente ao entereſſe commum, embarcou-ſe, e elle partio. Porém naõ paſſou de Goa, onde o conſelho julgou que eſtando muito fraco para eſta empreſa, devia eſperar a frôta que vinha de Portugal, e que entaõ meſmo baſtaria eſperar a armada inimiga no mar de Cambaia, ſem hir procurala no mar Roxo. Sampaio naõ requeria mais, porém iſto ſervio ſó a fazelo mais odioſo, ſendo todos convencidos da pouca ſinceridade dos ſeus juramentos, e da pouca rectidaõ das ſuas intençoens.

A Corte de Portugal tinha ſabido da morte de D. Henrique, e o que ſe tinha feito na abertura das primeiras ſucceſſoens: ſobre o que arrependendo-ſe ElRei das ultimas, que tinha enviado, e antevendo as diviſoens que d'ellas poderiaõ naſcer, tinha deſpachado hum Official Francez, que eſtava no ſeu ſerviſſo, para confirmar a eſcolha de Maſcarenhas. Eſta ordem atalharia todos os males; porém o infeliz Francez foi naufragar ſobre as Coſtas da Ilha de Madagaſcar, onde morreo.

Com tudo Maſcarenhas altivo com a vantagem, que tinha conſeguido ſobre hum inimigo taõ terrivel como

o Rei de Bintam, e lisongeado com a sua nova dignidade, vogava com largas velas para o Indostan, ignorando inteiramente a situaçaõ em que alli se achavaõ a seu respeito. A primeira noticia que teve foi em Coulaõ, onde tudo se declarou a seu favor, em despreso das ordens que Sampaio alli tinha enviado. A triste face dos seus negocios o comoveo sem o abater, e elle se pôz em derrota para Cochim, determinado a todo o acontecimento, porém resoluto a sofrer tudo, antes do que expôr o pays a huma guerra intestina, que seria muito prejudicial ao serviço do Rei.

Ann. de J. C. 1527.

D. João III. Rei.

Pedro Mascarenhas, e Lopo de Sampaio Governadores.

Na sua chegada Mexia, que se tinha preparado como se tivesse que sustentar hum assalto contra os Turcos, lhes fez intimar muitas escrituras e protestaçoens, com prohibiçaõ sob pena de crime de Leza Magestade de desembarcar. E porque Mascarenhas lhe fez dizer, que lhe daria resposta em terra, mandou tocar o sino, e encheo a praia de gente armada. No outro dia depois de muitas idas e vindas, Mascarenhas que naõ tinha podido alcançar o descer, nem ainda para ouvir missa, tomou o partido de o fazer com muitos dos

ANN. de J. C. 1527.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADORES.

ſeus, porém deſarmados de modo, que nem meſmo tinhaõ as ſuas eſpadas. Bem longe de ſer ſenſivel a eſte eſtado humilde, o furioſo Mexia armado, e montado n'hum cavalo armado, gritando, mata, mata, corre para elle com os ſeus guardas como hum deſatinado, fere-lhe o braço com dois golpes de lança, e o obriga a retirar-ſe com os ſeus, dos quaes muitos eſtavaõ igualmente feridos. Que triſte e rediculo eſpectaculo ao meſmo tempo dava Mexia, mais coſtumado a manejar a pena do que a eſpada, montado como hum Paladim, enrriſtindo a lança, correndo ſobre hum homem criado nas armas, e coroado de louros, que elle meſmo naõ tinha penſado por-ſe em eſtado de defenſa! o Rei de Bintam, que Maſcarenhas havia deſpojado dos ſeus Eſtados, teria podido deſejar outro miniſtro das ſuas vinganças?

Sampaio teve tanto goſto quando ſoube que tinha ſido tambem ſervido que deo o Governo de Coulam áquelle que lhe trouxe a noticia, vingando-ſe no meſmo tempo por eſta acçaõ d'Henrique de Figueira, por cauſa da parcialidade, que tinha moſtrado a favor do ſeu competidor.

Naõ

Naõ obſtante a atrocidade do inſulto, Maſcarenhas, que ſe propunha para exemplo o que tinha acontecido ao grande Albuquerque, e que naõ tinha na idéa ſenaõ as vias da juſtiça, deixou os Galioens em que tinha vindo, o que deo cauſa a que muitos dos que o tinhaõ ſeguido foſſem apriſionados, e ſe contentou com huma caravela para hir até Goa por-ſe d'algum modo á diſcripçaõ do ſeu rival, que lá eſtava. D. Simaõ de Menezes ſeu amigo Governador de Cananor, recuſou, ainda que com muita civilidade, de o receber, e trocou a ſua caravela por hum ſimplex catur que lhe pedio, a fim de parecer melhor aos olhos de todos, que elle deſejava a paz, e naõ a guerra.

Ann. de J. C. 1527.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADORES.

A Cidade de Goa o eſperava com impaciencia. Já as facçoens ſe deſpertavaõ em ſeu favor, e a alegria tasbordava nos ſemblantes. Sampaio, que temia huma reſoluçaõ, de que eſta Cidade daria primeiro o máo exemplo, naõ quiz que elle alli apareceſſe, e enviou á recebelo Simaõ de Mello ſeu ſobrinho, e Antonio da Silveira ſeu genro, com huma frôta inteira, a fim de o conduſir

Ann. de J. C. 1527.

D. Joaõ III. Rei.

Pedro Maſcarenhas, e Lopo de Sampaio Governadores.

priſioneiro a Cananor, e com ordem de o meter á pique ſe fizeſſe a menor apparencia de ſe defender. Maſcarenhas, que foi aviſado de tudo na ſua derrota, naõ deixou de a continuar, e foi-ſe lançar com todo o goſto nos laços que lhe armavaõ. Antonio da Silveira, que o encontrou primeiro, fez-lhe ſignal de o ſalvar: ao que lhe reſpondeo; e porque elle recuſou hir de livre vontade a Cananor meter-ſe na Cidadella, lhe deitaraõ ferros aos pés, e foi tranſportado para eſta Cidade, e entregue a D. Simaõ de Menezes, em quanto arraſtaraõ dois homens de confiança, que elle tinha comſigo, para ás priſoens de Goa.

A dureſa d'eſte procedimento excitou huma compaixaõ, que ſe declara ſempre a favor dos infelices que ſaõ mais maltratados quanto menos o merecem ſer, irritou os animos ainda mais do que o tinhaõ ſido pelo paſſado. Heitor da Silveira, que até alli tinha ſido por Sampaio, tendo-ſe ſeparado d'elle por outros intereſſes peſſoaes, lhe corrompeo huma parte dos ſeus partidiſtas. Chegariaõ as coiſas a huma ſediçaõ aberta, ſe Heitor da Silveira, e os ſeus, prudentes

no

no mesmo fogo da sediçaõ, naõ tivessem preferido antes o deixarem-se sentencear, do que defenderem-se com o perigo de começar huma guerra civil.

Ann. de J. C. 1527.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADORES.

Augmentanda a divisaõ todos os dias, as pessoas de bem gemiaõ de ver que tantas pessoas de merecimento, redusidas com tudo a hum pequeno numero em comparaçaõ á multidaõ infinita de inimigos que os cercavaõ, em lugar de se unirem em huma taõ grande distancia da sua patria contra taõ poderosos Principes, que sofriaõ o seu jugo com impaciencia, chegassem aos termos de se degolarem, de se destruirem entre si para satisfazerem á ambiçaõ de alguns sediciosos.

Porém em fim D. Simaõ de Menezes tendo soltado o seu prizioneiro, e Christovaõ de Sousa tendo-se declarado abertamente a seu favor, Sampaio se vio obrigado a fazer-se mais tratavel. Deo ouvidos ás negociaçoens, e consentio na escolha de 13 Juizes. Os dois competidores foraõ sequestrados, e despojados de toda a administraçaõ até á sentença difinitiva. Porém como todos os Juizes tinhaõ sido escolhidos no destricto de

Co-

Ann. de J. C. 1527.

D. João III. Rei.

Pedro Mascarenhas, e Lopo de Sampaio Governadores.

Cochim, que eraõ quasi todos creaturas de Sampaio, ou do Intendente da Fazenda, o que Mascarenhas tinha desfarçado com muita facilidade unicamente pelo bem da paz, Sampaio foi confirmado, e Mascarenhas condenado a tornar para Portugal. Recebeo elle esta decisaõ com mais constancia do que o seu competidor tivera gosto d'ella. ElRei recompensando a sua moderaçaõ o fez Governador de Asamor, esperando que elle lhe fizesse huma justiça mais inteira como nôs o veremos depois.

As mesmas paixoens que causavaõ tantas perturbaçoens no Indostan, reinavaõ nas Molucas com o mesmo Imperio, em hum campo mais apertado na verdade, porém tambem com circunstancias muito mais odiosas. D. Garcia Henriques que rendia Antonio de Brito pelo requerimento que o mesmo Brito, tinha feito, teve todos os incomodos para o fazer tratavel, e obrigalo a lhe restituir o Governo. D. Garcia obrava sem nota e com boa Fé. Brito só se occupava dos seus interesses. Os subalternos achando o seu enteresse em os embrulhar, os pozeraõ em estado de chegarem ás ultimas, muitas vezes hum

con-

contra o outro. A narraçaõ de todas estas coisas cansaria pela sua extençaõ e desgost ria por sua indignidade. Em fim Brito restituio o Governo a D. Gracia, e depois de ter contrastado ainda muito longo tempo com elle, sustentado por huma multidaõ dos da sua facçaõ, partio com elles para ás Ilhas de Banda, deixando a seu successor, a quem tinha tirado tudo o que pôde d'homens e de muniçoens, á sombra só d'huma especie de Governo

Ann. de J. C. 1527.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADORES.

D. Garcia reduzido a esta situaçaõ, se vio obrigado a dar a paz ao Rei de Tidor, com a condiçaõ que restituiria a artilheria, e os effeitos que tinha tomado aos Portuguezes, os presioneiros, e ainda os desertores. Este, cançado da guerra, só se occupou do pensamento de fazer esta paz mais solida. E como elle sabia bem, que o naõ conseguería, em quanto tivesse o Cachil Aroes por inimigo pessoal, pensou em o meter nos seus enteresses, e lhe offerecer sua filha em cazamento. O Cachil lisongeado de huma aliança que favorecia a sua ambiçaõ, e as suas pertençoens, aceitou os seus offerecimentos de boa mente, e se reconciliou de boa Fé com o

que

Ann. de J. C. 1527.

D. João III. Rei.

Pedro Mascarenhas, e Lopo de Sampaio Governadores.

que considerava já como seu sogro.

A politica de D. Garcia nesta occasiaõ foi hum obstaculo á probidade de que se tinha adornado até entaõ. Considerou esta aliança como a sua perda, e a de todos os Portuguezes já taõ odiosos, que só se conservavaõ pela divisaõ d'estes Ilheos, de sorte que se resolveo a perturbala de qualquer modo que podesse ser, e só o conseguio por crimes amontoados. Naõ achou outro pretexto mais aliado que a execuçaõ do tratado de paz que acabava de fazer, ainda que sabia bem que esta execuçaõ era impossivel nas circunstancias, e naõ devia ter lugar senaõ no espaço de seis mezes, que tinhaõ sido estipulados. Enviou logo arrebatadamente pedir a Almansor „ Que lhe restituisse sem demora o que tinha tirado aos Portuguezes, e principalmente a artilheria. „ Este Principe, que naõ penetrava o mysterio de huma proposiçaõ taõ offensiva na substancia e no modo, lhe fez responder; „ Que naõ desejava mais do que satisfazelo: que posto que o tempo, que dava o tratado naõ tivesse ainda espirado, estava elle pronto a dar o que tinha em seu poder; porém no to-

„ can-

Ann. de J. C. 1527.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADORES.

„ cante a artilheria, que tinha ſido
„ deſtribuida por elle, e ſeus aliados,
„ era preciſo ao menos que tiveſſe a
„ paciencia de a mandar buſcar, no
„ que elle trabalharia inceſſantemente,
„ e logo que tiveſſe ſaude, para o
„ que elle meſmo D. Garcia poderia
„ contribuir, ſe lhe quizeſſe enviar o
„ ſeu Medico. „ D. Garcia moſtrou
convencer-ſe d'eſtas raſoens para ter
lugar de ſe desfazer deſte infelis Prince-
pe, que lhe apreſentava elle meſmo
hum meio taõ facil. Porque por hu-
ma fraqueza de que ſó as almas mais
viz ſaõ capazes, em lugar d'hum
medico, lhe enviou hum que o en-
venenaſſe, que ſeguindo as inſtruço-
ens que tinha recebido, ſe conportou
com tanto artificio, que miſturando a
tempo o veneno com os ſeus reme-
dios, meteo o infelis Rei na ſepul-
tura em breves dias, dando além diſ-
to todas as moſtras de attençaõ, e de
zelo para o curar.

A Cidade de Tidor eſtava ainda
nos primeiros movimentos da afliçaõ,
e da conſternaçaõ, que lhe cauſava a
perda do ſeu Soberano, quando D.
Garcia olhando iſto meſmo como hu-
ma nova occaſiaõ, que era precizo naõ
deixar eſcapar, redobrou as ſuas inſ-
tan-

ANN. de J. C. 1527.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADORES.

tancias com mais vivacidade, e fez dizer no mesmo tempo „ que elle de-„ clarava a guerra sobre o menor des-„ cuido, como sobre huma recusa-„ çaõ. „ O Conselho surprendido, respondeo do mesmo modo que o tinha feito o Rei Almansor. „ Que naõ „ desejavaõ nada tanto como dar aos „ Portuguezes a satisfaçaõ que pediaõ, „ e viver em paz com elles; porém „ que fizessem attençaõ á impossibili-„ dade da coisa. Ajuntou que a Ci-„ dade estava actualmente cheia de „ perturbaçaõ, e de luto; que só es-„ tava ocupada do cuidado de pagar „ as ultimas obrigaçoens ao Rei, cu-„ jo cadaver estava ainda exposto; que „ nada estava determinado sobre a es-„ colha do seu successor, que lhes des-„ sem ao menos tempo para chorarem „ o seu Soberano, e para tomarem „ outro. „

Estas razoens que teriaõ tocado o coraçaõ d'hum barbaro, naõ fizeraõ nenhuma impressaõ sobre hum homem, que tinha renunciado a todos os sentimentos da humanidade. E como elle estava já preparado para o golpe que queria dar, apareceo inopinadamente á vista de Tidor com os Ternatianos condusidos pelo Cachil d' Aro-

Aroes, que tinha reſtituido ao ſeu Eſtado natural de odio para os ſeus antigos inimigos, e com huma parte da ſua guarniçaõ, todos os homens, que ſó reſpiravaõ roubo, ſangue, e mortandade. Os Tidorianos eſpantados por eſta incurſaõ taõ pouco eſperada, naõ tiveraõ mais tempo que para ſe ſalvarem nos matos, abandonando a ſua Cidade á pilhagem dos ſeus infames arrebatadores, e á deſcriçaõ das chamas que a deſtruiſſem.

Ann. de J. C. 1527.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADORES.

Eſtes horrores tendo dado idéa aos Ilheos deſta viſinhança, que os Portuguezes eraõ gente ſem Fé, e ſem lei, os excitaraõ de modo contra elles, que lhes fecharaõ todos os portos, e que deſde entaõ os teriaõ exterminado, ſe as forças correſpondeſſem aos deſejos, e aos juſtos motivos da ſua vingança. Deos moſtrou querer-lha dirigir, ou ao menos lhes apreſentou alguns luzeiros pelo retorno dos Caſtelhanos.

O Imperador Carlos V. perſuadido ſempre de que as Molucas eſtavaõ na ſua partilha, e certificado do ſeu deſcobrimento, e da ſua oſtilidade pelos que tinhaõ voltado no celebre navio *a Victoria*, fez partir de Sevilha outras ſeis embarcaçoens. Sómen-

ANN. de J. C. 1527.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADORES.

mente dois depois de diverſas aventuras chegaraõ ao porto de Camafo no Reino de Tidor. Foraõ recebidos pelos Tidorianos como hum ſoccorro vindo do Ceo. D. Garcia aviſado da ſua chegada penſou logo no meio de os deſtruir. Os Caſtelhanos tinhaõ a meſma vontade; porém muito fracos huns e outros, ſe reſpeitaraõ Martinho Inigues de Carquiſano, que commandava os Caſtelhanos, ſó tinha 300. homens, e ſe tinha viſto obrigado a queimar hum dos ſeus navios. D. Garcia eſtava reduzido a hum muito pequeno numero de gente. Aſſim todo o principio ſe paſſou em proteſtaçoens, e em citaçoens, depois do que ſe acommodaraõ por naõ poderem fazer peior.

Porém os Caſtelhanos tendo feito creſcer muito o preço dos generos que pagavaõ mais caros do que os Portuguezes, o intereſſe obrigou a eſtes a fazerem hum esforço. D. Garcia foi o primeiro a romper a paz, pôz no mar huma pequena frôta de concerto com os de Ternate, e veio apreſentar-ſe debaixo do forte, que os Caſtelhanos tinhaõ levantado. E com effeito lhe meteo a pique o ſeu navio, que era o unico remedio delles;

les; porém foi taõ maltratado da artilharia dos ſeus baluartes, que foi obrigado a retirar-ſe com perda, e a conſentir em hum novo ajuſte, enviando a deciſaõ dos ſeus debates á das ſuas duas Cortes; depois do que foraõ bons amigos.

Ann. de J. C. 1527.

D. JOAÕ III. REI.

Ainda a ſua preſença o fez mais perniciofo do que util. Eſte homem, que ſe tinha deſtinguido por taõ belas acçoens nas Indias, e principalmente no ultimo negocio de Calicut, naõ era já o meſmo. Era eſte hum flagelo que Deos parecia ter reſervado na ſua colera para deſtruir todas as coiſas. Os principios foraõ muito belos. D. Garcia o recebeo com amiſade, e lhe entregou o Governo com hum modo agradavel. Os Caſtelhanos o enviaraõ ſaudar, e moſtraraõ deſejar viverem bem com elle. Porém pouco depois D. Georje reſpondeo mal a todas eſtas demonſtraçoens. Tirou a feitoria ao que a tinha, para a dar á outro, ſeguindo a ordem que tinha recebido de Maſcarenhas, de quem tinha a ſua commiſſaõ. Diſgoſtou os Caſtelhanos com novas proteſtaçoens ſem algum effeito; finalmente ſe embaraçou cruelmente com D. Garcia.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADORES.

D.

Ann. de J. C. 1527.

D. João III. Rei.

Pedro Mascarenhas, e Lopo de Sampaio Governadores.

D. Garcia, e elle quizeraõ remediar a huma defordem que arruinava o commercio da Coroa : os fubalternos a caufavaõ; embaraçavaõ-fe pouco de prejudicarem o bem do eftado, com tanto que niffo achaffem a fua vantagem. D. Garcia primeiro fe oppôz á iffo. Menezes da mefma forte; porém eftes fubalternos que temiaõ fempre que os limitaffem ás fuas obrigaçoens, ferviaõ-fe de tudo para atiçarem o fogo da divifaõ entre os Chefes. Tinhaõ-no confeguido entre Brito e D. Garcia. E igualmente confeguiraõ embaraçar efte bem com Menezes.

O primeiro motivo de rotura foa obrigaçaõ que Menezes quiz impôr a D. Garcia de tornar a Malaca pela Ilha de Borneo, para acabar de defcubrir efta derrota. D. Garcia, que tinha enterefles na Ilha de Banda, e fazia conftruir actualmente hum junco á fua cufta, naõ quiz fazer nada. Trabalharaõ para os acommodar. Menezes afrouchou das fuas pertençoens, e prometeo naõ enviar ninguem por efta via : com tudo fez partir Vazco Lourenço em huma carraca; infracçaõ de que muito fe irritou Garcia.

Pou-

Pouco tempo depois ſendo morto Martim Inigues de Carquiſano, Fernando das Torres, que lhe tinha ſuccedido, naõ goſtando das viſtas pacificas de ſeu predeceſſor, perturbou logo huma paz que naõ podia ſubſiſtir por muito tempo entre duas naçoens inimigas naturalmente, e zeloſas huma da outra. Armou huma galera, e andou á corſo dos Portuguezes. Menezes querendo vingar-ſe, embargou o Junco de D. Garcia, e enviou huma ordem aos que nelle trabalhavaõ para que vieſſem á ſua preſença. D. Garcia mais irritado por eſte novo procedimento fez muito eſtrondo. Tendo-ſe irritado os animos, e tendo eſcapado a Menezes alguma palavra mal dirigida, D. Garcia meteo maõ á guarniçaõ da ſua eſpada, como para pedir ſatisfaçaõ. Eſta acçaõ criminal contra hum primeiro Official, ſendo inſtigada pelos partidiſtas de Governador, Menezes enviou ordem a D. Garcia para vir meter-ſe nas priſoens da Fortaleſa. Garcia recuſou, e pôs-ſe em defenſa. Menezes fez apontar huma peſſa d'artilheria ſobre a ſua caſa. Entaõ D. Garcia movido, obedeceo, e ſe meteo na priſaõ.

ANN. de J. C. 1527.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADORES.

Os partidiſtas d'eſte, julgavaõ que

Ann. de J. C. 1527.

D. Joaõ III. Rei.

Pedro Mascarenhas, e Lopo de Sampaio Governadores.

o Governador ſe acomodaria com eſta ſubmiſſaõ, e o deixaria partir. Porém Menezes moſtrando-ſe reſoluto de o enviar ás Indias carregado de ferros, recorreraõ ás interceſſoens, e fizeraõ entervir o Cachil d'Aroes. Eſte naõ obtendo nada, ameaçaõ de ſe unirem aos Caſtelhanos, e de levarem as coiſas ao fim. Menezes movido pela ſua aſtucia, ſe reconciliou com D. Garcia, e obrando ambos de boa Fé, viveraõ algum tempo em muito grande uniaõ.

Os que a tinhaõ procurado com tanto ardor, naõ a queriaõ já, ou ſe arrependeraõ de a terem conſeguido, e nada omitiraõ para a romper. Depois de todos os preludios das falſas relaçoens e ſuppoſiçoens, perſuadiraõ a D. Garcia, que Menezes tinha ſobornado peſſoas para o fazer aſſacinar, e lho fizeraõ certificar por hum negro do Governador que elles tinhaõ ſubornado. D. Garcia recuſou muito tempo de crer eſta impoſtura, de que cuſta a perſuadir-ſe hum homem d'honra. Com tudo perſuadio-ſe por fim. O ſeu primeiro penſamento foi entaõ de prevenir hum aſſacinio por outro; porém embargando-o o horror d'eſta acçaõ, mudou, e tomou o partido de prender

der Menezes, de o despojar do Governo, de lhe substituir algum d'entre as suas creaturas, e de tornar com toda a deligencia para ás Indias, para acautelar as impressoens que poderia fazer hum golpe d'este estrondo.

Ann. de J. C. 1527.

D. JOAÕ III. REI.

Tendo sido tomadas as medidas com tanta mais certeza por Menezes naõ desconfiar de nada, os conjurados entraõ na Fortalesa, entraõ na camera do Governador onde saõ bem recebidos. Jogaõ, e no forte do jogo D. Garcia o agarra, resiste elle com vigor, debate-se; porém vencido pelo numero, he posto á ferros, fechado na torre, e D. Garcia reconhecido por Governador em seu lugar.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADORES.

Com tudo D. Garcia considerando à sangue frio a sua acçaõ, e antevendo todas as consequencias, logo se arrependeo, e naõ teve outro cuidado do que accomodar este negocio tratando como o seu presioneiro. Menezes concedeulhe quanto elle quiz, e tanto que se pôz em liberdade, tendo protestado de violencia, procurou a justiça da sua causa. Porém D. Garcia tinha tomado as suas medidas; tinha encravado a artilheria da Fortalesa, preparado o Navio de Pedro

Ann. de J. C. 1527.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADORES.

Botelho, e fez-se á vela. Menezes naõ podendo oprimir a pessoa d'hum inimigo, que lhe havia escapado, lhe fez o seu processo nos termos como a hum criminoso de Estado, e o enviou ao Governador de Malaca. Fez partir no mesmo tempo Vicente da Fonseca para correr atras d'elle, e seguilo até ás Ilhas de Banda. Fonseca fez tal diligencia, que chegou antes de D. Garcia. Elles armavaõ-se hum contra o outro; porém Fonseca mais destro, tanto fez que o desalvora, e lhe toma o seu navio.

Os habitantes de Tidor, ajudados pelos Castelhanos tinhaõ posto a sua Cidade em defensaõ, e fortificados com a alliança do Rei de Gilolo, trabalhavaõ surdamente em destruirem os seus inimigos, muito occupados elles mesmos a se destruirem. Depois da fugida de D. Garcia, D. Georje de Menezes se achava mais apertado. Naõ lhe vinha soccorro algum de Malaca, nem das Indias. Os Ilheos que os Portuguezes tinhaõ alienado, naõ levavaõ mais nada á sua Fortalesa. Os Castelhanos pelo contrario receberaõ novo reforso, que lhes trouxe Alvaro de Saavedra, que vinha da nova Hespanha. Soberbos com a sua superio-

perioridade prezente, ſe julgaraõ em obrigaçaõ de obrarem como inimigos, e de romperem huma paz forçada, que os dois partidos ſó tinhaõ guardado, porque naõ podiaõ deſtruir-ſe. Menezes foi aviſado a tempo, e ſe preparou. Saavedra commandava huma Galiota, e era acompanhado das Carracas dos Reis de Tidor, e de Gilolo. Fernando Baldaia, e Affonſo de los Rios enviados por Menezes, e que hum commandava hum huma galiota, e o outro huma fuſta, vieraõ ao encontro d'elles com os de Ternate, que o Cachil d'Aroes conduſia em peſſoa. Encontrandoſe as duas frotas, as duas galiotas ſe attacaraõ huma á outra com muita paixaõ. Os dois Chefes eſtavaõ animados do meſmo ardor; porém a victoria ſe declarou pelo Caſtelhano. Baldaia foi morto, tomado o ſeu navio, e o reſto da frota poſto em fugida. Menezes ſe vingou logo d'eſta affronta. D. Alvaro de Caſtro tendo chegado por acaſo a Ternate, Menezes eſcolheo tempo em que os Caſtelhanos ſe tinhaõ dividido para alguma expediçaõ; cahio a tempo ſobre Tidor, que queimou ſegunda vez, e reduzio os Caſtelhanos a fazerem huma paz vergonhoſa, de que huma

ANN. de J. C. 1527.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADORES.

Ann. de J. C. 1527.

D. João III. Rei.

das principaes condiçoens foi, que elles sahiriaõ das Molucas, e se retirariaõ para algumas Ilhas visinhas, onde lhes permitiriaõ que se conservassem até que os seus direitos fossem regulados na Europa.

Pedro Mascarenhas, e Lopo de Sampaio Governadores.

O Rei de Ternate estava sempre como presioneiro na Fortalesa com os Principes seus irmaõs. Elle começava a ser de idade para poder entrar nos negocios; e causava inquietaçaõ. A sua morte a dissipou; porém ella fez nascer a idéa do veneno que lhe tinhaõ dado. Fizeraõ cahir a suspeita sobre o Cachil d'Aroes. O povo naõ testemunhou ressentimento, e o moço Aialo, irmaõ do Rei morto, foi reconhecido depois d'elle universalmente, sem que nunca a Rainha sua Mai, que tinha tornado a Ternate, podesse alcançar que lho entregassem, e que lho pozessem em liberdade.

Com tudo o Cachil d'Aroes começou a ter desconfianças do Cachil Vaiaco, por quem Menezes mostrava ter mais confiança e consideraçaõ do que por elle. Esta preferencia o alienou dos Portuguezes, e atiçando no seu coraçaõ o fogo do ciume contra este rival, lhe fez jurar a sua ruina

e

e a de ſeus protectores. Elle acuſou Vaiaco de muitos crimes, e principalmente de ſortilegios, e de maleficios, de que eſtas naçoens ſuperſticioſas ſaõ ſempre de modo infatuadas, que a ſupoziçaõ ſó he capaz de cauſar grandes revoluçoens entre ellas. Elle o oprimio tanto, que Vaiaco foi obrigado a refugiar-ſe na Cidadella. Nada teve ainda ſeguro neſte azilo. Aroes o repetio com altivez. Menezes eſteve embaraſſado, queria entregar hum amigo, que ſó era perſeguido por cauſa da eſtimaçaõ que delle fazia. D'outra parte queria conſervar Aroes, que era para temer. Neſta perplexidade, ajuntou o ſeu conſelho. Vaiaco tomou entaõ máo agouro, e temendo de ſer entregado ao ſeu inimigo, de quem ſó podia eſperar huma morte cruel, ſe precipitou d'huma janela, e ſe matou.

ANN. de J. C. 1527.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADORES.

O odio deſta morte cahio todo ſobre Menezes; que o pôde perceber do resfriamento d'Aroes, e da averſaõ do Publico. Era ella tal, que ſe podeſſem livrar-ſe de todos os Portuguezes ao meſmo tempo, o teriaõ feito ſem falta. Hum odio que ſenaõ pode ſatisfazer ſe une a tudo, e até ás menores meudezas quando ellas devem deſa-

Ann. de J. C. 1527.

D. JOAÕ III. REI.

PEDRO MASCARENHAS, E LOPO DE SAMPAIO GOVERNADORES.

desagradar áquelle que se aborrece, e a quem naõ se pode fazer todo o mal que se queria. Menezes criava huma Javali da China, de que lhe tinhaõ feito presente. Este animal odioso, assim por pertencer ao Governador, como por ser detestado pela lei de Mahomet, de que os de Ternate faziaõ profissaõ, foi morto por naõ sei quem. Menezes concebeo por isto muito grande indignaçaõ, e suspeitando deste facto no Cachil Vaidua tio do Rei, e Chefe da Religiaõ, este homem violento e altivo, seguindo só os movimentos da sua paixaõ, sem respeitar huma pessoa taõ proxima do Soberano, e que se conservava taõ ligada ao coraçaõ do povo pelo seu caracter, elle o fez arrebatar, só sobre a supposiçaõ de que tinha sido o culpado, e o fez fechar nas enxovias da Fortaleza.

Huma acçaõ taõ temeraria naõ podia sustentar-se, e se vio logo obrigado a solta-lo; porém fazendo-lhe tirar os ferros, lhe fez esfregar toda a cara d'hum modo indigno com a gordura d'este animal morto; afronta a mais sanguinaria que se podia fazer ao infimo dos Musulmanos. Vaidua teve o coraçaõ taõ penetrado de dor

e

e de vergonha, que naõ podendo sofrer este insulto, elle mesmo se condenou a hum desterro voluntario, andando de Ilha em Ilha para sublevar todos os habitantes contra huns hospedes, que lhe levavaõ taõ longe a audacia, e a insolencia.

Ann. de J. C. 1527.

D. Joaõ III. Rei.

Irritando-se os animos cada vez mais por esta conducta inprudente de D. Georje ninguem ousou mais aproximar-se ao forte, onde a fome se fez sentir pela falta de viveres. Menezes que bem via, que era este hum effeito do odio que lhe tinhaõ, agravava sempre o mal cada vez mais, em vez de o adoçar, e mandava tomar viveres por força ás cazas. Os seus taõ temerarios como elle, hiaõ em quadrilhas como a fazer correrias, ora para huma parte ora para a outra, como em paiz inimigo, ajuntando sempre o insulto á pilhagem. Os Iheos perdendo a paciencia, se poseraõ na defensa e os maltrataraõ muito. Os de Tabona particularmente tendo-o feito com mais estrondo, e felicidade, D. Georje fez apanhar o Chefe da povoaçaõ e dois principaes. Fez cortar as maõs a estes, e fazendo atar as do Chefe atras das costas, os fez expor a dois caẽs de fila sobre a borda

Pedro Mascarenhas, e Lopo de Sampaio Governadores.

Ann. de J. C. 1528.

D. JOAÕ III. REI.

LOPO VAZ DE SAMPAIO GOVERNADOR.

da do mar. Este infeliz se defendeo por algum tempo; porém naõ podendo resistir no estado em que estava, deitou-se á agua; os caẽs o seguiraõ mais assanhados. Elle se valeo dos pés, e dos dentes como hum homem damnado, até que redusido á morrer, cedeo meio despedaçado, e meio afogado.

Este expectaculo d'horror fez tremer todos os que estavaõ presentes, ou que o ouviraõ contar. Naõ consideravaõ os Portuguezes senaõ como monstros, que era precizo extermina-los. O Cachil d'Aroes fomentava publicamente o desgosto geral, e verdadeiramente tudo era para se temer. D. Georje o sentio, mas para acautelar o mal que elle previa, poz o cumulo á desesperaçaõ d'este povo, e aos seus crimes. Por quanto ou fosse Cachil culpado, ou lhe imputassem hum crime, lhe fez fazer o seu processo, como se elle tivesse obrado d'acordo com o Tutor do Rei de Tidor para fazer morrer cada hum o seu pupillo, e se apoderar da auctoridade Real. E sobre este fundamento verdadeiro, ou falso, o fez degolar publicamente sobre hum cadafalso. O medo, e o terror deste castigo foraõ taes, que Ternate foi abando-

do-

donado pelos seus proprios habitantes, e que cada hum, e a Rainha mesma, fugiraõ, para naõ estarem mais expostos a similhantes barbaridades.

Ann. de J. C. 1528.

Depois do triumfo que Lopo Vaz de Sampaio ganhou sobre o seu concorrente, se aplicou aos negocios do Governo de modo que fizesse julgar que era digno d'elle, e elle o fóra com effeito tanto ou mais do que muitos outros, a naõ ser tudo quanto tinha feito para nelle se estabelecer contra todo o direito, e toda a justiça. Acomodou-se com a maior parte das creaturas de Mascarenhas por politica, e sacrificou alguns outros á sua vingança. Georje Cabral que se tinha alegrado de hir levar a Mascarenhas a noticia da sua promoçaõ, foi accusado por Pedro de Faria. Este trocou contra vontade o Governo de Goa pelo de Malaca. D. Georje de Menezes, que Mascarenhas tinha enviado ás Molucas, teve tambem logo hum successor nomeado, que foi Simaõ de Souza Galvaõ; porem a infilicidade de ambos quiz, que este nunca alli chegasse. Huma furiosa tempestade tendo-o deitado no porto d'Achem taõ disgostozo, e taõ fatigado, que a penas os seus que chegavaõ a 70, podiaõ

D. JOAÕ III. REI.

LOPO VAZ DE SAMPAIO GOVERNADOR.

Ann. de J. C. 1528.

D. JOAÕ III. REI.

LOPO VAZ DE SAMPAIO GOVERNADOR.

diaõ comſigo, foi elle logo inveſtido por huma multidaõ de pequenas embarcaçoens que cahiraõ ſobre elle. Souſa peleijou com tanta reſoluçaõ, naõ obſtante o triſte eſtado em que eſtava, que os fez fugir a todos. Tornando a começar o combate no outro dia, elle os maltratou tanto, que lhes tirou o dezejo de tornarem a vir. Porém hum infeliz forçado dezertor tendo hido aviſar o Rei do eſtrago a que eſtava reduſida toda a equipagem deſte navio, os inimigos tornaraõ terceira vez ao combate, e achando-o ſem força, e com a impoſſibilidade de ſe defender, ſe fizeraõ ſenhores d'elle, mataraõ a maior parte com o ſeu Capitam, e ſo pouparaõ alguns, que o Rei de Achem conſervou, para ſe ſervir quando foſſe precizo, como veremos mais adiante.

Franciſco de Sá, que Sampaio tinha deſpachado para hir edificar huma Fortaleſa á Sunda no Norte da grande Java, naõ fez huma viagem inteiramente deſgraçada; porém naõ foi muito proveitoza. O Rei que tinha ſolicitado a alliança dos Portuguezes, e eſte ſoccorro, tinha ſido vencido, e deſpojado por hum dos ſeus viſinhos, contra quem elle procurava huma protecçaõ.

çaõ. Eſte ſe pôz em eſtado de defenſa, e ſe achou alli á chegada de Franciſco de Sá, que a tempeſtade deitou ahi, mais depreſſa do que poderia chegar; de ſorte, que depois de ter perdido hum dos ſeus navios, que o máo tempo tinha feito encalhar na Coſta, e trinta homens que os barbaros degoláraõ, Sá foi obrigado a tornar para Malaca, ſem ter podido fazer nada.

Ann. de J. C. 1528.

D. JOAÕ III. REI.

LOPO VAZ DE SAMPAIO GOVERNADOR.

Sampaio deſpachou depois os Navios de tranſporte para Portugal, e entregou Maſcarenhas preſioneiro á Antonio de Brito, que foi encarregado de todos os proceſſos verbaes d'eſte negocio. Deo á Joaõ Déça, ſeu cunhado as proviſoens do Governo de Cananor, e o encarregou ao meſmo tempo de cruſar ſobre a Coſta do Malabar por algum tempo com huma frôta que lhe fez preparar. Enviou igualmente Chriſtovaõ de Mendonça á Ormus, para alli ſucceder a Diogo de Melſo Juſarte, que tinha acabado o ſeu tempo. Martinho Affonſo de Melo Juſarte parente d'eſte, e do Governador foi deſtinado para hir levantar a Fortaleſa de Sunda, o que Franciſco de Sá naõ podera conſeguir. Simaõ de Melo ſobrinho de Sampaio teve ordem de hir cruſar para ás Mal-

di-

Ann. de J. C. 1528.

D. JOAÕ III. REI.

LOPO VAZ DE SAMPAIO GOVERNADOR.

divas, e Antonio de Miranda d'Azevedo, General do mar das Indias, partio com huma frôta de 20. navios para hir crusar para o estreito de Meca.

Sampaio mostrava querer hir pessoalmente, como para se desobrigar do juramento que tinha feito de hir attacar a frôta, e Rais Solimaõ; porém isto era só hum fingimento. Queria fazer-se rogar para que ficasse nas Indias, onde a sua presença era necessaria, e elle naõ ignorava o que tinha acontecido ao General Musulmano do qual todos os projectos se reduziraõ em fumo por sua morte. Rais Solimaõ tinha lizongeado Sultaõ Selim, communicando-lhe as grandes idéas que tinha sobre as Indias. Solimaõ filho de Selim, que succedeo a seu Pai, e que tinha taõ grande alma como elle, enviou a Rais Solimaõ 20 galeras, e sinco galioens que tinhaõ feito no porto de Suez. Haidarin Bacha teve ordem de as condusir á Ilha de Camaraõ, onde estava occupado a construir a sua Cidadella. Porém Haidarin, em lugar de lhe entregar esta frôta, segundo a ordem que tinha, teve disputa com elle sobre ciumes de prudencia, e se livrou

co-

como ſe tinha elle meſmo livrado de Emir Hocem. Muſtafa, e Sofar parentes de Rais Solimaõ o vingaraõ fazendo morrer Haidarin. Temendo depois o caſtigo devido ao ſeu crime, foraõ apreſentar-ſe á Adem, para ſe ampararem com as tropas que tinhaõ reduzido; porém naõ o podendo conſeguir, ſe retiraraõ para o Rei de Cambaia, onde foraõ procurar hum aſylo contra a Porta, como eu direi depois. A maior parte da frôta que naõ os quiz ſeguir, vendo-o ſem Chefe, ſe retirou para Suez.

Déça moſtrou o ſeu valor ſobre a Coſta do Malabar, e alli foi devedor á ſua boa fortuna que lhe apreſentou belas occaſioens. Fez mais de 50. preſas, queimou Mangalor, e muitos outros lugares, e em fim brigando com o celebre China Cutial, o desbaratou. De 60. paráos que tinha Cutial queimou, ou meteo a pique muitos, e tomou a maior parte. Fez priſioneiro a elle meſmo com 1&500. homens, perdendo niſto pouco, e naõ lhe deo liberdade, ſenaõ depois de ter tirado hum grande reſgaſte..

Martinho Affonſo de Melo, ſoccorreo a tempo o Rei de Coia alliado

Ann. de J. C. 1528.

D. João III. Rei.

Lopo Vaz de Sampaio Governador.

——do dos Portuguezes na Ilha de Ceilam. Pate-Marcar General do Samorim, que fazia guerra a este Rei, naó ousou esperalo, e fugio logo que teve a noticia da sua chegada. De lá tendo Melo hido a Calicate onde se faz a pesca das perolas, impôz hum tributo ao Senhor do lugar, que se obrigou de boa vontade a pagalo para adquirir huma protecçaó da Coroa de Portugal contra os seus visinhos. Melo foi depois a Paleacate para alli invernar. Os Officiaes da sua esquadra composta de nove navios, descobriraó as ordens secretas que tinhaó de hir á Sunda, e como elles se tinhaó obrigado só para hir crusar sobre a Costa Tenazarin, se queixaraó altamente d'este dolo, e se irritaraó tanto, que alguns o deixaraó: outros levando mais longe o crime, lançaraó secretamente fogo aos navios para queimarem toda a frôta. Acudiraó-lhe logo, e o apagaraó. Tendo-se passado assim o inverno em a perturbaçaó, e a sediçaó, veio surgir á Ilha de Nagamal atravez do Reino de Arracan, para alli esperar alguns navios inimigos. Hum furacaó separou delle todos os da sua frota, que o seguiaó de taó má vontade, e o fez dar á

Cos-

Costa. Depois de muitas infelicidades elle e os seus cahiraõ em poder de Codavas-Can vassalo do Rei de Bengala, que tendo-os sempre presioneiros se servio delles utilmente para vencer hum dos seus visinhos, com quem estava em guerra. Martinho Affonso de Mello tentou escapar-se, foi apanhado, e custou a vida a hum dos seus sobrinhos, que os Brachmanes pediraõ para o offerecerem em sacrificio a hum dos seus Idolos. Martinho Affonso de Mello, e os seus foraõ resgatados depois por Sampaio, que pagou o seu resgate.

Ann. de J. C. 1528.

D. João III. Rei.

Lopo Vaz de Sampaio Governador.

Christovaõ de Mendonça condusio a Ormus Seraph, que o Rei seu Senhor tinha feito prender por justas razoens. Tinha sido transportado á Goa para alli ser julgado. Achou o meio de se mostrar inocente, e foi restabelecido nas suas honras, e nos seus empregos. Mendonça despachou d'Ormuz Antonio Tenreiro com cartas, nas quaes avisava do Estado das Indias, e da morte do Rei Solimaõ, pela qual os projectos do Gram Senhor se achavaõ desconcertados. Tenreiro intentou a sua viagem por terra. Foi a Baçora. A caravana de Damasco tinha partido poucos dias antes. Teve elle com

tudo

ANN. de J. C. 1528. D. JOAÕ III. REI. LOPO VAZ DE SAMPAIO GOVERNADOR.

tudo o valor, ou para melhor dizer a temeridade de tentar paſſar os horroroſos deſertos da Arabia com agulha de marear, ſó com huma guia, o que nunca ninguem ouſou fazer. Conſegui-o com tudo felizmente, encontrou huma caravana antes de ſahir d'eſtes deſertos, chegou a Alepo onde ſe embarcou para á Ilha de Chypre, paſſou á Italia, foi a Genova, e á Marſelha; d'onde continuou a ſua derrota por terra até Lisboa, onde ElRei o recebeo com grandes moſtras de ſatisfaçaõ, aſſim por ſer elle o primeiro que tinha feito eſte caminho, como pelo calculo das ſuas jornadas. Eſte Principe ſe liſongeou, que podia receber noticias das Indias por eſta via em menos de trez mezes de caminho.

Antonio de Miranda fez huma viagem mais eſteril para á ſua gloria, do que para o ſeu proveito. Occupou o eſtreito, repartindo a ſua frôta em trez eſquadras. Nada paſſou que naõ foſſe tomado ou roubado: os ventos contrarios o impediraõ de hir á Ilha de Camaraõ para onde era deſtinado, e ſatisfizeraõ com iſto o pouco dezejo que tinhaõ de lá hir. Queimou a Cidade de Zeila, de que os habitantes ſe tinhaõ ſalvado nas terras,

naõ

naõ lhe deixando ninguem com quem podesse combater, nem nada que podesse roubar. Na sua retirada huma violenta tempestade decipou a sua frota passando a travez de Diu. Estando ainda grosso o mar, Lopo de Mesquita, hum dos Capitaens da sua esquadra, encontrou huma grossa embarcaçaõ de Mouros, e a tomou. A acçaõ foi bela e valente. Porém os dois navios impelidos pelas ondas, se acometeraõ taõ violentamente, que o dos Mouros foi a pique, e o outro pareceo ter a mesma sorte. Lopo de Mesquita quiz ao menos salvar o thesouro do seu navio, e da sua presa. Elle o confiou a seu Irmaõ Diogo, que meteo ao mar com a sua chalupa, e 17 homens. O navio que consideravaõ perdido sem remedio, se salvou pelos cuidados do Capitaõ. A chalupa foi tomada pelos corsarios de Diu, e os presioneiros entregues ao Rei de Cambaia. Este barbaro fez o que pôde para os obrigar a abjurar a sua Religiaõ. Diogo de Mesquita seu Chefe esteve sempre firme e immovel. Sultaõ Badur o fez meter na boca d'huma peça para o fazer voar em pedaços. Entrou elle com hum ar taõ deliberado, que admirou este

ANN. de J. C. 1528.

D. JOAÕ III. REI.

LOPO VAZ DE SAMPAIO GOVERNADOR.

ANN. de J. C. 1528.

D. JOAÕ III. REI.

LOPO VAZ DE SAMPAIO GOVERNADOR.

Principe, que o fez levar a elle, e aos ſeus, para huma priſaõ, onde os fez ainda ſofrer muito; porém d'onde com tudo foraõ livres depois.

A meſma tempeſtade tendo ſeparado Germano de Macedo, cahio no meio das fuſtas de Diu, que eraõ 50. commandadas por Hali-Cha, o qual naõ era menos vivo que o Aga Mahmud, a quem elle tinha ſuccedido. Macedo ſe defendeo todo hum dia contra ellas com hum prodigioſo valor, ſó reſtavaõ ſeis homens, e huma mulher que fornecia os cartuxos. Antonio da Silva chegou felizmente para o livrar, e infeliz para ſi meſmo, porque foi morto por huma deſcarga de artilheria. O navio de Macedo eſtava taõ crivado, que era hum milagre poder ſalvar-ſe, e elle taõ deſfigurado, que cuſtava a reconhecer.

Lopo de Sampaio que ſe conſervava ſempre em Goa, onde naõ havia outro Governador ſenaõ elle, quiz tambem tentar a fortuna da guerra, e hir buſcar o inimigo da meſma ſorte. A noticia que recebeo entaõ de que 14. bragantins obrigados por tempeſtade tinhaõ naufragado na Coſta perto da entrada do Rio de Chatua, e que todos os que nelles hiaõ tinhaõ ſido

toma-

tomados e mortos pelos Mouros de Calecut, acendeo de modo nelle o dezejo de se vingar, que só tomou o tempo de seis dias, para se dispor para partir para Cochim, deixando em Goa Antonio de Miranda para governar. Tanto que chegou, fez armar 18. embarcaçoens, e partio. Achou logo o que buscava. O Cutial de Tanor Almirante da frôta do Samorim corria o mar com 150. paráos. Sampaio naõ duvidou em os acometer com 13 bragantins, em hum dos quaes elle mesmo passou. O combate foi violento d'ambas as partes por duas horas, em fim os inimigos tendo percebido outros dois bargantins que sahiraõ de Cananor, se poseraõ em fugida. Sampaio os perseguio, meteo a pique 18. paráos e tomou 22. nos quaes achou 50. peças d'artilheria. Os outros que lhe escaparaõ foraõ tomados perto de Cochim.

ANN. de J. C. 1528.

D. JOAÕ III. REI.

LOPO VAZ DE SAMPAIO GOVERNADOR.

Depois d'esta victoria Simaõ de Mello, que teve ordem de arrasar a terra, queimou ainda 26. embarcaçoens de diferentes especies, redusio a cinzas Cidade de Chatua, lançou fogo em muitos outros sitios da Costa até Cranganor. Tendo-se depois reunido ao Governador foraõ cahir de

Ann. de J. C. 1528.

D. João III. Rei.

Lopo Vaz de Sampaio Governador.

concerto ſobre Porca, de que eſtava o Arel auſente, e fazia todo o mal que podia aos Portuguezes. Os habitantes ſe defenderaõ em vaõ. Os que naõ ſe poderaõ ſalvar pela fugida, foraõ paſſados ao fio da eſpada. A Cidade foi entregue a ſaco: acharaõ nella grandes riquezas, muita artilheria, treze embarcaçoẽs de remo, que foraõ a preſa do vencedor. A irmã, e a eſpoſa d'Arel foraõ feitas eſcravas, e elle foi muito feliz de as poder reſgatar, fazendo a ſua paz.

Huma nova paixaõ obrigou Sampaio a por-ſe outra vez em campo. Nizamaluco atacado pelo Rei de Cambaia implorou o ſeu ſoccorro, e o Governador de Chaul deſprovido d' homens e de muniçoens, repreſentou vivamente a triſte ſituaçaõ em que ſe achava. Hali-Cha dominava o mar com 80 fuſtas. Lopo Vaz de Sampaio armou logo 52. vaſos de todo o genero para lhe hir ao encontro. Soube em Chaul que Hali-Cha naõ eſtava longe. Logo aparelhou para hir a elle. Como ſe aviſtaraõ perto da noite, o negocio ſe remeteo para o outro dia. O combate ſe deo á viſta da Cidade de Bombain. O General commandava os navios d'alto bordo, e Heitor da Silveira as embarcaçoens de re-

remos. Dividiraõ-ſe ambos para meterem a armada inimiga entre dois fogos. Silveira coſteou o mais perto que pôde, e elle ſó combateo com hum deſtacamento de 8. pequenas embarcaçoens, a quem tinha mandado guardar a entrada do Rio Main. A armada inimiga eſtava dividida em trez linhas, de que Hali commandava a ultima. Ella deo as ſuas deſcargas de longe com mais oſtentaçaõ do que effeito. A armada Portugueza pelo contrario eſperou para atirar quaſi no fim. Franciſco de Brito de Paiva foi o primeiro que ſaltou em hum navio inimigo, e mereceo o premio de cem cruzados, que havia ſido propoſto para eſte effeito: eſte no qual elle eſtava tendo ſido ſeparado pela abordada de outro, teve tempo de o tornar a afferrar, e de ſe ſalvar. A victoria naõ tardou muito a declarar-ſe. Hali fugio vergonhoſamente com o que ſó ſalvou 7 das ſuas fuſtas. Foraõ 3 queimadas 46 tomadas no combate, e as outras no ſeguimento. Crer-ſeha que neſtas duas celebres victorias que ganhou Sampaio, naõ perdeo hum ſó homem? Os Portuguezes o dizem. Podemos crer, ſem lhes fazer injuria, e ſem diminuir muito o luſ-

ANN. de J. C. 1528.

D. JOAÕ III. REI.

LOPO VAZ DE SAMPAIO GOVERNADOR.

Ann. de J. C. 1529.

D. Joaõ III. Rei.

Lopo Vaz de Sampaio Governador.

luſtre da ſua victoria, concebendo muito deſpreſo pelos inimigos de quem ellas a queriaõ conſeguir.

Se na conſternaçaõ em que eſtiveraõ em Diu depois deſta deſtruiçaõ, Sampaio alli ſe preſentaſſe, ella lhe abriria as ſuas portas. Elle o queria, e Heitor da Silveira tambem; porém os ſeus Officiaes aviſados de que lhe vinha hum ſucceſſor, e ſempre ſeus inimigos ſecretos, pela maior parte por cauſa do que elle tinha feito a Maſcarenhas, oppoſeraõ-ſe a iſſo abſolutamente, e o obrigaraõ a tornar para Goa.

Heitor da Silveira continuando a aproveitar-ſe das ſuas vantagens, entrou no Rio de Nagotana, ſaltou á terra, e queimou 4 ou 5 povoaçoens. O Governador de Nagotana lhe atalhou o caminho com 500. cavalos e muita infantaria. Silveira naõ conſeguio mais do que gloria pela neceſſidade em que ſe achou de combater e vencer. Adiantou-ſe depois até á Baçaim. A Cidade eſtava fortificada, e ſe achava defendida por Hali-Cha que tinha comſigo mais de 3ↀ homens tanto d'Infantaria, como de Cavalaria. Perſuadio-ſe Silveira que elle desbarataria tambem eſte General

por

por terra como acabava de o destruir por mar. Fez hum batalhaõ das suas tropas, pôz o inimigo em fugida, saqueou a Cidade, e lançou-lhe o fogo. O Rei de Tana acautelou a mesma infelicidade fazendo-se tributario.

Ann. de J. C. 1529.

D. JOAÕ III. REI.

Outros diversos Capitaens tinhaõ n'outras partes a mesma felicidade. Joaõ d'Avelar tomou por escala huma praça ao Rei de Cambaia, que entregou a Nizamaluco, a quem ella pertencia. Antonio de Miranda naõ quiz ficar inutil em Goa. Simaõ de Mello, e elle queimaraõ muitos navios sobre a Costa, e acabaraõ a sua irrupçaõ pela destruiçaõ de 50 paráos de Calicut.

LOPO VAZ DE SAMPAIO GOVERNADOR.

Sampaio naõ estava taõ inteiramente ocupado com a guerra, e com as suas victorias, que naõ trabalhasse ainda com mais cuidado em tudo o que pode fazer florecer hum Estado na paz. Aplicou-se fortemente a estabelecer a politica, e a reformar os abusos, e os roubos que se cometiaõ nas alfandegas. Fez reparar os armazens d'ElRei, ajuntou novas fortificaçoens a diferentes praças; afermoseou as Igrejas, e querendo principalmente que o successor que lhe viesse de Portugal, fosse contente,

pon-

Ann. de J. C. 1529.

D. João III. Rei.

pondo-o em eſtado de logo fazer alguma grande empreſa, lhe preparou huma frôta a mais completa que ainda tiveſſe viſto. Era ella de 130 embarcaçoens, 14 de altobordo, 10. galeras Reaes; o reſto conſiſtia em fuſtas, galiotas, bragantins, e meias galeras.

Nuno da Cunha Governador.

Nuno da Cunha filho de Triſtaõ, de que temos já falado, era o ſucceſſor que a Corte tinha deſtinado para o lugar de Lopo Vaz de Sampaio. Tinha partido no anno precedente com huma frôta de 11 navios, commandados por Officiaes de merecimento, entre os quaes eraõ dois de ſeus irmaõs, Pedro Vaz, e Simaõ da Cunha, dos quaes hum devia ſer General do mar, e o outro Governador de Goa. Tinha além diſſo 3000 homens de tropa, e muitos voluntarios moços Nobres muito luzidos, e bem preparados. Como tinha partido muito tarde, a ſua viagem foi das mais deſafortunadas. Porque além de ter a infelicidade de perder os ſeus dois irmaõs, antes de acabar, trez dos ſeus navios naufragaraõ; a tempeſtade decipou alguns outros; o ſeu partio ſobre a Coſta de Melinde; dois ſómente chegaraõ á India no meſmo anno,

anno, e levaraõ a noticia da ſua partida de Lisboa. Em hum hia Garcia de Sá, e n'outro Antonio de Saldanha. Eſte andava taõ lentamente no principio, que Nuno foi obrigado a deixalo á ſua má ventura; porém como o defeito deſte navio vinha do máo modo porque eſtava carregado, Saldanha o fez revolver tantas vezes, que achou o ponto do ſeu movimento, alcançou o General em pouco tempo, e ganhou as Indias tomando o largo da Ilha de Madegaſcar.

Ann.os de J. C. 1529.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Obrigado do inverno ſobre a Coſta d'Africa, Nuno preferio Mombaça a Melinde, para onde foi com dois navios que lhe reſtavaõ. A Cidade lhe foi inteiramente dezemparada, que elle naõ tomou. O Rei que ſe tinha retirado com os habitantes, depois de fazer moſtras d'alguma reſiſtencia, ſe tinha eſcondido em hum lugar muito perto, d'onde as ſuas tropas naõ deixavaõ de fazer ſuas irrupçoens até á Cidade, com algumas pequenas vantagens. Com tudo fez alli hum tratado. O Rei ſe fez tributario, e começou a pagar alguma parte do tributo. Porém dando moleſtias na frôta, e ſendo muitos os mortos, entre outros Pedro Vaz

da

Ann. de J. C. 1529.

D. João III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

da Cunha, foi quebrado o tratado, e Nuno depois de ter lançado fogo á Cidade tornou para Melinde, onde unindo-se-lhe alguns dos seus navios que tinhaõ invernado em Moçambique, passou a Ormuz.

Alli a sua primeira occupaçaõ foi examinar a conducta de Rais Seraph, que Sampaio havia absolvido. Pouco depois vio-se obrigado a retelo, antes do que o naõ teria feito. D. Joaõ III. sobre novas queixas tinha despachado Manoel de Macedo, unicamente para hir apossar-se da pessoa de Seraph, e trazelo carregado de ferros para Portugal. Macedo chegou no tempo em que Nuno estava em Ormuz, e por huma temeridade singular, debaixo do pretexto que tinha de poderes independentes, emprehendeo arrebatar Seraph, naõ sómente sem communicar nada a Nuno, porém ainda enganando-o, e fazendo-o servir ao seu designio, sem que elle desconfiasse. Conseguio em parte prender Seraph no Palacio mesmo do Rei; porém naõ teve tempo de o condusir ao seu navio. Avisado Nuno a tempo, lho arrebatou do mesmo modo, e o meteo a elle mesmo nas prisoens, e com isto punio a imprudencia d'este

te

te Official, e deo ao meſmo tempo huma eſpecie de ſatisfaçaõ ao Rei, que ſe queixava com juſtiça, de que lhe tinhaõ perdido o reſpeito por hum attentado taõ grande, ſem o ſeu conſentimento no ſeu Palacio, e debaixo dos ſeus olhos.

ANN. de J. C. 1529.

D. JOAÕ III. REI.

Em quanto ſe demorou em Ormuz, enviou Nuno ao Rei, ou Cheque de Baçora Melchior de Soiſa Tavares com 40. homens de ſoccorro, que lhe tinha pedido contra o Cheque de Gizaira, com quem eſtava em guerra. Eſte pequeno ſoccorro fez muita impreſſaõ ſobre eſte, para o obrigar a fazer a paz com o ſeu inimigo: porém naõ foi baſtantemente forte para obrigar o Cheque de Baçora a teſtemunhar o ſeu reconhecimento, e a cumprir o que havia prometido. Baçora eſta na diſtancia de 30 legoas nas terras do fundo do Golfo Perſico, e mais aſima da embocadura do Tigre e do Euphrates. As armas Portuguezas naõ tinhaõ ainda penetrado taõ longe, e foi muito que com taõ pouca gente ellas ſe fizeſſem reſpeitar em hum paiz, que tinha ſido por tanto tempo inaceſivel aos Gregos, e aos Romanos.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR

Com tudo Rais Bardadin cunhado

Ann. de J. C. 1529.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

do de Seraph, que possuhia esta Ilha de Baharem do Rei d' Ormuz mediante 40 Serafins d'oiro de tributo, temeo a occasiaõ de se sublevar contra este Principe, como n'elle tivesse tolerado a detençaõ do seu Ministro; porque naõ teriaõ, dizia elle, nunca ousado prendelo no seu Palacio, se elle naõ tivesse consentido. O Rei quiz aproveitar-se d'isto mesmo para obrigar o General a diminuir o tributo de 50. Seraphins, que pagava á Coroa de Portugal. Porém bem longe de Nuno se render ás suas razoẽs, elle lhe impoz 30. de mais como hum castigo, que elle tinha merecido, fazendo-se cumplice da morte do Rei seu predecessor. O moço Rei podera bem justificar-se, assim pelo direito que tinha á Coroa, sendo filho de Zeifadin como pela fraqueza d'huma idade, na qual naõ estava ainda em estado de ser consultado, quando o levaraõ ao trono.

Com tudo Nuno enviou Simaõ seu irmaõ com huma esquadra de oito embarcaçoens, para submeter os rebeldes. Na sua chegada Bardadin fez logo arvorar huma bandeira branca, e enviou hum trombeta para dizer. „ Que elle tinha tido justas ra-

„ zoens

„ zoens de recuſar o tributo ao Rei „ d'Ormuz : que com elle ſó era a „ differença, e naõ com os Portugue- „ zes ; com tudo já que os Portu- „ guezes tomavaõ a defenſa d'eſte „ Principe, naõ entrava na juſtifica- „ çaõ da ſua conducta, e pedia ſó- „ mente a liberdade de ſe retirar com „ os ſeus effeitos. „ Simaõ da Cunha eſtava muito diſpoſto a aceitar hum partido taõ vantajozo, porém toda a mocidade Nobre vinda ultimamente de Portugal, ſuſpirando pelo Saco d'eſta praça hum pouco mais do que convinha á peſſoas de qualidade, obrigou o General a reſponder. „ Que „ elle naõ permitia que ſahiſſe com os „ ſeus, ſenaõ ſó com os veſtidos que „ traziaõ. „ Entaõ Bardadin fazendo iſſar huma bandeira vermelha, para moſtrar que eſtava determinado, e em eſtado de ſe defender, a praça foi attacada ſegundo as formas da guerra, porém ſem algum effeito.

ANN. de J. C. 1529.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

No fim d'hum mez naõ tendo ainda o General adiantado nada, ſe achou ſem polvora, pela malicia d'aquelles meſmos Portuguezes, que tinhaõ feito as ſuas proviſoens em Ormuz, e vio a ſua armada muito enfraquecida por huma eſpecie de peſte

que

ANN. de J. C. 1529.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

que a destruio. Bardadin poderia destruila inteiramente, se tivesse querido. O medo de que fizessem morrer Seraph, e que para o futuro naõ recahisse sobre elle, o obrigou a reter a sua gente, que se contentava de empregar as zombarias mais crueis, em lugar de brigarem. Simaõ da Cunha foi obrigado a embarcar-se. Todos os seus estavaõ taõ fracos, que era preciso arrastar os doentes como cadaveres. A penas havia 30. que podessem sustentar armas, desorte que esta frôta toda destroçada, e quasi redusida á nada, se tornou a Ormuz, com a injuria de ser taõ mal succedida, e o disgosto de naõ ter que trazer ao Governador General, mais do que a dolorosa noticia da perda de seu irmaõ, que o contagio tinha levado com infinitos outros.

Nuno naõ tinha esperado o retorno d'esta expediçaõ, tinha-se feito á vela para á India. Passou a Goa, onde achou 4. navios chegados neste anno de Portugal, com hum tempo taõ favoravel, e huma felicidade tal, que só hum homem lhes tinha morrido. De lá foi á Cananor, onde naõ quiz desser, fazendo desculparse com o Rei, por lhe naõ fazer vi-

Ann. de J. C. 1529.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

visita, por estar com pressa de hir a Cochím. O Rei se desculpou do mesmo modo. O ceremonial era o motivo secreto d'huma parte e d'outra. O Ministro deste Principe muito affecto aos Portuguezes, fez offerecer ao General hum belissimo presente de joyas. Porém como Nuno era hum homem da tempera de D. Henrique de Menezes, o recusou como tinha feito áquelles que lhe tinhaõ offerecido em Ormuz, e lhe fez dizer esta palavras. „ „ As joyas que eu dezejo de voz, „ he a vossa fidelidade no serviço d' „ ElRei meu Senhor, e no serviço „ do vosso. Por ella vós me sobornareis „ melhor do que pelos presentes mais „ ricos, e naõ haverá nada depois „ d'isto, que por vós eu naõ faça. „

Joaõ Deça, Governador de Cananor, tendo vindo a bordo saudar o General, lhe fez comprimentos de Lopo Vaz de Sampaio, que estava n'esta Cidade, e lhe disse da sua parte, que se elle quisesse pôr pé em terra, elle lhe cederia o Governo. Nuno se picou d'esta proposiçaõ, e fez responder a Sampaio, que elle devia vir renunciar-lho sobre o seu navio. Sampaio obedeceo. A renuncia se fez com as formalidades ordinarias. Po-

rém

Ann. de J. C. 1529.

D. João III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

rém apenas Sampaio tornou a entrar na ſua chapula, para tornar á terra, lhe fez dar ordem para o ſeguir para Cochim; e no meſmo tempo fez publicar hum bando, pelo qual fazia ſaber, que todos aquelles que tiveſſem de que ſe queixar de Sampaio o podiaõ fazer livremente, e que elle lhes faria juſtiça. Chegado a Cochim, elle o fez prender, e fez fazer inventario de todos os ſeus bens. Sampaio diſſe ao Alcaide que lhe levou a ordem, como por huma eſpecie de eſpirito prophetico. „ Dize a Nuno que „ eu prendi meu predeceſſor, que eu „ meſmo me vejo hoje preſo, e que „ virá outro que o prenderá. Reſpondeo Nuno. Podem preparar-me ferros e cadeias; eu o eſpero: porém „ eu terei a vantagem de as naõ ter „ merecido como elle „ Sampaio teve menos pena da ſua detençaõ, do que das circunſtancias que a acompanharaõ. Sentindo o povo deſpertar o ſeu odio pela lembrança do que elle tinha feito a Maſcarenhas, tomou o deſafogo de o inſultar na ſua infelicidade, e de o carregar de oprobrios, e de injurias até debaixo das janelas da ſua priſaõ. Embarcaraõ-no depois no peior navio de tranſporte, com

dois

dois creados só para o servirem. Era isto usar com muito rigor, para com hum homem que tinha estado em hum taõ grande emprego. Porém Nuno tinha estas mesmas ordens, terriveis para executar, mas indespensaveis quando vem da Corte; e mostrou bem pela consequencia quaes tinhaõ sido as intençoens.

Ann. de J. C. 1529.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Porque chegando ás Ilhas Terceiras, achou hum expresso, que o esperava para o pôr á ferros. Quando desembarcou em Lisboa, foi conduſido do porto até ás prisoens montado n'huma burra, no meio dos clamores do povo: e metido n'huma profunda enxovia, onde foi guardado com extrema severidade, que nem permitiraõ á sua mulher que o visse. Em fim depois de dois annos de miserias, o Duque de Bragança obteve d'ElRei o ouvilo em hum d'estes dias de graça, em que segundo hum uso antigo de Portugal os Soberanos davaõ audiencia a esta sorte de infelices. Lopo entrou na Camera do Conselho carregado de ferros, e em hum estado capaz de excitar compaixaõ. Falou com dignidade, e fez huma grande narraçaõ dos seus serviços. Perguntaraõ-no sobre 43. artigos, de que o mais grave era a sua

Ann. de J. C. 1529.

D. João III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

conducta a respeito de Mascarenhas. Tendo sido reconduſido para á priſaõ, o seu processo se começou a instruir, e lhe foi permitido dar as suas defensas. E ou porque ellas naõ satisfizessem, ou por outra razaõ, a Sentença sahio contra elle. Foi declarado injusto usurpador do Governo, e como tal nunca já mais ter sido Governador legitimo, riscado consequentemente do Estado, e obrigado a restituir a Mascarenhas todos os soldos que tinha percebido, com 10$. cruzados de mais de perdas e damnos, e em fim degradado para á Africa. Sampaio depois d'esta sentença fugio para Castela, e escreveo de Badajos a ElRei, para se queixar do rigor que com elle tinhaõ usado, e para justificar a sua evasaõ. Servio tambem em Espanha, que mereceo ser chamado para á sua patria com honra.

Era este o tempo das justiças. Affonso Mexia Intendente da Fazenda e Governador de Cochim, Diogo de Mello Governador d'Ormuz, D. Garcia Henriques, e D. Jorje de Menezes, Governadores das Molucas, foraõ tambem pouco depois trasidos a Portugal, carregados de ferros, e depois de terem apodrecido nas prisoens,

ens, foraõ igualmente condenados a degredo, e á confiscaçaõ de todos os seus bens. Castigo leve, se o comparaõ á enormidade dos seus delictos, ou para melhor dizer seus crimes. Mexia era sem duvida mais culpado que Sampaio, porque além de ser o auctor de todas estas perturbaçoens, elle naõ se tinha servido da sua auctoridade, e da de Sampaio, que era e seu idolo, senaõ para se enriquecer por roubos, e injustiças; e elles tinhaõ tratado o Rei de Cochim taõ indignamente, que este pobre Principe tinha sido menos Rei, do que escravo, em quanto elles tiveraõ o Governo na maõ, de modo que Nuno se convenceo, quando este Rei lhe fez a narraçaõ das suas queixas. As immensas riquesas que apanharaõ a Mexia, foraõ a prova mais authentica dos seus roubos. Naõ tiveraõ nada, ou quasi nada que tomar a D. Garcia Henriques: o mar tinha acautelado a sentença dos homens, e tinha engolido com o seu junco 50ꝏ. crusados, fruto inutil de tantos trabalhos, fadigas, e violencias. D. Georje de Menezes foi degradado para o Brasil onde morreo. Rais Seraph foi o mais feliz de todos estes culpados. Tinha

ANN. DE J. C. 1529.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

 sido

ANN. de J. C. 1529.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

sido transportado com Sampaio para Portugal, e tinha sido parte na sua vergonhosa entrada em Lisboa. Porém este habil homem, que naõ tinha perdido tudo, achou que os Ministros d'esta Corte naõ eraõ diferentes dos Portuguezes com quem tinha tido negocio nas Indias, e se houve tambem com elles, que ainda se lavou dos crimes, que tinha commetido, e foi enviado com distinçaõ para o seu primeiro emprego, para cometer novos.

O que Sampaio tinha feito para pôr no mar huma numerosa frota de navios, tinha sido de modo destruido por Affonso Mexia, mais attento aos seus enteresses particulares, do que ao bem publico, que Nuno naõ achou nada prestes, com todo o cuidado que teve, escrevendo da Costa de Melinde: de modo que naõ podendo empreender cousa consideravel, se contentou de fazer tres esquadras, que entregou ao comando de Diogo da Silveira que devia correr a Costa do Malabar; a Antonio da Silveira que enviou para o Golpho de Cambaia; e a Heitor da Silveira, que teve ordem de cruzar junto das gargantas do mar Roxo. Com tudo elle se applicou aos negocios do Governo a vi-

visitar as praças, e os Reis alliados, a quem causou tanta satisfaçaõ pelo seu desenteresse, rectidaõ, e afabilidade, quam pouca elles tinhaõ tido da parte de alguns d'aquelles que o tinhaõ precedido.

ANN. de J. C. 1530. D. JOAÕ III. REI.

Diogo da Silveira tendo-se aprezentado de fronte de Calicut para obrigar o Samorim a concluir huma paz que tinha requerido, mas de que até entaõ naõ tinha feito caso algum, bombardeou a Cidade, e a varejou, de modo quê ella seria absolutamente reduzida a cinzas, por pouco que os ventos tivessem continuado a soprar. Fez depois huma taõ boa guarda na embocadura de todos os rios, que quebrou todo o commercio, e causou hum grande damno a este Principe, impedindo a partida dos navios que estavaõ prestes para Meca. De lá, tendo recebido hum poderoso reforso de Goa, foi a Mangalor para castigar hum ri o commerciante desta Cidade, que posto que vassalo do Rei de Narsinga alliado dos Portuguezes, lhes fazia todo o mal que podia, e favorecia em tudo as interçoens do Samorim. Diogo o foi procurar até no seu forte, onde elle se defendeo até morrer. Paté Marcar General do Samorim,

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Ann. de J. C. 1529.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

morim, que vinha ſoccorrelo com 60. paráos retrocedeo tanto que vio a frôta inimiga. Diogo o ſeguio, e o alcanſou ao monte Deli, e o desbaratou, e ſe retirou para Cochim.

Antonio da Silveira teve ſucceſſo ainda mais brilhante. Tinha 53 embarcaçoens, a maior parte a remos, 900. Portuguezes entre os quaes havia 400. Beſteiros. Tendo entrado no rio que conduz a Surrate, e a Reiner, naõ teve mais trabalho neſta primeira que na deſcida. Os habitantes tendo feito huma vam aparencia ſobre a praia, e huma deſcarga que naõ foi mortifera, ſe retiraraõ para os matos, onde tinhaõ já tranſportado os ſeus bens, naõ deixando na ſua Cidade ſenaõ os edificios que lhe queimaraõ. Pareceo que os do Reiner, que eraõ em numero de 6000. homens de pé, e de 400. cavalos, tinhaõ pelo contrario poſto toda a ſua confiança no ſeu valor, naõ tendo tomado as meſmas cautelas que os ſeus viſinhos, que eraõ ainda mais fortes do que elles. Com tudo perderaõ a apoſta, porque depois de alguns esforços na deſcida, e para defenderem os ſeus entrincheiramentos, pozeraõ-ſe em fugida, deixando ſuas mulheres, ſeus filhos e

to-

todos os ſeus bens por preſa ao vencedor. Antonio da Silveira reteve no principio os ſeus, para lhes impedir que ſe demandaſſem. Entregou depois Cidade a Saco. Acharaõ nella grandes riquezas. Porém o General, que naõ queria que tantos deſpojos lhe foſſem funeſtos, pôz limites á cubiça militar, e fez lançar ſedo fogo á Cidade, e aos campos, de que as cazas foraõ igualmente conſumidas. Houveraõ alli vinte navios, e muitas outras pequenas embarcaçoens que tiveraõ a meſma ſorte. A artilheria foi deitada no Rio. Dali tendo Silveira paſſado com extrema celeridade a Damaõ e a Agacin, levou alli a meſma deſolaçaõ. Em fim depois de ter ſaqueado e deſtruido todas as povoaçoens, que achou na ſua derrota, foi ancorar á Ilha de Bombain, onde ſe deteve hum pouco, para obrigar o Rei de Taná, atemoriſado da rapidez deſte turbilhaõ, o tributo a que ſe tinha obrigado.

A reputaçaõ de Heitor da Silveira, e a noticia da ſua vinda para ás fozes do mar Roxo, obrigaraõ Muſtafá, e Sofar, os matadores de Haidarin, a levantar o ſitio d'Adem, que elles attacavaõ inultilmente haviaõ ſinco me-

ANN. de J. C. 1530.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

mezes. Heitor tendo-o ſabido, foi ancorar á viſta d'eſta praça: e ſem fazer eſcrupulo de mentir, fez dizer ao Xeque, que conſtando-lhe o aperto em que elle eſtava, tinha corrido para o ſoccorrer contra os ſeus communs inimigos, que elle teria deſtruido, ſe tiveſſem tido o atrevimento de eſperar. Aproveitando-ſe depois do tempo, e do medo que tinha o Xeque, negociou tambem com elle, que o obrigou a fazer-ſe vaſſallo da Coroa de Portugal, e a pagar-lhe 10ȸ. ſerafins d'oiro cada anno. Todos os portos do contorno, excepto Meca, deviaõ ſer abertos aos Portuguezes, que naõ prometiaõ da ſua parte ſenaõ protecçaõ. Porém eſte tratado, mais glorioſo a Silveira do que ſolido, foi logo violado depois da ſua partida por eſte barbaro, que eſquecendo a fé dos ſeus juramentos, e querendo-ſe apoderar da carga d'hum navio Portuguez chegado pouco tempo depois ao ſeu porto, fez matar á traiçaõ todos os que eſtavaõ no navio, e todos aquelles que Silveira tinha deixado na Cidade.

Taõ felices tinhaõ ſido os Silveiras nas ſuas expediçoens, quaõ pouco o foi Franciſco Pereira de Berredo

Go-

Governador de Chaul. O Rei de Cambaia fazia guerra a Nizamaluc. Este tendo pedido soccorro aos Portuguezes seus alliados, Pereira sahio inconsideradamente da sua praça com 200. homens. Os inimigos eraõ 12000. e se achavaõ frescos, quando os Portuguezes abatidos pelo calor, e pelo cançasso, se lhe oppozeraõ já meios vencidos. Assim custaraõ pouco a vencer. Quasi todos ficaraõ sobre a praça. Pereira se salvou e chamou Antonio de Miranda para o soccorrer no perigo em que estava de perder a sua praça desprovida de homens, e de muniçoens. Com tudo elle a perdeo, porem d'outro modo que naõ pensava; porque o General para o punir lhe tirou o Governo, que deo a Antonio da Silveira, e o redusio ao estado d'hum soldado razo; estado de mais abatimento, que pode haver para hum Official.

Ann. de J. C. 1530.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Tudo estava socegado em Malaca depois de desbaratado o Rei de Bintam, que tinha sido seguido da morte deste Principe. Fora natural, que se aproveitassem deste descanço, para vingar os damnos que o Rei d'Achem tinha feito aos Portuguezes. Naõ se apresentaria huma occasiaõ taõ bella.

ANN. de J. C. 1530.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

bella. O Rei d'Auru que ſe tinha reſtabelecido nos ſeus Eſtados, eſtava em guerra com eſte Princepe, e ſolicitava o ſoccorro dos Portuguezes, de quem tinha ſido ſempre amigo declarado. E havia apparencias de que unidos, conſeguiriaõ o desbaratalo. O Rei d'Achem temendo-o, enviou tres Portuguezes cativos, que tinha a Malaca, para alli fazer propoziçoens de paz. Pedro de Faria, que Sampaio tinha feito Governador em lugar de Cabral, creatura de Maſcarenhas, eſcutou eſtas propoziçoens com cubiça, na eſperança de retirar do poder d'eſte Principe o junco de Souſa Galvaõ, a artilheria, e os preſioneiros; de ſorte que elle rejeitou as do Rei d'Auru, a quem negou claramente os ſoccorros, que pedia. O Rei d'Auru picado, ſe reconciliou com o Rei d'Achem, e fez com elle ſeu tratado. Eſte naõ temendo mais nada, teve entaõ mais animo para executar as novas perfidias que meditava, e de que a ſimplicidade de Faria lhe dava todas as comodidades. Porque ſeduſido pelo ſeu entereſſe, naõ obſtantes tantas razoens, que tinha para deſconfiar deſte Principe perfido, lhe enviou logo as peſſoas que elle pedia

para

para entrar em negociaçaõ. O Rei d'Achem fazendo-os assacinar secretamente, lhe fez novas instancias para os haver, como se ignorasse a sua sorte. Faria, que mesmo o ignorava, fez partir Manoel Pacheco taõ preocupado como Faria, naõ pôde persuadir-se de que estava trahido, ainda quando se vio investido pelas lanchas, que o Rei tinha posto de sentinela para o apanhar, desorte que sendo achado sem defensa, foi apanhado, e conduzido ao Rei d'Achem, que o fez assacinar com todos os Portuguezes, que tinha conservado até entaõ.

Ann. de J. C. 1530.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Este Principe ajuntando depois o insulto á affronta, fez dizer a Faria por zombaria, que tendo hum junco, e hum galiaõ, naõ lhe faltava mais do que hum bragantim, e que elle lhe pedia que lho enviasse. Com tudo a prosperidade das suas traiçoens, inspirando-lhe maior desprezo a respeito dos Portuguezes, lizongeou-se de poder fazer-se Senhor de Malaca, por meio do Xabandar Sanaia Raja, com quem tinha secretas inteligencias, e que o tinha servido tambem nestas ultimas occasioens a respeito de Faria, que tinha seduzido. Porém o mys-

ANN. de J. C. 1530.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

myſterio das ſuas traiçoens foi deſcuberto antes que elle as podeſſe conſumar. Alguns Acheneſes com o vinho ſe abriraõ com alguns Malayos, com quem ſe embebedavaõ. Garcia de Sá que tinha vindo render Faria com proviſoens da Corte, tendo ſido aviſado, atrahio deſtramente o Xabandar á Fortaleſa; onde retendo-o preſo, e reprehendendo-lhe a ſua ingratidaõ, e as ſuas conſpiraçoens, o fez deitar da mais alta janela da Torre, e pôz em ſegurança Malaca pelo caſtigo de hum inimigo oculto, ſendo mais temivel, que o que ſe apreſenta deſcuberto, e com as armas na maõ.

Quaſi neſte meſmo tempo Gonçalo Pereira, que Nuno enviava ás Molucas, para render D. Georje de Menezes, partio de Malaca, e fez ſua derrota para á Ilha de Borneo. Eſta Ilha, huma das maiores das do Sunda, eſtá entre as Ilhas celebres de Sumatra, de Java, e as Philipinas. Tem quaſi 400. legoas de circuito: he abundante de toda a ſorte de generos neceſſarios á vida: os ſeus Diamantes, o ſeu Alcanfor, a ſua pedra Baſar, e as ſuas eſpeciarias a fazem muito commerciante. Tem quatro portos bons, e muitas Cidades, das quaes

a

a Capital fundada ſobre eſtacas, cortada de canaes como Veneſa, dá o ſeu nome a toda a Ilha. Os habitantes ſaõ Mahometanos de Religiaõ, á excepçaõ d'algum pouco de Gentio, que occupa o centro da Ilha. Obedecem ao Rei, que depende elle meſmo da familia de ſua mãi, ſegundo as leis da Ginécocracia, que obſervaõ. Pereira foi muito bem recebido do que reinava entaõ. Regulou com elle as condiçoens d'hum commercio mutuo, e ſe foi de lá ás Molucas, onde iremos ver novas tragedias.

ANN. de J. C. 1530.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR

D. Georje de Menezes meteo Pereira de poſſe da Cidadella, e ſe apreſentou a elle com os ferros, convencido pela ſua propria conſciencia, que tinha merecido. A Rainha no meſmo tempo enviou ſeus Embaixadores ao novo Governador para lhe pedir juſtiça contra ſeus perſeguidores, e a reſtituiçaõ de ſeus filhos. Pereira ficou ſuſpenſo da deſordem em que achava todas as coiſas, e ſe aplicou logo a dar-lhe remedio. Conſolou a Rainha com boas eſperanças, e prometeo reſtituir-lhe os ſeus filhos, tanto que tiveſſe reparado as brechas da Cidadella. A priſaõ de

Me-

ANN. de J. C. 1530.

D. JOAÕ III. REI.

Menezes, tendo depois ſido como huma ſatisfaçaõ a eſta Princeza, ella voltou a Ternate com os habitantes, que tinhaõ fugido. O Rei de Tidor, que elle carregou do pezo odioſo d' hum tributo que naõ podia pagar, ſe reconciliou de boa fé.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Começavaõ a goſar das doçuras da paz: porém os Portuguezes meſmo, naõ a poderaõ ſofrer. Ontereſſe os dividio, e os Ilheos padeceraõ por repercuſſaõ. Pereira por obrigaçaõ, e por conſciencia, vendo que os particulares, comprando mais caro os generos, e vendendo-os por preço mais commodo do que ElRei de Portugal, arruinavaõ o commercio do Principe; ſe obſtinou a querer reformar eſte abuſo, ſem attender, que ha occaſioens em que he precizo tolerar hum mal, para evitar outro maior. A conducta de ſeus predeceſſores, que tinhaõ ſido obrigados a recuar contra vontade, era hum exemplo, que podia auctoriſalo, e inſtruilo. Porém naõ julgando que eſtes homens odioſos deixaſſem exemplos que imitar, foi ſempre firme, e naõ relaxou nada das ordens, que tinha levado.

Tendo-ſe os animos alienado delle paſſaraõ logo os limites das ſimpli-

ces

ces murmuraçoens, para chegarem aos movimentos tumultuosos. O vigario, que devia pregar com o exemplo, foi hum dos mais colericos; elle, e Vicente da Fonceca, homem sediciozo, e turbulento, se declararaõ com mais altivez, e trabalharaõ mais claramente a excitar perturbaçaõ. Algumas palavras insolentes, que Fonceca disse ao Cabo das rondas, obrigaram Pereira a metelo em prisoens, e esta retençaõ azedou tambem o mal. Os motins naõ se propunhaõ menos, que entregar a praça aos Castelhanos, ou de se juntarem aos inimigos. Porém tendo consultado a coisa com mais prudencia, e ponderado as consequencias, que poderiaõ excitar contra elles hum tal motim, determinaraõ de armar os Ternatianos só contra a pessoa do Governador, e de lhe fazer tirar a vida sem que se soubesse.

Ann. de J. C. 1530.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Tomado este partido, recorrerem á Rainha, persuadindo-lhe „ que Pereira, que elles lhe pintatavaõ com „ denegridas cores, naõ tem outras „ vistas senaõ para a enganar: Que „ naõ trabalha com tanto ardor a reparar „ o forte, senaõ para se armar em „ tyrano: Que bem longe, de lhe restituir o Rei seu filho no tempo

„ que

Ann. de J. C. 1530.

D. João III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

„ que lhe prometeo, eſtava na reſolu-
„ çaõ de lhe tirar a liberdade a ella
„ meſma, e aos principaes da Ilha,
„ para os pôr em eſcravidaõ; e que
„ o mais ſeguro para ella, he desfa-
„ zer-ſe de tudo o mais depreſa, que
„ lhe foſſe poſſivel. „ Ou porque a
Rainha acreditaſſe eſtas calumnias, ou
porque ſe quizeſſe aproveitar d'eſtas
ſementes de diviſaõ, ella ajuntou o
Conſelho, fez hum diſcurſo mui pa-
thetico, em que expôz vivamente, e
em narraçaõ a conducta d'eſtes eſtran-
geiros, que naõ tinhaõ correſpondido
ás binignidades do defunto Rei ſeu
eſpozo a reſpeito d'elles, ſenaõ com
huma ingratidaõ horrivel, aſſignalada
por huma longa ſerie de crimes, e
concluio em os exterminar a todos,
ſem excepçaõ, para o que elles meſ-
mos abriaõ caminho pelos conſelhos,
que lhe tinhaõ ſuggerido, e onde el-
la achava a facilidade de os perder a
huns pelo meio dos outros.

Sendo tomada a reſoluçaõ, e
conſervada em hum profundo ſegredo,
a artificioza Princeza procurou enga-
nar Pereira por hum zelo apparente em
apreſſar o trabalho do forte. No dia
aſſignalado para eſta execuçaõ huma
parte dos conjurados ſe eſcondeo n'

huma

huma Mesquita, e n'hum mato visinho, em quanto a outra parte, que devia fazer o assalto, e dar o signal do alto da torre, se assenhorava da Fortalesa. Naõ deviaõ desconfiar d'estes ultimos. Eraõ estes os que d'ordinario hiaõ fazer a sua Corte ao moço Rei, e que tinhaõ as entradas livres. Já tinhaõ penetrado até ao quarto d'este Principe, que dormia a sesta. Fonceca, que os vio, e que do seu ar inquieto julgou que hiaõ dar o assalto, que elle tinha dirigido, da sua prisaõ os exortou, e os animou. Entaõ elles se occupaõ em arrombar a porta, e hum muro de taipa. Pereira teve tempo de se armar, porém traspassado de muitos tiros cahio morto, sem ter podido vingar-se.

Ann. de J. C. 1530.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Os outros conjurados tendo sahido da sua embuscada, para correrem sobre hum Portuguez antes de se dar o final, salvando-se este, e huma creada, que o percebeo tendo bradado logo ás armas, a guarniçaõ se pôz em defensa: Luiz d'Andrade que tinha as chaves do forte, fez fechar as portas. Os assacinos vendo-se descubertos, só pensaraõ em por-se a salvo, e todo este grande preparo se terminou com a morte de hum só homem. Bras Pe-

ANN. de J. C. 1530.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

reira que fazia as vezes de Capitaõ do porto, ou de General do mar pertendeo fucceder a feu irmaõ. Os muitos perturbadores, que havia, tinhaõ muito enterefſe em lho impedir. Elegeraõ tumultuariamente Fonceca, que, por primeiro acto da fua jurisdiçaõ, desfes tudo o que o feu predeceſſor tinha feito de bem, e enviou ao Governador General Braz Pereira, e huns poucos de homes de bem, que moſtraraõ favorecer o feu partido, carregados de cadêas, e infamados com as fuas calumnias.

A Rainha naõ fe achou melhor com eſta mudança de fenhor. Fonceca que a tinha animado a desfazer-fe de Pereira, pella efperança de ver o Rei feu filho poſto em liberdade, lhe redobrou a fua guarda, e moſtrou ter ainda dezejos mais efquerdos. Eſta Princeza enfadada fahio tambem de Ternate com o feu povo, e atalhou taõ bem os viveres aos Portuguezes, que obrigou Fonceca a fazer por força, e fem merecimento algum, o que elle fe tinha obrigado a fazer de boa vontade.

Reſtabeleceo iſto hum pouco a tranquilidade, porém taõ más peſſoas naõ deviaõ gozar-lhe as doçuras. Ayalo

lo posto em liberdade, achava-se já em estado de governar por si mesmo. Paté-Sarangue, que tinha a mesma auctoridade em quanto este Principe esteve preso, que tinha tido antes o Cachil d'Aroes, pezaroso de a perder, se ligou com Fonceca, para o detronar. Para o que elles só empregaraõ logo as calumnias e os rumores, que faziaõ vagar contra elle, para que o tivessem como demente, e incapaz de reinar. Fonceca fazia toda a diligencia, para o tornar a apanhar, e fechalo na Torre. Ayalo que o suspeitou, salvou-se nas montanhas. Fonceca o seguio com maõ armada: elle podia alli defender-se. Hum resto de inclinaçaõ que tinha os Portuguezes, que o poupavaõ taõ pouco, o impedio de se aproveitar das suas vantagens. Fugio para Tidor com a Rainha sua mãi. Foi isto bastante para o declararem incapaz d'hum trono, que mostrava desemparar pela sua fugida, e de que se tinha além disso feito indigno, diziaõ-no pelo assacinio de Gonçalo Pereira. Fonceca, que era d'isto o primeiro autor, naõ escrupulizou de lhe imputar este crime, e á Rainha sua mãi; e sobre este fundamento, o declarou solemnemente desca-

Ann. de J. C. 1530.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUHNA GOVERNADOR.

Ann. de J. C. 1530.

D. Joaõ III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

hido da Coroa, e lhe ſubſtituio Tabarija, que era hum dos filhos de Boleiſe, porém naſcido d'huma concubina.

Levado pelo meſmo eſpirito de vertigem, foi a Tidor com maõ armada, para ſeguir o Rei fugitivo, e vingar-ſe do que lhe tinha dado hum aſilo. Elle alli levou fogo e ſangue, e obrigou eſtes dois Princepes a refugiarem-ſe nos matos. No retorno deſta vergonhoſa victoria, Fonceca tendo achado hum dos ſeus proprios filhos naturaes degolado por hum d'eſtes Ilheos, que teria tambem ſacrificado á ſua juſta indignaçaõ o Rei Tabarija, ſe elle lhe naõ tiveſſe eſcapado das maõs, ſentio augmentar em ſi, por huma taõ triſte viſta, o ſeu furor contra Ayalo. Enviou novas tropas, para o aprezionar; com tudo naõ o pôde conſeguir, por ſe ter eſte Princepe infeliz ſalvado em Gilolo. Porém conſeguio por indignos artificios fazer-ſe Senhor da peſſoa da Rainha ſua mái, que fez cazar com Paté-Sarangue, no meſmo tempo, que elle deo ao novo Rei, que acabava de pôr em ſeu lugar, a do Rei fugitivo; ſem reſpeito e ſem attençaõ ás leis, que prohibem com horror eſ-

tes

tes caſamentos inceſtuoſos, e que hum Chriſtaõ principalmente era obrigado a impedir com todo o esforço, bem longe de os promover.

Ann. de J. C. 1530.

D. Joaõ III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

Tantos crimes acumulados naõ ſómente o tornaraõ odioſo aos Ternatianos, e aos Portuguezes, que tinhaõ ainda hum reſto de probidade, mas elle meſmo ſe naõ podia ſupportar. Atormentado pela ſua conſciencia, intimidado pela idéa dos caſtigos que merecia, e temendo ſem ceſſar o que todo o homem, taõ affeito ao crime como elle, podia recear ſobre a ſua peſſoa, vivia em huma continua deſconfiança, temia até a ſua propria ſombra; perdeo o ſocego, o ſono, o comer. Eſtava ſempre armado, naõ aceitava nada de quem o ſervia, ſenaõ com a maõ eſquerda, para ſempre eſtar em eſtado de tirar pelo ſeu punhal. Procurava a ſolidaõ, para nella achar alguma ligeira conſolaçaõ, porém em vaõ. Os ſeus remorſos, mais crueis do que algoſes, naõ lhe permitiaõ hum momento de ſocego.

Triſtaõ d'Ataide chegou entretanto, enviado pelo Governador General a quem as cartas de Vicente da Fonceca, e as juſtificaçoens de

Ann. de J. C. 1530.

D. João III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

de Braz Pereira fizeraõ conhecer as urgentes neceſſidades das Molucas, e a precizaõ d'hum prompto remedio. Eu naõ ſei como hum homem taõ prudente como Nuno, pôde fazer huma taõ peſſima eſcolha. Elle era peior que todos os outros. A ſua phyſionomia naõ o deſmentia, e na pequenhez, e deformidade do ſeu corpo todo contrafeito, moſtrava huma alma ainda mais feia, e mais desforme.

Triſtaõ tratou Fonceca aſſim como elle meſmo havia tratado Braz Pereira. Tinha ordem de o prender, e elle o enviou preſioneiro a Goa. Com elle paſſaraõ ás Indias Fernando das Torres, e os outros Caſtelhanos, que tinhaõ tornado a Tidor. Elles tinhaõ feito ſeu tratado de tornarem á Heſpanha por Portugal. Os Tidorianos ſe oppunhaõ á ſua partida. Era precizo que Triſtaõ d'Ataide os obrigaſſe com maõ armada a conſentirem niſſo. Os Caſtelhanos o ajudaraõ, e lançaraõ na partida o fogo á Cidade: triſte reconhecimento do agazalhado, que ella lhe tinha dado.

Com tudo os ſediciofos, que tinhaõ entereſſe, que Triſtaõ naõ foſſe melhor do que os que o tinhaõ prece-

ce-

cedido, sustentados pela ambiçaõ de Samarao, emulo de Pate-Sarangue, o persuadem de que Tabarija conspirava contra a sua vida, e tinha formado o projecto de se apoderar da Fortalesa. Esta suspeita injusta, e mal fundada foi hum crime para este Principe inocente, que foi arrebatado, e enviado ao Governador das Indias com Pate-Sarangue, e outros dos principaes, que pertenderaõ que fossem seus cumplices. Poém no seu lugar Cachil Aeiro o mais moço dos filhos de Boleife, cuja mãi era huma escrava da Ilha de Java. Esta mãi que bem vio que o throno naõ era para seu filho, se naõ hum precipicio, temendo desde entaõ a sua vida, afadigava-se para o apartar deste perigo pelos seus choros, e pelas suas rogativas; porém estes furiosos a arrancaraõ d'entre seus braços, e formando-lhe hum crime das suas lagrimas, a deitaraõ pelas janelas.

ANN. de J. C. 1530.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Os Ternatianos naõ foraõ menos irritados de verem dar-lhes hum Rei d'hum taõ indigno nascimento, do que da crueldade de que tinhaõ usado com esta mãi infeliz, que só deviaõ louvar, e admirar, de ter querido oppor-se á elevaçaõ de seu filho.

Ann. de J. C. 1530.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

lho. Ternate foi segunda vez abandonada, e estes desgraçados fugitivos, dignos de tanta compaixaõ, naõ a achavaõ ainda mesmo nos seus visinhos, que os reprehendiaõ de terem merecido todos os seus damnos, recebendo, diziaõ elles, em sua caza estes monstros, que eraõ o horror de toda a natureza, e que mereciaõ ser soffocados á nacensa. Com effeito os Autores Portuguezes mesmos concedem, que do momento que os seus nacionaes pozeraõ o pé nas Molucas, naõ cessaraõ de trabalhar para se fazerem execraveis pelas maldades mais inauditas. Eu me naõ posso conter a mim mesmo de dizer, que sinto por huma naçaõ taõ nobre, taõ generoza, ser obrigado a contar factos, que sendo só obra d'huma pequena porçaõ de infelices, de que cada paiz abunda, saõ com tudo como huma sombra, que escuresse hum pouco as grandes, e bellas coisas, que ella fez n'outra parte.

Naõ contente de todos estes excessos, Tristaõ, que só tinha vindo para se enriquecer, pôz ao Cravo hum preço taõ baixo, que o Rei da Ilha de Bacian naõ pôde consentir n'huma taõ grande perda. Isto foi bastante

te para o tratar como inimigo. Triſtaõ tendo reunido os Ternatianos do partido de Samparao, que naõ o tinhaõ abandonado, e que eſtavaõ tambem juntos aos Tidorianos, foi pôr tudo a fogo, e ſangue no ſeu Reino, e o reduſio a procurar a paz, que lha fez pagar cara.

Ann. de J. C. 1530.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR

No meſmo tempo Pinto, que Triſtaõ tinha enviado ás Ilhas do More, que ſaõ na viſinhança, depois de ter contratado alliança com hum Rei d'eſtas Ilhas, bebendo mutuamente do ſeu ſangue, ſegundo os coſtumes d'eſtes barbaros, eſtando no ponto de ſe retirar, arrebatou alguns, que meteo no fundo do ſeu peraõ. Tendo hum d'elles eſcapado, e ſalvando-ſe a nado, ſublevou toda a naçaõ, que correo atras d'elle, de ſorte que teve muito trabalho para fugir das ſuas maõs, como tambem d'huma horrivel tempeſtade, que lhe ſobreveio, e que moſtrou querer vingar eſtes pobres povos deſte attentado.

A indignaçaõ geral multiplicando os inimigos dos Portuguezes pelos ſeus crimes, os ſinco Reis das Molucas, os das Ilhas do More, e dos Papouz ſe ligaraõ juntamente, depois de terem ſeparado Samparao, que

que era favoravel a eſtes eſtrangeiros. Elles concluiraõ entre ſi,, d'aſſacinarem ,, ao meſmo tempo todos os Portu- ,, guezes eſpalhados nas ſuas Ilhas ; de ,, fazerem esforço de começarem pelo ,, Governador, e de ſe apoderarem da ,, Cidadella. Que ſe elles naõ o podeſ- ,, ſem fazer por força declarada, elles ſe ,, conſpiravaõ para os fazerem perecer ,, á fome ; para o que os Ternatia- ,, nos abandonariaõ abſolutamente a ,, ſua Ilha, e cortariaõ todas as ſuas ,, arvores fructiferas. ,, Elles foraõ fiéis á ſua promeſſa. Depois de terem levado todos os ſeus effeitos ſecretamente, ſahiraõ todos huma noite da ſua Cidade, e ſe retiraraõ para á borda do mar longe do forte. De lá faziaõ ſuas correrias ſobre os Portuguezes, quando elles hiaõ fazer lenha, ou a ſua proviſaõ d'agua, e matavaõ ſempre algum. E a fim de fazerem conhecer ao Governador até onde chegava o ſeu odio, tornaraõ á noite a Ternate para lançarem fogo ás cazas, que tinhaõ deixado, e envolver neſte incendio as de alguns particulares Portuguezes, que habitavaõ fora do porto.

ANN. de J. C. 1530.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Tendo a conjuraçaõ rebentado n'outras partes ao meſmo tempo, foraõ

raõ muitos Portuguezes aſſacinados em diferentes lugares. O que ali houve de mais penivel, he que Catabrun Tutor do Rei de Gilolo tendo envenenado o ſeu pupilo, para ſe aſſenhorar do Trono, foi procurar os Portuguezes até á Ilha de More, onde ſe tinha formado huma nova Chriſtandade devida ao zelo de Gonçalo Veloſo, e d'um virtuozo Padre chamado Simaõ Vaz ao qual ſe tinha ajuntado outro chamado Franciſco Alvares. O Rei tinha vindo meſmo a Ternate receber o Baptiſmo, e fazendo depois ſuas Miſſoẽs em Mamoia, que era a ſua Capital, muitos á ſua imitaçaõ, e para o liſongearem, tinhaõ abraçado o Chriſtianiſmo.

Ann. de J. C. 1530.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

O Rei vendo que a ſua Cidade ſitiada eſtava no ponto de ſe render pelo diſgoſto d'huma Religiaõ abraçada com muita conſideraçaõ; ſahio com os Portuguezes, e alguns amigos fiéis, e tendo-ſe fortificado á preſſa, ſe defendeo todo hum dia com extremado valor; porém em fim naõ podendo reziſtir mais, degolou ſua mulher, e ſeus filhos, para lhes aſſegurar a ſalvaçaõ. Naõ tendo mais que temer do que a ſeu reſpeito, procurou ſegurar para ſi o martyrio da parte dos ſeus ini-

Ann. de J. C. 1530.
D. João III. Rei.

inimigos, vomitando mil blasfemias contra Mahomet. Elle o alcançara sem a falsa piedade de seus amigos, que o fizeraõ poupar. Os Portuguezes foraõ passados ao fio da espada, e dos dois Missionarios, Simaõ Vaz, foi assacinado, e o outro muito ferido, se salvou em Ternate n'huma canoa.

Nuno da Cunha Governador.

Ayalo com tudo fortificado do favor dos Reis alliados, e dos Ternatianos, que tinhaõ vindo todos a elle, apertava tanto a Fortalesa só pela privaçaõ dos viveres, que já comiaõ ratos. Com tudo respiraraõ hum pouco com a chegada de Simaõ Sodré, e de Pinto. Porém o soccorro, que receberaõ durando pouco tempo, e os inimigos tendo-se assenhoreado do mar, depois de algumas victorias que alcançaraõ, foraõ redusidos a muito grandes necessidades, que duraraõ até que Antonio Galvaõ, nomeado Governador das Molucas, e despachado pelo General foi render Tristaõ d'Ataide, e fez tomar aos negocios melhor face.

Nuno da Cunha magoado de naõ ter podido emprehender nada no primeiro anno do Governo, tinha feito esforços extraordinarios para remediar este descuido nas operaçoens da campa-

panha ſeguinte. Elle intentaria ſobre Diu, e a julgar pelo formidavel apparelho de guerra que elle fez, eſta Cidade orgulhoza á tanto tempo procurada, e que ſempre faltara, devera em fim cahir debaixo do esforço das ſuas armas. O quartel General foi aſſignalado na Ilha de Bombaim. O mar eſtava coberto de navios, havia mais de 400. velas de todos os tamanhos, onde nada faltava em nenhum genero de proviſoens, nem ainda para recreio. Na reviſta, que ſe fez á armada, ſe achou ſer compoſta de 3\$600. homens de tropas regulares de deſembarque, 1\$450. Portuguezes da equipagem das embarcaçoens, 2\$. Malabares, ou Canarins, 8\$. eſcravos armados, e 9\$. forçados, ou remeiros.

ANN. de J. C. 1530.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Tendo-ſe a frota feito á vela de lá para Damaõ, a achou deſamparada pelos ſeus habitantes. Diſpozeraõ-ſe a alcançar de Deos hum feliz ſucceſſo d'eſta expediçaõ pelos Sacramentos, e abſolviçaõ geral. Propoſeraõ ali premios para os trez primeiros, que eſcalaſem as muralhas de Diu, e a armada ſe fez ao mar para á Ilha de Beth.

Eſta Ilha, que ſó diſta ſete legoas

——— Ann. de J. C. 1530. D. João III. Rei. Nuno da Cunha Governador.

goas de Diu, tendo parecido hum posto importante para a defensa d'esta praça, Sultaõ Badur a tinha feito occupar por 2ↀ. Rumes, e Arabes debaixo do commando d'hum Turco bom soldado, e homem experimentado. A Ilha se defendia em parte pela altura dos seus rochedos, e em parte por huma artilheria taõ numerosa, que Nuno naõ pôde crer a narraçaõ, que d'ella lhe fizeraõ, senaõ quando se convenceo pelos seus olhos. Com tudo faltou o coraçaõ aos inimigos á vista da frota Portugueza. Prometeraõ logo retirar-se, com tanto que lhes permitissem levar todos os seus effeitos. O Commandante d'elles alcançando hum salvo conducto, veio elle mesmo fazer a proposiçaõ; porém Nuno muito altivo das suas forças, a regeitou soberbamente, e se dispôz ao assalto.

Fazendo entaõ a desesperaçaõ o que naõ tinha feito o valor, estes coraçoens timidos passaraõ a hum extremo opposto. E para certificarem, que só obravaõ pela desesperaçaõ, tendo feito o Commandante acender hum grande fogo no meio da praça, degolou suas mulheres, e seus filhos, e os fez consumir alli com os seus

bens.

bens. O maior numero imitou eſte exemplo barbaro, e mais de 700 raparaõ a cabeça, ſegundo o ſeu uſo, para ſe ſacrificarem á morte com horriveis juramentos.

ANN. de J. C. 1530.

O attaque ſe fez ao meſmo tempo por ſeis partes differentes: combateraõ com furor d'huma, e outra parte, obrando mais a irá do que o verdadeiro valor. O inimigo ſe arremeçava precipitadamente ſobre o ferro do ſeu adverſario, dando-ſe-lhe pouco de morrer, com tanto, que mataſſe. Com tudo ſendo morto o Chefe, foi tomada a praça. Houveraõ 17 peſſoas de conſideraçaõ mortas da parte dos Portuguezes, e 120 feridos dos quaes muitos morreraõ depois por cauſa das ſuas feridas. O valente Heitor da Silveira foi deſte numero perda conſideravel para os vencedores, a qual naõ ficou bem compenſada pela morte de 1&800. dos inimigos, que ficaraõ ſobre o campo da batalha, ou ſe precipitaraõ do alto dos rochedos, e por 60. peças de canhaõ que tomaraõ.

D. JOAÕ III. REI. NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

O menor deſcuido na guerra faz perder occaſioens, que ſenaõ achaõ mais. Nuno teve d'iſto huma triſte experiencia. Entertevefe outro dia na Ilha de Beth, para deſtruir as ſuas for-

Ann. J. C. 1530.

D. JOAÕ III REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

——— fortificaçoens, e tirar os ſeus deſpojos, para dar tempo aos ſeus eſpias, que tinha enviado a Diu, de virem dar-lhe relaçaõ do eſtado d'eſta praça. Pelo que perdeo, com o fructo da ſua victoria, a occaſiaõ de tomar eſta Cidade, que tivera achado diſpoſta a render-ſe, pela conſternaçaõ, que a noticia da frôta tinha já eſpalhado, e de desbaratar os Turcos, que chegaraõ em ſeu ſoccorro, e animaraõ a ſua coragem, e as ſuas eſperanças.

Porque em quanto elle deixou paſſar hum tempo preciozo, Muſtapha, e Soſar abordaraõ a Diu, conduſindo comſigo, em dois galioens, 600. Turcos, ou Rumes, e 1$300. dos reſtos da frôta de Rais Solimaõ, com quem elles tinhaõ tentado inutimente tomar Adem, e andaram perdidos algum tempo depois, ſem ſaber para onde foſſem. Foi iſto baſtante para fazerem ſucceder a alegria á triſteza nos coraçoẽs abatidos dos habitantes, e de Melique Tocan, que tinha ſuccedido a ſeu irmaõ Saca. Deſde o momento da ſua chegada, naõ ficaraõ ocioſos. Porque como elles eraõ mais peritos do que os Indios na arte da guerra, viſitaraõ as fortificaçoens, e fazendo reparar algumas, e le-

van-

vantaraõ outras com toda a pressa. Se a Cidade de Diu se assombrou vendo toda a armada Portugueza descoberta no seu porto, esta naõ o foi menos, considerando esta praça tambem fortificada da parte do mar, e da parte da terra, que parecia inaccesivel. Outro motivo de admiraçaõ para o General, foi ver que nenhum dos seus espias vinha dar-lhe resposta. Elle naõ podia advinhar a causa, e podia ainda menos comprehender a mudança, que se tinha feito nesta praça, que elle julgava achar desprovida, e que lhe apresentava huma multidaõ taõ grande de combatentes, de que todas as suas muralhas appareciaõ cobertas.

ANN. de J. C. 1530.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Com tudo naõ obstante isto se determinou ao attaque, e resolveo bater a Cidade da parte do mar. Dispondo para isto a sua frôta, e assignando a cada hum o seu posto junto dos differentes baluartes, principalmente á entrada do porto para forçar a cadea, e queimar os navios que ali se achavaõ: a acçaõ começou a 16. de Fevereiro desde amanhecer, e durou todo o dia. A artilheria dos dois partidos jogando todo este tempo, parecia hum inferno. O fogo, o estrondo, o fumo das peças nun-

Ann. de J. C. 1530.

D. João III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

ca parava, todos os elementos pareciaõ confundir-se, e se representavaõ por toda a parte hum expectaculo horroroso. Nuno vestido de escarlate, para ser mais facilmente reconhecido dos seus, e os animar com a sua presença, se expunha mais doque outro algum, no meio dos horrores da morte: transportava-se n'uma pequena almadia a toda a parte aonde o perigo era mais forte, para conhecer o estado de todos os navios por si mesmo, e conservando-se sem temor no meio das balas, que assobiavaõ sobre a sua cabeça, zombava ainda, como se a coisa fosse brinco.

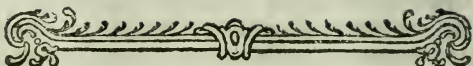
Com tudo o partido naõ era igual. Elle só recebia prejuizo, e fazia pouco. Tinha ancorado muito perto da Cidade. As batarias dos baluartes fazendo tiros certos, lhe faziaõ hum grande damno, em quanto elle só atirava tiros incertos, e que quasi naõ faziaõ nenhum effeito. As grossas peças, nas quaes elle mais confiava, tendo-se esquentado com a força de atirar, tinhaõ quasi todas rebentado, e estavaõ incapazes de servir. Assim, tanto que chegou a noite elle chamou a Conselho. O ardor dos seus Capitaens tendo esfriado muito, mesmo an-

antes de começar o combate, só pelas mostras d'huma resistencia, que naõ esperavaõ, houveraõ poucos que naõ assentassem em que dezistisse d' huma empresa, cuja felicidade lhes parecia impossivel. Disseraõ elles que tinhaõ mal informado ElRei, representando-lha como facil. Que naõ deviaõ persuadir-se que huma praça tambem defendida, podesse ser tomada n'huma volta de maõ. Que o unico meio que havia de a tomarem, era de se assenhorearem do mar, e romperem o seu commercio, impedindo-lhe, que ninguem podesse ali entrar. Sobre isto o General tendo levado ancora, tomou a derrota da Ilha de Beth, onde tendo deixado Antonio de Saldanha para crusar sobre a Costa de Cambaia, cheio de injuria, e de pezar, se retirou a Goa. Saldanha ali o seguio pouco depois, tendo queimado nos seus corsos as Cidades de Madre Faba, de Goga, Bella, Tarapour, Agacin, e Surrate, que commeçava a restabelecer-se do primeiro incendio, e tendo lançado igualmente o fogo a muitos navios, e paráos, dos quaes a maior parte pertencia ao Samorim.

ANN. de J. C. 1530.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Fim do Livro Nono.

HISTORIA
DOS
DESCOBRIMENTOS,
E CONQUISTAS
DOS
PORTUGUEZES,
NO NOVO MUNDO.

LIVRO X.

Ann. de J. C. 1531.

D. João III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

O General Portuguez tanto disgosto tinha da sua vergonhosa retirada, quanto Mustapha se gloriava da sua boa fortuna, que o tinha guiado como pela maõ, para lhe dar toda aquella gloria. Assim tanto que elle vio a Cidade em liberdade, foi aprezentar-se todo louçaõ ao Rei de Cambaia com aquella ousadia, que dá a victoria, e com

com a presunçaõ vantajosa, de que o serviço importante, que acabava de fazer, o faria receber c'os braços abertos, naõ debaixo da idéa de hum fugitivo, que procura hum asylo, porém d'hum homem necessario, cujos primeiros procedimentos merecem recompensas, e requerem, que anticipem os que elle poderá merecer depois. Naõ se enganou no seu pensamento. Sultaõ Badur se lisongeou com hum successo taõ feliz. A conservaçaõ de Diu era para elle huma acçaõ de partido, e o que lha tinha conservado, lhe pareceo tanto mais amado, por crer esta praça daqui em diante inconquistavel, e que com o soccorro d'hum taõ grande homem, como lhe pareceo Mustaphá, poderia segurar o successo da sua colera contra os Portuguezes; expulsando-os naõ sómente dos seus Estados, mas pode ser que tambem de todas as Indias. Os magnificos presentes, que lhe fez no mesmo tempo Mustapha, principalmente de muitas peças d'artilheria bellissimas, deraõ novo augmento ao que o fazia já taõ recomendavel, elle lhe deo o Governo de Baroche, que era huma praça importante, muitas terras de grande renda, e lhe trocou o seu no-

Ann. de J. C. 1531.

D. João III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

nome pelo de Rume-Caõ, para por este nome significar a sua patria, e a dignidade de que o honrava: a sua patria, o que lhe atrahia hum respeito particular, porque os Rumes ou Turcos de Romania eraõ estimados nas Indias sobre todas as naçoens Musulmanas: a sua dignidade, por ser o nome de Caõ o mais alto titulo, que daõ aos Principes Tartaros.

Com tudo Nuno naõ deixou de ter alguns motivos de consolaçaõ na sua disgraça. Sultaõ Badur chegando ao Trono tinha feito morrer todos os seus irmaõs que pôde apanhar. Dois d'estes infelices restavaõ ainda, e se tinhaõ refugiado em caza de Nizamaluco. Este estava prompto para os entregar ao tyranno, que os pedia. Foraõ elles d'isto avizados, e se escaparaõ. Hum delles apanhado na fugida, estimou antes fazer-se matar, do que deixar-se levar; outro se retirou para o Idalcaõ, que naõ querendo, nem entregalo, nem guardalo, lhe fez dar occultamente alguns soccorros, com ordem de sahir dos seus Estados. Tendo chegado a Dabul, os da comitiva o envenenaraõ, e o deixaraõ por morto, e lhe roubaraõ tudo o que elle tinha. Nuno sabendo

o

o trifte eftado em que elle fe achava, lhe fez offerecer hum azilo, e lhe enviou hum falvo conducto, e o tratou como Principe, intentando dar com ifto muita inquietaçaõ a Badur, e poder fervir-fe vantajozamente defte refens, fegundo a conjunctura dos tempos.

Ann. de J. C. 1531. D. JOAÕ III. REI, NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

D'outra parte o Samorim empobrecido por huma longa guerra, que o arruinava deffolando-lhe o commercio, fufpirava pela paz, e rogou ao General, que lhe enviaffe huma peffoa de confiança, com quem elle a podeffe tratar. Nuno lhe enviou Diogo Pereira, a quem a intelligencia, que elle tinha da lingoa, e dos coftumes junta a huma longa experiencia deftas negociaçoens, tinhaõ acreditado muito no Indoftan entre os Principes Indios. Pereira tinha nas fuas inftrucçoens de requerer a faculdade de poder edificar hum Forte nas terras do Samorim. O General tinha dezejo de o fundar na pequena Ilha de Challe, que' difta trez legoas de Calicut, formada por hum rio dos mais notaveis do Malabar, pelo qual fe pode fubir em batel até ao pé da Cadea das Montanhas de Gata, d'onde elle fahe. Com tudo elle naõ queria, que o Sa-

Ann. de J. C. 1531.

D. João III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

Samorim podesse penetrar o dezejo, que tinha, e por isso Pereira tinha ordem de fazer instancias para que o Forte fosse edificado na mesma parte, onde estava aquelle que fez levantar D. Henrique de Menezes; elle sabia bem, que o Samorim naõ consentiria nisso nunca, e se rezolveria antes a consentilo em qualquer outra parte. O artificio aproveitou. O Samorim consentio, quando Pereira mostrou afrouxar-se.

O Senhor da Ilha de Challe, que tomava o titulo de Rei, tinha já dado o seu consentimento em segredo ao General para a construcçaõ d'este Forte, e se tinha ligado para este effeito com os Reis de Tanor, e de Caramansa seus visinhos. Eraõ elles todos vassallos do Samorim, e dezejavaõ ardentemente cada hum nas suas terras o estabelecimento dos Portuguezes, para terem huma protecçaõ contra o seu Soberano, e se enriquecerem, como tinha feito o Rei de Cochim, procurando-lhes todo o commercio.

Nuno, acautelando-se para o successo do seu engano, e ao mesmo tempo para o arrependimento do Samorim, tinha já feito os preparati-

tivos de todos os materiaes em Challe d'acordo com o Rei, de quem tinha efcolhido a Ilha por preferencia; porque ella era hum freio para á Cidade de Calicut, d'onde nenhum navio podia mais fahir fem paffaporte dos Portuguezes, ou fem correr o rifco de fer tomado. De forte, que tanto que elle teve avizo fecreto de Pereira da conclufaõ do tratado, meteo maõ á obra, em quanto Pereira continuou a divertir o Samorim, no efpaço de alguns mezes debaixo de diverfos pretextos. A obra foi levada com tanto, fogo que os mefmos Fidalgos trabalhavaõ todos fem diftinçaõ, com os trabalhadores; e no efpaço de 26 dias os muros da Fortalefa de doze pés de groffura, os baftioens, a torre da homenagem, a caza do Governador, os quarteis dos foldados, os armazens, e a Igreja eftavaõ em eftado de naõ terem nenhum infulto. E foi efta huma das melhores fortificaçoens, que tiveraõ os Portuguezes na India, das mais vantajozas para o commercio, fituada fobre hum porto feguro, e comodo, e fundada taõ perto da borda d'agua, que naõ podia fer minada.

Ann. de J. C. 1532.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

O Samorim, affim como o tinhaõ

Ann. de J. C. 1533.

D. João III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

nhaõ premeditado, naõ tardou de se arrepender da sua muita facilidade, principalmente quando soube o concerto do General com os Principes seus vassalos, e que lhe recusaraõ os direitos, que pretendia levar no porto de Challe. Quiz vingar-se d'estes ultimos; porém hum Caimale das terras do Certaõ, que podia pôr até 20ↂ. homens de pé, unio a elles: e a guerra, que lhes fez depois da partida do General, e todos os seus esforços para os retirar da alliança, que elles tinhaõ contratado com elle, foraõ inuteis. Teve elle tanto disgosto, que pensou morrer de pena. Pelo contrario o Principe herdeiro dos seus estados, que tinha sido muito opposto ao estabelecimento d'este posto, desde que elle o vio estabelecido com effeito, sentio tanto as consequencias, que escreveo ao General na molestia de seu Tio para lhe certificar, que supposto que este Principe viesse a morrer, tanto que elle subisse ao Trono em lugar delle, viveria em boa amisade com os Portuguezes: e naõ faria mais commercio se naõ pela via de Cochim, sem recorrer ás vias remotas, e de contrabando, as quaes tinhaõ sido até ali

a

à causa de todas as perturbaçoens.

Ann. de J. C. 1533. D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

As esquadras Portuguezas corriaõ com tudo todos estes mares. Antonio da Silveira enviado para o estreito de Meca, deu huma vista d'olhos a Adem; porém achando-se muito fraco naõ pôde vingar-se da perfidia do Xeque: o que o obrigou a voltar para Ormuz, de que tomou o Governo. O Rei Raxet estava entaõ em guerra com o de Ormuz, a quem recusava pagar o tributo. Silveira tendo tomado presioneiro hum irmaõ deste Principe, o fez entrar na obediencia, mais pela via da negociaçaõ, do que pela das armas. Pouco depois Antonio da Silveira morreo, deixando de si a lembrança honroza das suas bellas acçoens, e a reputaçaõ d'hum bom Official.

Antonio de Saldanha, que foi crusar para o mar Roxo, depois d'Antonio da Silveira, se achou na mesma impossibilidade que elle, de castigar o Xeque de Adem. Tendo voltado para o cabo de Rosalgate, os máos tempos o obrigaraõ a deixar estas paragens, para vir esperar Diogo da Silveira sobre a Costa de Cambaia. Obrigou elle ali algumas outras embarcaçoens a hirem encalhar até debaixo

das

Ann. de J. C. 1533.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

das muralhas de Diu, d'onde ſahiraõ 27 fuſtas, com as quaes peleijou, ſem receber, nem lhes fazer algum damno conſideravel. Em fim depois de ter lutado muito tempo contra o rigor da ſezaõ, foi encontrado por Diogo da Silveira a quem entregou o commando da ſua frota, para hir tomar o dos Navios de tranſporte, que voltavaõ para Portugal

Diogo da Silveira confirmou bem neſta occaſiaõ a reputaçaõ de incendiario, que tinha adquirido. Paſſou como hum fogo devorante, coſteou toda a Coſta de Cambaia, queimou os poſtos de Bandorá, e de Taná até Surrate. De lá atraveſſando da parte de Diu, fez o meſmo ás Cidades de Pate, Mangalor, Caſtellete Talaja, e Madrefaba, deitando por toda a parte hum tal medo, que todos os habitantes das Cidades maritimas fugiraõ para o interior, para deixarem paſſar eſta torrente, abandonando as ſuas povoaçoens, e todas as embarcaçoens dos ſeus portos, que foraõ igualmente entregues ás chamas. O temor era taõ grande na meſma Cidade de Diu, que pequenas almadias a hiaõ inſultar dentro no ſeu porto, ſem que ninguem ouſaſſe ſahir para lhe

lhe hir em ſima, Depois d'eſta terrivel expediçaõ, Diogo da Silveira voltou a Goa carregado de deſpojos, e com mais de 4ↀ. eſcravos.

ANN. de J. C. 1533.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

O General revolvia na ſua mente os meios de obrigar o Rei de Cambaia para lhe conſentir, que fundaſſe huma Fortaleſa na Cidade de Diu. Naõ vendo meio algum de reduſir eſta praça pela força das ſuas armas, elle a conſtragia de taõ perto pelos ſeus corſos, que a fazia deſcahir de algum modo pela ruina do ſeu commercio; o que ſe fazia infinitamente ſenſivel a Badur, que o tinha já percebido pela diminuiçaõ das ſuas rendas. Porém o General teve outro motivo de inquietaçaõ. Soube, que Melique Tocan ſe fortificava em Baçaim. Temeo, que ſe elle o deixaſſe fazer, eſta Cidade ſe fizeſſe taõ poderoza como Diu, e que ſe os Rumes alli ſe eſtabeleceſſem, ella ſe fizeſſe por tempos huma das mais fortes eſcalas deſtes Cantoens, pela commodidade, que teriaõ de tirar as madeiras de conſtrucçaõ para ás frotas, que o Gram Senhor quereria fazer conſtruir nos ſeus portos do mar Roxo, a fim de as enviar depois para ás Indias. As ſuſpeitas eraõ bem fundadas. Em pouco

co tempo a Cidade ſe tinha augmentado muito pelo concurſo extraordinario dos que ſe apreſentavaõ para a povoar. Melique Tocan ali tinha fundado huma Cidadella, e guarnecido as duas bordas do rio na ſua embocadura de trincheiras, e de baluartes cercados de hum foſſo profundo, onde tinha feito entrar agua do mar. Tinha além d'iſto, tanto de Cavalaria como de Infantaria, perto de 15ↀ. homens de tropas regulares. Reſoluto em fim a naõ permitir o eſtabelecimento de hum poſto de tanto ciume, Nuno ſe pôz no mar com huma frota de mais de 150. velas, e de mais de 4ↀ. homens, metade Portuguezes, e metade Malabares, e Canarins. Tocan, que foi d'iſto aviſado, quiz evitar o golpe por propoſiçoens de paz; porém fizeraõ-lhe propoſiçoẽs taõ duras, que ſe vio obrigado a regeitalas.

Ann. de J. C. 1533.

D. Joaõ III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

Tendo-ſe feito a deſcida hum pouco á baixo das fortificaçoens com muito mais fogo, do que effeito da parte dos inimigos. Diogo da Silveira, e Manoel de Macedo, que commandavaõ a vanguarda da armada deſtribuida em tres corpos, correraõ pelo longo dos foſſos, e ganharaõ até á frente

Ann. de J. C. 1533. D. JOAÕ III. REI. NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

te dos entrincheiramentos ; onde acharaõ Tocan com o groſſo do ſeu exercito. Parecia ali haver mais temeridade do que valor em attacar hum corpo taõ numerozo, e que fazia huma taõ bella viſta, porém naõ demorando nada o valor Portuguez, cahiraõ-lhe em ſima com impetuoſidade, e com tanta felicidade, que tendo-o deſbaratado no primeiro choque, ſó tiveraõ o trabalho de matar a gente, que ſó penſava em fugir para ſe ſalvar na montanha. Os que eſtavaõ na Cidade vendo deſmandar-ſe o ſeu exercito, e correr com tanta precipitaçaõ, naõ ſe julgaraõ obrigados a terem mais valor, e a abandonaraõ para ſe hirem unir aos fugitivos. Só a vanguarda Portugueza combateo. Duas peſſoas de nota, ali morreraõ com alguns ſoldados, quando da parte do inimigo mais de 550. ficaraõ ſobre a praça.

Cunha quiz celebrar eſta acçaõ fazendo alguns Cavalleiros, e diſtribuindo outras recompenſas aos que ſe tinhaõ diſtinguido mais. Teve com tudo o diſgoſto de ſe ver obrigado pelo ſeu conſelho a arruinar todas as fortificaçoens d'eſta praça, que pareceo inutil por cauſa da viſinhança de

Chaul.

Ann. de J. C. 1533.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUHNA GOVERNADOR.

Chaul. Achou nella huma prodigioza quantidade de muniçoens, e 400. peças d'artilheria, que trouxe á Goa, para onde se retirou triumphante.

Fizeraõ á sua chegada nesta Cidade grandes festas, que mostravaõ recompensa-lo hum pouco da disgraça da sua primeira expediçaõ. Elle naõ pensava nisto nem se quer interiormente. ElRei D. Joaõ III. que d'ella tinha sido informado tinha tido muita pena, e havia feito partir huma frota de 14 velas divididas em duas esquadras, com 1500. homens de reforço. Tinha escrito ao mesmo tempo ao Governador cartas muito efficaces para o obrigar a renovar a partida, e a se assenhorear de Diu a todo o custo. Expertado por estes novos estimulos, Nuno imaginava todas as vias, e naõ desprezava nenhuma.

A fortuna lhe apresentou duas ao mesmo tempo; porém que para a acçaõ naõ tiveraõ nenhum effeito. Melique Tocan vivia n'huma continua desconfiança da Corte do Sultaõ Badur. Este Principe tinha hum odio inveterado contra a sua familia, fundado sobre que o Rei Cha-Mahmud seu Pai tinha feito grandes enteresses a Melique Jaz, e lhe tinha dado, e

a

a ſeus filhos terras, que Badur conſiderava como morgados, que lhe convinhaõ melhor a elle, e aos Principes ſeus irmaõs. Tanto que elle ſubio ao Trono trabalhou para os deſpojar, aſſim como já diſſe. Melique Saca foi obrigado a deixar Diu, e ſalvar-ſe em Jacquette, onde morreo de veneno, que Badur lhe fez dar. Tocan temia ter huma ſorte igualmente funeſta. Rume-Can, que queria fundar a ſua fortuna ſobre as ruinas da delle, lhe fez máos ſerviços na Corte, e ſe ſervia de tudo para o tornar ſuſpeito. Tocan naõ o ignorava, e foi iſto o que o fez eſcrever ao Governador para lhe pedir, que lhe enviaſſe hum homem de confiança. Vaſco da Cunha por ordem do General foi falar com elle. Facilmente ſe ajuſtaraõ nos ſeus intereſſes communs; porém concluiraõ ao meſmo tempo, que Tocan naõ podia entregar Diu aos Portuguezes, ſe eſtes naõ tiveſſem hum exercito, e huma poderoza frota. Porem naõ ſe podendo fazer iſto neſtas circunſtancias, eſte encontro, que naõ pôde ſer taõ ſecreto, que a Corte de Cambaia naõ foſſe delle ſabedora, ſó ſervio de fazer Tocan mais ſuſpeito, e dar novas forças ao ſeu contendor,

Ann. de J. C. 1533.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Ann. de J. C. 1533. D. João III. Rei. Nuno da Cunha Governador.

e acabou em fim em fazer-lhe cortar a cabeça algum tempo depois.

Sultaõ Badur ocupado com guerras quasi continuas com as potencias visinhas, quiz-se mostrar empenhado a favorecer a inveja, que os Portuguezes tinhaõ de ter hum estabelecimento nos seus Estados. Porém isto era só hum artificio da sua parte, e huma vontade mal formada. Tristaõ de Sá, que o Governador tinha enviado á sua Corte, naõ pôde concluir nada por si mesmo, e naõ trouxe outra resposta mais, que o Sultaõ em pessoa querer conferir com o Governo, e que elle lhe dava a paragem em Diu. Nuno ali foi com huma frota de cem velas para estar prompto para todo o successo. O Sultaõ, e o General naõ poderaõ ajustar-se no modo, e no lugar para se communicarem. Este Principe com tudo dezejou ver os principaes Officiaes da frota. Nuno naõ recusou, elles foraõ no estado mais pomposo, e mais brilhante, que poderaõ, para lhe fazerem honra. Elle os recebeo com grandes signaes de distinçaõ, e mostrou nisto grande contentamento.

Manoel de Macedo, hum dos Capitaens, falando com mais zelo

que

que prudencia, tomando com tudo as cautelas, que o refpeito pedia, reprezenta-lhe com muita liberdade a furpreza em que eftava, de querer tirar o governo de Diu a Melique Tocan para o dar á Rume-Caõ: ,, ,, Que moftrava n'ifto feguir huma ,, má politica, de tirar affim das maõs ,, do vaffalo, que tinha fido fempre ,, fiel, cujo pai tinha feito grandes ,, ferviços ao feu Eftado, hum pof- ,, to taõ importante, para o confiar ,, d'hum eftrangeiro, que fó era co- ,, nhecido por fer infiel ao feu So- ,, berano: Que fe Rume-Caõ, que ,, elle naõ conhecia, eftava prefente, ,, a elle mefmo lhe fuftentaria em co- ,, mo naõ era mais do que hum trai- ,, dor, e lho provaria com as armas ,, na maõ. ,, Rume-Caõ, eftava prefente, e naõ diffe palavra. Badur olhou para elle com ira. Macedo, que o conheceo entaõ, voltando-fe para elle repetio o que tinha dito, e ajuntou, ,, Que poderia tambem to- ,, mar companheiro, e que elle brigaria ,, contra ambos unidos. ,, Rume-Caõ naõ refpondeo nada; e o Sultaõ indignado, lhe pedia a rafaõ do feu filencio. ,, He, diffe elle, porque ,, difto faço pouco cazo, porém fe

ANN. de J. C. 1533.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Ann. de J. C. 1533.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

„ Vossa Mageſtade o aprova eu naõ „ duvidarei brigar com elle ſó por ſó. „ Foi aſſignado o mar para o ſeu campo de batalha, e foi determinado, que elles brigariaõ fuſta contra fuſta. Macedo eſteve logo prompto, e foi o primeiro que ſe achou no lugar dado. Deſpois de eſperar algum tempo, ſahiraõ oito fuſtas do Porto, bem empaveſadas, que rodearaõ a de Macedo, e tornaraõ a entrar no Porto, d'onde ninguem appareceo mais, naõ permitindo o Sultaõ que Rume-Caõ combateſſe. Tendo Macedo eſperado inultilmente, foi chamado pelo Governador, que lhe fez ſinal com hum tiro de canhaõ, e ſe reunio á frota, tendo adquirido muita honra por eſta acçaõ.

A alliança do Sultaõ com os Portuguezes era muito contraria aos entereſſes de Rume-Caõ, para que eſte homem, que entaõ tinha toda a ſua confidencia, naõ fizeſſe quanto podeſſe para a impedir. Foi iſto o que fez naſcer os diverſos incidentes ſobre o ceremonial, para romper a practica peſſoal, e que em fim o obrigou a quebrar igualmente a negociaçaõ, lizongeado-o de que acharia mais vantagens na alliança, que elle trava entaõ

taõ com Omaum-Pat-Cha, Rei dos Mogols, pelo meio dos quaes eſperava livrar as Indias do jugo dos Portuguezes.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Como o General era inſtruido ſecretamente de todas as ſuas idéas, tomou da ſua parte medidas para ſe lhe oppôr, e lhe dar que fazer. Eſcreveo ao Rei dos Mogols, para o fazer entrar na deſconfiança da má fé de Badur, offerecendo-lhe juntar-ſe aos Mogols, para com elles lhe fazer guerra, e aſſegurando-lhe que naõ deicharia nada para os vingar de todas as perfidias deſte Principe. O offerecimento agradou a Omaum-Pat-Cha, e reſpondeo ao General com hum modo muito engraçado, pelo dezejo que moſtrava de ſe unir com elle, e de conſervar juntamente huma boa correſpondencia.

Com tudo Nuno tendo-ſe retirado a Chaul, enviou de lá diverſas eſquadras para cruſar em diferentes partes. Ellas naõ fizeraõ nenhuma vantagem conſideravel. Antonio da Silveira de Menezes, desfez com tudo Marcar o Cutial de Calicut, que corria o mar com oito fuſtas bem armadas, e fazia muito damno. Menezes o ẽcontrou em hum pequeno rio, on-

Ann. de J. C. 1533. D. Joaõ III. Rei. Nuno da Cunha Governador.

onde ſe tinha eſcondido : tomou-lhe todas as ſuas fuſtas , e o obrigou a tornar a pé para Calicut , onde continuou a fazer os ſeus corſos com ſeu Tio Pate-Marcar , outro General do Samorim.

Diogo da Silveira , que tinha tido a ſua diſtribuiçaõ para o mar Roxo , ſó fez neſta campanha huma bella acçaõ , que eu naõ poſſo paſſar em ſilencio. Tendo encontrado hum navio da Cidade de Gidda , ricamente carregado , a Capitania o ſalvou abaixando a Meſena , veio á bordo , e apreſentou huma carta de hum Portuguez, que cria dever-lhe ſervir d'hum bom paſſaporte. A carta dizia : „ Eu rogo „ aos Capitaens dos navios d'ElRei de „ Portugal , que tomem o navio d'eſ- „ te Mouro , como boa preſa ; porque „ he hum dos piores homens , que „ ha no mundo. „ Silveira admirando a imprudencia de ambos , naõ fez moſtras de nada : obſequiou muito o Capitaõ , deo-lhe hum paſſaporte em melhor forma , e o deſpedio contente , eſtimando antes perder eſta ocoſiaõ de ſe enriquecer , do que fazer conhecer a infidelidade d'hum homem da ſua Naçaõ.

Martinho Affonſo de Souza , que ti-

tinha novamente vindo de Portugal com as provizoens de General do mar, tendo reunido em Chaul todas eſtas pequenas eſquadras, compôz huma de 40. velas, e foi por ordem do General cahir ſobre Damaõ, na viſinhança de Baçaim: achou a Cidade deſamparada pelos ſeus habitantes, mas via na Cidadella 500. tanto Turcos, como Raſpoutes, que pareciaõ determinados a defendella bem. Souza tendo deſembarcado hum pouco longe das battarias dos inimigos, ali plantou a Eſcalada hum pouco antes do dia: Franciſco d'Acunha foi o primeiro que ſobio; porém quebrou-ſe a eſcada debaixo d'elle. Os inimigos abrindo huma porta para ſahirem, foraõ impididos pelos Portuguezes meſmos, que ſe apreſentaraõ ao meſmo tempo para entrarem. Houve ali hum combate muito violento. O vigor dos Portuguezes venceo com tudo ſobre a ſua imprudencia: elles paſſaraõ ſobre o corpo os inimigos, e ſe fizeraõ ſenhores da praça. Souza a fez arraſar, e continuou a aſſolar a coſta até ás portas de Diu.

Ann. de J. C. 1533.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

A perda de Damaõ foi mui ſenſivel a Sultaõ Badur, e como, longe de concluir no ſeu tratado com o Rei dos

Ann. de J. C. 1534.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

dos Mogols, via efte Principe quafi cahindo-lhe em fima, de concerto com outros inimigos poderozos, vio-fe ainda obrigado a procurar os Portuguezes para naõ fe meter entre tantos fogos. A paz foi finalmente concluida folemnemente, e jurada entre elles com eftas condiçoens. „ Que Sultaõ Badur „ cederia a ElRei de Portugal para „ fempre Baçaim, com todas as „ fuas dependencias, e com toda a So-„ berania: Que todos os navios que „ fahiffem dos Eftados de Cambaia pa-„ ra o mar Roxo, viriaõ carregar-fe „ a Baçaim, e ali tornariaõ para pa-„ garem os Direitos: Que todas as ou-„ tras embarcaçoens, que foffem def-„ tinadas para outra parte, naõ pode-„ riaõ partir fem paffaporte da Coroa „ de Portugal: Que em nenhum dos „ feu Portos, poderiaõ armar navios „ em guerra: que todos os que fe „ achaffem já feitos feriaõ defarmados, „ e ficariaõ inuteis; e que em fim naõ „ daria mais a fua protecçaõ aos Ru-„ mes. „

Eftas condiçoens foraõ adoçadas por algumas outras vantagens. Porém quaes quer que foffem eftas condiçoens, punhaõ Badur em fituaçaõ de fazer face a todos os outros inimigos que efta-

tavaõ no ponto de o attacar. Este Principe tinha quasi sempre sido feliz até entaõ. Além disso o Reino de Cambaia, ou de Guzarate, que era o de seus Pais, elle o tinha conquistado pela força das suas armas: tinha-se tambem assenhoreado do de Mandou, cujo Rei elle tinha nos seus ferros, e do de Chitor que tinha feito tributario. O Reino de Chitor era taõ consideravel, que o seu soberano tomava o titulo de Sanga, ou d' Imperador, e emparelhava com o Samorim, e o Rei de Narsinga. O que reinava no tempo de Badur era hum moço Principe, que estava ainda na tutela da Rainha Crementina sua mãi. Esta Princeza tinha n'outro tempo recebido Badur nos seus Estados, quando fugia á perseguiçaõ de seu Pai. Era ella quem o tinha ajudado a subir ao seu trono; tinha ella depois desbaratado Babor Rei dos Mogols, a quem recusara, em consideraçaõ a Badur, a passagem pelas suas terras, para entrar no Reino de Cambaia. Badur só lhe pagou com ingratidaõ. Elle lhe fez guerra, e a obrigou a aceitar as condiçoens que quiz, e lhe levou hum de seus filhos á sua Corte, onde o tinha em penhor.

Os

Ann. de J. C. 1534.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Os Monguls, ou Mogols, povos originarios das Provincias conhecidas antigamente debaixo dos nomes, d'Ariana, Bactriana, e Sogdiana, tendo feito grandes conquiſtas debaixo do reinado de Timur-Lang, chamado comumente Tamerlan, tinhaõ-ſe feito Senhores do Reino de Delli, e lançavaõ deſde entaõ os fundamentos deſta grande Monarchia, que tem actualmente no Indoſtan. Pabor Pat-Cha foi o primeiro que inquietou Badur, pedindo-lhe a homenagem que lhe devia, como Rei de Delli. Badur temendo os Mogols, Naçaõ belicoza, criada no exercicio da guerra, altiva com as ſuas conquiſtas, e bem ſuperior aos Indios, que ſaõ moles, fracos, e afeminados. Depois da morte de Babor, houve ali entre Badur, e Omaum Pat-Cha, que tinha ſuccedido a ſeu Pai Babor, hum novo motivo de deſavença. Badur tinha dado aſilo nos ſeus Eſtados a Mir Zaman, cunhado d'Omaum. Omaum o repetia. Badur naõ queria entregalo, e pedia que lhe fizeſſem hum eſtado independente entre os dois, para ſervir de barreira a hum, e a outro; e offerecia contribuir da ſua parte. A via das negociaçoens naõ tendo aprovei-

veitado, os dois Reis chegaraõ a huma rotura aberta. Badur enviou a Omaum hum belo veſtido de mulher para lhe moſtrar deſprezo, e eſte lhe enviou hum caõ, e hum açoute, para lhe pagar na meſma moeda.

Ann. de J. C. 1534. D. JOAÕ III. REI. NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Badur querendo prevenir o ſeu inimigo fez entrar nos ſeus Eſtados hum poderozo exercito, commandado por Tzerca-Caõ, filho do Sultaõ Laupi. Eſte tinha ſido deſpojado por Babor. Era iſto hum raſgo de politica, porque elle podia eſperar, que os Patanes, que tinhaõ entrado nas Indias com os Mogols, e naturalmente inimigos huns dos outros, poderaõ cauſar diviſaõ entre elles, vendo o ſeu Principe natural, e o herdeiro legitimo d'hum Imperio que elles tinhaõ conquiſtado. Badur eſcreveo no meſmo tempo á Rainha Crementina, „ Para lhe comunicar as ſuas in„ tençoens ſobre a guerra que hia fa„ zer, e para a citar para enviar o „ Sanga ſeu filho com hum exerci„ to que tinhaõ feito entre ſi. „ Eſta Princeza que tinha ſobre o coraçaõ a ingratidaõ com que eſte Principe perfido tinha pagado os ſeus ſerviços, julgou entaõ ter huma bela ocaſiaõ de ſe vingar d'elle. Diſſimulando com

tudo

ANN. de J. C. 1534.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

tudo o ſeu reſſentimento, reſpondeo a Badur com hum modo que o ſatisfizeſſe, dizendo-lhe „„ que ella hia por- „ ſe em eſtado do ſoccorro que pe- „ dia, mas que já que ella hia pri- „ var-ſe do Rei ſeu filho em ſeu fa- „ vor, lhe rogava que bem quiſeſſe en- „ viar-lhe o ſeu ſegundo filho, que „ tinha de penhor em ſeu poder, pa- „ ra ſe conſolar na ſua viuvez, pela „ viſta d'hum, na auzencia do outro. „

Parecendo a Badur juſta a petiçaõ, enviou eſte Principe com muita honra, e o fez acompanhar por dois dos ſeus principaes Emirs. Tendo a Rainha aproveitado no ſeu artificio, recebeo os Emirs com muito agrado, e os entreteve muito tempo, com as apparencias de grandes preparativos de guerra que fazia, para pôr ſeu filho em eſtado de partir. Com tudo ella fez occultamente o ſeu tratado com o Rei dos Mogols, de quem fez o ſeu Reino tributario, reconhecendo deſde entaõ Omaum como o legitimo Soberano de todo o Indoſtan. Tanto que ella teve noticia de que o tratado eſtava concluido, fez dizer aos Emirs, „ Que ſe podiaõ hir embo- „ ra, que ſeu filho eſtava doente, e „ que quando eſtiveſſe bom, o envia- „ ria,

„ ria, ſe o julgaſſe preciſo. „ Os Emirs tendo feito novas inſtancias, ella lhes fez dizer com altivez que ſe foſſem, quando naõ que acharia proprio o meio de os fazer ſahir dos ſeus Eſtados, mais de preſſa do que quereriaõ.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Badur eſcarnecido por eſte modo, naõ reſpirava mais do que vingança, foi pôr ſitio diante de Chitor. Poderaõ julgar do poder d'eſte Principe ſó pela moſtra do ſeu aparelho de guerra. O ſeu exercito era de 500ȸ. homens de pé, e de 150ȸ. de cavalaria, dos quaes tinha 30ȸ. peſadamente armados. Entre eſta multidaõ, ſo havia 15ȸ. eſtrangeiros, Fartaques, Abixins, Arabes, Raſpoutes, conduzidos por diverſos Chefes, 300. Rumes que obedeciaõ a Rumecaõ, 80 tanto Portuguezes, como Franceſes, que conheciaõ por Chefe hum chamado Santiago, o qual tinha ſido eſcravo d'hum marinheiro Portuguez, e que ſe tinha de modo inſinuado no agrado de Badur, que eſte o tinha engrandecido, e lhe tinha dado o nome de Franguiſ-Caõ. O nome Franguis naõ lhe convinha por tanto, ſenaõ por ter ſido Chriſtaõ, poſto que eſſencialmente, elle

naõ

Ann. de J. C. 1534. D. João III. Nuno da Cunha Governador.

naõ tinha tido outra religiaõ que a dos ſeus enteresses. No que toca aos Franceзes, tinhaõ paſſado á India com hum Portuguez infiel á ſua patria, que tendo armado no porto de Dieppe, foi abordar a Diu, onde foi tomado com a ſua comitiva, e dado ao Sultaõ Badur, pelo qual tiveraõ o goſto de mudar de religaõ, e morreraõ depois miſerabilliſſimamente.

Além deſta infinita multidaõ de homens, Badur conduſia 500. Elephantes que trazia cada hum ſua torre, dois pedreiros, e quatro homens. A artilheria toda de bronze, chegava a mil peças; entre as quaes havia 4 Baſaliſcos, que cada hum tinha cem juntas de bois para o pucharem. 6000. carros eraõ diſtinados ſómente para ás equipagens do Sultaõ. Além do que haviaõ infinitos para o ſerviço das tropas, e hum taõ grande numero de vivandeiros, e de peſſoas que de ordinario ſeguem os Exercitos, que faziaõ hum apparato maior do que o de todo o Exercito.

A Rainha que tinha ao meſmo tempo muito juizo, e muito valor, cuſtumada a pelejar ella meſmo como huma Amazona, e já celebre pelas ſuas victorias ſobre os Perſas, e ſobre

bre os Mogols, se tinha preparado para sustentar hum cerco, e se tinha preparado com boa vontade. Posto que ella só tivesse 2ↀ. cavalos, e 30ↀ. homens d'Infantaria, se defendeo com todo o vigor crivel, e teve longo tempo este grande exercito em desgraça. O Sultaõ cubiçoso de se fazer Senhor da Cidade estava além d'isto taõ picado da inveja que d'isso tinha, que fez pôr na sua tenda huma mesa coberta d'oiro amoedado, para dar a recompensa que tinha prometido, á qualquer que lhe trouxesse huma pedra das muralhas, que elle fazia bater pela sua artilheria; e sacrificava com gosto a sua gente, estimando em nada os homens nesta infinita multidaõ.

Ann. de J. C. 1534.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

As primeiras noticias que teve do exercito, que tinha enviado contra os Mogols foraõ, de que naõ serviraõ senaõ de lhe augmentar o valor. Tzer-Caõ os tinha desbaratado, e tinha-se avançado muito no paiz, recebido por toda a parte por onde passava, como o ligitimo herdeiro de hum Reino que elle era digno de governar. Porém sendo chamado para desfiladeiros por hum engano, foi desbaratado do mesmo modo, e morto combatendo com valor. Esta segunda noticia afligio verdadeira-

ANN. de J. C. 1534.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUHNA GOVERNADOR.

ramente Badur, e só servio por tanto a fazelo mais furiozo. Tzerc-Caõ foi chorado pelo exercito. Os sitiantes aproveitaraõ-se deste sentimento para fazerem huma bella sortida. Badur naõ se desgostou, redobrou as suas promessas, e as suas liberalidades. Em fim a Rainha qne tinha esperado ser soccorrida dos Mogols, naõ contando já com elles, escapou-se por hum caminho apartado, levando comsigo todos os seus thesouros, depois de ter lançado fogo a tudo o que naõ pôde levar. A maior parte dos habitantes por hum exemplo de furor, similhante ao que tinhaõ dado os da Ilha de Beth, se queimaraõ com as suas riquesas, e seguraõ que houveraõ mais de 70ꝯ. almas que morreraõ neste estranho incendio. Naõ achando Badur resistencia entrou victoriozo na Cidade, conservou os miseraveis restos que achou, e deixando alli hum corpo de tropas, marchou contra os Mogols, para lhe dar batalha.

Perdeo duas successivas, e na ultima foi de modo desbaratado, que foi despojado do seu campo, onde acharaõ tantas riquezas como Alexandre tinha achado no de Dario. Apenas

nas ſe pôde elle ſalvar desfarçado, para ganhar os ſeus Eſtados. Muitos dos ſeus principaes vaſſallos o abandonaraõ, para ſeguirem os Eſtendartes do vencedor. Entre eſtes foraõ Melique-Liaz, o unico dos filhos de Melique-Jaz que ainda reſtava, e o meſmo Rume-Caõ. Badur neſta extremidade, a que o tinhaõ reduzido os ſeus negocios, ſe arrependeo muito tarde, de ter ſeguido os conſelhos d'eſte traidor, e ſe arrependeo de ter feito morrer os ſeus melhores creados, por lhe ter dado ouvidos. Deſcubrindo ao meſmo tempo que elle o trahia, e que tinha correſpondencia com o inimigo, ao menos tendo o ſuſpeitado, deo ordem a hum dos ſeus confidentes para o matar. Eſte que era obrigado a Rume-Caõ, o aviſou, e Rume-Caõ paſſou para o Campo inimigo. Deixou as ſuas mulheres, os ſeus filhos, e os ſeus theſouros em poder de Badur. O amor o obrigou a fazer hum esforço para os retirar do ſeu poder. Omaum Pat-Cha lhe deo hum corpo de tropas, com o qual elle ſeguio o Sultaõ fugitivo.

ANN. de J. C. 1535.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Badur podia defender-ſe em Champanal, a mais forte praça dos ſeus Eſtados. Eſtava ſituada ſobre huma

Ann. de J. C. 1535.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

montanha quaſi inaceſſivel, e taõ fortificada pela arte como pela natureza. Porém tomado de hum terror panico, intentou divertir o traidor que o ſeguia, deixando-lhe as ſuas mulheres, ſeus filhos, e ſeus theſouros, para ſalvar os ſeus proprios, e ſe retirar a Diu.

O Rei dos Mogols ſe aſſenhoreou de Champanel, ſem ter trabalho de a attacar, ſenaõ pelo dinheiro que eſpalhou, para corromper os que a deviaõ defender. Badur deſeſperado, determinou abandonar tudo, para ſe retirar a Meca. Os que lhe tinhaõ ficado fieis o deſviaraõ d'huma taõ extrema reſoluçaõ, e o obrigaraõ a ſolicitar o ſoccorro de alguma Potencia. O odio que tinha aos Portuguezes lhe fez preferir o Gram-Senhor, a quem enviou prezentes, cuja eſtimaçaõ excedia a 600ф. peças d'ouro de moeda corrente, e com iſto muito grandes ſomas para aſoldadar as tropas que lhe pedia.

Com tudo tendo depois reflectido, que paſſaria mui longo tempo para eſperar hum ſoccorro taõ diſtante, a neceſſidade o obrigou a recorrer a Nuno da Cunha, a quem eſperançou em fim, de que lhe concederia a liberda-

berdade de fundar huma Fortalesa em Diu, se elle quisesse juntar as suas armas com as d'elle, para o defender dos seus inimigos. Para isto se valeo de Martinho Affonso de Souza, de quem tinha gostado, e concebido estimaçaõ. Hum pequeno ciume da parte do General, que queria tirar esta gloria a Souza, pensou fazer malograr este negocio. Elle quiz sentir-se d'outro, e foi obrigado a tornar a Souza a pezar do seu gosto, o que eu observo aqui para mostrar que as pessoas empregadas, naõ devem nunca apaixonar-se, e obstinar-se, porque a minina bagatela só basta para lhes fazer perder as melhores occasioens, como com effeito commumente as perdem, por seguirem muito a impressaõ d'hum ligeiro enteresse, ou das suas inclinaçoens particulares.

ANN. de J. C. 1535.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Nada podia lisongear mais Nuno do que a situaçaõ em que se achava. Via-se procurado por dois dos maiores Principes do Indostan, ambos faziaõ depender a sua fortuna da aliança d'elle: via offerecerem-lhe ambos com empenho, o que elle, e seus predecessores tinhaõ taõ longo tempo tentado inutilmente, e conseguir pela força das suas armas, e pelo artificio de

Ann. de J. C. 1535.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

ſuas negociaçoens. Porque no meſmo tempo que Badur lhe offereceo lugar para huma Cidadella em Diu, o Rei dos Mogols já bem avançado na conquiſta do Reino de Cambaia, lhe fez eſcrever as cartas mais honrozas, nas quaes lhe fazia o meſmo offerecimento, com condiçoens muito mais vantajozas. Porém poſto que eſte Principe offerecia o que naõ tinha, era com tudo já muito poderoſo, e muito para temer dos Portuguezes, a quem importava muito pôr huma balança entre eſtas duas Potencias da India, para eſtar ſempre em eſtado de ſe aproveitar das ſuas diviſoens. Sem o que era inevitavel para elles o ſerem levados pela torrente, tanto que huma tiveſſe tomado mor força ſobre todo o reſto.

Aſſim o General naõ duvidou em preferir Badur, pela meſma razaõ d'elle eſtar muito deſcahido. Martinho Affonſo de Souza, que era chamado ſegunda vez pelo Sultaõ, naõ cometeo a falta que tinha feito na primeira. Foi logo buſcar eſte Principe, e tendo-ſe emcontrado com Simaõ Ferreira, que tinha a procuraçaõ do General, elles regularaõ o negocio com eſtas condiçoens; „ Que

„ O

„ o Sultaõ daria hum lugar a ElRei „ de Portugal, para fundar huma „ Fortalefa em Diu, no ſitio em que „ lhe agradaſſe, e da extençaõ que „ quiſeſſe: que lhe cederia principal- „ mente o baluarte que eſtava no „ mar á entrada do Porto, e confir- „ maria ao meſmo tempo a doaçaõ, „ que tinha feito de Baçaim: com tu- „ do os Portuguezes naõ levariaõ Di- „ reitos rezervados ao Sultaõ. Que „ todos os navios carregados para Me- „ ca naõ iriaõ a Baçaim por obriga- „ çaõ, porém viriaõ a Diu ſem que „ os podeſſem obrigar, com tanto po- „ rém que tiveſſem paſſaporte: Que „ os navios da Perſia, e da Arabia, „ que eraõ obrigados a conduſir a Ba- „ çaim, feriaõ levados a Diu, onde „ pagariaõ ſó á Coroa de Portugal os „ meſmos Direitos que pagavaõ em „ Goa, exceptuando porém os cava- „ los que ſahiſſem do mar Roxo, que „ ſeriaõ exemptos de todos os Direi- „ tos. Que os navios Portuguezes naõ „ cruſariaõ mais para o eſtreito de „ Meca, onde naõ fariaõ damno al- „ gum, nem aos lugares ſeus depen- „ dentes, nem ás embarcaçoens que „ d'alli partiſſem, exceptuando com tu- „ do as frotas de Rumes, ou de Tur-

Ann. de J. C. 1536.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

„ cos

Ann. de J. C. 1536.
D. JOAÕ III. REI.
NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

„ cos, que elles poderiaõ attacar, e
„ destruir em toda a parte onde as
„ achassem: Em fim que o Rei de
„ Cambaia, e ElRei de Portugal fa-
„ riaõ por este meio huma liga offensi-
„ va, e defensiva, a respeito, e con-
„ tra todos. E que suposto que al-
„ gum dos vassallos das duas Coroas
„ passasse d'huma para á outra, por
„ razaõ de dividas, ou d'outro descon-
„ tentamento, elles os entregariaõ mu-
„ tuamente tanto que fossem requeri-
„ dos, sem lhes poder dar asilo. „

Nuno sabendo a conclusaõ do tratado, usou de muita deligencia para hir a Diu, onde chegou com huma belissima comitiva. Foi alojar-se no baluarte do Mar, que lhe tinhaõ preparado soberbamente; e sobre o qual vio quando chegava a Bandeira de Portugal arvorada. Sultaõ Badur, e elle se viraõ algumas vezes sem todas estas dificuldades que tinhaõ sido feitas n'outro tempo pelo ceremonial. Estabelecido o tratado com boa fórma e assignado por ambas as partes, começaraõ a pôr maõs á obra para a construçaõ da Cidadella. Foi esta situada sobre a ponta de terra, que he formada d'huma parte pelo mar, e da outra pelo rio. A sua figura he trian-

triangular, fecharaõ-na com trez muros de 16. pés de groſſura, e de 20 de altura até ao cordaõ. Nos dois angulos, que olhaõ para á Cidade, levantaraõ duas torres baſtionadas. A primeira que chamaõ de S. Thomé, eſtava ſobre huma eminencia, e tinha 90. pés de diametro. A ſegunda chamada de Santiago ſó tinha 60. A porta foi feita neſta cortina entre as duas torres, e defendida por huma couraça. O foſſo de que cingiraõ a praça, ſe acha mais ou menos largo ou profundo, ſegundo o permitiraõ os rochedos, e as coſtas onde foi aberto. Trabalharaõ depois bem depreſſa em conſtruir no interior a Igreja, a caſa do Governador, os armazens, e os quarteis. A obra mais neceſſaria foi feita em 49. dias com grande admiraçaõ do Sultaõ, que naõ deſcançava de admirar huma tal diligencia.

Ann. de J. C. 1536.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DÁ CUNHA GOVERNADOR.

A noticia do Tratado que ſe tinha feito, e da Fortaleſa conſtruida em Diu, era muito agradavel para ſe naõ apreſſar a dala a ElRei de Portugal, que a dezejava com tanto ardor. Nuno naõ devia faltar a iſto. Deſpachou logo pela via de terra hum Judeo, e hum Armenio, que foraõ enviados a Ormuz, e fez partir quaſi no meſmo tem-

Ann. de J. C. 1536.

D. Joaõ III. Rei.

tempo em huma fragata ligeira Simaõ Ferreira Secretario das Indias pela via ordinaria. Porém foraõ precedidos huns, e outros por Diogo Botelho, que emprehendeo a acçaõ mais atrevida, e mais inaudita, que ainda se vio neste genero.

Nuno da Cunha Governador.

Este valeroso, que se tinha destinguido nas Indias, tinha tido a infelicidade de ser alli enviado como em desterro, sem emprego, e sem honra pelo ciume dos seus inimigos, que o tinhaõ tornado suspeito a ElRei, acusando-o de ter querido, á imitaçaõ de Magalhaẽs, retirar-se para França, para conduzir os Francezes ao Indostan, e fazelos entrar ao menos na partilha das conquistas da sua Naçaõ. Sofria com impaciencia huma disgraça que naõ tinha merecido. E como os grandes homens tem sempre algum recurso extraordinario, esperava elle alguma occasiaõ de se restituir á graça do seu Principe por alguma acçaõ de credito. O que se tinha passado em Diu lhe pareceo ser o que elle esperava havia muito tempo. Assim apanhando a copia do Tratado, e o plano da Cidadella, se embarcou secretamente em huma meia galera, que tinha armado á sua custa, que tinha 22 pés de

de cumprido, 12 de largo e 6. de alto. Onde ſem mais companhia do que alguns dos ſeus eſcravos, e ſinco Portuguezes dos quaes 3 eraõ ſeus creados, toma a ſua derrota para Chaul ganhando ſempre o largo. Quando elle atraveſſou Dabul, declarou o ſeu diſignio a alguns dos ſeus, que ſe admiraraõ. Com tudo elle o fez de modo, parte por promeſſas, e depois parte por força, e ameaças, que depois de ter corrido todos os perigos, que ſe podem imaginar da parte dos ſeus, e das ondas do mar, chegou em fim ás Terceiras, e de lá a Portugal; onde o Rei recebeo a noticia que elle trazia com tanto goſto, que deu logo parte ao Papa, e fez fazer feſtas publicas em todo o ſeu Reino.

ANN. de J. C. 1536.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

A relaçaõ do que tinha acontecido a Botelho na ſua viagem, o modo com que ganhou auctoridade ſobre os ſeus eſcravos, que ſe tinhaõ revoltado, com que governou ſó o ſeu navio, e deu as ſuas ordens por eſcrito 14 dias em que ſe lhe tolheo a falla á força de gritar, a deſtreza com que enganou o Corregedor das Terceiras que o queria embargar, porém principalmente a viſta da ſua embarcaçaõ, cauſaraõ a todo o Portugal huma admi-

mi-

Ann. de J. C. 1536.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

miraçaõ junta com horror, ninguem podia quasi crer o que via com seus olhos. Porém quem naõ admirará as idéas dos homens, e a fraqueza dos seus juizos. Este navio mais digno de admiraçaõ, que o navio Argos taõ celebrado dos Poetas, foi condenado ao fogo pela Coroa de Portugal, a fim de tirar da idéa dos homens, que se poderiaõ fazer taõ grandes viagens com taõ pouca despeza: como se a loucura d'hum Erostrato, que queimou o Templo de Epheso, naõ servira mais para imortalizar este Templo, do que toda a sua magnificencia. No que toca a Botelho, deixaraõ-no consumir em Portugal, sem lhe fazerem a menor graça. He verdade que elle era culpado de ter vindo sem licença do Governador, e por isso foi precizo que a Imperatriz irmã d'ElRei se enteressase para lhe alcançar o seu perdaõ. Em fim enviaraõ-no ás Indias muito tempo depois, Governador de S. Thomé, donde foi transferido a Cananor, com o pretexto de o recompensarem; porém com effeito para o terem longe do Reino, e se curarem da desconfiança que tinhaõ d'elle. He taõ verdade, que as suspeitas, em materia d'enteresse d'Estado,

do,

do, faõ quafi fempre do numero das queixas, que faõ incuraveis, e fem remedio. Botelho tornando ás Indias eftava hydropico, e taõ prodigiofamente inchado, que era hum monftro.

Ann. de J. C. 1536.

Com tudo a aliança dos Portuguezes foi logo a caufa da falvaçaõ de Badur, como ella o foi tambem depois da fua perdiçaõ. Os Mogols fabendo o que fe tinha paffado em Diu naõ oufaraõ feguilo. Nizamaluco que lhe fazia guerra, fufpendeo toda a hoftilidade em confideraçaõ do General. Vafco Pires de Sampaio enviado por Nuno foi tomar o forte de Varivenne, fituado fobre o rio Indus, de que os Mogols fe tinhaõ apoderado. O mefmo Sultaõ acompanhado de 500. Portuguezes entre os quaes havia 50 Fidalgos, que tinhaõ na frente Martinho Affonfo de Souza, fe pôz em marcha para fegurar nos feus Eftados os efpiritos duvidozos, fubmeter os mal intencionados, e expulfar os eftrangeiros. Mira Mahmud parente de Badur tomou-lhe muitos poftos, e os obrigou a fe retirarem d'huma grande parte do Reino de Cambaia, depois que elles fe viraõ fruftrados das efperanças de fe fazerem Senhores de Baçaim.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Efta

Anno de J. C. 1536.

D. João III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

Esta praça corria algum risco. Os Mogols a ameaçavaõ. Nuno, que a temia, lhe tinha enviado 400. Portuguezes condusidos por Garcia de Sá para a defender. Os Portuguezes só tinhaõ ainda huma feitoria, e algumas fortificaçoens feitas á pressa. Garcia desconfiando das suas forças tinha determinado desemparala. Antonio Galvaõ se oppôz fortemente a huma resoluçaõ taõ indigna, e lhe fez mudar de parecer. Os Mogols naõ ousaraõ arriscar o attaque, e tomaraõ o partido da retirada. Nuno que chegou pouco depois, foi taõ satisfeito de Galvaõ, e do que elle tinha feito, que tendo commeçado entaõ a deitar os fundamentos da Fortalesa, quiz, para fazer honra a Galvaõ, que fosse elle o que lhe deitasse a primeira pedra. Porém he tempo que nós sigamos este grande homem nas Molucas, onde o deixamos, e para onde foi enviado pouco depois nestas circunstancias.

Antonio era o quinto filho de Duarte Galvaõ, de que nós temos já falado, que tendo-se feito celebre na Europa assim na guerra, como nas negociaçoens, veio terminar a sua vida toda justa na Iha de Camaraõ, revesti-

tido do caracter de Embaixador á Corte do Imperador da Ethiopia. Antonio digno dos primeiros empregos, naõ tinha nenhum: Simplex particular, trabalhando nos seus proprios enteresses, tinha chegado a adquir grandes riquesas, e ainda mais credito pela sua probidade. Nuno que conhecia o verdadeiro merecimento, e o sabia destinguir, o nomeou Governador das Molucas, para hir alli remedear os excessos de Tristaõ d'Ataide, e de seus predecessores. Galvaõ, ainda que bem instruido da extremidade em que alli estavaõ todas as coisas, aceitou este destino, como homem que segue as vistas de Deos, mais do que as dos homens, e se dispoém a satisfazelas, menos em Capitaõ, ou negociante, como tinhaõ feito os outros, do que como Apostolo de Jesus Christo, e em fiel vassallo, que pisando aos pés a ambiçaõ, e a avareza, naõ pensa mais do que á gloria de Deos, e no enteresse do seu Principe, e na honra da sua naçaõ.

Ann. de J. C. 1536.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

As trapaças que lhe fizeraõ em Cochim os indignos Ministros que o deviaõ expedir, o redusiraõ a fazer elle mesmo o seu preparo quasi inteiramente á sua custa. Nisto pôz todo

Ann. de J. C. 1536.

D. Joaõ III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

o ſeu cabedal; e faltando-lhe as grandes ſomas que tinha adquirido, empregou a ſua baixela de Prata, e os ſeus moveis. De Cochim fez derrota para Malaca, e de Malaca para á Ilha de Borneo por Ternate, onde chegou em 1537. Eſtando tudo alli na horrivel deſordem que tem os repreſentado, foi recebido dos Portuguezes como hum Anjo tutelar, que vinha livra-los da tyrania de Triſtaõ d'Ataide, da fome que os tinha reduſido á extremidade, e da opreſſaõ dos Ilheos, que tendo-ſe todos reunido, naõ tinhaõ mais do que eſperar para verem chegar o feliz momento da ſua liberdade.

O exceſſos de Triſtaõ d'Ataide eraõ incriveis. O odio que lhe tinhaõ era tal, que ſe elle naõ foſſe conhecido por parente de D. Eſtevaõ da Gama, que era entaõ Governador de Malaca, o teriaõ enviado ás Indias ligado de pés, e maõs, para ſer caſtigado. As queixas que faziaõ contra elle eraõ tanto mais livres, por ſe perſuadirem, que lizongeavaõ o novo Governador exagerando as culpas do ſeu predeceſſor. Porém Galvaõ cheio de moderaçaõ, e que ſó tinha viſtas de paz, e de conciliaçaõ, longe de o

car-

carregar de ferros, como se esperava, affectou expressamente tratalo com todas as civilidades para esfriar o ardor dos seus accusadores, e lhe dar lugar de se livrar de trabalhos.

ANN. de J. C. 1536. D. JOAÕ III. REI. NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Galvaõ pôs depois hum preço racionavel aos mantimentos que elle tinha levantado, estabeleceo Juizes para a Politica, deo aos mesmos Ecclesiasticos regras de conducta, que o Cardeal Infante de Portugal tinha enviado para ás Indias: trabalhou nas reparaçoens da Cidadella, que tinha tanta precizaõ, como os costumes licenciozos d'estes homens corrompidos, costumados a pizarem aos pés todas as sortes de leis. Tudo alli estava em ruina. A artilheria incapaz de servir, e sem carretas, nada de polvora, e muniçoens. Galvaõ tinha trasido comsigo das Indias todas as sortes de ferramentas, e geralmente tinha vindo com todos os soccorros, e todas as grandes idéas, que devem ter todos os que querem fundar Colonias. Tinha trazido mulheres para as cazar. Fez cazamentos, destribuio terras, edificou cazas de pedra a modo da Europa, e deo pouco a pouco huma forma á todas as coisas, que logo lhe adquirio todos os coraçoens.

Se

Ann. de J. C. 1537.
D. João III. Rei.
Nuno da Cunha Governador.

Se os Ilheos conhecessem Galvaõ, elles o teriaõ logo amado. Só suspiravaõ por hum homem de bem, naõ o tinhaõ podido ainda achar, e persuadiaõ-se que este naõ era differente dos outros. Os Reis alliados das Ihas Molucas, e dos Papous tinhaõ posto a Cachil Aialo na sua frente, e estavaõ em Tidor, que tinhaõ cingido de muros, e fortificado com huma especie de Cidadella, a qual sendo situadà sobre hum monte, dominava a Cidade. Com isto eraõ em numero quasi de 50ↀ. homens. Galvaõ os fez solicitar muitas vezes, e naõ deixou nada para os grangear. Porém o seu numero, e as suas ultimas felicidades tornando-os mais altivos, as traiçoens que frequentemente lhes tinhaõ feito, os impedia a se fiarem destas demonstraçoens, que podiaõ ser enganozas, naõ pôde alcançar mais do que huma tregoa, que elles mal guardaraõ.

Galvaõ vendo bem que era precizo reduzilos por alguma acçaõ espantoza, emprendeo com hum atrevimento, e temeridade incrivel, de hir attacar esta infinita multidaõ d'inimigos mesmo em Tidor. A acçaõ era louca, porém pareceolhe necessaria pela pouca esperança que tinha de receber

ber ſoccorros das Indias, e a impoſſibilidade de poder conſervar-ſe muito tempo contra todo o paiz.

Tendo poſto toda a ſua confiança no Deos dos exercitos, deixou Triſtaõ d'Ataide para commandar na Cidadella, e partio com 400. homens, dos quaes ſó eraõ 170 Portuguezes, em 4. navios, e em algumas outras embarcaçoens a remos. Sabendo os inimigos dos ſeus preparativos, vieraõ-lhe ao encontro como para lhe dar batalha. Tinhaõ elles perto de 300 Caracoras, os Autores affirmaõ, que tinhaõ 30₰; porém o temor da artilheria Portugueza conſervando-os em reſpeito, foi iſto ſó hum vaõ apparato que naõ concluio nada. Quando elle chegou a Tidor appareceo a praia coberta de combatentes. Galvaõ naõ ſe atemorizou, e depois de ter deliberado ſobre o modo do attaque, rezolveo começa-lo pela meſma Cidadella que queria ſurprender, perſuadido de que os inimigos cuidariaõ menos nella do que no reſto.

Tendo em fim eſcolhido 300. homens entre os quaes havia 120 Portuguezes, foi de noite deſembarcar em hum lugar apartado, deo ordem aos que ficavaõ nos navios de ſe apre-

ANN. de J. C. 1537.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Ann. de J. C. 1537.

D. João III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

sentarem no porto com grande estrondo de clarins, e trombetas fingindo tentarem o desembarque. Elle com o favor d'hum guia que tinha tomado, e em quem achou huma grande coragem, se fez conduzir em silencio por caminhos escarpados até ao alto do monte onde estava o Forte. O dia que o prevenio, e o sol que dava sôbre as suas armas, o descubrio aos inimigos. Aialo armado com huma cota de malha, o morriaõ na cabeça, e trazendo hum montante, alli lhe sahio dos primeiros. Galvaõ se meteu entaõ para hum bosque espesso. Os inimigos que lhe julgaraõ medo, recobraraõ mais animo. Aialo procurou divertilo com proposiçoens, para dar tempo aos seus de o cercarem. Porém Galvaõ estando apercebido, e bradando Santiago deo-lhe em sima com toda a sua tropa. Aialo animado do seu valor, e do seu ressentimento combatia como hum leaõ, sofrendo elle só quasi todo o pezo do combate. Cahio trez vezes como desfalecido das feridas que recebeo, e do sangue que perdeo. Outras tantas vezes começou com a mesma animosidade; mas em fim fazendo-se levar do campo da batalha, para naõ deixar o seu

cor-

corpo, dizia elle, ás mercês deſtes caens, e morreo pouco depois: a perda do Chefe inſpirou tal terror aos outros, que ſe ſalvaraõ huns nos matos, outros junto da Cidadella. Galvaõ mais animado pela fugida delles lhe ſeguio o encalço, e tendo entrado na Cidadella baralhado com elles, ſe apoderou logo della, fez lançar fogo aos edificios, que ſendo todos de madeiras, e materias combuſtiveis, foraõ logo conſumidos.

Ann. de J. C. 1537.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

A viſta d'eſte incendio tendo ainda cauſado mais terror, o Rei de Tidor fugio com as ſuas mulheres para o fundo de hum vale, levando conſigo todos os ſeus vaſſallos, e ſeus alliados, de ſorte que a Cidade achando-ſe aſſim abandonada, Galvaõ deſceo a ella, e a queimou, e deſtruio de modo os edificios, e as fortificaçoens, que naõ ficou o menor veſtigio. Huma taõ bela acçaõ, onde morreo grande numero d'inimigos cuſtou a vida a hum ſó eſcravo dos Portuguezes. Iſto parecia duro a crer, diz o Editor da 4 Decada de Barros, „ Seria meſmo perigozo a eſcrever por qualquer Eſcritor, que correria riſco de paſſar por mentirozo, ou „ por muito credulo, ſe naõ conſtaſſe

ANN. de J. C. 1537.

D. JOÃO III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

,, por outra parte, que os Portuguezes
,, tem feito alguma coisa ainda de mais
,, admiravel, assim pelo seu numero,
,, como pelo seu valor, a quem elles
,, tiraraõ a vida, e os seus Estados. ,,

Os Reis aliados se lisongearaõ algum tempo de poderem surprender Galvaõ em algumas embuscadas, quando elle se retirava para os seus navios ou em alguns desfiladeiros. Aprenderaõ á sua custa; e cançados d'huma guerra que lhe fazia pouca honra, se retiraraõ cada hum aos seus dominios. O Rei de Tidor abandonado, esteve mais disposto para ouvir as proposiçoens da paz. O Cachil Rade seu irmaõ, que a dezejava com ardor, se fez medianeiro. Galvaõ se portou com taõ boa vontade, e se offereceo aos Tidorianos com tanto favor para lhe ajudar a restabelecerem a sua Cidade, que os fez tornar em seu favor, com a maior parte dos Ternatianos.

O coraçaõ d'estes pobres Ilheos se mudava á medida que a bondade do que os governava se descubria. O dos Portuguezes pelo contrario se inflamava pela mesma razaõ, porque como aquelles só procuravaõ hum homem de probidade, estes naõ buscavaõ senaõ hum homem, que os favore-

Ann. de J. C. 1537.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

recesse na sua prevaricaçaõ, e na posse em que estavaõ de prejudicarem os enteresses do seu Soberano pelo seu enteresse pessoal. Inflexivel sobre a sua obrigaçaõ, Galvaõ, tinha feito tudo para os conter nas suas. Elle se tinha redusido a naõ fazer commercio algum, no mesmo tempo em que se arruinava pelo serviço do Rei, a fim de os ensinar com hum taõ belo exemplo. Era muito heroico para ser seguido, e em vez de fazer impressaõ, só irritou. Vieraõ contra elle com huma sediçaõ declarada. Tristaõ d' Ataide fazendo-se o Chefe d'estes rebelados, e pagando com a mais vil ingratidaõ as obrigaçoens que lhe devia, fez carregar os seus navios, com as armas na maõ, de todas as especiarias de contrabando, e partio para ás Indias com os partidistas, sem que Galvaõ os podesse impedir, obrigado a sofrer huma deserçaõ, que o redusira á mesma extremidade, de que tinha tirado pouco antes, aquelles mesmos por quem se alli via redusido.

A guerra naõ estava ainda acabada, nem os espiritos dos Ilhecs inteiramente socegados. Os Reis de Gilolo, e de Baçaim tinhaõ ainda as armas na maõ. Galvaõ lhes fez propor

Ann. de J. C. 1537. D. Joaõ III. Rei.

por o dezafio corpo a corpo para poupar o ſangue da multidaõ: elles o aceitaraõ; porém o Rei de Tidor, e o Cachil de Rade tendo-ſe intrometido por huma conciliaçaõ, ſe fez a paz, e todas as Molucas gozaraõ d'huma perfeita tranquilidade.

Nuno da Cunha Governador.

Os Ternatianos tinhaõ com tudo ſempre ſobre o coraçaõ a depoziçaõ do ſeu Rei Tabarija, e naõ queriaõ obedecer pela maior parte a Aeiro, que era filho d'hum eſcravo, e d'huma eſtrangeira. Propoſeraõ o ſeu diſgoſto a Galvaõ, pedindo-lhe a revocaçaõ de Tabarija, e que entre tanto quizeſſe ſervir-lhes de Rei, e de Pai. Tabarija, que Ataide tinha enviado ás Indias preſioneiro, e criminozo com as ſuas calumnias, tinha ſido abſolvido por Nuno, que o tratou como grande Principe. Fez-ſe Chriſtaõ, e depois de receber o Baptiſmo, foi enviado a Malaca para de lá ſer conduſido ás Molucas, e entrar na poſſe dos ſeus Eſtados. Galvaõ naõ ſabia nada das aventuras d'eſte Principe, e tudo bem conſiderado com a meſma força d'eſpirito, que lhe fez recuſar o Reinado para ſi meſmo, ſe aplicou a ganhar os coraçoens em favor d'Aeiro. E vendo deſde entaõ

as

ANN. de J. C. 1537.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

as Molucas ſocegadas, indignado da eſcravidaõ em que eſte Principe tinha eſtado até entaõ, lhe reſtituio a liberdade, deo-lhe a permiſſaõ de ſe cazar, e de governar o ſeu povo ſegundo as leis do Pays. Os povos barbaros naõ o ſaõ ſe naõ por reſpeito a nós, que delles formamos idéas deſavantajozas. Saõ capazes de eſtimar a virtude, e de lhe darem o ſeu valor. Elles o moſtraraõ bem pela admiraçaõ, e confiança que tiveraõ por Galvaõ, que a tinha merecido por taõ belas occaſioens.

Eſta confiança ſe adiantou tanto, que naõ faziaõ mais com elle do que hum meſmo povo, e hum meſmo entereſſe. O que logo ſe vio pela maneira com que elles ſe deixaraõ policiar, conſtruindo cazas á Portugueza, cultivando terras, e jardins, e conformando-ſe em tudo ás modas da Europa. A prova que o coraçaõ deo n'eſte modo de proceder, foi ainda menos equivoca na chegada de dois navios Caſtelhanos, enviados da nova Heſpanha pelo conquiſtador do Mexico Fernando Cortes. Depois de muitas aventuras o máo tempo os levou ás Molucas, á viſta de Tidor. Julgavaõ elles achar hum aſylo na ſua antiga hoſpi-

Ann. de J. C. 1537.

D. Joaõ III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

pitalidade, e della tinhaõ grande precizaõ, tendo perdido quaſi toda a ſua gente, e toda a ſua marinha. Os Tidorianos aviſaraõ logo Galvaõ para d'elle tomarem as ordens ſobre o modo com que ſe deviaõ comportar com elles, e com tudo os impediraõ de tomar porto. O que foi cauſa de naufragarem. Os infelices que eſcaparaõ, cahiraõ em poder dos Tidorianos, que os remeteraõ a Galvaõ, que os tratou com muita humanidade.

A paz de que gozavaõ entaõ as Molucas debaixo da conducta d'hum homem taõ prudente, e taõ apartado de toda a paixaõ, penſou ſer perturbada por obra da guerra eſtrangeira. A primeira tempeſtade ſe formava nas Ilhas de Java, de Banda, de Macaçar, e d'Amboine. Os negociantes d'eſtas Ilhas naõ tendo já o commercio do cravo, como o tinhaõ d'antes, ſe tinhaõ preparado a fazelo com maõ armada. Galvaõ tendo noticia d'iſto, enviou-lhe, para os acautelar Diogo Lopes d'Azevedo com 40. Portuguezes, e 400. Ternatianos, e Tidorianos. Diogo Lopes encontrou o inimigo em Amboine, o desbaratou, e lhe tomou os ſeus navios, ſua ar-

artilharia, e fez muitos presioneiros. A segunda tempestade se preparava nas Ilhas de More. Galvaõ acautelou tambem esta, enviando-lhe hum Padre que fez General da sua pequena frota, em que tinha tambem 40. Portuguezes. Este Padre chamado Vicente Fernando Vinagre era hum homem de merecimento, que sabia tambem manear a espada, como a adaga da palavra. Tendo vindo a encontralo a frota inimiga para o combater, elle a derrotou, e lhe matou o General.

Ann. de J. C. 1537. D. JOAÕ III. REI. NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Depois de ter redusido tudo pelo esforço das suas armas nestas Ilhas rebeldes, Fernando se pôz a fazer o officio de Apostolo, que lhe convinha certamente muito melhor, do que o de Capitaõ, e de Soldado. Galvaõ, cuja ambiçaõ mais forte era de consquistar tudo para Jesus Christo, o ajudou còm o melhor que tinha. Na verdade que as conversoens se faziaõ hum pouco á pressa, porèm o zelo de Galvaõ hum pouco mais militar do que Canonico se contentava com isto. A religiaõ fez taõ grandes progressos em taõ pouco tempo, naõ sómente em Ternate, em Tidor, e nas Molucas; mas tambem nas Ilhas

ce-

Ann. de J. C. 1537.

D. João III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

celebres de Mindanao, e nas outras adjacentes até cem legoas em redondo. Galvaõ ſentindo com tudo que hum progreſſo taõ rapido ſe deſmentiria com a meſma facilidade, e a meſma prontidaõ, ſe elle naõ tomaſſe medidas para o fortalecer, e fazer ſolido, eſtabeleceo hum Seminario para educar a mocidade na fé, e bons cuſtumes. Foi elle o primeiro nas Indias, que ſe lembrou d'hum taõ precioſo eſtabelecimento, o qual foi depois muito util. Eſte virtuozo, e prudente Governador uſando de todos os meios para adquirir eſtes Ilheos para Deos, e para á Coroa de Portugal, eſta boa gente, que previaõ a perda que lhes ſuccedia ſentindo aproximar-ſe o fim do ſeu Governo, fizeraõ huma deputaçaõ a ElRei, e ao Governador General das Indias, para lhe pedirem a ſua prorogaçaõ. Porém hum homem amado até ao ponto de o quererem fazer Rei, fazia muito bem para ſer conſervado em hum poſto apartado, o que dava ciume. Além diſto o ſeu ſucceſſor, eſtava já em caminho, e ſe apreſſava para vir deſtruir todo o bem que elle tinha feito.

As revoluçoens, que aconteceraõ na-

naqueles tempos no Reino de Decaõ, alli causaraõ grandes guerras, em que os Portuguezes foraõ obrigados a tomar alguma parte. Este Reino tinha sido como dividido, e repartido entre 18 Tyranos, que o ultimo Rei tinha estabelecido para governar as suas Provincias. Estes Tyranos se tinhaõ destruido mutuamente. Foraõ redusidos logo a 7, e em fim a 5, que saõ chamados pelos Autores Portuguezes, o Idalcaõ, Nizamaluco, Cotamaluco, Madremaluco, e Melic-Verido. O Idalcaõ Ismael conservou sobre os outros huma espécie de superioridade, e de imperio. Era o tutor do herdeiro do Reino, que fez morrer por hum veneno lento, depois de ter esposado huma das irmãs d'este Principe.

Ann. de J. C. 1537.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Sufolarin hum dos seus Capitaens, mas antigamente seu escravo, se tinha insinuado tanto na sua graça, que Ismael o tinha feito Azedecan, isto he, Condestavel dos seus exercitos, o que o fez supperior a todos os seus vassallos. Elle era grande Capitaõ, porém o homem mais artificioso, e mais velhaco. O Idalcaõ foi envenenado do mesmo modo. Azedecan foi disso suspeito como tambem Meli-

Ann. de J. C. 1537.

D. Joaõ III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

lique Ibrahim, hum dos filhos do Idalcaõ. Porém o Idalcaõ tendo deitado elle mesmo a suspeita sobre Cotamaluco, foi sitialo na Golconda debaixo d'outro pretexto, com hum exercito innumeravel. Quatorze Portuguezes que Cotamaluco tinha sob seus estandartes, emprehenderaõ a defensa d'esta praça, fortissima por si mesma. Elles fizeraõ morrer ao Idalcaõ perto de 20ф. homens. As molestias, e as outras disgraças dos cercos lhe levaraõ mais de 100ф, e Cotamaluco lhe remetteo perto de dez mil com as orelhas cortadas, rogando-lhe que os enviasse elle mesmo a Melic-Verido, que tinha feito o mesmo aos seus, e em favor do qual o Idalcaõ se tinha armado, com o pretexto de ser seu vassallo.

Com tudo o Idalcaõ morreo neste cerco d'hum abcesso procedido do veneno de que estava mal curado. Maluc-Can seu filho, em quem girava o sangue dos antigos Reis de Decan, por sua mái, foi declarado herdeiro pelo seu testamento. Melique Ibrahim segundo filho do Idalcaõ, moço ousado, e temerario, naõ podendo sofrer esta preferencia, começou a revoltar, e a solicitar o animo

dos

dos Grandes. Maluc-Can o acautelou, e fez reter presioneiro em Panelle, onde elle foi procurar Cogerte-Can. Ibrahim achou meio de ter trato com Nizamaluco seu tio materno, que pôz em pé hum grande exercito, e correo a livralo. Cogerte-Can naõ lhe quiz dar essa gloria, e pôz o seu presioneiro em liberdade. Com tudo as forças com que Nizamaluco se aprezentou, fizeraõ ainda maior effeito a seu favor. Os grandes do Reino elevaraõ Ibrahim até ao throno, e lhe entregaraõ o pobre Maluc-Can, que foi posto á ferros do mesmo modo.

Azedecan tomando 400ɗ. Pardaos no thesouro do Idalcaõ, correo o Reino com hum poderoso exercito, para se aproveitar das conjuncturas presentes. Seguio o partido de Maluc-Can sendo-lhe dada a noticia da detençaõ deste Principe, pôz-se logo em marcha para hir direito a Visapores, para o livrar. Porém quem o guardava tirou os olhos a Malu-Can, tirou o thesouro que estava na Cidade, retirou-se para Ibrahim, e destruio por este modo todas as medidas de Azedecan.

Ibrahim mostrando querer conciliar este, lhe escreveo cartas que mui-

Ann. de J. C. 1537.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUHNA GOVERNADOR.

to o obrigassem. Porém Azedecan que era bem servido pelos espias que tinha na sua Corte, naõ se fiou d'estas cartas insidiozas. Tendo-se avançado os seus exercitos, e distando só sinco legoas hum do outro, Azedecan enviou a Ibrahim hum dos seus confidentes, para lhe pedir hum salvo conducto para hir conferir com elle. Ibrahim sobornou o confidente, e lhe persuadio que assacinasse seu Senhor. Ou porque Azedecan fosse avisado, ou porque como elle era antigo Cortezaõ penetrasse a intençaõ d'este homem, o acautelou, e antes de o ouvir, o deitou morto a seus pés com hum punhal, desacampou, e se ligou com Cogerte-Can, descontente com o pouco reconhecimento, que Ibrahim lhe mostrava pelo ter tirado dos ferros.

Depois pôz toda a sua industria em soblevar diversos pequenos Senhores, para dar mais que fazer ao novo Idalcaõ. Principalmente, pôz em movimento os Indios Idolatras que tinhaõ sido n'outro tempo os Senhores das terras firmes de Goa, e finalmente obrigou os Portuguezes mesmo pela sua habilidade. Tudo isto se fazia com tanta destreza pela sua parte,

que

que naõ parecia abertamente entrar em nada. O Idalcaõ, que naõ ignorava os ſeus procedimentos, porém que naõ queria lançar-ſe n'huma revolta declarada, naõ ceçava de o obrigar a que vieſſe para a ſua companhia para ſe ſervir dos ſeus conſelhos, fazendolhe mil promeſſas de o tratar ainda melhor do que o tinha feito o Idalcaõ ſeu Pai. Azedecan ſe eſcuſou ſimplexmente por cauſa da ſua grande idade, e tomando hum ar de devoçaõ, lhe fez teſtimunhar, que naõ queria mais do que penſar no Ceo, e que ſe diſpunha a retirar-ſe para Meca, para alli expiar os ſeus pecados.

Iludindo aſſim ſempre as inſtancias d'eſte Principe, o irritou de modo, que tomou o diſignio de o deſtruir a todo o cuſto. Azedecan foi diſto logo aviſado, e prontamente procurou a protecçaõ dos Portuguezes. E como o General lhe tinha já eſcrito que os Guançares, que habitavaõ as terras firmes de Goa, o tinhaõ feito ſolicitar, para que vieſſe tomar poſſe deſtas terras, para as defender das invaſoens dos Idolatras, porém que pelo reſpeito do Idalcaõ; e em conſideraçaõ a elle meſmo, naõ tinha querido fazer nada. Azedecan, que ti-

nha

Ann. de J. C. 1537.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

nha feito todo efte jogo, lhe refpondeo d'hum modo muito obrigativo, notando-lhe que elle podia affenhorear-fe d'eftas terras inuteis, que ellas naõ rendiaõ nada ao Idalcaõ, que teria mais gofto de as ver em poder d'elle, que no dos Gentios, que as poffuiaõ com violencia.

Nuno, que fó queria hum pretexto para tomar eftas terras, fem que o Idalcaõ fe efcandalifaffe, vendo as coifas em boa ordem, enviou Chriftovaõ de Figueiredo á Azedecan, que abrindo-fe com elle fobre as más intençoens do feu Principe a feu refpeito, moftrou querer retirar-fe a Goa, com tanto que a neceffidade o obrigaffe a iffo, e que Nuno o quifeffe tomar na fua protecçaõ. Depois d'efta confidencia, e algumas idas, e vindas, Figueiredo tirou delle hum efcrito, pelo qual confentia em nome do Idalcaõ, e no feu, que os Portuguezes fe meteffem de poffe d'eftas terras; o que bem longe de fer huma infraçaõ da parte d'elles, era o maior ferviço que elles lhe poderiaõ fazer, vifta a impoffibilidade em que fe achavaõ de as defender.

O velhaco Cortezaõ tratou depois com o Rei de Narfinga, e fe pôz

pôz em caminho para o communicar. Ao meſmo tempo perſuadio Nuno da Cunha que enviaſſe Chriſtovaõ de Figueiredo com elle, fazendo-lhe ſaber que as terras de Goa, tendo ſido antigamente do dominio do Rei de Narſinga, acharia neſte Principe toda a facilidade que elle quizeſſe, para que d'ellas fizeſſe huma ceſſaõ, e huma inteira doaçaõ a ElRei de Portugal. Azedecan foi recebido do Rei de Narſinga com tanta honra, que toda a ſua Corte concebeo d'iſto hum extremo ciume. O Idalcaõ da ſua parte ſe julgou perdido, reconciliou-ſe com os ſeus inimigos, e enviou hum Arauto a Biſnaga, para repetir o ſeu vaſſallo fugititivo. O Rei de Narſinga cometeo a reſpoſta a Azedecan meſmo, e lhe enviou o Arauto. Azedecan lhe falou. Naõ ſe ſabe o que ſe paſſou entre elles: porém pouco depois, Azedecan abandonou o Rei, de quem acabava de receber tantos favores, para tornar a paſſar para o Idalcaõ. Eſta partida precepitada reconciliou os dois Principes armados hum contra o outro, ſem mudar o coraçaõ d'Azedecan, e do Idalcaõ. Eſte penſava vingar-ſe d'hum vaſſallo perfido, e o outro ſe con-

ANN. de J. C. 1537.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

servava sempre na desconfiança, até que por huma destas partidas de mestre, se arriscou ou a ganhar, ou a perder tudo, e elle o desarmou inteiramente, indo-se deitar a seus pés com huma mui grande soma d'oiro, de que lhe fez prezente procurando a sua misericordia.

Ann. de J. C. 1537.

D. João III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

Entaõ Azedecan persuadio o Idalcaõ de repetir aos Portuguezes as terras firmes de Goa, de que se tinhaõ penhorado. O Idalcaõ o fez. Nuno prestes a embarcar-se para hir a Diu, chamado pelo Sultaõ Badur no tempo que se tratava de construir alli a Cidadella, remeteo a resposta para á sua volta. Azedecan naõ a esperou, e enviou Solimaõ-Aga com tropas para recuperar a posse destas terras. Os Portuguezes as defenderaõ. Alli houveraõ diferentes, e pequenos combates, onde tiveraõ quasi sempre vantagem. Solimaõ se fortificou em Ponda: os Portuguezes em Rachol. Joaõ Pereira Governador de Goa, rebateo a altivez de Aga, e o desbaratou. Dois valerosos chefes que soccederaõ a Solimaõ, tiveraõ a mesma sorte, e hum d'elles foi morto.

O Idalcaõ penetrado dos damnos que lhe fazia a guerra, e dos clamores

dos

dos povos destas terras, que supportavaõ todo o pezo, escreveo a Azedecan para lhe rogar que dezistisse, e que deixasse os Portuguezes socegados. Naõ quiz elle fazer nada d'isto; porém para adoçar a sua escusa, a acompanhou com hum prezente d'hum belo cavalo, ricamente jaezado, e com hum alfange guarnecido de pedras, e embrulhado em hum belo tecido d'oiro. A mái do Idalcaõ que desconfiava mesmo dos prezentes do traidor, impedio que seu filho os tocasse antes de os ter experimentado. O Pagem, que o fez, tirando o alfange da bainha, cahio morto, e inflexivel. Dois, ou tres que intentaraõ montar no cavalo, tiveraõ a mesma sorte; tal era a força do veneno. A intençaõ de Azedecan naõ era duvidosa, e foi huma confirmaçaõ da suspeita, que tinhaõ tido, de que elle tinha envenenado o Pai, como tinha querido envenenar o Filho.

Ann. de J. C. 1537. D. JOAÕ III. REI. NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Naõ deixou com tudo de continuar a guerra contra os Portuguezes, e se fortificou sobre o rio de Bori. Os Portuguezes, governados por Gonçalo Vaz Coutinho, o foraõ attacar com mais valor do que ordem, e disciplina: Azedecan alli commanda-

Ann. de J. C. 1537.

D. Joaõ III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

va em peſſoa. Os Portuguezes foraõ obrigados a retirar-ſe depois de terem perdido 400. dos ſeus, entre os quaes ſe acharaõ muitas peſſoas de conſideraçaõ. Eſta diſgraça foi ſeguida da perda de Rachol, que o General mandou demolir. Em fim o General, e Azedecan, tendo ambos negocios mais entereſſantes, fizeraõ entre ſi huma mutua paz, pela qual as coiſas deviaõ ficar no eſtado em que entaõ eſtavaõ. Por eſte modo os Portuguezes ficaraõ ainda ſenhores das Alfandegas das terras firmes de Goa.

Em todo aquelle tempo o Samorim naõ eſteve ocioſo; ſempre cheio de odio contra os Portuguezes, e o Rei de Cochim, marchou para Cranganor com o pretexto de viſitar o ſeu Imperio, ou de ſe fazer coroar na Ilha de Repelim, aſſim como diz Lopes de Caſtanheda, porém com effeito para tornar a começar a guerra. O Rei de Cochim que foi atemorizado da ſua marcha, recorreo aos antigos alliados. Pedro Vaz Governador de Cochim, e Intendente da Fazenda, pôz logo tropas em campo para ſe fazer Senhor das paſſagens das Ilhas de Chatuá, e de Vaipim. Fez dizer no meſmo tempo ao

ao Samorim que naõ tinha intençaõ de cometter contra elle alguma hostilidade, porém que se elle pretendesse entrar na Ilha de Vaipim, ver-se-hia obrigado, contra a sua vontade, a defender-lhe a passagem. E tendo o Samorim passado avante, Vicente da Fonceca, que commandava neste posto, o obrigou a tornar para tras com perda de mil homens. Pretendeo-lhe bem tonar ao posto, ainda que Fernandianes de Sottomaior, Governador de Cananor, o reforçou com 16 fustas, e 200. homens; porém tendo sabido que Martinho Affonso de Souza, enviado pelo General vinha no seu alcance para lhe dar batalha, naõ julgou a proposito esperalo.

Souza aproveitando-se d'esta retirada, foi cahir sobre a Ilha de Repelim, rempeo todos os intrincheiramentos, fez-se senhor da Cidade, e combateo taõ vivamente o Caimale, que havia algum tempo que tinha o nome de Rei, que teve muito trabalho para se salvar, e salvando-se perdeo o seu chapeo, o qual era o sinal distinctivo da sua Soberania. A sua Cidade foi saqueada, e devastada pelo fogo; porém o espolio mais estimado, foi huma pedra de marmore, sobre a

qual

Ann. de J. C. 1537.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

qual coroavaõ os Imperadores de Calicut, e cujos nomes eſtavaõ eſcritos neſta pedra, paſſados mais de 3ф annos: e certas taboas de arame, nas quaes eſtavaõ gravadas ſerpentes, outro monumento ſagrado, que pertendiaõ ſer de tempo immemorial, e ter ſido feito pelos Imperadores da China, que parecem ſuppor terem ſido os Senhores do Malabar. O Rei de Cochim fez muito cazo do chapeo do ſeu inimigo, porque perdendo-o, era como ſe tiveſſe perdido a ſua Coroa.

O Samorim tornando com 40ф. homens, Souza lhe fechou a paſſagem de Cranganor, e foi para o eſperar na de Cambalam. O Samorim chegou ahi primeiro, e tinha já feito paſſar 5ф. homens. Porém iſto ſó ſervio de huma maior confuzaõ. Souza o desbaratou, e expulſou, ainda que elle chegou duas vezes ao poſto, com todo o corpo das ſuas tropas. Foi eſte o theatro do grande Duarte Pacheco, que devia ſer ſempre fatal aos Imperadores de Calicut, depois das victorias memoraveis que eſte valeroſo homem alli conſeguio.

Antonio de Brito que tinha comandado a vanguarda neſtes dois poſ-

tos

tos do Samorim, brigou ainda seis vezes com elle, sempre com grande vantagem, depois que Affonso de Souza lhe deixou o governo como Chefe do seu pequeno exercito, que só consistia em 400. Portuguezes, e 20ↀ. Naires governados pelo Principe de Cochim.

Ann. de J. C. 1537. D. JOAÕ III. REI.

Hum novo perigo tinha chamado Souza para outra parte. Era huma frota de Calicut composta de 25 fustas, commandadá por Cutial Marcar. Este tihha achado em Challe Diogo de Reinoso com sinco fustas, tinhalhe tomado huma, dando-lhe sempre cassa. Sousa lha deo do mesmo modo; e tendo-o impedido de dobrar o pontal de Coulette, e o obrigou a fugir para Tiracol, onde se encalhou atras d' hum recife. Tendo Souza entrado no Porto, o varejou por todo o resto do dia, esperando obrigalo no dia seguinte. Mercar naõ podia escapar-lhe, posto que se tivesse fortificado toda a noite, e que seis mil homens das terras fossem chegados para o defenderem. Porém Souza chamado por hum expresso do Rei de Cochim, se vio obrigado a deixalo, para acudir onde o mal era mais urgente. A sua presença foi alli taõ util, que o Samo-

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

ANN. de J. C. 1537.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

morim perdendo inteiramente o animo, entrou no ſeus Eſtados, e licenciou o ſeu exercito.

Nos annos ſeguintes conſeguio Souza huma nova gloria, e ganhou novas vantagens ſobre eſte Principe, pela deſtruiçaõ das ſuas frotas. O Rei de Cota na Ilha de Ceilaõ, amigo, e alliado dos Portuguezes, ſe vio em grande perigo pela revolta de Madune Pandar ſeu irmaõ, que alcançando hum poderoſo ſoccorro do Samorim, tinha, havia mais de tres mezes, o Rei ſitiado na ſua Capital. Eſte Principe tendo reccorrido aos Portuguezes, Souſa ſe pôz, logo no mar. Só a noticia da ſua vinda fez levantar o ſitio, e reconciliou os irmaõs inimigos. Ali-Ibrahim que commandava a frota do ſoccorro, julgou baldadamente eſcapar pela fugida. Souza o encontrou em Mangalor, desbaratou-o muito, e lhe matou 1$200 homens.

Madune, cuja reconciliaçaõ tinha ſido mais forçada do que ſincera, ſe ſublevou de novo, e pôz novas tropas em campo. O Samorim lhe enviou hum ſoccorro mais conſideravel, do que o do anno precedente, conduſido por Pate-Marcar. Era eſte hum Mouro de Cochim, que por algum diſ-

disgosto que tinha tido com os Portuguezes, se tinha retirado para Calicut, onde o motivo da sua retirada o tinha feito receber com mais consideraçaõ da que correspondia ao seu merecimento. Tinha feito muito mal aos Portuguezes, e continuava em lho fazer. Souza pondo-se no seu seguimento, lhe apresentou batalha, e naõ o pôde vencer. Porêm encontrando-o outra vez em hum lugar, onde elle fazia espalmar os seus navios para passar para á Ilha de Ceilaõ, o obrigou a combater, e o desbaratou depois de ter escalado as suas trincheiras: queimou muitas das suas fustas, tomou 23, huma muito numeroza artilheria, e 1$500. arcabuzes, e fez grande numero de prezioneiros. Depois d'esta expediçaõ, Souza passou á Ilha de Ceilaõ com o mesmo successo, que tinha tido na primeira vez.

Aladin filho de Mahmud Rei de Bintam, que Pedro Mascarenhas tinha destruido, depois da morte de seu Pai, e a perda da sua Ilha, tomou o titulo de Rei de Ugentane, e se tinha fortificado na Cidade de Jor. Seguia os vestigios de Mahmud, e animado das mesmas esperanças infestava Malaca com os seus corsos. D.

Paulo

Ann. de J. C. 1537.

D. João III. Rei.

Nuno da Cuhna Governador.

Paulo da Gama tendo hido para o destruir, cahio na frota de Laczamana. Houve entre elles hum combate dos mais violentos. Paulo foi alli morto com a maior parte dos feus, e os inimigos foraõ taõ maltratados, que naõ tinhaõ nem força nem animo, para hirem tomar os navios, que eftavaõ em feu poder, incapazes de fe defenderem. Vindo D. Eftevaõ da Gama tomar poffe do Governo de Malaca neftas circunftancias, vingou bem a morte de feu irmaõ. Desbaratou a frota do Rei d'Ugentane, expulfou-o a elle mefmo duas vezes das fuas trincheiras, faqueou a Cidade de Jor, depois d'huma acçaõ das mais celebres que fe pafaraõ em Afia, e obrigou efte Principe a aceitar a paz, com condiçoens taõ duras, que muito tempo efteve em eftado de naõ caufar inquietaçaõ.

Tudo eftava pacifico no Reino de Cambaia: Os Mogols tinhaõ fahido, e naõ eftavaõ entaõ em eftado de caufar perturbaçaõ. Tinha entrado nelles a divifaõ, e os tinha levado para á Peninfula d'além do Gange. Tfer-Cam fugitivo fe tinha retirado para o Rei de Bengala, que o tinha recebido bem. Ingrato ao feu bem feitor,

Tfer-

Tſer-Caõ fez guerra a eſte Principe, o qual teve alguma vantagem, em quanto teve comſigo Martinho Affonſo de Melo Juſarte, e huns 40. Portuguezes, que o ſerviraõ bem, e mereceraõ a ſua liberdade. Porém depois morrendo eſte Principe, o Reino de Bengala foi o theatro da guerra entre os Mogols. Tſer-Caõ mais felis do que Omaum-Pate-Chá, o venceo, e o obrigou a hir mendigar ſoccorro a Cha-Thamas Rei da Perſia, ſucceſſor do grande Iſmael. Tſer-Caõ gozou por muito tempo da felicidade que lhe tinha procurado a ſua victoria; porém como todas as proſperidades do mundo acabaõ, huma peça, que elle fazia experimentar na ſua preſença, rebentou, e o levou.

Ann. de J. C. 1537.

D. João III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

Sultaõ Badur naõ temendo mais inimigos taõ formidaveis, eſqueceo as grandes obrigaçoens que devia aos Portuguezes, para ſó penſar na injuria que tinha feito a ſi meſmo, vendendo a ſua liberdade. He verdade que elle pretendia ter alguma raſaõ de ſe queixar, aſſim de Nuno da Cunha, que tendo feito liga offenſiva, e defenſiva com elle, naõ lhe tinha dado todo o ſoccorro que elle eſperava contra os Mogols; como de Manoel

Ann. de J. C. 1537.

D. João III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

noel de Souza Governador da Cidadella, que tinha ajudado alguns dos feus vaffallos rebeldes, e lhe impedia de os hir caftigar. Porém ou feja rezaõ, ou paixaõ, ou ambas as coifas juntas, fez todo o esforço para tirar Diu do poder dos Portuguezes, e expulfallos dos feus Eftados. Tinha moftrado a fua má vontade pelo engano que fez no principio, querendo huma muralha entre a Cidade, e a Cidadella, e naõ o tinha podido confeguir. Recorreo depois a outros artificios, e fez folicitar ocultamente todos os Principes da India, e da Arabia, para fazerem todos huma liga, e ajuntarem todas as fuas forças contra huma Naçaõ, que naõ moftrava vir do fim do mundo fe naõ para deftruir a fua Religiaõ, fuas leis, os feus coftumes, para os infultarem, e fobjugarem. Com efta vifta foi que elle enviou os finaes da Soberania ao Idalcaõ, que os recufou. O Samorim mais docil tinha entrado nos feus projectos, e tinha rompido muito fedo começando a guerra, de que acabo de falar. Nizamaluco mais arteficiozo, fe contentou de fe pôr em eftado de fe aproveitar das conjuncturas. Era ifto affás para realifar ás fuspei-

peitas em vontades determinadas n'um tempo ſuſpeito.

Ann. de J. C. 1537.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Tentativas feitas em taõ diferentes Cortes naõ podiaõ ſer ſecretas. Nuno foi aviſado de todas as partes. Azedecan foi o primeiro, que lhe deſcubrio o nó d'eſtas intrigas. Alguns Enviados de Badur que eſtavaõ com elle, deixaraõ eſcapar o ſegredo com o vinho, abriraõ-ſe muito com peſſoas, que elle tinha d'ante maõ. Revelaraõ que Badur ſe queria fazer ſenhor da Fortaleſa de Diu por alguma ſurpreſa, e apanhar o General em algum laço no ſeu Palacio, ou na caſa de recreio de Melique-Jaz, na qual elle eſperava apanhalo com o fingimento d'hum feſtim, e envialo depois ao Gram-Senhor em huma gaiola.

Manoel de Souza Governador de Diu foi aviſado ao meſmo tempo por hum homem, que ſe naõ quiz fazer conhecer para mais ſe fazer acreditar, de que o Sultaõ o faria chamar tal dia, e a tal hora para o fazer aſſacinar. Com effeito foi chamado na hora notada, e no dia aſignado. Souza foi ao Palacio com hum ſó Pagem. Eſta confiança deſarmou Badur que o enviou cheio de prezentes. Pode

de ser temesse elle fazer muito pouco; ou fazer hum estrondo que naõ valesse o trabalho. Pode ser que fosse elle combatido tambem pelos conselhos da Rainha sua Mái, e de Franguis-Can, que naõ queriaõ que elle rompesse com os Portuguezes.

Ann. de J. C. 1537.

D. João III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

Pelo que quer que fosse, pagou a confiança de Souza por outra que naõ era menos temeraria. Elle foi de noite bater á porta da Cidadella com muito pouca comitiva. Manoel de Souza lhe fez abrir. Toda a sua guarniçaõ armada em numero de 900. homens, dos quaes muitos tinhaõ huma tocha na maõ, se achou prompta para o receber. Naõ obstante este preparo foi o quarto a entrar, e ficou muito tempo. Pretendia, dizem, por estes finaes de cofiança, e de familiaridade, desaperceber os Portuguezes, e preparalos para o golpe que meditava. Manoel de Souza naõ teve a ousadia de o reter por naõ ter para isso ordem. Nuno se enfadou muito com isto, e tornando a escrever a Souza que naõ desprezasse a occasiaõ se ella se offerecesse.

Com tudo Nuno mesmo foi convidado por Badur para vir a Diu a conferir com elle negocios communs,

que

que lhes eraõ d'estrema importancia. Elle alli foi com 30. velas quasi todas grossos navios, e deixando ordem a Martinho Affonso de Souza, e a Antonio da Silveira que o seguissem com o resto da frota. Badur, que esperando o General se divertia com huma grande partida de cassa, estava com tudo attento á sua marcha. Elle o enviou saudar muitas vezes na sua derrota; e quando elle esteve em Madrefaba, lhe fez levar refrescos, e huma grande quantidade de cassa, veados, corsas, gazellas, e outros animaes que tinha cassado. No mesmo dia Sultaõ foi dormir a duas pequenas legoas distante de Diu. Em quanto o General se avançava para esta Cidade, elle estava doente, e affectava ainda mais parecello, a fim de ter hum pretexto para se escusar de hir visitar o Sultaõ taõ depressa como elle o dezejava. Manoel de Souza, que tinha vindo a bordo do General em hum catur, foi encarregado de o hir comprimentar, em quanto Coje Sofar, e seu genro hiaõ da parte de Badur, para testemunhar a Nuno o gosto da sua chegada. Tendo Souza feito a sua commissaõ, Badur respondeo certificando a pena que tinha da molestia

ANN. de J. C. 1537.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

do

Ann. de J. C. 1537.

D. João III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

do General. Querendo pois fazer-lhe huma galantaria, accrefentou: „ Entre amigos naõ fe repara tanto; e já „ que elle naõ pode vir, eu quero hir „ mefmo vello. „ E ao mefmo tempo fóbe para á mefma fufta que tinha trazido o feu prezente, fem reparar que ella eftava ainda çuja de fangue, e fe embarca com a fua equipagem de caffa, com hum pequeno numero de Senhores da fua Corte, e dois Pagens, dos quaes hum levava o feu alfange, e o outro o feu arco, e flexas.

Huma vifita taõ pouco efperada, e de que o General fó foi avifado hum iftante antes pelo catur de Manoel de Souza, que lhe tomou a dianteira, fez que Badur naõ podeffe fer recebido com todo o apparato que era divido a hum taõ grande Principe. Com tudo prepararaõ hum pouco a camera, e Nuno fe levantou para hir recebelo á efcada ao fom de inftrumentos, e trombetas. O Sultaõ vendo-o, lhe diz com graça: „ Se eu „ tiveffe julgado acharvos taõ fraco „ tervos-hia enviado rogar, que naõ „ fahiffes da voffa cama; porém já „ que alli a tendes, vamo-nos fentar na voffa camera. „

Ape-

Apenas ſe ſentaraõ, que ocupados igualmente, hum do perigo em que ſe tinha metido, e o outro do horror de tudo o que lhe paſſava pela lembrança, ficaraõ algum tempo ſuſpenſos, e em hum ſilencio que foi ſeguido d'huma converſaçaõ vaga, e geral. Os Officiaes, que ſabiaõ as intençoens do Governador, eſtavaõ promptos ao menor ſinal. O Governador da ſua parte naõ ſabia a que ſe determinaſſe. Hum Pagem tendo entrado entaõ para lhe falar ao ouvido, o Sultaõ emudeceo. Nuno percebendo iſto, enviou o Pagem ſem o eſcutar. Badur tendo preguntado em baixa voz aos ſeus, ſe alli eſtavaõ peſſoas encobertas, levanta-ſe, ſahe da camera precipitadamente, e ſe deita d'hum ſalto na ſua fuſta.

Ann. de J. C. 1537.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Nuno acordando entaõ como d'hum profundo ſomno fala ao ouvido de Souza, ordena-lhe que ſeguiſſe o Sultaõ, e o conduſiſſe á Fortaleſa como para lha moſtrar, e que nella o retiveſſe, e depois voltando-ſe para os Officiaes, que o olhavaõ com admiraçaõ, lhes diz. „ Ide ſegui o Sultaõ „ para lhe fazerdes honra, e fazei o „ que Souza voz diſſer. „ Neſte inſtante deſceraõ com precepitaçaõ para

muitos bateis pequenos que cercavaõ a Capitania.

ANN. de J. C. 1537. D. JOAÕ III. REI. NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Souza alcançou primeiro a fusta do Sultaõ, e para ella foi tirado depois de ter cahido no mar. Lopo de Souza Coutinho, Pedro Alvares d' Almeida Auditor Geral das Indias, e Antonio Correa, que vinhaõ n'huma fusta, tendo visto a queda de Souza, e naõ sabendo o que isto era, chegaraõ ao catur do Sultaõ, e nelle entraraõ com muita aceleraçaõ seguidos de alguns mais. Com tudo Franguis-Can vendo o ardor dos Portuguezes, e o numero do bateis, que se apressavaõ para os alcançarem, diz ao Sultaõ que estava trahido, e que vinhaõ para o apanharem. Este Principe, espantado d'esta proposiçaõ, atira huma flexa ao ar, o que entre os Indios he huma declaraçaõ de guerra, e dá ordem matassem Manoel de Souza. Diogo de Mesquita, que sabia hum pouco a lingoa, entendendo esta ordem, lançase sobre o Sultaõ, e o fere. Os treze Senhores que estavaõ com o Sultaõ, enteressando-se pelo vingarem, he morto Manoel de Souza pelo genro de Sofar, e deitado ao mar. Pedro Alvares d'Almeida teve a mesma sorte. Mesquita, e os outros se defen-

fenderaõ com mais felicidade. Foraõ com tudo obrigados a lançar-se a agua, depois de matarem sete dos seus adversarios.

Duas fustas sobre que vieraõ os recolheraõ; porém neste tempo hum dos Pagens de Badur, Abixin de naçaõ, e sómente com 18 annos de idade, matou 18 Portuguezes. Atirava com tanta destreza, e prontidaõ, que parecia atirar duas flexas de cada vez. Faria mais damno se o naõ matassem com hum tiro de espingarda. Tres fustas do Sultaõ que o acazo trazia de Mangalor, chegaraõ a tempo para o soccorrerem. A batalha se fez entaõ mais cruel, porem com o favor d'este combate, o em que estava o Sultaõ achando-se mais livre, ganhou este Principe a terra á força de remos. Terse-hia salvado se tivesse podido ganhar o canal; porem hum catur sahido da Cidadella lhe cortou o caminho, e lhe matou 14 remeiros com hum tiro de falconete. Por cumulo de disgraça, como a maré vasava, a sua fusta se achou embaraçada no lado. Naõ vendo entaõ outro remedio, lançou-se á agoa com os seus para se salvar á nado, e escapar aos bateis Portuguezes que o alcançavaõ. Lutou al-

Ann. de J. C. 1537.

D. João III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

gum tempo com as ondas, porém enfraquecido com a ferida, e vendo-se quasi afogado, se declarou, e nadou para o batel de Tristaõ de Paiva, que reconhecendo-o lhe estendeo hum remo, no mesmo instante hum soldado lhe deo hum golpe d'alabarda na cara, e os outros marinheiros acabaraõ de o matar com os remos.

Tal foi o fim de Sultaõ Badur, que a uniaõ das suas boas, e más qualidades tinha feito hum grande homem, e que a extençaõ dos Estados que possuia devia fazelo respeitar como hum dos maiores Principes. Seu corpo fluctuou algum tempo sobre a agua, e desapareceo depois; de sorte que o procuraraõ por ordem de General para lhe fazer as ultimas honras, como convinha a hum taõ poderozo Monarca, e naõ o poderaõ achar, como tambem o de Manoel de Souza. San-Thiago, ou Franguis-Can que se salvava tambem a nado, foi igualmente morto pelos da Cidadella. Todos os outros Senhores da comitiva do Sultaõ, ou se afogaraõ, ou foraõ mortos, á exceçaõ de Coje-Sofar, hum dos matadores de Rais Solimaõ, que foi tirado da agua ferido. O General tomou d'elle hum grande cuidado, depois,

pois, e d'elle se servio com vantagem.

Ann. de J. C. 1537.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Os habitantes de Diu; que de sima dos seus muros eraõ as testemunhas d'este espectaculo d'horror, vendo morrer o seu Sultaõ, que taõ cruelmente assacinavaõ debaixo dos seus olhos, e sem que elles lhe podessem dar soccorro, naõ esperando outra coisa a seu respeito, depois d'hum assacinio taõ barbaro, e esperando tudo o que ha de mais funesto, se entregaraõ a huma fugida taõ cega, que sem pensar no que tinhaõ de mais preciozo, acodiraõ ás portas para sahirem da Cidade, e de tal modo se aprezentaraõ em tumulto alli, que morreraõ muitos abafados. Outros se precepitaraõ de sima dos muros, e houve hum grande numero dos que se afogaraõ atravessando a nado para o continente.

Para remediar esta confusaõ, Nuno enviou logo ao porto assegurar aos Capitaens dos navios mercantes que alli se achavaõ, e prometer-lhe huma franquia inteira. Intimou prohibiçoens muito rigorosas aos seus, e fez enforcar hum soldado Flamengo, que tinha tomado alguma coisa na Cidade. Obrigou depois Coje-Sofar a enviar da sua parte os habitantes, para os fazer tornar do seu terror panico,

e

Ann. de J. C. 1537.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUHNA GOVERNADOR.

e desculpar huma acçaõ de que o acaso, e a culpa do Sultaõ tinhaõ sido a causa, e naõ algum designio premeditado.

Nuno enviou do mesmo modo para á Rainha mái para lhe dar o pezame da morte de seu filho, e purificar-se da suspeita que ella podia ter, de que elle teria tido nisso alguma parte, e para lhe offerecer os seus serviços em conjuncturas taõ peniveis. Porém esta Princesa estava muito irritada para admitir as escusas mais arazoadas, e paliadas. Fugio ella de Novanaguer onde estava, levando comsigo os thesouros.

Com tudo o General se assenhoreou do Palacio, e dos armazens. Como naõ acharaõ nos cofres do Sultaõ se naõ 200$. pardaos, soma muito modica para hum taõ grande Monarca, suspeitaraõ nos Officiaes, que tinhaõ tido a commissaõ de fazer a visita, e no mesmo General, de terem divertido somas immensas. O que acharaõ de resto em joias, moveis, artilheria, muniçoens era inextimavel, sem falar em mais de 120 embarcaçoens, de que se apoderaraõ.

Mir Mahamed Zaman, a quem Badur tinha dado hum azylo, quando ex-

expulſado do Reino de Delli, que ſeus antigos tinhaõ poſſuido, naõ ſabia a quem recorreſſe, julgou entaõ ter hum direito legitimo de ſe fazer Rei de Cambaia; porque eſte Eſtado tinha ſido n'outro tempo parte do de Delli, de que elle ſe pretendia ſempre o legitimo herdeiro. Foi neſta viſta apreſentar-ſe á Raynha mãi de Badur, offerecendo-ſe para a vingar dos Portuguezes, ſe ella quizeſſe favorecer as ſuas pretençoens. Porém eſta Princeſa julgando naõ ſe dever fiar delle, rejeitou as ſuas propoſiçoens, e ſe pôz em ſegurança. Entaõ Zaman recorreo ao General, a quem fez offerecimentos muito vantajozos para conſeguir a ſua alliança. Nuno os aceitou com goſto; porém iſto meſmo fez injuria a Zaman. Os principaes Senhores de Cambaia tomando averſaõ a hum homem, que ſe ligava com o matador do ſeu Soberano, ao qual elle devia tantas obrigaçoens peſſoaes, elevaraõ ao Throno Mahmud ſobrinho de Badur, que poſeraõ na tutela de tres Miniſtros, que eraõ os mais poderozos Senhores do Eſtado. Zaman naõ ſeguindo o conſelho, que Nuno lhe tinha dado, de ſe pôr logo em campo com as maiores forças que

ANN. de J. C. 1538.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Ann. de J. C. 1538.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

que elle podesse, foi destruido pelo seu competidor; e obrigado a retirar-se para o Rei dos Mogols, que lhe deo o Reino de Bengala, donde foi tambem expulso por Tzercam.

O victoriozo Mahmud quiz tomar satisfaçaõ da morte de Badur a Antonio da Silveira Menezes, que Nuno tornando a Goa tinha feito Governador da Cidadella de Diu; naõ tanto por ser seu cunhado, como por ter verdadeiramente merecimento. Antonio respondeo da maneira que lhe pareceo proprio ao satisfazer, ainda que elle naõ o devia satisfazer. Porém como Mahmud naõ estava ainda em estado de romper, naõ demorou muito o golpe. Algum tempo depois fez algumas proposiçoens de paz, que Silveira naõ quiz escutar, sem que elle naõ ratificasse as mesmas vantagens, que tinha feito Mir-Mahmud Zaman. Por este modo tudo concluio n'huma tregoa, na qual os Portuguezes de Diu naõ deixaraõ de ter que sofrer a interrupçaõ do commercio até á vinda do General, que a desconfiança que tinha da Corte de Cambaia, e as noticias que recebeo dos preparativos, que o Gram Senhor fazia em Suez, obrigaraõ a tor-

tornar a Diu, a fim de pôr em eſtado eſta Cidade, a qual lhe dava todo o motivo de temor.

Com effeito os prezentes de Badur fizeraõ impreſſaõ na Porta. O Enviado d'eſte Principe os tinha feito paſſar de Meca ao Cairo, d'onde o Bacha Solimaõ, que alli commandava, os fez tranſportar a Conſtantinopla, onde elle meſmo os ſeguio pouco depois, acompanhado d'alguns Portuguezes arrenegados, de que Badur fazia tambem hum prezente ao Gram Senhor. Solimaõ filho de Selim, e neto do grande Bajazet, tinha entaõ o Sceptro do Imperio Ottomano. Era eſte hum grande Principe que penſava como Monarca, e que amava a gloria. Foi penetrado de ſe ver procurado de taõ longe por hum Soberano cujos prezentes davaõ huma taõ alta idéa por ſerem ricos, e ſoberbos. E ainda que elle ſoube quaſi ao meſmo tempo o ſeu fim infelis, naõ teve maior inveja do que a de levar as ſuas armas victorioſas ás Indias, lizongeado da eſperança de conquiſtar hum Reino taõ rico, debaixo do eſpeciozo pretexto de o ſoccorrer. Julgou elle iſto tanto mais facil, que reflectindo ao que tinha feito no

Ann. de J. C. 1538.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Ori-

Ann. de J. C. 1538.

D. João III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

Oriente hum pequeno numero de Portuguezes, elle se via tambem excitado pelos Portuguezes arrenegados, que lhe representavaõ como a coisa mais facil do mundo, o ganhar á sua naçaõ todas as suas conquistas.

Solimaõ Bacha do Cairo foi nomeado General da expediçaõ, mais pelas intrigas do Serralho, do que pela consideraçaõ ao seu merecimento pessoal. Era este hum Grego natural da Morea que o seu estado d' Eunuco, e sua enorme fealdade como a sua economia, tinhaõ posto na confiança dos Sultoens até ao ponto, de lhe darem a principal auctoridade no posto o mais zelozo da Corte, onde as Senhoras principaes deste grande Imperio pelos privilegios do sexo, engrandecem viz escravos capados pela sugeiçaõ, e dependencia em que saõ obrigadas a viver a respeito d'elles. Estava elle entaõ na idade de 80. annos, e se tinha feito taõ monstruoso, que tinha mais de largo que de comprido, e naõ podia dar hum passo sem o soccorro de quatro pessoas. A sua alma ainda era mais disforme que o seu corpo, todas as qualidades do seu coraçaõ, e do seu espirito se assemilhavaõ perfeitamen-

mente a huma brutalidade dominante, que o fazia mais cruel do que as feras mais indomitas.

Como elle se tinha obrigado a fazer o seu armamento sem custar nada á Porta, pôz-se em estado de cumprir a sua palavra pelo sangue que derramou, e as cuncussoens horriveis que cometeo. Mir-Daud Rei da Thebaida, que lhe tinha dado grandes soccorros d'homens, e de dinheiro, foi enforcado por sua ordem em recompensa. Ouveraõ poucas familias consideraveis no Egypto, a quem as riquesas naõ servissem de crime, e que naõ tivessem que derramar lagrimas em consequencia dos desterros, das proscripçoens, das mortes cruentas, e confirmaçoens dos bens, motivadas pela sua insaciavel cubiça.

A armada que elle tomou em Suez era composta de 70. velas, pela maior parte galeras, e outras embarcaçoens á remos, nas quaes tinhaõ embarcado 7ↀ. homens de tropas regulares, Janisaros, Mammelus, sem falar dos Chiourmes, entre os quaes havia muitos Christaõs forçados, e em particular Venezianos que tinhaõ retido em Alexandria, na occasiaõ da rotura que entaõ houve entre esta Republica, e a Porta.

Tan-

Ann. de J. C. 1538.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Tanto que elle eſteve no mar, fez pôr 400. homens d'armas ao remo, e como ſoube que elles tinhaõ ſofrido com impaciencia huma tal injuria, fez cortar a cabeça a 200. para calar os outros. Chegou a Gidda, donde o Cheque, que conhecia a ſua ferocidade achou o meio de eſcapar aos ſeus laços, retirando-ſe para ás terras. O Rei de Zeibit menos ſabio, confiando-ſe-lhe de muito boa fé, teve a cabeça cortada. O de Adem taõ credulo ou taõ timido foi igualmente a victima da ſua crueldade. Solimaõ depois de ter recebido os preſentes d'eſte pobre Principe, ſe fez ſenhor da ſua Cidade pelo meio d'aquelles, que elle tinha rogado, que os quiſeſſem bem receber como doentes, e o fez enforcar depois com os principaes Senhores da ſua comitiva, que elle tinha atrahido para huma practica. Tais foraõ os preludios das cruentas Tragedias que elle eſperava fazer nas Indias, para onde caminhava com as velas cheias.

A Corte de Cambaia naõ eſperava pela ſua chegada, para começar as hoſtilidades, para ás quaes ſe preparava occultamente havia muito tempo, para vingar a morte de Badur.

Coje-

Coje-Sofar, que era a alma dos designios desta Corte, com a qual entretinha huma secreta correspondencia, enganava os Portuguezes com a mais perfeita disimulaçaõ pelos mesmos serviços que lhes fazia. Tinha entre elles muita consideraçaõ, porém os seus beneficios naõ tinhaõ podido curar a chaga do seu coraçaõ, chagado pelo assacinio do seu senhor, e naõ os tinha servido se naõ para assegurar a sua vingança. Tanto que elle teve os avisos certos da marcha da frota Ottomana, fugio de Diu com a sua familia; porém elle o fez com tanto segredo, e destresa, que ainda que esta familia fosse muito numeroza pela multidaõ das suas mulheres, e dos seus escravos, nunca os Portuguezes a poderaõ presentir, e naõ o perceberaõ, se naõ depois de lhe ter escapado com toda a sua gente.

Ann. de J. C. 1538.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Depois d'esta evasaõ, naõ tendo mais duvidoza a guerra, Antonio da Silveira de Menezes se preparou como homem que a esperava. Nuno antes que partisse de Diu tinha feito destruir o bairro chamado a Cidade dos Rumes, e nelle tinha começado hum baluarte. Tinha feito abrir na Cidadella huma cisterna taõ comprida,

Ann. de J. C. 1538.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

e taõ larga, que podia contar até mil pés de agua. Silveira aperfeiçoou estas obras, e fez encher a cisterna. Ajuntou quantas provisoens de guerra, e de boca pôde, desarmou os Mouros que estavaõ na Ilha, e reteve quatro dos mais consideraveis para lhe servirem de refens. Publicou edictos para vedar a fugida dos que a esperança da guerra tinha atemorizado, e fez enforcar alguns, dos que as suas ordens naõ tinhaõ podido reter. Em fim destribuhio a pouca gente que tinha por diferentes postos, onde educou bons Officiaes.

Mahmud, que da sua parte tinha feito os seus preparativos com muito segredo naõ tardou a pôr-se em campo. Tinha ajuntado em Champanel 15ↀ. homens escolhidos: a saber 5ↀ. cavallos, e 10ↀ. de Infantaria. Ale-Can, hum dos Ministros, teve o commando geral d'este exercito. Coje-Sofar, que commandava debaixo d'elle, se avançou primeiro com hum corpo de 3ↀ. homens de Cavalaria, e 4ↀ. de Infantaria, com os quaes veio dar hum attaque repentino ao baluarte da Cidade dos Rumes, que naõ estava ainda acabado. Francisco Pacheco, que defendia este pos-

to

to com 14 Portuguezes sustentou-se com muito vigor, até ser soccorrido por Silveira: Sofar que na acçaõ teve huma maõ passada com huma bala de arcabus, foi obrigado a retirar-se. Alu-Can tendo chegado pouco depois com o resto das tropas, Sofar, e elle estabeleceraõ os seus quarteis nos lugares que lhes pareceraõ mais proprios para entrar na Ilha. Silveira tinha emprehendido defender as passagens, e tinha começado a prover nisso. Porém muito inferior aos inimigos tendo além d'isso perdido por huma tempestade algumas embarcaçoens, que tinha posto no canal com hum bom numero de peças d'artilheria, vio-se obrigado a dezemparar a Ilha, e a Cidade onde os inimigos entraraõ logo, e foraõ recebidos com huma extrema satisfaçaõ dos moradores, que crendo terem quebrado as suas cadéas, e sacudido hum jugo estrangeiro, e odiozo, tornavaõ ao seu primeiro Senhor.

ANN. de J. C. 1538.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Posto que desde o dia seguinte da sua entrada Alu-Can, e Sofar tivessem começado a apontar o canhaõ contra o baluarte da Cidade dos Rumes, naõ se fez nada de consideraçaõ d'ambas as partes até á chegada da frota Ottamana que appareceo

em

Ann. de J. C. 1538.

D. João III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

em 14 de Setembro nesta ordem. Quatorze Sultanas formavaõ huma linha que ocupava o largo, e formavaõ a ala direita, outras sete Sultanas hiaõ quasi costear a terra, e formavaõ a segunda linha á esquerda. No centro estava o resto da frota, que cobriaõ os navios de carga, e de transporte. A vista pompoza d'esta frota taõ numerosa, e tambem embandeirada, e empavesada, fez tanta impressaõ sobre os inimigos como sobre os Portuguezes. Porque se estes tiveraõ lugar de temer hum taõ formidavel armamento, os outros começaraõ a temer de ter tomado hum soccorro, que parecia ser vindo menos para os defender, do que para os oprimir.

Sofar foi logo á Capitania para saudar o Bacha, com quem teve huma longa practica a respeito das conjunturas presentes, e na qual lhe aplanava todas as dificuldades, representando-lhe o cerco de Diu como huma coisa facil, e de pouca duraçaõ. Solimaõ querendo dar idéa de si desde os principios, mandou á terra 700. Janisaros bem vestidos, e bem armados. Estes insolentes entraraõ na Cidade como n'uma praça tomada por as-

affalto, e alli cometeraõ os mefmos exceffos. Até os mefmos feus principaes Officiaes tendo procurado ver o General, e fendo admitidos á prefença d'efte velho venerando, lhe perderaõ o refpeito, pegando-lhe pela barba, e facudindo-lha, temeridade que teria fido paga por huma morte prompta, fe efte prudente homem naõ evitafe o golpe, dizendo: „ Ifto faõ ef„ trangeiros, e efta he fem duvida „ a moda de faudar no feu paiz. „ Alu-Can naõ deixou com tudo de fazer reflexoens, e fe retirou do exercito para naõ eftar mais expofto a fimilhantes infultos. Os Janifaros naõ fizeraõ depois mais do que paffar por baixo da Cidadella, fazendo huma defcarga com os feus arcabuzes, e flexas. Mataraõ 6 peffoas, e feriraõ vinte. O fogo da praça fez fobre elles taõ grande effeito, que morreraõ 50, e houve maior numero de feridos; o que os fez hum pouco mais comedidos.

Ann. de J. C. 1538.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA, GOVERNADOR.

Sobre a noticia que Silveira tinha tido da vinda dos Rumes, tinha defpachado Miguel Vaz em huma curveta para lhes hir ao encontro, e tomar conhecimento da fua armada. Elle o fez como homem habil, e vol-

Ann. de J. C. 1538.

D. Joaõ III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

tou a Diu, donde Silveira o deſpachou ao General com huma carta breve, na qual ſe referia ao portador para huma maior relaçaõ. Miguel Vaz, para ſe ſegurar ainda mais da relaçaõ que havia fazer, reconheceo eſta frota de taõ perto, que tomou hum conhecimento taõ completo como elle podia dezejar. Porém o ſeu atrevimento ferio tanto o Bachá, que pôz duas galeras no ſeu ſeguimento. Como porém a ſua curveta era muito ligeira, e foi ſoccorrido do vento, tomou o largo, e foi executar a ſua commiſſaõ para o General, que ſe diſpóz a enviar alguns ſoccorros, eſperando vir peſſoalmente.

No outro dia d'eſta vam aparencia dos Janiſaros, huma violenta tempeſtade maltratou tanto a frota de Solimaõ, que foi obrigado a levar ancora, para hir buſcar o porto de Madrefabá, no qual perdeo 4 dos ſeus navios de carga, cujos fardos ſendo levados á praia, o grande numero de ſelas, e de arreios de cavallos, que alli ſe acharaõ, cauſou eſpanto aos Guzarates. Tiraraõ elles d'iſto hum máo agouro, e comprehenderaõ, ainda melhor do que o tinhaõ feito, o deſignio em que eſtavaõ os Turcos de ſe aſſenhorearem do paiz, o que junto ás crueldades

que

que tinhaõ commetido em Adem, e por toda a parte na ſua derrota, os esfriou muito a reſpeito d'elles, e foi muito util depois aos ſitiados.

Ann. de J. C. 1538.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

A auzencia da frota, que foi de 20 dias, deo tempo a Silveira de fortificar os lugares fracos da praça, e de a pôr em eſtado de fazer huma mais vigoroza reſiſtencia. Sofar, e os Turcos que tinhaõ ficado em Diu, naõ eſtiveraõ com tudo ociozos. Eſtabeleceraõ os ſeus quarteis, adiantaraõ as ſuas trincheiras, principalmente para o baluarte da Cidade dos Rumes por onde tinhaõ rezolvido começar: prepararaõ as ſuas battarias, e fizeraõ vir de Madrefaba por terra hum baſaliſco d'exceſſiva grandeza. Foi o unico que poderaõ conduzir, ainda que com infinito trabalho, por cauſa do comprimento do caminho, e dos areaes por onde devia paſſar.

Com iſto elles ſe apoſſaraõ d'huma barca, que ſervia no porto para á deſcarga dos navios, e em ſima d'ella levantaraõ huma torre muito alta, para igualar os parapeitos do baluarte. Encheraõ-na de materias combuſtiveis, e fetidas, e de differentes artificios. Elles a tinhaõ attacado por quatro ancoras ao leito do rio, e o ſeu

ANN. de J. C. 1538. D. JOAÕ III. REI. NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

designio era aproveitarem-se das grandes marés para a chegarem ao baluarte, e alli entaõ lhe lançarem fogo na esperança, ou que o fogo; e os artificios impediriaõ os sitiados de se defenderem, ou que o grande calor, e o fumo os sufocariaõ. Silveira, que penetrou as suas idéas os deixou trabalhar. Porém quando a maquina esteve prompta, seguindo o exemplo que lhe tinha deixado em similhante occasiaõ o grande Albuquerque, deo a commissaõ a Francisco Gouvea, Capitaõ do porto de a hir queimar, quando a noite desse lugar, o que elle fez com muita afouteza, e valor.

Vindo Solimaõ com a frota, começou a artelharia a jogar com violencia contra o baluarte da Cidade dos Rumes. Silveira tinha tentado em huma noite lançar-lhe alguma gente, e muniçoens; porém como Pacheco tinha feito murar a porta, naõ pôde ser soccorrido. Com tudo o continuo fogo do inimigo tendo arrasado todos os parapeitos, e feito huma grande brecha, Sofar veio ao assalto com 700 Janissaros sustentados por 1300 homens. A pezar disto foraõ tambem recebidos por esta pe-

que-

quena porçaõ d'homens que a defendiaõ, e principalmente por dois moços que sofreraõ todo o pezo d'esta jornada, que os Turcos foraõ obrigados a retirar-se com huma grande perda. Como porém o baluarte estava separado da Fortalesa, e naõ estava em estado de se conservar por muito tempo, o medo que tomou Pacheco o obrigou a capitular. No dia seguinte perto do meio dia viraõ a Bandeira Ottomana arvorada sobre o baluarte. Hum velho chamado Joaõ Perez indignado de ver este Estendarte em lugar do de Jesus Christo, correo seguido de outros 5 valerozos, e o abateo, e arvorou de novo o da sua Religiaõ. Fez 3 ou 4 vezes a mesma coisa com igual determinaçaõ em desprezo dos Musulmanos, até que oprimidos pelo grande numero, perderaõ todos a vida que tinhaõ vendido cara aos seus inimigos. Os seus corpos deitados no rio foraõ levados como por milagre, e contra a corrente, dizem, ás portas da Cidadella onde lhes deraõ huma honrosa sepultura. Pacheco, e os seus mais fracos, e mais indignos de viverem, perderaõ a liberdade que lhes tinhaõ premitido, e naõ conservaraõ os seus dias por al-

ANN. de J. C. 1538.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Ann. de J. C. 1538. D. JOAÕ III. REI. NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

algum tempo ſe naõ tomando o Turbante; fraqueſa que Solimaõ meſmo vingou logo depois.

O Bachá tendo feito inutilmente citar o Governador para ſe render depois da tomada do baluarte, ſe diſpôz a attacar a Cidade. Fez preparar para eſte effeito ſeis battarias, nas quaes entravaõ mais de cem peſſas de canhaõ, nove baſaliſcos que lançavaõ balas de 90 a 100 libras, e 5 murteiros que lançavaõ pedras de 6 para 7 pés de circumferencia. 2000 Turcos eraõ deſtinados para a ſua guarda debaixo das ordens de Sofar, e de Suf-Hamed, Governador d'Alexandria. As battarias começaraõ a jogar em 4 de Outubro, e varejaraõ a praça 25 dias ſem deſcançar. Como elles attacavaõ ſegundo as regras da'arte, que combattiaõ de perto, e que tinhaõ bons artiſtas, logo nos primeiros dias deſcavalgaraõ a arttilheria da praças, e as ameias das torres e os parapeitos todos foraõ baluartes abatidos; e em quanto battiaõ em brecha, adiantavaõ as ſuas trincheiras até ao foſſo, paſſaraõ-no, e uniraõ o mineiro ao baſtiaõ, onde commandava Gaſpar de Souſa. Silveira da ſua parte fazia tudo o que ſe pode eſperar da attençaõ, da

acti-

actividade, e do valor d'hum grande Capitaõ. O inimigo nunca o achou desprovido, tinha disposto tudo de modo, que todos os quarteis se podiaõ dar a maõ. Elle estava sempre onde o fogo era mais vivo, e ainda que naõ pôde impedir aos sitiantes d' avançarem pé a pé, disputou o terreno do mesmo modo com todos os artificios, que hum espirito fertil em expedientes pode inventar, e com aquelle desasombramento, e firmesa d' alma que de nada se espanta, e que naõ podendo acautelar tudo, a tudo dá remedio.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

Os Soldados sempre valentes quando saõ bem governados, naõ desmentiaõ da firmeza do seu General. Confiavaõ nelle, e isto bastava. E verdadeiramente neste cerco os Portuguezes do primeiro até ao ultimo ganharaõ honra. Eraõ poucos comparados com o inimigo. O numero diminuia cada dia pelos diferentes combates, que tinhaõ para sustentar, ou nas sortidas, ou na defensa dos seus postos. Os viveres, e principalmente as armas, e as muniçoens lhes faltavaõ. A corurpçaõ das agoas da cisterna lhes causou escrubuto. O numero dos mortos, e feridos lhes augmentava os seus trabalhos. Em

fim

fim perderaõ a efperança de ferem foccorridos, o que naõ obftante naõ fe dezanimaraõ nunca, e moftraraõ até ao fim a coragem mais admiravel.

Muitos fe diftinguiraõ d'um modo fingular. Louvaõ alguns em particular, hum moço Hefpanhol do Reyno de Galiza de 18 para 19 annos de idade, e de muito pequena eftatura, o qual tendo-fe lançado em huma forçtida a hum Mouro dos mais poffantes pela fua figura, e pelas fuas forças, o prefeguio tanto que o obrigou a entrar no mar onde o feguio: como a fua pequenhes lhe fez perder logo o pé, o Mouro fe lançou fobre elle para o afogar com o feu pezo. O moço naõ efmoreceo, trafpaffou o feu adverfario com muitas feridas, matou-o, fahio da agua, retirou-fe depois com paffos lentos, e com toda a paxorra da fua Naçaõ, para a Fortalefa, á traves d'huma multidaõ de balas, e flexas que pareciaõ refpeitalo, depois d'huma taõ bela acçaõ. Joaõ da Fonceca naõ fe fez admirar menos no feu valor. Porque fendo ferido gravemente no braço direito, com que elle efgrimia vivamente com hum meio pique, naõ fez mais do que mudar de maõ, e fe moftrou muito

agra-

agravado contra Duarte Mendes de Vaſconcellos, que o tinha exortado duas veſes a que ſe retiraſſe para ſe fazer curar. Fernando Penteado ferido perigoſamente na cabeça em hum attaque, naõ teve paciencia para eſperar pelo cirurgiaõ, e ſe eſcapou para tornar á peleja, onde ſendo ferido ſegunda vez, e trazido para o curarem, e fugindo tambem, ſe lançou entre os inimigos como hum leaõ, e recebeo terceira ferida. Hum ſoldado, cujo nome ſe naõ ſabe, arrancou hum dos ſeus dentes no furor do combate, e o meteo no ſeu arcabus por lhe faltarem balas. Hum chamado Joaõ Rodrigues, homem de extraordinaria valentia, e de animo igual ás ſuas forças, ſe fez muito notavel pela ſingularidade das ſuas acçoens; porque expondo-ſe muitas vezes a morrer, lançava contra os inimigos barris inteiros de polvora, e artificios de fogo, e elle ſó matou taõ grande numero, que foi hum dos que adquiriraõ mais gloria neſte famozo cerco.

Ann. de J. C. 1538.

D. JOAÕ III. REI.

NUNO DA CUNHA GOVERNADOR.

As mulheres naõ ſe diſtinguiraõ menos do que os homens, porque ſem falar da admiravel conſtancia, que moſtrou huma, que perdeo os ſeus dois filhos, naõ houve nenhuma que ſe

Ann. de J. C. 1538.

D. Joaõ III. Rei.

Nuno da Cunha Governador.

naõ quizesse assignalar. Entre as principaes foi huma Izabel da Veiga, mulher d'hum Official, queria seu marido antes do cerco envialaa Goa para casa de seu pai; porém esta mulher que naõ tinha menos virtude, que beleza, nunca pôde consentir em separar-se delle, querendo viver, e morrer diante dos seus olhos. Tanto que os inimigos se pozeraõ á vista da praça, depois de ter communicado os seus pensamentos a Anna Fernandes mulher do cirurgiaõ mor, mulher d'animo varonil, e sustentado por huma grande piedade, ajuntou todas as do seu sexo, e lhes fez huma fala, em que por muitas rasoens, e exemplos lhes mostrou o que ellas podiaõ fazer nas circunstancias em que se achavaõ, e as animou tambem, que estas mulheres tendo sempre na frente estas duas Heroinas, naõ sómente excederaõ a sua fraqueza, supportando valerosamente todas as disgraças ordinarias em huma praça sitiada, porém repartiraõ tambem os trabalhos militares, até se misturarem no forte do combate, animando huns, exortando outros, levando muniçoens, e fornecendo as armas, com que naõ podiaõ peleijar como dezejavaõ.

Os

Ann. de J. C. 1538.

D. JOAÕ III. REI.

D. GARCIA DE NORONHA VICE-REI.

Os inimigos, tanto que as brechas se pozeraõ em estado, e as minas fizeraõ o seu effeito, naõ cessaraõ de fazer assaltos de dia, e de noite, assim ao baluarte de Gaspar de Sousa, que mataraõ indo reconhecer a mina, como ao de Lopo de Sousa, que era o mais fraco. Porém as cortaduras, que Silveira tinha feito atalhando-os por toda a parte, e os Portuguezes peleijando como Heroés, os rechassaraõ sempre com perda.

Com tudo chegou hum pequeno soccorro de 20 homens resolutos, que em 4 bateis abordaraõ a Fortalesa, e animaraõ as esperanças dos sitiados, com as novas da chegada de D. Garcia de Noronha, que a Corte tinha enviado Visorei, para render Nuno da Cunha, e que mostrava vir combater a frota Ottomana com grandes forças. O Bachá indignado de que estas pequenas embarcaçoens tivessem passado dezaforadamente por entre a sua armada, opprimido além disto pelo temor da vinda do Visorei, se vio ainda mais animado para apertar mais vivamente o cerco, e fez dar hum assalto ao baluarte do mar, onde commandava Antonio de Sousa. Os inimigos se chegaraõ com 50 bateis de

Ann. de J. C. 1538.

D. JOAÕ III. REI.

D. GARCIA DE NORONHA VICE-REI.

de que alguns meteo a pique a artilheria do baluarte. Plantaraõ logo a efcalada, porém vindo por tres vezes ao lugar, naõ confeguiraõ mais do que o difgofto da perda que alli fizeraõ, e a injuria de ferem desbaratados.

Tanta refiftencia fó fervia de irritar mais o foberbo Bachá, que refolveo fazer o ultimo esforço, fazendo dar hum affalto geral á Fortalefa. Para melhor enganar o Governador divulgou que hia levantar o cerco. Com effeito fez aparelhar, ceffou o fogo das batarias, e á vifta dos fitiados fez embarcar mil homens em 12 fultanas ou galeras, que logo tomaraõ o largo. Porém n'efta mefma noite, que era a de 31 de Outubro, fez levar quantidade de efcadas para os foffos. Silveira a quem efta vam demonftraçaõ naõ enganou, tendo-o prefentido, d'ifto tirou fuas conjecturas para o lugar do attaque, e proveo nifto como homem habil.

No outro dia, appareceraõ ao amanhecer 14 mil homens em armas. Eftavaõ divididos em tres corpos. A artilheria inimiga fez hum fogo terrivel para alimpar as brechas. Partindo o primeiro corpo que fazia a vanguar-

guarda, huma parte correo ao baluarte onde eſtava a caſa do Governador, que as battarias dos inimigos tinhaõ quaſi demolido, e a outra partio direita aonde elles tinhaõ eſcondido as ſuas eſcadas. Porém como os poſtos eſtavaõ bem providos, nenhum deſtes appareceo em ſima das eſcadas, que naõ cahiſſe morto nos foſſos. E como o lugar era eſtreito, e os inimigos juntos, nenhum tiro errava. O que obrigando-os a abandonar a empreſa, ſe reuniraõ todos para ſubirem ao baluarte, onde levantaraõ logo huma das ſuas bandeiras, e ſe alojaraõ em numero de 200. Havia ſo 30 homens no baluarte; porém fizeraõ taõ grandes façanhas, e particularmente dois moços chamados Martim Vaz, e Gabriel Pacheco, ambos mais unidos pela amizade, que pelo ſangue, que precipitaraõ os inimigos, depois de lhe matarem o Alferes: cuſtou com tudo a vida d'eſtes dois valerozos. Por outra parte 14 galeras chegando-ſe á Fortaleſa a bateraõ, porém ſem effeito. Fernando de Gouvea do baluarte aonde commandava, lhes maltratou dois, e obrigou os outros a ſe apartarem.

Ann. de J. C. 1538.

D. João III. Rei.

D. Garcia de Noronha Vice-Rei.

O ſegundo corpo tomando o lugar

Ann. de J. C. 1538.

D. JOAÕ III. REI.

D. GARCIA DE NORONHA VICE-REI.

gar do primeiro, veio ao aſſalto com mais furor, plantou quatro eſtendartes, e ganhou mais terreno. Porém os Portuguezes acodindo de tropel para eſta parte, onde o perigo, era mais urgente, foraõ os inimigos recebidos com o meſmo vigor que d'antes. Foi entaõ que ſe aſſignalou muito Joaõ Rodrigues. A artilheria do baluarte do mar, e do de S. Thomé, dando ſobre eſte montaõ de combatentes, os obrigou a afrouchar o pé. A imagem da morte era horrivel neſte lugar, e os ſitiados alli pareciaõ mais do que homens. O terceiro corpo que tinha ſido teſtemunha do vigor com que os dois primeiros foraõ recebidos, ſuccedeo ao ſegundo, porém com menos ardor, e perdeo inteiramente o animo pela diſgraça acontecida ao genro de Sofar, que o commandava. Foi elle taõ maltratado por huma panela de fogo, de que foi coberto, e aſſado, que ſahio logo para fora do combate. Os ſitiados pelo contrario, animados com eſte ſucceſſo, venceraõ neſte ultimo momento: ficaraõ ſenhores do campo da batalha, e rechaſſaraõ o inimigo, que deixou 500 mortos no campo n'eſta acçaõ, e entrou nas ſuas linhas com mais de mil feridos.

Hu-

Huma taõ bella victoria naõ podia deixar de ser funesta aos vencedores, se o General inimigo podesse saber a triste situaçaõ a que estava redusido. De 600 pessoas, naõ restavaõ mais que 40 em estado de combater, taõ cançados que apenas podiaõ consigo. Faltava-lhes polvora, as armas rebentadas e quebradas, de modo que se naõ consideravaõ se naõ como victimas distinadas á morte. Porém estavaõ todos determinados a morrer antes do que a renderem-se.

ANN. de J. C. 1538.

D. JOAÕ III. REI.

D. GARCIA DE NOROHNA VICE-REI.

Em fim Solimaõ levantou logo o cerco, e se embarcou com toda a confuzaõ d'huma partida precepitada por hum terror panico. Silveira naõ deixou de temer segundo fingimento, e determinado a esperar a ultima sorte das armas, fez subir toda a gente que lhe restava sobre as muralhas, até os feridos que podiaõ levantar-se, e as mulheres que se mascararaõ para fazerem numero. Porém a retirada do Bachá era verdadeira, e mudou a tristeza mortal dos sitiados, que a viraõ de sobre aquelles muros que tinhaõ defendido tambem, em huma extrema alegria.

A Corte de Cambaia foi mesmo a causa occulta da precepitaçaõ d'esta a pres-

Ann. de J. C. 1538.

D. JOAÕ III REI.

D. GARCIA DE NORONHA VICE-REI.

apreſſada partida. Solimaõ tinha ſempre ficado na ſua galera ſem nunca deſcer. Porém tinha commandado com tanta altivez, e moſtrado a ſua brutalidade, e más intençoens taõ deſcubertamente, que os inimigos, que o tinhaõ chamado, temendo-o ainda mais do que os Portuguezes, nada omitiraõ para o deſgoſtarem, e para o apartarem. Sofar que eſtava tambem por extremo deſcontente, acabou de o determinar. Por que no dia ſeguinte do aſſalto geral, prevendo bem que os ſitiados naõ ſaberiaõ ſuſtentar outro, fez com deſtreza hir ás maõs do Bachá, huma carta que elle tinha eſcrito a ſi meſmo, debaixo do nome de hum dos ſeus amigos, que lhe dava aviſo da proxima chegada do Viſorei, com huma poderoſa frota para os combater. O artificio aproveitou, Solimaõ naõ cuidou mais do que em eſcapar pela fugida.

Silveira naõ ficou menos expoſto a Sofar, e ás tropas Guſarates, ſe ellas ſe quizeſſem aproveitar da ſua vantagem. Porém ou porque Sofar foſſe muito contente de ſe ver livre do Bachá, ou foſſe deſviado de tentar alguma coiſa pela chegada das fuſtas da Eſquadra de Antonio da Sil-

va

va de Menezes, das quaes duas abordaraõ á Cidadella na mesma noite, elle mesmo lançou fogo em muitos sitios da Cidade, e se retirou para ás terras com as suas tropas. Deste modo acabou o primeiro cerco de Diu, que fez entaõ grande estrondo nas Indias, e na Europa, e tanta honra no mesmo tempo a Silveira, que Francisco I. Rei de França mandou de pensado a Portugal buscar o seu Retrato.

Ann. de J. C. 1538.

D. João III. Rei.

D. Garcia de Noronha Vice-Rei.

Solimaõ tendo deixado sobre a Costa de Arabia quantidade de feridos, entrou no mar Roxo, onde seguindo os delirios da sua ferocidade, fez cortar o naris, as orelhas, e a cabeça aos infelices, que tinha tomado no baluarte da Cidade dos Rumes, e a quasi 40 outros Portuguezes que tinha recolhido nos Portos sobre a sua derrota, e fazendo-os salgar, os mandou de prezente ao Gram Senhor, servindo assim de instrumento á colera de Deos, que vingava nelles a afronta, que tinhaõ feito á sua Religiaõ abjurando-a. Porém esta mesma providencia seguio Solimaõ até a Constantinopla, onde lhe reservava o seu castigo. Huma das Sultanas validas, que o aborrecia, se unio a Ucera Bachá, para o fazer cahir na disgraça

ANN. de J. C. 1538.

D. JOAÕ III. REI.

do seu Soberano. Despertaraõ as concussoens que elle tinha feito no Egipto; e o temor do cordel fatal aos Grandes d'este Imperio, fez com que elle acautelasse a sua Sentença com o veneno, servindo de algós a si mesmo depois de o ter sido de tantos outros.

D. GARCIA DE NORONHA VICE-REI.

Hum dos Escravos Portuguezes de que Sultaõ Badur tinha feito presente ao Gram Senhor, tendo-se salvado de Constantinopla, tinha trazido a Lisboa a noticia dos designios da Porta sobre as Indias, e dos grandes preparativos que ella fazia em Suez. D. Joaõ III. a quem isto inquietou, fez armar a toda a pressa 11 Navios de que deo o commando a D. Garcia de Noronha, que enviou em qualidade de Visorei, e lhe deo 7ↀ. homens de boa tropa. Foi este o maior esforço que fez entaõ Portugal. A viagem de Noronha foi feliz, perdeo só hum navio: se foi todavia isto perda, porque nelle hiaõ juntos os facinorozos e criminozos, de quem tinhaõ mudado a pena de morte em desterro. D. Garcia chegou com effeito ás Indias no principio do cerco de Diu. Nuno lhe renunciou logo o governo. Porém em vez da chegada d' es-

efte novo General fer util aos fitiados, lhes trouxe muito grande prejuizo, e foi a caufa da perda de tantos valerozos que alli foraõ mortos. Porque debaixo do pretexto de querer hir peffoalmente foccorrer os fitiados, e combater a frota Ottomana, o que era o principal objecto a que fora mandado, e a vontade delRei mais determinada: D. Garcia deteve logo 80 embarcaçoens, ou fuftas carregadas de homens, e de muniçoens que Nuno tinha preftes para enviar. E pofto que elle teve depois huma armada das mais belas que fe podem defejar, compofta de mais de 160 embarcaçoens, confumio tanto tempo a confiderar o modo comque fe havia condufir para fazer levantar o Cerco, que teve a noticia de que fe tinha levantado antes, que tiveffe tomado alguma deliberaçaõ. Hum autor Portugues naõ deixa de o comparar nefta acçaõ com *Fabio Cunctator* ou gaftador de tempo. He adiantar muito a lifonja. Ha fó huma diferença entre hum, e outro: e he, que Fabio gaftando o tempo falvou Roma, e a Italia; e os vagares defte podiaõ muito bem fer a caufa de fe perder Diu, e pode fer as Indias.

ANN. de J. C. 1538.

D. JOAÕ III. REI.

D. GARCIA DE NORONHA VICE-REI.

Ifto naõ he porque D. Garcia

Ann. de J. C. 1538.

D. João III. Rei.

D. Garcia de Noronha Vice-Rei.

deixasse de ser valerozo, elle tinha dado provas do seu valor com o grande Albuquerque seu tio. Mas por ser hum Fidalgo muito politico, o grande empenho que elle teve de obedecer ás terriveis preocupaçoens de alguns Ministros da Corte de Portugal, muito prevenidos contra Nuno da Cunha, fez com que elle se entregasse inteiramente aos perniciosos conselhos d' aquelles, que quizeraõ declarar-se contra este, e naõ seguisse nenhum dos seus, posto que elles fossem só os prudentes, e uteis. Assim escureceo naõ sómente a gloria, que elle tinha antigamente adquirido, mas privou-se tambem de outra muito mais brilhante, que lhe era muito facil de adquirir.

Esta paixaõ o cegou depois de modo, que offendeo todas as regras da justiça, e do decoro a respeito deste grande homem, que posto que exempto, e livre do poder do Visorei, pelas mesmas ordens da Corte, para o seu embarque vio negarem-lhe hum lugar nos navios dElRei, e foi obrigado a pagar a sua passagem a hum navio mercante, que foi obrigado a segurar. O disgosto que teve Nuno de se ver tratar com tanta dureza, lhe aug-

augmentou a moleſtia que já tinha, e o fez morrer no mar, onde ordenou que deitaſſem ſeu corpo. Outras diſgraças o eſperavaõ em Portugal, onde era aborrecido por peſſoas poderoſas, que naõ o conheciaõ, e que naõ o conheceraõ ſe naõ depois que o perderaõ, e naõ o ſentiraõ ſe naõ quando o mal, que lhe tinhaõ feito, naõ tinha remedio.

Ann. de J. C. 1538.

D. JOAÕ III. REI.

D. GARCIA DE NORONHA VICE-REI.

ElRei tinha enviado ao ſeu encontro até ás Terceiras para o recebe- rem, aſſim como tinha uſado com Lopo Vaz de Sampaio, e que Sampaio lho tinha predicto a elle meſmo. Porém quando o velho Triſtaõ da Cunha pai de Nuno, e ſeus netos ſe apreſentaraõ a eſte Principe para lhe pagarem as balas cruſadas, com que elle tinha ſido deitado ao mar, e que elles lhe declararaõ, aſſim como Nuno o tinha declarado no ſeu teſtamento, que era eſta a unica coiſa que elle lhe devia, ElRei abrio os olhos, e conheceo a infelicidade dos Principes, que ſaõ enganados pela inveja, e prevençaõ, ou pela paixaõ dos que os cercaõ.

Depois do Grande Albuquerque, era Nuno de todos os Portuguezes o que tinha feito ſerviços mais importan-

Ann. de J. C. 1538.

D. JOAÕ III. REI.

D. GARCIA DE NORONHA VICE-REI.

tantes á Coroa, e que lhe tinha feito mais honra. Foi tambem o que teve mais relaçaõ com este grande homem. Como elle, commandava nas Indias só com o titulo de Governador por 10 annos: como elle fundou 3 Fortalesas, que eraõ todas d' huma grande importancia para estabelecer solidamente o Imperio da sua Naçaõ. Como elle, foi a victima da inveja, e acabou pela desesperaçaõ de ver os seus grandes serviços pagos pela ingratidaõ. Assimilhavaõ-se elles tambem nas suas virtudes, como nos seus defeitos. Ambos foraõ accusados de amarem com excesso as mulheres, porém esta fraqueza naõ alterou nelles o amor da justiça, e o inviolavel aferro ás obrigaçoens do seu cargo. Eu naõ pretendo de os igualar em tudo. Reconheço em Albuquerque huma grande superioridade na extençaõ do genio, na firmeza d'alma, na sciencia da guerra, na constancia no trabalho, a arte de se dominar, e a facilidade de talhar os grandes negocios pela prontidaõ de se rezolver. Estas qualidades naõ faltaraõ a Nuno; porém se ellas foraõ menos brilhantes nelle, pode ser que o excedesse noutros certos pontos, principal-

men-

mente em materia de desentereſſe; porque depois de paſſados 10 annos em hum governo taõ rico, morreo pobre, e proteſtou quando morreo, que naõ tinha em ſi do alheio ſe naõ 6 ou 7 peſſas de ouro da moeda de Sultaõ Badur, que tinha guardado por ſerem de hum beliſſimo cunho, e para as apreſentar elle meſmo a ElRei de Portugal. No mais elle era alto, bem feito, e de beliſſima preſença, ainda que hum pouco deſengraçado por hum accidente que lhe tinda feito perder hum olho, n'hum jogo de canas.

Ann. de J. C. 1538.

D. JOAÕ III. REI.

D. GARCIA DE NORONHA VICE-REI.

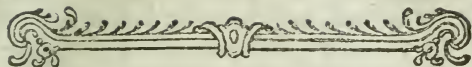
Porém já que aqui trato de grandes homens maltratados pela fortuna, acabarei por hum exemplo de Antonio Galvaõ. Em quanto Vicente da Fonceca, e Triſtaõ d'Ataide que deviaõ eſperar ſuplicios achavaõ o meio de ſe juſtificarem, e ſe adiantarem porque eraõ ricos; eſte digno de todas as recompenças, achou todos os coraçoens, e ouvidos fechados; porque tendo-ſe arruinado pelo ſerviço d'ElRei, moſtrava-ſe pobre, e em figura de homem que pede. Foi feliz em achar hum aſylo em hum Hoſpital de Lisboa, onde ſe vio reduſido a ſervir os doentes 14 annos para viver, ſem

Ann. de J. C. 1538.

D. JOAÕ III. REI.

D. GARCIA DE NORONHA VICE-REI.

ſem que nunca os ſeus grandes ſerviços fizeſſem naſcer o penſamento de o tirarem da ſua miſeria. Que mais ſe requer para inſpirar o deſpreſo do ſerviço dos homens, e daquelles que a iſſo ſe entregaõ? Por mim, eſtou convencido que a Providencia naõ lhe enviou huma diſgraça taõ terrivel, ſe naõ por elle ſer muito ſuperior ás recompenças homanas, e que ſó Deos he quem o podia dignamente recompençar.

Fim do decimo Livro.

HIS-

HISTORIA DOS DESCOBRIMENTOS, E CONQUISTAS DOS PORTUGUEZES, NO NOVO MUNDO.

LIVRO XI.

Ann. de J. C. 1539.

D. JOAÕ III. REI.

D. GARCIA DE NORONHA VICE-REI.

OM Garcia de Noronha eſtava na Barra de Goa com a ſua numeroſa frota, quando recebeo o aviſo da fugida do Bachá. Teve tanto goſto, que fez logo empaveſar o ſeu galiaõ, dar deſcarga de toda a ſua artilheria, e enviou ordem a todos os ſeus navios que fizeſſem o meſmo. Porém os Officiaes que já interpretavaõ, e bota-

ta-

Ann. de J. C. 1539. D. João III. Rei. D. Garcia de Noronha Vice-Rei.

tavaõ a peor parte as ſuas demoras, foraõ muito eſcandaliſados com huma alegria taõ intempeſtiva, e muitos recuſaraõ obedecer a eſta ordem, indignados de verem que lhe furtavaõ a honra, que elles teriaõ infalivelmente ganhado em desbaratar os Turcos, e picados da injuria, e menoscabo, que diſſo vinha á ſua Naçaõ. As murmuraçoens eraõ publicas, e tamanhas, que naõ ſe lhes dava que elle ſoubeſſe a comparaçaõ odioza, que d'elle faziaõ com Nuno da Cunha, o qual certamente naõ teria deſpreſado huma taõ bela occaſiaõ de adquirir gloria.

O vagar com que elle fez depois a ſua derrota, demorando-ſe em todos os Portos, ainda que com hum vento para deſejar, e que teve aviſos certos de que Sofar, e Alu-Caõ faziaõ ainda muito mal a Diu, e aos contornos onde os Portuguezes eſtavaõ eſtabelecidos, augmentou o diſgoſto geral, e fez taxar a ſua avareſa, como já tinhaõ feito ao ſeu valor. Porém o que acabou de o deſacreditar, ſobre hum e outro artigo, foi a indigna paz, que fez na ſua chegada a Diu, com a Corte de Cambaia. Paz taõ injurioza que moſtrou havella pedido como ſupplicante, quando elle

ſe eſtava em eſtado de a dar como Senhor; o que fez dizer univerſalmente, que elle a tinha vendido, ſacrificando o bem, e a honra da ſua Naçaõ ao ſeu entereſſe. Com effeito além de todas as condiçoens ſerem favoraveis ao Rei de Cambaia, a em que lhes prometeo apartar a Fortaleſa e ſepara-la da Cidade, por hum muro tirado de hum braço de mar a outro, pareceo taõ odioſa, que naõ podiaõ conceber, que elle tiveſſe paſſado ſem ter ſido comprado ocultamente por groſſas ſomas.

ANN. de J. C. 1538.

D. JOAÕ III. REI.

D. GARCIA DE NORONHA VICE-REI.

Em quanto ſe demorou em Diu, fez reparar a Cidadella, que pôz em hum eſtado melhor do que ella eſtava antes do cerco. Porém em quanto eſtava occupado com eſtas obras, teve motivo para conhecer, que huma paz feita por preço de dinheiro, naõ pôde inſpirar ſe naõ deſprezo daquelle que he comprado. Apenas foi ella concluida, logo os Guzarates, pelas ordens ſecretas da Corte de Cambaia, entraraõ com as armas na maõ pelas terras de Baçaim. A ſua tropa engroſſou de modo por pelotoens, que Rui Lourenço de Tavora commandante da Fortaleſa ſe vio fechado, e ſitiado. Sendo aviſado o Vice-Rei lhe en-

Ann. de J. C. 1538.

D. JOAÕ III. REI.

D. GARCIA DE NORONHA VICE-REI.

enviou Triſtaõ d'Ataide, que voltava das Molucas. Tendo Triſtaõ conduſido hum ſoccorro muito conſideravel, Rui Lourenço ſe vingou dos inſultos que lhe tinhaõ feito, fechou os inimigos em huma pequena Ilha, e lhes fez grande mortandade. Tendo-ſe com iſto accendido mais a guerra, Sofar em peſſoa acudio alli com hum corpo de exercito. Rui Lourenço ſe achou entaõ reduzido ás maiores neceſſidades. Porém D. Jorje de Lima Governador de Chaul deitando hum reforço de cem homens na praça, Sofar ſe diſgoſtou da guerra, os negocios ſe accomodaraõ, e os Portuguezes ficaraõ ſoccegados no Reino de Cambaia.

Todo o Indoſtan tinha tido os olhos abertos ſobre a guerra precedente. A potencia do Reino de Badur, a grande reputaçaõ em que eſtavaõ os Rumes, e a expectaçaõ em que eſtavaõ dos ſucceſſos da frota formidavel do Bachá, tinhaõ feito reviver todos os Principes, que ſe conſideravaõ como opprimidos, e que ſe liſongeavaõ com a eſperança de ſacudir hum jugo taõ odioſo. Já cada hum determinava aproveitar-ſe de alguns dos deſpojos d'hum inimigo de que tinhaõ

a

Ann. de J. C. 1540.

D. JOAÕ III. REI.

D. GARCIA DE NORONHA VICE-REI.

a certeza de ver deſtruido. Porém todas eſtas apparencias tendo-ſe decipado pela retirada vergonhoſa de Solimaõ, cada hum ſe aplicou a bejar a maõ que lhe cahio em ſima, e a carregar-ſe do pezo das cadeias, que ſe liſongeava ſacudir. O Idalcaõ, Nizamaluco, e Azedecaõ ſe apreſſaraõ á profia a renovarem os ſeus antigos tratados com o Vice-Rei. O Samorim meſmo ſe vio obrigado a ſeguir, e entregar-ſe á torrente.

Tinha elle enviado huma nova frota contra o Rei de Cota, na Ilha de Ceilaõ, em favor de Madune-Pandar, que ſe tinha alevantado de novo contra ſeu irmaõ, e o tinha ſitiado na ſua Capital ajudado dos Mouros de Calicut. O Vice-Rei notificado pelo Rei de Cota ſeu alliado, deſpachou Miguel Ferreira com 11 fuſtas para o hir ſoccorrer. A iſſo correo com effeito, poſto que foſſe velho, e como hum relampago, tomou logo todas as fuſtas inimigas, pôz em fugida 6000 homens ſó pelo terror que lhes inſpirou, e naõ quiz eſcutar nenhuma das condiçoens da paz, que Madune-Pandar lhe pedio, em quanto naõ obrigou eſte Principe a huma alta traiçaõ a reſpeito dos ſeus

al-

Ann. de J. C. 1540.

D. JOAÕ III. REI.

D. GARCIA DE NORONHA VICE-REI.

alliados, e a lhe enviar as cabeças dos dois irmaõs Paté, e Cunhal Marcar, Generaes do Samorim com as dos principaes Officiaes da frota. Acçaõ de peſſimo exemplo, principalmente em hum Chriſtaõ, a reſpeito d'hum Principe Idolatra, o qual repugnando a huma propoſiçaõ taõ contraria ás leis da honra, e da probidade, naõ cedeo ſe naõ depois da ameaça que lhe foi feita, de lhe fazerem queimar á ſua viſta as ſuas mulheres, e os ſeus filhos, e pelo temor de cahir ſobre elle meſmo a ultima infelicidade.

Abatido por eſta perda, e por outras tantas e precedentes o Samorim, recorreo a Manoel de Britto Governador da Cidadella de Challe. Servio eſte de medianeiro da paz para com o Vice-Rei, que azedou as propoſiçoens. O Samorim enviou o Cutial em qualidade de ſeu Embaixador, e de ſeu Plenipotenciario a Goa, onde Manoel o quiz ſeguir. O Cutial veio com huma equipagem ſoberba: D. Garcia o recebeo com eſplendor, e com todo o apparato d'hum grande ceremonial. Elle meſmo appareceo com mageſtade neſta acçaõ. Era elle taõ alto que toda a ſua cabeça ſe via por ſima dos maiores homens. Além d'iſ-

to

to tinha d'idade 70. annos, a ſua barba branca, longa, e veneravel, lhe dava hum ar de mageſtade digna do poſto que occupava, e do Monarca que repreſentava. Sendo os artigos regulados amigavelmente, naõ podendo D. Garcia hir peſſoalmente a Panane, onde o Samorim devia aſſignalos, e confirmalos com juramento, enviou ſeu filho D. Alvaro, que ſatisfez a eſta commiſſaõ com dignidade. Eſta paz poſto que toda inteira a proveito dos Portuguezes foi com tudo ſolida, e durou muitos annos, e naõ ha nada de que elles tenhaõ tirado maiores vantagens; aſſim eſta reparou a injuria da primeira que tinha feito o Vice-Rei.

ANN. de J. C. 1540.

D. JOAÕ III. REI.

D. GARCIA DE NORONHA VICE-REI.

D. Garcia naõ ſe recreou muito tempo com eſte goſto. Cahio doente, abatido mais pela ſua muita idade, do que pela natureza da ſua infermidade. Em vaõ tentou ſubſtituir ſeu filho no ſeu lugar para governar até á ſua morte. A propoſiçaõ eſcandalizou toda a Nobreza, que ſe ajuntou para o ouvirem, e recuſando todos obedecerem-lhe, naõ ſe falou mais niſſo. Porém o Vice-Rei padeceo pouco; morreo em 4 de Abril de 1540. annos, e meio depois de tomar poſſe

do

ANN. de J. C. 1540.

D. JOAÕ III. REI.

D. ESTEVAÕ DA GAMA GOVERNADOR.

do Governo das Indias : pouco sentido, e menos estimado, o que naõ succedera se elle naõ tivesse tornado alli.

D. Estevaõ da Gama foi seu successor, por falta de Martinho Affonso de Sousa, que se achou com tudo na primeira succeſſaõ, porém que se naõ pôde aproveitar deste despacho porque tinha voltado para Portugal commandando a frota de carga, que o Vice-Rei lhe tinha dado, para meter no seu lugar de General do mar seu proprio filho D. Alvaro de Noronha. D. Estevaõ se preparava tambem para tornar para o Reino, e tinha hido a Goa com este designio. Porém foi detido por hum aviso secreto que recebeo da Corte, que sem lhe dizer claramente o motivo, lhe dizia bastante para lho fazer comprehender. Recebeo com tudo a noticia da sua promoçaõ a hum taõ, grande posto, com huma indiferença, que notava bem que elle nem o tinha desejado, nem procurado. Ou porque fazendo reflexaõ nas disgraças da maior parte dos seus predecessores, quizesse evitar os inconvenientes, ou porque tendo só na idéa o bem das Indias, que amava d' hum modo mais particular, pela hon-

ra

ra que o Almirante ſeu Pai teve de as deſcubrir, fez fazer hum inventario exacto de todos os ſeus bens, a fim de provar por hum auto publico, que naõ tinha nada menos na idéa do que enriquecer-ſe com a poſſe d'eſte Governo, aſſim como o ſucceſſo o moſtrou bem pelo decurſo do tempo.

ANN. de J. C. 1540.

D. JOAÕ III. REI.

D. ESTEVAÕ DA GAMA GOVERNADOR.

Eſte primeiro procedimento foi ſuſtentado por dois outros que foraõ os preſagios felices d'hum Governo prudente, e fundado ſobre as leis da honra. Tinha-ſe introduſido entre os Portuguezes huma tal licença, que naõ conheciaõ quaſi nenhuma ſubordinaçaõ. As ſuas grandes riqueſas, as ſuas proſperidades, e a moleſa do paiz os tinhaõ engolfado em toda a ſorte de vicios. Huma vida tumultuoſa, e ſempre em armas tinha auctoriſado todas as deſordens. Principalmente os Fidalgos, ſe diſtinguiaõ por huma liberdade mais deſenfreada, como ſe foſſe hum privilegio do Sangue, ſer mais danozo do que os outros. Cheios do deſprezo a reſpeito do povo, principalmente dos Indios Gentios, ou Mahometanos, cometiaõ a reſpeito d'elles toda a ſorte de injuſtiças, e de inſultos, ſem reſpeitarem as ſuas dignidades, nem

Ann. de J. C. 1540.

D. João III. Rei.

D. Estevaõ da Gama Governador.

as ſuas peſſoas. Roubavaõ-lhes as ſuas mulheres, e as ſuas filhas, reduſiaõ a eſcravidaõ peſſoas livres, muitas vezes ſem outro motivo que o de contentar huma diſſoluçaõ que fazia horror á natureza. O que punha o remate a todos eſtes males, he que eſtes injuſtos arrebatadores da fazenda, e da honra alhea, intentavaõ tambem ſobre a vida dos que tinhaõ opprimido, e ſe faziaõ formidaveis pelo horror dos aſſacinios, que eraõ taõ frequentes, que naõ podiaõ andar ſeguros. Penetrado deſtas deſordens, e querendo dar-lhe remedio, efficaz, D. Eſtevaõ ajuntou a Nobreſa, e depois de lhe ter feito hum diſcurſo vivo, e pathetico ſobre o que ella devia a ſi meſmo, e ao Publico, fez-lhe comprehender, que era de ſeu entereſſe, que elle trabalhaſſe a pôr hum freio aos exceſſos, que tendiaõ a deſtruilla, e a fez conſentir em alguns regulamentos prudentes para prevenir o crime, e algumas medidas para o vingar, e punir.

Os negocios do Eſtado naõ ſofriaõ menos neſta deſordem geral. Cada hum naõ attendia ſe naõ ao ſeu entereſſe particular, e ElRei era roubado ás maõs cheias por aquelles meſ-

mos

mos que eraõ propoſtos para a adminiſtraçaõ da ſua fazenda. Os armaſens eſtavaõ deſprovidos e pela maior parte arruinados: os navios deſtroçados, e ſem ſe aparelharem apodreciaõ nos Eſtaleiros. As Eſpeciarias que enviavaõ para Portugal por conta do Eſtado, eſtavaõ podres, ou mal acondicionadas. Apenas o ganho baſtava para pagar os empregos, de ſorte que as Indias oneroſas ao Reino, ſó redundavaõ em proveito dos Particulares: deſte modo os cofres d'ElRei eſtavaõ vaſios, e naõ era comprehenſivel como em pouco tempo tudo tinha decahido. D. Eſtevaõ trabalhou tambem neſte genero para reſtabelecer tudo ao ſeu primeiro eſtado. E como elle era rico de ſeu patrimonio, tirou logo 20$ Pardaos da ſua bolça, e ſupprio depois ao que faltava, por diverſas ſomas que forneceo para reſtabelecimento da Marinha, para prover os armaſens, reedificar os edificios arruinados, e reparar as fortificaçoens, principalmente as de Challe, e de Baçaim, que tinhaõ padecido mais nos ultimos tempos.

Ann. de J. C. 1541.

D. JOAÕ III. REI.

D. ESTEVAÕ DA GAMA GOVERNADOR.

Em quanto elle eſtava ocupado com eſtas reformas, fez partir muitos Officiaes para diverſos poſtos, enviou

Ann. de J. C. 1541.

D. João III. Rei.

D. Estevaõ da Gama Governador.

D. Chriſtovaõ da Gama ſeu irmaõ a Cochim, para deſpachar os navios de carga, e preparar huma parte da frota, que elle queria conduſir em peſſoa para o mar Roxo, donde tinhaõ avisos de que os Rumes faziaõ novos preparativos, para outra tentativa nas Indias. D. Chriſtovaõ era moço, mas tinha huma prudencia ſuperior á ſua idade comque era ſuave, afavel, liberal, e cortez. Tinha huma meza farta, e tinha grangeado toda a Nobreſa com as ſuas prodigalidades. Satisfez a ſua commiſſaõ com muita prudencia. Teve tambem a honra de reduzir á ſua obrigaçaõ o Arel de Porca, e hum Caimale dos ſeus viſinhos, que obrando d'acordo eraõ piratas, e comettiaõ muitas inſolencias. D. Chriſtovaõ impondo-ſe a obrigaçaõ de os ſubmeter, julgaraõ elles eludir as ſuas perſeguiçoens com os ſeus ſubterfugios, e traiçoens; porém o moço Portugues naõ foi enganado por huns, nem foi a victima dos outros. Concluio tudo pela ſua firmeza, e valor. O Caimale alli perdeo a vida, e o Arel ſe achou taõ embaraçado em ſi, que foi feliz de ſer deixado, aceitando todas as condiçoens que Gama lhe quiz preſcrever.

Rui

Rui Lourenço de Tavora da sua parte redusio Bramaluco, que tanto que lhe constou a morte do Vice-Rei, julgou ter achado a occasiaõ de entrar na posse das terras de Baçaim, que Sultaõ Badur lhe tinha tirado para as dar aos Portuguezes. Tinha posto em pé 300. cavalos, e 5000 homens d'Infantaria. Rui Lourenço julgando surprendelo tinha sahido com 650. homens; porém elle mesmo foi apanhado em descuido: com tudo pelejou tambem, que pôz Bramaluco em fugida, e depois de lhe tomar hum navio no porto d'Agacim, o obrigou a pedir paz, que naõ quiz fazer-lhe a honra de a concluir com elle; desorte que naõ a pôde obter se naõ pelo meio d'hum tratado que o novo Governador fez com o Rei de Cambaia, do qual alcançaraõ entaõ algumas condiçoens que tornaraõ a paz vergonhosa do Vice-Rei D. Garcia hum pouco mais supportavel.

Nas instruçoens que a Corte tinha enviado a D. Garcia de Noronha, naõ lhe era nada taõ recomendado, como vigiar os movimentos dos Turcos; e de fazer de modo, se podesse, que fossem queimar o seu armamento no porto de Suez. Estas mesmas

Ann. de J. C. 1541.

D. João III. Rei.

D. Estevaõ da Gama Governador.

mas ordens se acharaõ repetidas nas cartas que chegaraõ depois da sua morte. D. Estevaõ que se tinha preparado para esta expediçaõ, naõ duvidando que ella fosse digna do gosto d'ElRei, a julgou digna de si mesmo, e com tanto gosto se determinou a ella, por deixar o Indostan em huma paz, que só podia ser perturbada por alguns piratas, e podia conservar-se com pouca despeza. Finalmente partio com huma numeroza frota, augmentada por hum grande numero de voluntarios, que as suas liberalidades tinhaõ obrigado a seguilo; mostrando que queria hir a Diu, ou de correr a Adem, fez derrota pelo mar Roxo, onde os ventos o levaraõ como dezejava. Porém mudou, e cometteo hum erro, que naõ devia fazer hum homem grande. Porque em lugar de hir direito a Suez, que achava sem defensa, se divertio em visitar as Cidades da Costa d'Africa, e em quanto sentio a sua vaidade lizonjeada por algumas felicidades, e por hum grosso espolio que fez nas Ilhas de Maçua, Suaquem, Alcaçer, Toro, e outras praças, perdeo todo o fructo d'huma empresa, cuja felicidade consistia na prontidaõ, e no segredo. O Cheque de

de Suaquem, a quem tinha pedido pilotos para Suez, procurou demoralo com dilaçoens; e ainda que depois foi castigado, teve tempo de enviar correios por terra, que deraõ aviso do seu designio, e da sua vinda: de sorte que quando D. Estevaõ da Gama se apresentou defronte d'esta praça, os soccorros alli tinhaõ chegado havia tres dias, e naõ fez outra diligencia, que a de voltar com mais pressa do que tinha vindo, com o medo de ser seguido, e desbaratado, naõ podendo condusir até alli se naõ pequenas embarcaçoens. Assim todo o fructo da sua empreza se redusio quasi á vangloria de armar em Toro alguns cavalleiros em honra de Santa Catherina do Monte Sinai, de que achou hum Mosteiro nesta Cidade, honra que lhe foi depois invejada pelo Imperador Carlos V. Eu naõ sei porque, pois isto naõ valia muito o trabalho. Por desforra com tudo fez alguma coisa, cujo successo foi muito glorioso á sua Naçaõ, ainda que ella naõ conseguio huma grande utilidade. Grada-Hamed, Rei de Zeila, e de toda a costa de Adel, tendo-se metido debaixo da protecçaõ do Gram Senhor, se fez cada dia mais formidavel ao Imperador da Ethiopia a

Ann. de J. C. 1541.

D. JOAÕ III. REI.

D. ESTEVAÕ DA GAMA GOVERNADOR.

Ann. de J. C. 1541.

D. Joaõ III. Rei.

D. Estevaõ da Gama Governador.

a quem tinha tomado algumas provincias, e ſobre quem tinha tomado hum grande aſcendente. Deos moſtrou haver enviado pelo diſignio d'eſte Principe afligido, os Portuguezes á fronteira do ſeu Imperio na decadencia dos ſeus negocios. Conſiderou-os elle com effeito como hum ſoccorro que lhe vinha do Ceo, e naõ ignorando o dezejo que ElRei de Portugal tinha de fazer alliança com elle, com razaõ ſe liſongeou de achar nos ſeus Capitaens toda a boa vontade de o ajudarem na ſua urgente neceſſidade.

Tendo em fim ſabido que a frota Portugueza eſtava no porto de Maçua, commandada pela peſſoa do Governador General, lhe deſpachou hum dos principaes Officiaes da ſua Corte, que o meſmo Barnages acompanhou, e que trazia cartas do Imperador, e da Imperatriz ſua mái. Repreſentaraõ elles com muita eloquencia o triſte eſtado a que eſtava reduſida a Chriſtandade naquelle paiz, preſtes a cahir debaixo do jugo dos Muſulmanos, e pediaõ com inſtancia, que já que eſtavaõ unidos pelo vinculo d' huma meſma Religiaõ, elles os quizeſſem ajudar com as ſuas forças para os tirarem da opreſſaõ. Naõ houve

ve ninguem a quem o ſeu diſcurſo naõ fizeſſe chorar, e nem ſó hum Portugues, que naõ cubiçaſſe neſta occaſiaõ ſacrificar a ſua propria vida na perſuaçaõ de que era morrer martyr de Jeſus Chriſto. Joaõ Bermudes, que o Papa tinha feito Patriarca Catolico d'Alexandria á inſtancias d'El-Rei de Portugal, e que paſſava na frota com o diſignio de ſe demorar em Ethiopia para trabalhar na converſaõ d'eſtes povos, apoiou os ſeus requerimentos com hum diſcurſo muito pathetico, que augmentou tambem a devoçaõ, e zelo dos que o ouviraõ.

ANN. de J. C. 1541.

D. JOAÕ III. REI.

D. ESTEVAÕ DA GAMA GOVERNADOR.

Naõ duvidaraõ em aceitar a propoſiçaõ dos Enviados. Era ella muito conforme com a inclinaçaõ do Rei, e com as viſtas dos Portuguezes; e naõ ſe tratou mais ſe naõ da qualidade do ſoccorro que deviaõ dar. O General ſe limitou a 400. homens, algumas peças de campânha, e muitas muniçoens. Como tudo o que havia de melhor na armada, ſe offereceo com inveja huns dos outros, que a Nobreza particularmente, e muitos Officiaes quiſeraõ ſervir em voluntarios, pode-ſe dizer verdadeiramente que era huma tropa eſcolhida. A uni-

ca

ANN. de J. C. 1541.

D. JOAÕ III. REI.

D. ESTEVAÕ DA GAMA GOVERNADOR.

ca escolha que o General fez de seu irmaõ D. Christovaõ da Gama para commandar, desagradou aos que teriaõ inveja d'esta honra, e a quem, posto que fizessem justiça ás qualidades pessoaes de D. Christovaõ, a sua pouca idade fazia temer as infelicidades que nacem da pouca experiencia.

Os dois irmaõs tendo-se separado com todos os sinaes d'huma tristeza, que era presagio de que naõ deviaõ ver-se mais neste mundo, D. Christovaõ se pôz em marcha no mez de Junho do anno de 1541. debaixo da conduta do Barnages; repartindo o seu pequeno exercito em seis corpos, sinco de 50 homens cada hum, cujos Capitaens eraõ Manoel da Cunha, Joaõ da Fonceca, Onophre, e Francisco d'Abreu irmaõs, e Francisco Velho. O mesmo Gama commandava o sexto, que era de 160. homens destinados para guardarem a Bandeira real.

He incrivel quanto sofreraõ na sua marcha, principalmente nos primeiros 8 dias pelo excesso de calor, a dificuldade dos caminhos, a altura das montanhas quasi inacessiveis, a qualidade das aguas encharcadas, e salobras, a falta de viveres, e as outras incomodidades da viagem em hum

paiz

paiz taõ aspero, e já assolado pela guerra. Alguns machos que os Barnages tinhaõ apromtado com trabalho, levavaõ a artilheria, e as bagagens. Porém em certos passos dificultozos, e extremamente escarpados, era precizo tirar tudo á força de braço, ainda que cada hum tivesse trabalho em se suster a si mesmo. D. Christovaõ armado d'huma paciencia invencivel era o primeiro em tudo, e tomando parte em todos os trabalhos, animava os seus, que se injuriavaõ de naõ seguirem hum taõ belo exemplo.

Ann. de J. C. 1541.

D. JOAÕ III. REI.

D. ESTEVAÕ DA GAMA GOVERNADOR.

Tendo assim chegado ás montanhas com difficuldades immensas, deceraõ para as vastas planices da Abissinia, que sendo regadas, e cortadas por muitos rios, saõ muito ferteis; porém que a guerra tinha devastado, e tornado quasi desertas. Dois dias depois chegou o exercito á Cidade de Baroa, que he a primeira dos Estados do Barnages. Estava ella entaõ quasi desguarnecida dos seus habitantes, cheia de ruinas: estavaõ os seus templos abatidos, e os seus campos incultos. Os Religiosos do Mosteiro da Cidade vieraõ em procissaõ receber os Portuguezes, cantando Hymnos, e Canticos. O seu Abbade, que era hum homem ve-

ANN. de J. C. 1541.

D. JOAÕ III. REI.

D. ESTEVAÕ DA GAMA GOVERNADOR.

veneravel pela ſua idade, fez huma pratica ao General com huma eloquencia modeſta, ſimplex, e energica. As lagrimas que corriaõ dos ſeus olhos na narraçaõ que fazia das perſeguiçoens, que ſofria havia 14 annos da parte dos Muſulmanos, faziaõ correr outras dos que as eſcutavaõ, o que formava hum eſpetaculo triſte, e devoto; porém com huma triſteza junta com alegria, pela eſperança que tinhaõ concebido, e pelas certezas que D. Chriſtovaõ lhes deo, de pôr logo remate a todos os ſeus males.

Com tudo Gama acampando n' eſte lugar, julgou, que primeiro que tudo, era neceſſario dar aviſo ao Imperador Claudio da ſua chegada, a fim de que ſe apreſſaſſe para vir unir-ſe-lhe, e tirar a campo a Imperatriz Iſabel ſua mãi, cuja preſença naõ ſerveria pouco para chamar os vaſſallos, que ſe tinhaõ furtado á obediencia, ou que o temor tinha obrigado a fugirem; o que procuraria ás tropas maior facilidade para ſubſiſtirem. O Imperador eſtava longe no fundo do Reino de Goyama, e precizava tempo para vir. O que fez tomar Gama a determinaçaõ de ficar neſte acampamento, tanto melhor por entrar em hu-

huma cezaõ, onde os caminhos eraõ impracticaveis até ao mez de Outubro, que he o principio da Primavera. Porém a Imperatriz só distava huma jornada sobre a celebre montanha de Damaõ.

Esta montanha, huma das mais singulares que ha no mundo, he situada no meio d'huma grande planice, onde se eleva a pique até huma extrema altura, que se mostra em fórma d'hum cucumello, sobre o qual ha hum Mosteiro, huma povoaçaõ, e terras capazes de sustentar habitualmente 500. homens. Cisternas abertas á maõ conservaõ alli as agoas da chuva, e algumas fontes. Assim tendo em si mesmo o que he absolutamente necessario á vida, he independente de todo o genero humano. Só por hum lado se pode subir a ella por hum caminho muito aspero, e escarpado, que o ciume do Estado fez cortar do comprimento de muitas braças, de modo que naõ podem subir ao seu cume, nem descer sem o consentimento das guardas, que alli vigiaõ, e sem ser guindado por huma cava como huma especie de poços, por onde descem, e sobem em cestos á força de cabrestantes. Os Imperadores fizeraõ esta obra para ficarem descançados a respeito dos inten-

tos

Ann. de J. C. 1541.

D. João III. Rei.

D. Estevão da Gama Governador.

tos dos Principes da ſua caza. Eraõ elles para alli enviados, alli paſſavaõ depois o reſto da ſua vida com huma grande pobreza, e hum eſtranho tormento á deſcriçaõ dos Monges, e dos ſeus eſpias. Só o herdeiro do Imperio era tirado, quando a morte do Monarca Reinante deixava o Trono livre. Eſta barbara politica naõ era muito antiga no Imperio; porém durava ainda quando os Portuguezes alli entraraõ, e pouco depois foi abolida.

O Barnages foi meſmo procurar a Imperatriz afforrado com duas companhias de Portuguezes. Os ſeus Officiaes fazendo o comprimento do ſeu General a eſta Princeza, de quem foraõ mui bem recebidos, a acharaõ muito diſpoſta a ſahir d'eſta horrivel retirada. Naõ tardou ella a pôr-ſe á caminho, ſómente com 30 Damas d'honor, deixando ſeus filhos em poder de ſua mãi que ainda vivia. Vinha ella montada ſobre huma Mula jaezada até ao chaõ; os ſeus veſtidos, que eraõ de ſeda, e ſoltos, eraõ por extremo brancos, cobertos d'huma eſpécie de manto de cor vermelha, ſemeado de flores, guarnecido d'huma longa franja d'oiro. A ſua cabeça era coberta por hum bom crêpe que lhe pendia ſobre

a cara, e além disto estava ella como fechada em huma espécie de tenda ou pavilhaõ que a cobria toda.

Ann. de J. C. 1541.

D. JOAÕ III. REI.

D. ESTEVAÕ DA GAMA GOVERNADOR.

Quando entrou no campo, o Barnages segundo a obrigaçaõ do seu cargo, com o braço direito nú, e o corpo coberto com huma bela pelle de tigre, tomou as redeas da mula, e dois dos principaes Senhores se encostavaõ aos estribos. Gama que tinha feito pôr as tropas em armas, e com os seus melhores adornos, se avançou entre as duas filas para a receber. A Imperatiz da sua parte abrio as cortinas do seu Pavilhaõ, e levantou o seu veo para se mostrar. Era formoza, modesta, e tinha hum grande ar de magestade. Os comprimentos foraõ curtos, e agradaveis d'huma, e outra parte, depois do que foi condusida á sua Tenda ao som da artilheria, e mosquetaria, que deraõ duas descargas do que ella teve gosto, posto que devia naturalmente assustar-se pela novidade.

Acabado o inverno entrou o exercito em campanha, e depois de alguns dias de marcha, deo ella idéa de se achar em estado de fazer a tomada de Canete. Era esta huma alta montanha occupada pela gente do Rei de Zei-

Ann. de J. C. 1541.

D. JOAÕ III. REI.

D. ESTEVAÕ DA GAMA GOVERNADOR.

Zeila, que alli tinha mil homens de guarniçaõ commandados por hum bravo Official. Só se podia subir a ella por tres lugares muito escarpados, de que o mais facil estava defendido por huma especie de trincheira. Mil homens se podiaõ alli conservar contra cem mil, e a sua perda tinha sido de taõ grande consequencia para os Abexins, que tinha sido a causa da de algumas Provincias, de que ella era como muralha segura. Gama se obstinou a querer tomala contra o parecer da Imperatiz, e do Barnages, que consideravaõ a impresa como impossivel. Porém nada o he ao valor bem dirigido. Os desfiladeiros limpos pela artilheria, foraõ ocupados pelos Portuguezes divididos em tres corpos, os quaes reunindo-se sobre a montanha, tiveraõ hum novo combate a sustentar da parte dos inimigos, que acharaõ em boa ordem. O seu Capitaõ foi morto combatendo valerosamente. Os outros naõ poderaõ suster o esforço dos que assaltavaõ, que augmentando a sua colera passaraõ muitos ao fio da espada, e obrigaraõ outros a precipitarse dos rochedos, que os espedaçavaõ.

O Imperador com tudo se avança-

çava com grandes jornadas, e tinhaõ já recebido dois avisos certos da sua marcha. Porém o Rei de Zeila mais visinho acautelou a sua chegada, e veio elle mesmo observar o campo dos Portuguezes de sima d'hum outeiro. E ajuntando-se os dois exercitos, brigaraõ logo. O de Grada Hamed era mais consideravel, porém os Portuguezes estavaõ armados com mais vantagem. O combate foi vivo, longo, e duvidozo. De ambas as partes naõ houve nada que reprehender. A ferida que recebeo o Rei de Zeila, que lhe mataraõ o cavalo em que hia, e a perna atravessada por hum tiro de arcabus, decidio a victoria a favor dos Portuguezes, os quaes ficaraõ Senhores do campo da batalha. Outra acçaõ que se passou oito dias depois, metia o Rei de Zeila entre as maõs dos seus inimigos, se estes tivessem tido cavalaria para seguirem a sua victoria. Grada Hamed condusido em hum palanqui por causa da sua ferida, alli fez a obrigaçaõ d'hum grande Capitaõ; porém os seus naõ podendo sofrer o esforço de Christovaõ da Gama, que rompeo pelo meio dos inimigos na frente dos seus escolhidos, foi arrastado pela torrente dos fugitivos, perdeo o

Ann. de J. C. 1541.

D. JOAÕ III. REI.

D. ESTEVAÕ DA GAMA GOVERNADOR.

Ann. de J. C. 1541.

D. JOAÕ III. REI.

D. ESTEVAÕ DA GAMA GOVERNADOR.

ſeu campo, e as ſuas bagagens, e apenas ſe ſalvou paſſando hum rio, onde naõ julgaraõ conveniente o ſeguirem-no.

Depois d'eſtas duas expediçoens que ſó cuſtaraõ aos Portuguezes a vida de poucas peſſoas, a Imperatriz moſtrou o ſeu reconhecimento, e a ſua piedade pelo cuidado, que quis tomar ella meſma dos feridos; entre os quaes ſe achavaõ Gama, e Manoel da Cunha. Ella meſmo preparava os remedios, curava-lhes as chagas, ſem temer desluſtrar a ſua dignidade com eſta obra de caridade, que tinha o principio na ſua Religiaõ.

O Imperador naõ tinha ainda chegado, entravaõ em ſegundo inverno, que devia tambem retardar a ſua marcha. O meſmo Gama foi obrigado a retirarſe para á Cidade d'Offar, onde naõ eſteve ocioſo. Hum Judeo picado de ciume contra os Chefes da ſua Naçaõ, que tinhaõ huma eſpécie de Soberania tributaria do Imperio dos Abexins em huma montanha, de que o Rei de Zeila ſe tinha apoderado, e onde tinha 400. homens de guarniçaõ, veio exortalo a que ſe fizeſſe Senhor d'ella, enſinando-lhe os meios, e moſtrando-lhe as vantagens. Gama

ſe

ſe aproveitou do parecer, e d'elle tirou com effeito grandes ſoccorros de viveres, e cavallos. Grada Hamed naõ perdeo tempo da ſua parte, enviou groſſas ſommas de dinheiro ao Bachá da Porta, que commandava em Zeibit na Arabia, e delle obteve hum ſoccorro de mil Janiſaros todos armados de arcabuſes, e béſtas, com os quaes ſe vio em eſtado de ſe reſtabelecer das ſuas perdas.

Aqui he que a mocidade de Gama ſecundou muito o ſeu valor, e verificou os triſtes prognoſticos que tinhaõ feito, quando elle foi eſcolhido para eſta empreſa. Porque em lugar de ſe fortificar na montanha eſperando a chegada do Governador que naõ eſtava longe, quiz hir ao inimigo. Eſte o acautelou, e veio attacar as ſuas trincheiras. Na verdade os Portuguezes alli fizeraõ acçoens extraordinarias, poſto que muito mal ajudados pelos Abexins, que naõ tinhaõ o meſmo valor. Os inimigos ſuperiores em numero vieraõ tantas veſes ao poſto, que forçaraõ as trincheiras de todos os lados. Gama ſe achou ſempre onde o fogo foi maior; e poſto que tiveſſe hum braço quebrado, e huma perna traſpaſſada, hia ainda

Ann. de J. C. 1541.

D. Joaõ III. Rei.

D. Estevaõ da Gama Governador.

meter-se no meio dos inimigos para alli morrer. Os seus o levaraõ contra o seu gosto, e procuraraõ salvalo pelejando na retirada. Elle seguia a Imperatriz, e o Barnages, que procuraraõ hum asilo na montanha; porém desviando-se pela noite, perdeo o caminho, e descuberto depois pelos indicios de huma mulher velha, cahio no poder dos seus inimigos.

Condusido á presença do Rei vencedor, Grada Hamed preguntou o que elle lhe fizera em similhante caso se elle o tivesse apanhado. Gama sem se espantar lhe respondeo com altivez. ,, Eu te faria cortar a cabeça, es-,, quartejar teu corpo, o qual faria pen-,, durar em diversas partes, para servir ,, de exemplo, e horror aos tiranos. ,, Este barbaro longe de admirar hum animo taõ nobre, lhe fez dar na cara com as chinellas dos seus escravos, fustigar todo o seu corpo, fez-lhe brear os cabelos, e a barba, e lhe fez lançar fogo. Depois d'outros diverssos insultos, lhe cortou a cabeça com a sua propria maõ, e executou nelle o resto da Sentença, que elle tinha prenunciado contra si mesmo.

Tal foi o fim d'este heroe Christaõ, que os Portuguezes respeitaõ

como

como hm martyr de Jesus Christo, e de que pertendem que a morte fosse acompanhada, e seguida de alguns milagres. Os Turcos que o tinhaõ apanhado se lisongeavaõ de que elle lhes seria dado, que d'elle fariaõ presente ao Gram Senhor, ou que por elle tirariaõ hum grosso resgate. Porém vendo frustada esta esperança, foraõ taõ indignados contra o Rei de Zeila, que o abandonaraõ. Este Princïpe, que julgou tudo acabado pela sua ultima victoria, se embaraçou pouco com esta deserſaõ, a qual foi com tudo a causa da sua perda.

Ann. de J. C. 1542.

D. JOAÕ III. REI.

D. ESTEVAÕ DA GAMA GOVERNADOR.

De 400. Portuguezes só restavaõ 210, dos quaes 90. se uniraõ ao campo do Imperador que chegou pouco depois, e foi infinitamente sensivel á disgraça que acabava de receber principalmente á morte de Gama, do que mostrou hum grande disgosto. Naõ perdeo com tudo o animo, e confiando no valor d'este pequeno numero, e no dezejo que elles tinhaõ de reparar a sua honra, tomando o seu despique, se julgou ainda mais forte. Fez dar a todos cavallos, e foi procurar o seu inimigo que venceo. Grada Hamed foi morto combatendo com valor, seu filho feito preſio-

Ann. de J. C. 1541.

D. João III. Rei.

D. Estevaõ da Gama Governador.

ſioneiro. Com iſto a morte do Gama foi plenamente vingada, e o Imperador entrou na poſſe de tudo que tinha perdido. Com iſto conſeguio o que pretendia; porém os Portuguezes naõ tiraraõ nenhum fructo. Alguns poucos d'entre elles tornaraõ ás Indias os outros ſe eſtabeleceraõ na Ethiopia, onde o Imperador os reteve pelas ſuas liberalidades. Os Portuguezes ſe diſtinguiraõ no meſmo tempo em outros lugares, porém ſem outra vantagem, que a de terem feito conhecer o ſeu valor. Fernando de Moraes enviado ao Reino de Pegu com hum ſó Galiaõ, ſe vio alli obrigado a defender os intereſſes d'eſte Principe contra o Rei d'Ava ſeu inimigo, e ainda que naõ pôde impedir a ruina do partido que defendia, nem a ſua propria, teve a gloria de ter reſiſtido quaſi ſó, a toda a frota do Rei d'Ava, e merecido a ſua admiraçaõ, a ſua compaixaõ meſmo, ſuſpendendo a ſua victoria.

Martinho Affonſo de Carvalho naõ adquirio menos honra, no que venceo o ſeu inimigo, e ſe venceo a ſi meſmo. O Cheque de Raxel tinha-ſe ſublevado no tempo de Iſmael o conquiſtador da Perſia. Continuava na ſua

ſua revolta no tempo de Châ-Tamas, e fazia grandes invaſoens nos ſeus Eſtados, donde voltava ſempre com grande eſpolio. Thomas reſoluto de o ſubmeter, enviou hum exercito contra elle governado por Cazi-caõ hum dos ſeus Generaes. Como era difficil obrigalo na ſua Cidade, principalmente em quanto foſſe Senhor do Golfo Perſico, Thamas pedio ſoccorro ao Governador d'Ormus, ſegundo as convençoens da alliança que tinhaõ contractado. Martinho Affonſo de Carvalho lhe foi enviado com alguns navios, e cruſou tambem, que o Cheque foi logo reduſido á penuria. Neſta extremidade, tentou Carvalho com groſſas ſommas de dinheiro, para que elle fechaſſe os olhos, e deixaſſe paſſar, ſem fallar em nada, ſómente a dois bateis carregados de proviſoens. Achando ſobre eſte ponto a ſua virtude immovel contra hum taõ forte aſſalto, deliberou entregar-ſe a elle. Os ſeus Mullas tendo-lho feito ſuſpeito por cauſa da diverſidade da Religiaõ (como ſe podeſſem deſconfiar da boa fé, e probidade d'hum homem, que por hum exemplo raro, acabava de ſacrificar hum taõ grande intereſſe) eſtimou antes capitular com

Ann. de J. C. 1542.

D. JOAÕ III. REI.

D. ESTEVAÕ DA GAMA GOVERNADOR.

o

Ann. de J. C. 1542.

D. Joaõ III. Rei.

D. Estevaõ da Gama Governador.

o inmigo, que tendo-o entre as suas maõs faltou a todas as promessas que lhe tinha feito, e o fez morrer cruelmente.

Separado dos abraços de seu irmaõ, a quem tinha dado os ultimos a deus, D. Estevaõ da Gama tinha partido do Porto de Maçua, para tornar para á India. Ao sahir do estreito foi accomettido d'huma violenta tempestade, a qual foi menos sensivel pela desipaçaõ da sua frota, e a perda de muitos navios, do que se fez celebre pela extravagante devoçaõ d'hum moço soldado, que no mais forte do perigo, e na esperança d'hum proximo naufragio, em quanto todos os outros se encomendavaõ á Deos, e a todos os seus Santos, fez voto de cazar com D. Leonor d'Albuquerque de Sá, filha de D. Garcia de Sá, que foi depois Governador Geral, a mais bella pessoa que havia entaõ no Indostan. Este voto foi por muito tempo o assumpto das conversaçoens divertidas, e deo tanto gosto ao Pai d'esta menina, que quiz este tomar cuidado da fortuná d'este moço aventureiro.

Na sua volta a Goa, D. Estevaõ achou os Embaixadores de Cha-

Tha-

Ann. de J. C. 1542.

D. JOAÕ III. REI.

D. ESTEVAÕ DA GAMA GOVERNADOR.

Thamas, do Samorim, e do Sultaõ Mahmud Rei de Cambaia, com quem tratrou negocios de grande importancia, e que despedio mui satisfeitos, depois de os ter entretido muito honrosamente na sua Corte por todo o inverno. Teve mais algum trabalho com o de Nizamaluco. Este Principe, que era alliado dos Portuguezes, e obrava bem a respeito d'elles, tinha tido rasaõ de se queixar d'huma infracçaõ da parte d'elles.

Na auzencia de Gama, e em quanto estava occupado na sua empresa em Suez, Nizamaluco se pôz em movimento para regular alguns dos seus vassallos, que se tinhaõ fortificado nas suas praças. Elles se tinhaõ lisongeado de as poderem defender elles mesmos sem outro soccorro: porém vendo-se propincos a cahirem debaixo do esforço d'huma Potencia taõ superior como a do seu Soberano, recorreraõ a D. Alexo de Meneses Governador de Baçaim, a quem cederaõ estas mesmas praças, com tanto que elle quisesse conservar-se nellas. Meneses naõ balanceou em aceitar o offerecimento, e se pôz logo em campo. Nizamaluco, ainda que suspenso com a resoluçaõ do Gover-

na-

Ann. de J. C. 1542.

D. JOAÕ III. REI.

D. ESTEVAÕ DA GAMA GOVERNADOR.

nador, naõ deixou com tudo de passar á vante, e de se apresentar com maiores forças. Houveraõ muitas hostilidades pouco consideraveis d'ambas as partes: e em fim huma acçaõ muito viva na qual hum Portugues de figura gigantesca, e d'huma força proporcionada á sua figura, tendo agarrado hum dos inimigos pela cintura, se fez admirar em huma acçaõ taõ feria, pelo rediculo com que trouxe sempre este homem, que gritava quanto podia, servindo-se delle como d'hum escudo, para aparar todos os golpes que lhe davaõ, em quanto os elle arremeçava terriveis, e naõ perdia nenhum dos seus. Nizamaluco foi vencido, e Meneses conservou as praças a pezar de todos os seus esforços. Tendo sido as armas pouco favoraveis a Nizamaluco, empregou elle as vias da negociaçaõ, e recorreo á justiça de D. Estevaõ da Gama, que fazendo justiça ao merecimento da sua causa, lhe fez entregar as suas praças, medeando hum augmento consideravel do tributo que pagava havia muito tempo á Coroa de Portugal.

D. Estevaõ estava inquieto no seu porto. Os Governadores que entravaõ no emprego por via das succes-

so-

Ann. de J. C. 1542.

D. JOAÕ III. REI.

D. ESTEVAÕ DA GAMA GOVERNADOR.

ſoens, naõ ſe achavaõ alli ſe naõ em huma eſpecie de *interim*, a qual debaixo da apparencia d'huma honra vá, vinha a ſer para elles huma afronta real, ſe naõ eraõ confirmados pela Corte. Era iſto o que D. Eſtevaõ temia muito. Tinha eſcrito aos Condes da Vidigueira, e Vimioſo, dos quaes era hum ſeu irmaõ primogenito, e o outro ſeu cunhado. Porém ainda que eſtes Senhores empregaſſem niſſo todo ſeu credito, naõ tiveraõ reſpeito algum ás ſuas ſolicitaçoens, e tanto que ſouberaõ da morte de D. Garcia de Noronha, ElRei nomeou em ſeu lugar Antonio da Silveira, que a gloria que elle tinha adquirido no cerco de Diu o tinha feito incomparavel. Naõ foi iſto mais do que hum artificio do Conde da Caſtanheira, que ſendo o Senhor das graças, e o Miniſtro valido de D. Joaõ III. pôz eſte em primeiro lugar, para evitar os attaques dos Senhores parentes do Gama, e o meteo depois a pique, para lhe ſuſtituir Martinho Affonſo de Souza ſeu primo com irmaõ, debaixo do pretexto frivolo, que Silveira, ſe tinha vindo para Lisboa, e tinha feito huma deſpeza extraordinaria, e naõ ſendo nada economico, deciparia

a

Ann. de J. C. 1542.

D. João III. Rei.

Martinho Affonso de Souza Governador.

——— a fazenda d'ElRei depois de ter esgotado a sua.

Martinho Affonso de Souza partio no mez d'Abril de 1541 com 5 navios, que hum era commandado por D. Alvaro d'Ataide, o ultimo dos filhos de Almirante D. Vasco da Gama, e irmaõ de D. Estevaõ. Os tempos foraõ taõ contrarios a Souza, que naõ póde chegar neste mesmo anno ás Indias, e que foi obrigado a invernar em Moçambique, onde esteve taõ doente, que pensou morrer. Souza naõ era amigo de D. Estevaõ, e mostrava naõ lhe perdoar em occupar hum emprego, que Souza devia occupar antes delle, ainda que alli naõ houvesse falta de D. Estevaõ. Elle quiz surprendelo, e achalo culpado. Para o que deo ordens muito severas, para que ninguem o podesse acautelar, e dar aviso da sua vinda. E porque D. Alvaro d'Ataide, irmaõ de D. Estevaõ, e Luis Mendes de Vasconcellos seu cunhado, que vinhaõ da India, tinhaõ tomado occultas medidas para enganarem a sua vigilancia, os fez meter em prisoens. Esta paixaõ se descubrio mais nas mercês que elle fez, e deo depois muita entrada no seu valimento a Diogo Sores de Mel-

Mello, que lhe tinha prometido defcubrir coifas importantes a refpeito de D. Eftevaõ, como fe eftiveffe feito muito cafo d'hum infeliz, que tinha já fido condenado a perder a cabeça, e que actualmente era pirata com duas fuftas, e 120 homens que tinha redufido, correndo igualmente fobre os amigos, e inimigos.

Ann. de J. C. 1542. D. JOAÕ III. REI. MARTINHO AFFONSO DE SOUZA GOVERNADOR.

Soufa chegou como elle o tinha projectado, porque depois de ter perdido o feu navio fobre a Ilha de Salcete perto de Baçaim, fe meteo na fufta de Diogo Soares de Mello, com a qual entrou na Enfeada de Goa depois das onze horas da noite, fem fer vifto, nem percebido, defcendo a huma caza fora da Cidade: Diogo Soares foi ancorar no Porto depois da meia noite, e atirou hum tiro de falconete com bala, que paffou por fima do Palacio do Idalcaõ, onde eftava alojado D. Eftevaõ. No mefmo tempo hum Official fe aprefentou para faudar D. Eftevaõ da parte do novo Governador, e lhe dar parte da fua chegada. Outras peffoas foraõ batter ás cafas do Thezoureiro, e do Secretario das Indias com ordem de os levar no eftado em que fe achaffem, e de os conduzirem a Soufa, que lo-

go

go lhes tomou o ſeu interrogatorio, e os teve toda a noite como reos.

Ann. de J. C. 1542.

D. João III. Rei.

Martinho Afonso de Souza Governador.

D. Eſtevaõ naõ deixou de ficar ſuſpenſo, e diſſe que Souſa o apanhava de repente como hum ladraõ. Com tudo naõ ſe embaraçou, e quanto mais depreſſa poude lhe-entregou o governo nas formas ordinarias. Porém quando ſabendo o que ſe tinha paſſado a reſpeito do Theſoureiro e do Secretario, ſe indignou, e ſe explicou em termos fortes, e naõ quiz mais ter commercio com hum homem, que ſe apartava tanto das leis do decoro, e da civilidade a ſeu respeito. Retirou-ſe ao forte de Pangim, onde fez fazer novo inventario dos ſeus bens, que ſe achou menor que o primeiro de 50✠. pardaos, que tinha empregado no ſerviço do Rei. De lá partio para Cochim onde devia embarcar-ſe. O Governador alli o ſeguio, e lhe deo ainda alguns diſgoſtos retardando-lhe a ſua partida. Iſto naõ obſtante fez huma viagem felis, e foi recebido com muito agrado d'ElRei, e de toda a Corte. Porém no meio das caricias deſta Corte foi que elle achou a diſgraça, que naõ tinhaõ merecido nem os ſeus ſerviços nem as ſuas virtudes. ElRei o quiz cazar contra ſua vontade. Elle naõ te-

teve o respeito que qualquer outro teria nesta occasiaõ. ElRei se picou, D. Estevaõ o percebeo, e pedio a licença de se retirar a Venesa. O Imperador Carlos V. o obrigou depois a tornar para Portugal, prometendo-lhe de o fazer entrar na graça do seu Principe. Porém elle se convenceo logo por si mesmo, que os Reis esquecem, muito mais facilmente os grandes serviços, do que perdoaõ o minimo desgosto.

Ann. de J. C. 1542.

D. JOAÕ III. REI.

MARTINHO AFFONSO DE SOUZA GOVERNADOR.

O anno de 1542 que foi o da chegada de Martinho Affonso de Souza deve ser considerado como huma das Epocas mais celebres, e como hum daquelles monumentos mais preciozos que Deos tinha notado nos Decretos eternos de suas misericordias, pois que foi este o em que fez apparecer sobre estas Regioens infiéis, na pessoa de S. Francisco Xavier, o novo Astro que os devia alumiar, e retirar das sombras da morte. A disposiçaõ da Divina Providencia foi admiravel, em que como ella tinha dado dez annos ao grande Albuquerque para conquistar este novo Mundo, e nelle deitar os fundamentos do Imperio Portugues, ella assignou o mesmo numero d'annos ao Grande Xavier

pa-

Ann. de J. C. 1542.

D. JOAÕ III. REI.

MARTINHO AFFONSO DE SOUZA GOVERNADOR.

para alli eſtabelecer o Imperio de Jeſus Chriſto, e para fazer todas as maravilhas que elle alli obrou, e que tem obrado depois os dignos ſucceſſores do ſeu zelo, e dos ſeus trabalhos.

Deve-ſe fazer eſta juſtiça aos Reis de Portugal, que nos eſtabelecimentos que tem feito, naõ tiveraõ menos nos olhos o bem da Religiaõ, e a propagaçaõ da fé, do que a ſua propria gloria, e a vantagem da ſua Naçaõ. Cheios d'eſta piedade hereditaria, que era nelles o principio de tantas deſpezas, que tinhaõ feito na incerteza de huma felicidade, que mil razoens moſtravaõ combater, elles ſe tem todos deſtinguido neſte ponto, e tem merecio por iſſo, que Deos derrame ſobre o ſeu reino os theſouros de ſuas graças, e de ſuas bençaõs.

D. Joaõ III. naõ cedeo em nada ao zelo de ſeu Pai D. Manoel, ſe o naõ venceo. Porém nos principios das plantaçoens, naõ poderaõ avançar ſe naõ por progreſſos inſenſiveis. Muito tempo paſſou antes que ſe conſeguiſſe a lingoa, os uſos, e coſtumes d'hum paiz: conhecimentos neceſſarios para alli fazerem algum progreſſo. Quando ſegundo os principios

pios de D. Francisco d'Almeida, os Portuguezes naõ pensavaõ mais que possuir o mar, sem ter estabelecimento fixo, naõ poderaõ enviar se naõ alguns capelaens da armada, pessoas pela maior parte mal escolhidas, que naõ tinhaõ do estado Ecclesiastico, se naõ o caracter, e nada menos, que a sciencia, e as virtudes. Eu exceptuo deste numero alguns Religiozos para lá enviados, que fizeraõ honra á sua ordem, e a si mesmos. Quando as Colonias tomaraõ forma, entaõ os Padres hum pouco mais descançados, se acharaõ em melhor estado de exercitarem as suas funçoens, e o seu ministerio; ainda que com tudo a agitaçaõ d'hum tempo de guerra, em hum paiz novo, entre gentes que naõ sabiaõ ainda sugeitar-se ás leis, naõ deixou de ser hum grande obstaculo ao fructo da divina palavra.

ANN. de J. C. 1542.

D. JOAÕ III. REI.

MARTINHO AFFONSO DE SOUZA GOVERNADOR.

Diogo Lopes de Sequeira foi o primeiro que fundou hum Mosteiro de Religiozos de S. Francisco em Goa, e he esta a melhor coisa que fez no seu Governo. A Corte enviou quasi no mesmo tempo Bispos em qualidade de Vigarios Geraes, ou Vigarios Apostolicos, ao que se seguio a erecçaõ do Bispado de Goa, que depois

Ann. de J. C. 1542.

D. João III. Rei.

Martinho Afonso de Souza Governador.

veio a ser Metropole tanto que deraõ Bispos ás Cidades de Cochim, Malaca, Mascate, e Ormus. A Religiaõ foi entaõ hum pouco mais regular. Eu com tudo naõ duvido que alli tenha havido muitas personagens santas, cujo zelo, e exemplares virtudes produsiraõ grandes fructos; porém a negligencia, ou mesmo a ignorancia daquelles tempos nos tem roubado a memoria, de que pode ser que se naõ achem se naõ alguns ligeiros vestigios nos Annaes das Ordens Religiosas. O zelo de Antonio Galvaõ, ainda que secular, criado no commercio, e no estrondo das armas, teve mais credito, como já apontei; que o de todos os outros junto. O Seminario que elle estabelecco nas Molucas, e que foi depois aprovado pelo Concilio de Trento, servio de modelo ao de Santa Fé, que foi estabelecido em Goa por D. Estevaõ da Gama, á instancias do Bispo, e de Miguel Vaz seu Vigario Geral, que era hum Santo Ecclesiastico. Este Seminario foi tambem depois o modelo dos que se tem estabelecido na Europa.

As coisas estavaõ assim quando El-Rei D. Joaõ III. soube pela fama, os grandes fructos que fazia Santo Igna-

Ignacio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus em Roma, e em toda a Italia. Escreveo elle logo ao seu Embaixador D. Pedro Mascarenhas, que fizesse de modo com o Papa Paulo III. e com Ignacio, comque lhe podessem enviar seis destes homens, cujo nome tinha já voado por toda a Europa. A Companhia que nascia, limitada em dez pessoas, naõ estava em estado de se privar d'hum taõ grande numero de sugeitos. Reduziraõ-se a dois, que foraõ Simaõ Rodrigues, e Francisco Xavier. Rodrigues foi retido na Corte de Portugal, e Xavier se embarcou na frota de Martinho Affonso de Sousa, que estava já para se fazer á vela quando chegou a Lisboa. Xavier partio com dois companheiros, que tinha tomado, Paulo de Camerin Italiano, e Francisco Mansilha Portugues.

Ann. de J. C. 1542.

D. JOAÕ III. REI.

MARTINHO AFFONSO DE SOUZA GOVERNADOR.

Xavier estava revestido de caracter de Nuncio Apostolico. Chegando sacrificou as perrogativas ao Bispo de Goa. Era este Joaõ d'Albuquerque Castelhano de Naçaõ, e Religioso de S. Francisco, virtuoso, e Santo Prelado, a quem a humildade do Santo deo logo idéa do que delle devia esperar. Desde os primeiros passos que deo Xavier, appareceo nelle alguma coisa su-

ANN. de J. C. 1542.

D. JOAÕ III. REI.

MARTINHO AFFONSO DE SOUZA GOVERNADOR.

perior ao homem. Já naõ lhe chamavaõ ſe naõ Santo. Eſta alta reputaçaõ de ſantidade confirmada pelas virtudes mais heroicas, por trabalhos a toda a prova, calamidades taõ ſenſiveis e taõ frequentes, que era reſpeitado como hum novo Taumaturgo, deo á ſua miſſaõ proveitos taõ rapidos, e taõ admiraveis á reforma dos coſtumes depravados dos Chriſtaõs, na converſaõ dos Mahometanos, e dos Idolatras, que eſtes meſmos fructos ſaõ hum prodigio taõ admiravel, como o eſpirito da Profecia, dom das lingoas, a cura dos doentes, a reſurreiçaõ dos mortos, a auctoridade ſobre os ventos, e tempeſtades; maravilhas que ſerviraõ de prova á Religiaõ, que elle anunciava: de ſorte que nos dez annos de ſua miſſam, nada ha mais autentico, que elle meſmo, para fazer ſenſivel a todas as Naçoens, que elle illuſtrou com as ſuas luzes, que Deos o tinha eſcolhido como n'outro tempo tinha eſcolhido o Apoſtolo dos Gentios, a fim de fazer d'elle hum vaſo d'eleiçaõ, para levar o ſeu nome, á preſença dos Reis, e dos povos.

Quando ElRei D. Joaõ III. naõ tiveſſe feito outra coiſa em favor da Religiaõ, e das Indias mais, que dar-lhes hum Apoſtolo como Xavier, era baſtan-

tante para o fazer immortal : porém este Principe fez mais, porque tomou todos os cuidados imaginaveis para lhes restituir o seu primeiro Apostolo, que a obscuridade dos tempos lhes tinha como roubado.

Ann. de J. C. 1542. D. JOAÕ III. REI.

A antiga tradiçaõ da Europa, e do novo Mundo concordava em dizer que S. Thomé Apostolo fora o primeiro que tinha levado o Evangelho a estas vastas regioens : porém lá mesmo naõ restavaõ se naõ alguns escuros vestigios, que era necessario profundallos. D. Manoel foi o primeiro que ordenou esta busca, que D. Joaõ seguio ainda com mais ardor. Os Christaõs de Cranganor, que chamaram depois Christaõs de S. Thomé, deraõ as primeiras Noticias das suas viagens Apostolicas, de seus milagres, do seu martirio, e principalmente da celebre prophecia, que tinha feito da vinda d'homens brancos, que pregariaõ a fé que elle tinha annunciado, quando o mar apartado entaõ 12 milhas de Meliapor, viesse banhar os seus muros, o que se achou verificado na chegada dos Portuguezes.

MARTINHO AFFONSO DE SOUZA GOVERNADOR.

Começaram a ter alguns conhecimentos mais distinctos em 1517. por hum Armenio, o qual tendo-se achado

ANN. de J. C. 1542.

D. JOAÕ III. REI.

MARTINHO AFFONSO DE SOUZA GOVERNADOR.

do em Paleacate, sobre a Costa de Coromandel, com hum Diogo Fernandes Portugues que vinha de Malaca, se offereceo a condusilo á Sepultura do Santo. Elle o condusio com effeito ás ruinas da antiga Meliapor, cujo nome, que significa *Pavaõ*, notava que era entre as Cidades como o Pavaõ entre os passaros. A quantidade de ruinas, e o trabalho admiravel de muitas pedras esculpidas com huma extrema dilicadesa, eraõ ainda huma prova da sua antiga formozura. La entre as ruinas d'hum velho Templo subsistia huma Capella, que segundo a commum opiniaõ fazia parte d'huma Igreja fundada pelo Santo, ou á honra do Santo, e onde pretendiaõ que o seu corpo tinha sido sepultado. A Capella por fora, e por dentro estava semeada de Cruzes, formadas como a da Ordem d'Avis em Hespanha. Hum velho Mouro de Religiaõ, mas Gentio de origem, se achava ahi entaõ quando o Armenio, e Diogo Fernandes foraõ alli. Este velho tinha alli chegado havia alguns dias, com a esperança de recuperar a vista que tinha perdido. Os antepassados, e parentes deste velho, posto que idolatras, tinhaõ tido cuidado por muito

tem-

tempo, de conservar nesta Capella alampadas acezas em respeito da memoria do Santo.

Ann. de J. C. 1542.

D. JOAÕ III. REI.

MARTINHO AFFONSO DE SOUZA GOVERNADOR.

D. Duarte de Menezes por ordem da Corte, fez trabalhar em 1522 em reparar a Capella. Depois que profundaraõ finco pés debaixo d'hum pedestal, acharaõ huma sepultura com hum corpo, que creraõ ser o do Rei que o Santo tinha convertido. Tendo profundado ainda mais, descubriraõ huma gruta em forma de Capella, alta de nove pés, onde estavaõ os ossos do Santo, que distinguiraõ pela sua alvura. Havia na mesma tumba o ferro, e huma parte da haste da lança com que tinha sido traspassado; outro pedaço de pao com ferro, e hum vaso cheio de terra, que parecia ter sido tinto do seu sangue. O corpo do Santo foi recolhido com todo o respeito possivel, e metido em hum cofre da China, envernisado, e chapeado de Prata. O do Rei, e d'alguns outros Discipulos do Santo, que tambem acharaõ, foraõ depositados em outro cofre menos preciozo.

Nuno da Cunha fez fazer em 1533. novas informaçoens, que se referiaõ inteiramente ás primeiras. Porém o que acabou de confirmar esta opi-

Ann. de J. C. 1542.

D. João III. Rei.

Martinho Affonso de Souza Governador.

opiniaõ, foi em primeiro lugar huma Lamina d'Arame que foi achada quando governava Martim Affonſo de Souza, onde eſtavaõ gravadas as principaes acçoens da vida, e da morte do Santo, em huma lingoa que naõ eſtava em uſo no paiz, e que ſó era entendida de muito poucos ſabios. Em ſegundo lugar, foi hum marmore que acharaõ tambem alguns annos depois, quando era Vice-Rei D. Joaõ de Caſtro, em que viaõ huma ſimilhante eſcriptura com algumas cruzes d'Avis, das quaes a maior occupava todo o meio do marmore, e tinha em ſima huma Pomba pendente de ſima da cruz. As letras eſculpidas em torno foraõ explicadas por alguns Brachmanes do Reino de Narſinga, que ſe chamaraõ para as declarar, os quaes naõ ſe tendo ajuſtado, ſe acharaõ com tudo conformes na explicaçaõ que deraõ d'ellas.

Hum celebre milagre que aconteceo a eſte marmore, que viraõ ſuar, e mudar de cor em quanto durou o Santo ſacrificio da Miſſa, o pôz em maior veneraçaõ, e augmentou o credito á tradiçaõ do paiz, a qual naõ tira com tudo aos criticos as duvidas, que elles podem formar ſobre

ou-

outra tradiçaõ antiga na Europa, que faz transportar o corpo de S. Thomé das Indias a Edessa, e de Edessa para Italia. Seja o que for, os Portuguezes estaõ convencidos de que possuem o corpo deste grande Apostolo: e he esta persuasaõ que fez comque se estabeleceraõ de boa vontade nos lugares consagrados pela sua morte preciosa, e que mudaraõ o nome da Cidade de Meliapor, que he a antiga Calamina, no de S. Thomé. Com tudo o corpo do Santo Apostolo foi transportado para Goa, onde he venerado em huma Igreja magnifica, que foi começada pelo Principe D. Constantino de Bragança no seu Vice-Reinado.

ANN. de J. C. 1542.

D. JOAÕ III. REI.

MARTINHO AFFONSO DE SOUZA GOVERNADOR.

Souza entrou no exercicio do seu Governo occupado do espirito de reforma, e passou todo o inverno em Goa a fazer novos regulamentos. Sua conducta era regular, e edificante. Visitava os Hospitaes todas as sextas feiras, e huma vez na semana as prizoens. Porém tinha começado mal, alienando os espiritos dos Officiaes, pelo modo com que obrou a respeito do seu predecessor; em que se pode ver que verdadeiramente elle tinha obrado mais por prevençaõ, que por paixaõ, defei-

to

Ann. de J. C. 1542.

D. JOAÕ III. REI.

MARTINHO AFFONSO DE SOUZA GOVERNADOR.

to muito commum ás pessoas de bem, a quem faltaõ as luzes, e a quem he ordinario cometter grandes erros por huma obstinaçaõ corada com huma cega piedade, mal entendida, e incorregivel. Escandalizou ainda mais a todos pelas pesquisas odiosas que fez da administraçaõ de todos aquelles que estavaõ empregados, e as innovaçoens que introdusio nas alfandegas, onde verdadeiramente havia huma grande desordem, e hum roubo taõ descarado, que a maior parte dos Officios serviaõ de prejuizo ao Rei: cujo Estado se exauria por huma parte para sustentar estes empregos, em quanto se arruinava por outra pelas despezas immensas dos armamentos annuaes das frotas, que partiaõ para ás Indias. O povo naõ foi menos irritado do que a Nobreza, pelo corte na paga da gente de guerra, e pelas ordens, que deo para lhes tirar o commercio.

A pezar deste descontentamento universal, naõ deixou de ser seguido quando partio, para hir conquistar a Rainha de Baticala, que tinha cessado de pagar o tributo ordinario, e dava asylo em seus portos a alguns piratas. A presença da frota Portugueza intimi-

midou esta Princesa, que creo escapar da intriga por rodeios artificiozos, e dilaçoens. Souza impaciente de se ver enganado, pôz a sua gente em terra, dividio o seu exercito em dois corpos de 600 homens cada hum, dos quaes commandava hum, e Francisco de Souza de Tavora o outro. Os inimigos vieraõ-lhe ao encontro; porém pouco a pouco foraõ recuando até as portas da sua Cidade, onde a mesma Rainha acudio, e aonde o combate foi muito longo, e vigorozo. Perto da entrada da noite a Cidade foi abandonada. O Portuguez victoriozo entrou nella com o ferro na maõ, naõ perdoou nem a idade, nem a sexo, e teve hum grande esbulho. Porém este esbulho tendo dezordenado os Portuguezes huns contra outros, e no tempo que elles estavaõ occupados a se destruirem mutuamente, os inimigos que os contemplavaõ de sima d' huma eminencia, os attacaraõ com tanta impetuosidade, que elles tiveraõ muito trabalho para ganharem as suas chalupas, e perderaõ com a honra o fructo da sua cubiça. No dia seguinte Souza para se vingar entrou na Cidade, lançou fogo aos edeficios, cortou as palmeiras dos suburbios, de-

Ann. de J. C. 1544.

D. JOAÕ III. REI.

MARTINHO AFFONSO DE SOUZA GOVERNADOR.

ANN. de J. C. 1544.

D. JOAÕ III. REI.

MARTINHO AFFONSO DE SOUZA GOVERNADOR.

desolou todo este paiz, que era n'outro tempo deliciozo, e se portou com tanta crueldade, que passou depois a proverbio entre os Indios, que em vez de dizerem como d'antes: *Guarda-te de Baticalá*, diziaõ depois: *Guardate de Martinho Affonso de Souza*. Depois desta terrivel execuçaõ, naõ estando a Rainha em estado de sustentar guerra, foi obrigada a pedir paz, e se julgou feliz em que lha quisessem conceder.

Os Reis do Indostan viaõ entaõ a verificaçaõ da Prophecia, que lhes haviaõ feito os Mouros, quando os Portuguezes alli chegaraõ. Elles lhes tinhaõ dito que estes novos hospedes, que se apresentavaõ como suplicantes, eraõ gentes perigozas, que d'amigos se fariaõ logo seus Senhores, e seriaõ depois seus tiranos. Porque além dos Principes cegos d'Ormus, transportados a Goa no tempo do Grande Albuquerque, que tinhaõ sido taõ desprezados, que viraõ hum nesta Cidade o qual como outro Belisario pedia esmola debaixo d'huma arvore, dizendo: „ Dai esmola a este pobre „ Principe, a quem tiraraõ o uso dos „ olhos, para lhe tirarem os seus Es- „ tados. „ Além d'aquelles digo, o mes-

mesmo Rei d'Ormus, e o Rei de Ternate alli foraõ mandados em ferros. Nuno da Cunha tinha tirado as suas cadeas ao primeiro, e D. Estevaõ da Gama ao segundo; porém naõ podendo concluir o seu negocio, se entregou a Souza, que o concluio.

Ann. de J. C. 1544.

D. Joaõ III. Rei.

Martinho Afonso de Souza Governador.

O Rei d'Ormus foi o primeiro a obrigalo que lhe fizesse justiça. Este Principe admitido no Conselho alli correo a sua causa: „ Alli representou com muita energia os insultos que lhe tinhaõ feito, o pouco respeito que tinha tido a sua pessoa, até lhe arrancarem o cabelo da barba, deitar-lhe o seu barrete por terra, amarrarem-no, debaixo do falso pretexto de que estava louco. „ Este era todo o seu crime, que a prudencia do seu discurso destruia muito bem para mostrar toda a malicia d'aquelles, que o tinhaõ tratado com toda esta indecencia. Tendo-o absolvido o Conselho, Souza o fez recondusir a Ormus com todo o esplendor que convinha á sua ordem. Porém elle naõ gosou muito tempo da volta da sua fortuna. Os que naõ poderaõ conseguir calumniar a sua innocencia, conseguiraõ melhor tirar-lhe a vida pelo veneno, e naõ se fez

mais

Ann. de J. C. 1544.

D. João III. Rei.

Martinho Affonso de Souza Governador.

mais justiça, do que se tinha feito das calumnias, e dos ultrages que tinha recebido.

Se Souza se mostrou justo ao Rei d'Ormus em razaõ da sua pessoa, elle fez ao mesmo tempo huma coisa que devia arruinar este pobre Principe, e seus successores. Eu já disse como os 15ꝯ. Seraphins d'ouro de tributo, que deviaõ pagar os Reis d'Ormus, tinhaõ sido levados até cem mil, somma exorbitante, e superior ás suas forças. Com effeito a contingencia dos tempos, as guerras que tiveraõ que sustentar, as revoltas dos seus vassallos, tendo-os posto em estado de se naõ poderem pagar com o restante das suas rendas, os diversos Principes visinhos, aquem elles deviaõ huma especie de presente para permitirem a passagem das Caravanas, que retinhaõ o seu commercio, elles se acharaõ taõ atrasados no espaço de 4 annos sómente, que no tempo que Martinho Affonso de Souza entrou no emprego, deviaõ á Coroa de Portugal 500 para 600ꝯ Seraphins d'ouro. Naõ tinhaõ tido consideraçaõ alguma ás circunstancias em que elles se tinhaõ achado. Tinhaõ-se contentado de os naõ oprimir; porém as dividas indo-

indo-se sempre acumulando, elles se acharaõ na impossibilidade de nunca as poderem satisfazer. Nesta necessidade Souza fez propor ao Rei d'Ormus, que entregasse as suas alfandegas a ElRei de Portugal, que lhe perdoaria a sua dividida, e lhe assignaria huma renda fixa para sustentaçaõ da sua caza. Foi obrigado a passar por isto; de que se fez hum auto juridico, e assignado por ambas as partes, e lhe tiraraõ, naõ sómente as alfandegas, mas ainda outras, rendas que naõ tinhaõ sido comprehendidas no tratado. Deve-se conhecer bem que ElRei D. Joaõ III. Principe piedozo, e justo naõ entrava no conhecimento de todas estas injustiças.

Ann. de J. C. 1544.

D. JOAÕ III. REI.

MARTINHO AFFONSO DE SOUZA GOVERNADOR.

O Rei de Ternate, de que aqui se trata, he este mesmo Tabarija, que Tristaõ d'Ataide tinha feito passar á India como hum criminozo. Sua innocencia tinha sido logo reconhecida; porém tinhaõ estado longo tempo sem pensarem em o restabelecer. Finalmente pensaraõ nisso, e o fizeraõ passar a Malaca para este effeito, com Jordaõ de Freitas, que trabalhou tanto com elle, que se tinha feito Christaõ. As coisas tinhaõ mudado muito nas Molucas depois da partida de Anto-

nio

Ann. de J. C. 1544.

D. João III. Rei.

Martinho Afonso de Souza Governador.

nio Galvaõ. D. Jorge de Caſtro que lhe tinha ſuccedido, tinha deſtruido todo o bem que tinha feito eſte Santo homem, e renovado todos os horrores de ſeus predeceſſores. Jordaõ de Freitas, que hia render eſte, naõ quiz conduſir conſigo Tabarija ou D. Manoel, que aſſim ſe chamou depois do ſeu Baptiſmo. Elle julgou de ver hir primeiro para preparar os animos dos ſeus vaſſallos, que a ſua mudança de Religiaõ podia ter alienado. Deixou-o em Malaca onde teve tempo de morrer. Jordaõ de Freitas tendo ſabido a ſua morte, tomou poſſe de Ternate em nome d'ElRei de Portugal, em virtude d'hum auto de doaçaõ que tinhaõ feito fazer a Tabarija eſtando moribundo. Cachil Aeiro tendo-ſe embaraçado com Freitas, foi tido deſde entaõ como criminozo, porque eſte queria que elle o foſſe. Freitas enviou Aeiro preſioneiro a Goa, que vio ainda hum novo Rei de Ternate nos ſeus ferros. Souza o tinha tambem abſolvido; porém elle naõ foi enviado para os ſeus Eſtados, ſe naõ pelo ſucceſſor de Souza, a quem a pobreſa em que deixaraõ gemer eſte Principe, naõ compadeceo menos, que a juſtiça da ſua cauſa. Aſſim zom-

zombavaõ da fortuna d'estes pequenos Soberanos, cuja infelicidade era naõ poderem castigar os que abusavaõ da sua superioridade, para triumfar da fraqueza d'elles.

Ann. de J. C. 1544.

D. JOAÕ III. REI.

A cubiça de muitos particulares os tinha obrigado a dar muitos avisos á Corte d'hum grande thesouro, conservado, e acumulado por muitos seculos no Pagode de Tremele 12 legoas de S. Thomé em terras de dependencia do Rei de Narsinga, e de que era muito facil assenhorear-se. A Corte cansada com estes avisos, enviou cartas a Souza com ordem de seguir este negocio. Souza com hum segredo, que ninguem pôde nunca penetrar, armou 45 embarcaçoens, e se embarcou. Apenas se fez á vela, huma violenta tempestade desbaratou a sua frota, e a espalhou, e o pôz a elle mesmo em grande perigo de morrer. Com tudo ajuntando parte das suas embarcaçoens espalhadas, soube contra as noticias que lhe tinhaõ dado, que a Costa de Coromandel naõ era navegavel nesta cezaõ, e naõ tinha nenhuma boa enseada. Expôz entaõ as ordens que tinha da Corte. Ainda que cada hum desejava lisongear a sua cubiça, votaraõ com tudo na re-

MARTINHO AFFONSO DE SOUZA GOVERNADOR.

Ann. de J. C. 1544. D. João III. Rei.

Martinho Affonso de Souza Governador.

———tirada. Porém para ſe recompenſarem da perda que tinhaõ tido por aquella parte, o General ſe deixou perſuadir para hir roubar o Pagode de Tabilicare no Reino do Coulan 40 legoas da Capital, onde os Portuguezes tinhaõ huma Fortaleſa.

A gente do paiz vendo-os em armas naõ tiveraõ d'iſſo receio algum. O Rei de Coulam era ſeu alliado, e ſeu amigo. Eſte Principe fazia actualmente guerra a hum dos ſeus viſinhos, e naõ tinha razaõ para eſperar da ſua parte alguma hoſtilidade, aſſim ſe avançaraõ ſem obſtaculo até ao Pagode. Entrou Souza com hum pequeno numero de confidentes. Os ſeus invejozos divulgaraõ, que elle tinha tirado dois barris d'ouro puro, e pedras precioſas, que diſiaõ ſer dois barris d'agoa, poſto que pelo esforço dos que os levaraõ, deveſſem julgar que era outra coiſa. O unico eſpolio que appareceo, foi hum vaſo d'oiro do valor de 4ↀ eſcudos, de que ſe ſerviaõ para lavarem o Idolo.

Com tudo os Indios ſentindo excitar-ſe toda a ſua indignaçaõ á viſta da profanaçaõ do ſeu Sanctuario, da infracçaõ da paz, e a indecencia d' huma cubiça, que naõ reſpeitava, nem

nem á ſantidade dos lugares, nem dos juramentos, correraõ ás armas, juntaõ-ſe tendo na ſua frente mais de 200 Naires, e ſe poém no ſeguimento deſtes ſacrilegos profanadores. A ſituaçaõ em que ſe achavaõ os Portuguezes era a meſma que a da empreza de Calicut, onde foi morto o Marechal, o caminho fechado, eſtreito, e dominado pela parte do attaque. Os Portuguezes naõ ſe podiaõ ſervir das armas, nem evitar as dos inimigos, que os acomettiaõ com vantagem. Morreraõ alli trinta homens, e 150. feridos. O General evitou a morte apeando-ſe do ſeu cavalo, para ſe baralhar na multidaõ. Teve muito trabalho para eſcapar d'eſta empreſa, de que naõ ſahio acreditado, nem da parte dos inimigos, que o tinhaõ maltratado muito, nem meſmo da parte da Corte, que tendo examaminado melhor o cazo de conſciencia deſtas qualidades d' empreſas, as condenou depois de as ter approvado, e deo ordem a Souza que reſtituiſſe o vazo d'oiro, com mais outro dinheiro, que tinhaõ tirado d'outro Pagode, nos meſmos lugares onde iſto tinha ſido tomado, e que ſe deſſe ſatisfaçaõ peſſoal ao Rei de Coulaõ que tinha offendido.

ANN. de J. C. 1544.

D. JOAÕ III. REI.

MARTINHO AFFONSO DE SOUZA GOVERNADOR.

T ii Hum

Ann. de J. C. 1544.

D. JOAÕ III. REI.

MARTINHO AFFONSO DE SOUZA GOVERNADOR.

Hum novo negocio obrigou logo depois Souza a vir para Goa a toda a preſſa. Foi huma intriga traçada por Azedecan ſempre em ciume, e em deſconfiança com o Idalcaõ ſeu Soberano, o qual da ſua parte empregava ſucceſſivamente a força, e o artificio para ſe fazer Senhor da ſua peſſoa, e dos ſeus theſouros. Eſte aſtucioſo politico para fazer huma diverſaõ que o podeſſe eſcudar, achou o ſeu ultimo recurſo em huma nova perſonagem que pôz na Scena. Foi eſte Meale-can, que alguns autores fazem irmaõ do meſmo Idalcaõ; porém com hum direito mais legitimo ao Trono, por deſcender por ſua Mái do tronco dos Reis de Decan. Outros o fazem filho do Rei de Balagate, depois da morte do qual foi deſpojado pelo Idalcaõ.

Meale expulſado dos ſeus Eſtados, ſe retirou para Meca, donde Solimaõ Bachá o enviou para o Reino de Cambaia, naõ para o reſtabelecer nos ſeus Eſtados, aſſim como lho tinha prometido, mas para ter o pretexto de cauſar novidades na India, de que ſe podeſſe aproveitar. Depois da retirada de Solimaõ, ficando entregue á ſua má fortuna, Azedecaõ,

Ann. de J. C. 1544.

D. JOAÕ III. REI.

MARTINHO AFFONSO DE SOUZA GOVERNADOR.

caõ, que o achou proprio para lhe ser favoravel ás suas vistas, emprehendeo adquirirlhe a protecçaõ dos Portuguezes. Servio-se para tratar este negocio d'hum dos seus intimos confidentes, chamado Coje-Cemaçadin. Este tratou o negocio muito secretamente com D. Garcia de Castro Governador de Goa, e fez tanto pelas razoens d'enteresse que lhe propòz á vista, e ainda mais pelos presentes que lhe deo, que Castro fez vir Meale a Goa, onde foi tratado como Rei. O Idalcaõ que foi d'isto logo instruido, atemorisou-se, e mandou da sua parte fazer promessas para desviar o golpe. Tendo Souza chegado a Goa neste tempo, pôz em diliberaçaõ no Conselho as vantagens propostas d'huma, e outra parte, e se determinou em favor de Meale.

Estando tudo prestes para á expediçaõ, se poseraõ em campanha. O General em pessoa condusia o exercito, e levava consigo Meale, que lisongeando-se com hum restabelecimento proximo, naõ podia bem exprimir a sua alegria, e o seu reconhecimento. Estavaõ já no Passo de Benastarim, e so faltava passar para o Continente, quando Pedro de Faria, fazendo com que

Ann. de J. C. 1544.

D. JOAÕ III. REI.

MARTINHO AFFONSO DE SOUZA GOVERNADOR.

que Souza fizesse novas reflexoens, o moveo tambem com as suas razoens, que quando menos se esperava, e sem que podessem penetrar os motivos, Souza deo ordem ao exercito que retrocedesse o caminho para Goa. O acontecimento justificou huma conducta taõ extraordinaria. Porque poucos dias despois souberaõ que o Idalcaõ, usando d'huma grande diligencia, tinha desbaratado o exercito dos rebelados, que se tinha formado em favor de Meale, que tinha posto sitio de fronte da Cidade de Bilgan, de que se fez Senhor, depois da morte de Azedecaõ, que se tinha encerrado, e tinha pago o tributo á natureza consumido pela velhice, e pode ser pelas inquietaçoens, que lhe tinhaõ causado a incerteza do fim d'esta guerra.

Felicitando-se entaõ Souza do partido que tinha tomado, enviou felicitar o Idalcaõ victorioso, que recebeo muito bem o cumprimento, e entrou com elle em novo tratado, pelo qual confirmou á Coroa de Portugal a doaçaõ das terras de Bardes, e de Salsete com tudo o que tinha pertencido d'aquella parte a Azedecaõ, de quem ao mesmo tempo cedia o thesouro, que Azedecaõ tinha feito transportar se-

Ann. de J. C. 1545.

D. João III. Rei.

Martinho Affonso de Souza Governador.

secretamente a Cananor pelo seu confidente Coje-Cemaçadin. Se Souza da sua parte se obrigasse a nunca mais proteger Meale, e a fazello condusir a Malaca, onde devia conservalo em huma decente prisaõ. Com tudo Souza fez logo tomar posse das terras cedidas, sem querer satisfazer á condiçaõ de apartar Meale, o que illudio com diversos pretextos. Coje-Cemaçadin citado para entregar o thesouro, o entregou logo; porém em lugar de 10 milhoens, em que elle consistia, segundo o aviso que tinhaõ tido do mesmo Idalcaõ, deo so hum, e negou o resto.

O General, que tinha sempre este thesouro na idéa, fez quanto pôde para atrahir Cemaçadin a Goa; porém naõ o podendo conseguir com os seus agrados, e urgentes solicitaçoens, intentou trazelo por força; o que naõ era facil. Cemaçadin estava desconfiado, tinha 500 Naires asoldadados, e a protecçaõ do Rei de Cananor; era precizo recorrer ao artificio. O negocio foi tratado com huma pessoa de consideraçaõ da Corte deste Principe, e que era muito proxima ao primeiro Ministro. Fazendo-lhe este malograr o designio, ou naõ o podendo

ANN. de J. C. 1545.

D. JOAÕ III REI.

MARTINHO AFFONSO DE SOUZA GOVERNADOR.

do conſeguir, foi a victima deſta intriga com hum dos ſeus irmaõs. Henrique de Souza enviado pelo General os meteo em huma embuſcada, onde os fez aſſacinar: acçaõ indigna que irritando ao ultimo ponto o eſpirito do Rei, e dos ſeus vaſſallos, perturbou a tranquilidade, que os Portuguezes gozavaõ havia muitos annos, trocando a affeiçaõ que lhes tinhaõ, em hum odio implacavel, o que teve terriveis conſequencias; ſorte ordinaria das perfidias, que faz com que paguem os inocentes pelos culpados.

Martinho Affonſo de Souza aborrecido pelas ſuas reformas, e principalmente por huma mudança, que tinha feito nas moedas, de que tinha conſideravelmente alterado as eſpeces, ſem diminuir o valor, o que tinha igualmente ſublevado os Portuguezes, e os Indios, tendo chegado ao ponto de naõ poder ſofrer ninguem, e de ninguem o poder ſofrer. Felicidade foi para elle, ver-ſe ſubſtituido por D. Joaõ de Caſtro, que foi em qualidade de Vice-Rei, e elle deixou ſem diſgoſto hum Governo, onde o viaõ com goſto obrigado a deixalo. Os amigos da fortuna, ſimilhantes áquelles povos, que adoravaõ o Sol quando naſcia, e o apedre-

drejavaõ, quando se recolhia no seio da mar, o abandonaraõ para se unirem ao novo Vice-Rei. Este com tudo usou com elle d'huma maneira muito differente d'aquella com que elle mesmo tinha usado a respeito de D. Estevaõ da Gama. Eu creio que como Souza era proximo parente do Conde da Castanheira primeiro Ministro, foi nisto muito mais devedor a esta consideraçaõ, do que á probidade do seu successor. No mais foi muito bem recebido em Portugal, e ElRei fazendo justiça á sua capacidade, e merecimento, o admitio nos seus Conselhos, e se servio ao depois d'elle muito utilmente. No tempo do seu Governo a Inquisiçaõ naõ estava ainda estabelecida em Goa. Fizeraõ com tudo hum auto com a pessoa d'hum medico Judeo, que naõ tendo querido converter-se, experimentou a justiça ordinaria d'este tribunal, e foi queimado á fogo lento.

ANN. de J. C. 1545.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

Para congraçar os animos que Souza tinha irritado,, a primeira coisa que fez Castro, depois das mudanças ordinarias dos Governadores das praças, foi restituir a moeda ao seu justo valor. Porém como a coisa era dilicada, e podia dar-lhe hum trabalho

lho

Ann. de J. C. 1545.

D. João III. Rei.

D. João de Castro Vice-Rei.

lho na Corte, naõ quiz intentar nada, sem o parecer do Bispo de Goa, e de hum Conselho extraordinario que ajuntou, e cujos outros foraõ enviados para Portugal. Martinho Affonso de Souza, tendo sabido a noticia em Cochim, temendo que o Vice-Rei para sua propria justificaçaõ, naõ lhe fizesse hum crime da sua conducta passada sobre este artigo, achou esta mudança muito má, e pôz em movimento Aleixo de Souza Intendente da fazenda, que escreveó ao Vice-Rei huma carta taõ insolente, que o Vice-Rei enviou ordem para o prenderem. Porém o Intendente evitou o golpe, e achou o meio de se embarcar para Portugal. Martinho Affonso de Souza, e o Vice-Rei se embaraçaraõ n'esta occasiaõ. Houveraõ cartas, e palavras muito vivas de parte a parte; com tudo as coisas naõ se adiantaraõ muito.

O disgosto que a morte de Sultaõ Badur tinha causado em todos os coraçoens, naõ se tinha extinguido pela paz que tinha feito D. Garcia de Noronha com o Rei de Cambaia. Este moço Principe, animado do seu proprio ressentimento pelo da Rainha mái de Badur, e pelas solicitaçoens ur-

urgentes dos Senhores da ſua Corte, naõ ſuſpiravava ſe naõ pela vingança. O ar ſuperior que tomavaõ os Portuguezes muito altivos com a ſua felicidade, o modo indigno comque elles tratavaõ os Principes, a quem deviaõ mais obrigaçoens, as violencias que exercitavaõ com os particulares, os pretextos frivolos que tomavaõ para ſe apoderarem do alheio, o deſpreſo com que tratavaõ os Indios, e principalmente no que tocava á ſua Religiaõ, ſem reſpeito ás ſuas leis, ſeus uſos, e coſtumes, naõ tinhaõ feito mais do que irritar eſte odio univerſal, que ſe conſervava como hum fogo debaixo da cinza.

ANN. de J. C. 1545.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

A meſma paz de que eu acabo de falar, tinha dado occaſiaõ a augmentar o mal, e a inflammalo mais. Porque como, ſegundo o que tinha ſido eſtipulado pelo tratado feito com Noronha, era permitido ao Rei de Cambaia levantar hum muro entre a Cidade de Diu, e a Cidadella a huma certa diſtancia, eſte muro naõ eſtava ainda acabado, quando Manoel de Souza de Sepulveda Governador da Fortaleza, com o pretexto de que faziaõ mais, do que o tratado continha, ſahio de maõ armada com a ſua guarni-

Ann. de J. C. 1546.

D. João III. Rei.

D. João de Castro Vice-Rei.

niçaõ, e deſtruhio toda a obra; o que o Rei de Cambaia foi obrigado a diſſimular.

Finalmente o mal ſe declarou, o fogo oculto ſe fez hum grande incendio, e logo os Portuguezes ſe viraõ metidos em huma guerra, que pôz a fortuna de tantos annos em hum novo riſco, e taõ perto de ſe precipitar na ſua ruina, que nunca ſe tinha viſto em hum taõ grande perigo. Coje-Sofar foi o mobil de toda eſta intriga. Era elle filho d'hum pay Italiano, e d'huma mái Grega, com todas as virtudes, e todos os defeitos deſtas duas Naçoens, refinado na politica das Cortes do Oriente, e tinha chegado ás primeiras honras na de Cambaia, e á mais intima confidencia do Soberano. Dezejou pelo ſeu entereſſe achar nos Portuguezes motivos para os amar. Naõ o conſeguindo, tinha chegado a aborrecellos perfeitamente; porém com tanta ſimulaçaõ, que a ſua eſtimaçaõ apparente era igual ao fundo da ſua averſaõ.

Deſde o fim do primeiro Cerco de Diu, penſou nos meios de conſeguir ſegundo, ſem que o podeſſem penetrar, ſe naõ quando eſteve no ponto de rebentar; porém tomou medidas to-

todas differentes. A ſugeiçaõ que recebeo de Solimaõ Bachá, fez com que elle naõ quizeſſe mais expor-ſe a tomar Senhor, buſcando fugir da opreſſaõ d'outro. Como porém os Indios Guzarates naõ lhe baſtavaõ, chamou a ſi quantos voluntarios pôde de todas as Naçoens Muſulmanas, e principalmente os Chriſtaõs arrenegados, entre os quaes recebia com huma diſtinçaõ particular, os que tinhaõ algum preſtimo, ou talento util na arte militar. No eſpaço de 7 annos naõ parou de fazer trabalhar nos armazens, em fundiçoens d'artilheria, e em todas as ſortes de proviſoens de guerra, e de boca. Era impoſſivel que tantos preparativos, ainda que os trabalhos foſſem divididos por muitos lugares do Reino, naõ deſſem alguma ſuſpeita aos Portuguezes. Por iſſo meſmo fez elle divulgar habilmente o rumor d'huma guerra proxima com o Rei dos Patanes, e de huma invaſaõ dos Mogols. Com tudo uſava perfeitamente a reſpeito d'elles, principalmente com os principaes Officiaes, com quem conſervava huma correſpondencia, de civilidade, de preſentes, d'amiſade, e de huma confidencia taõ eſtreita, que ſabia exactamente todos os ſeus ſegredos, e que

naõ

naõ havia ninguem que o naõ julgaſſe amigo da ſua Naçaõ.

Ann. de J. C. 1546.

D. Joaõ III. Rei.

D. Joaõ de Castro Vice-Rei.

Huma confiança temeraria cegou de modo eſtes, em conſequencia de tantas victorias que tinhaõ conſeguido, que naõ lhes vinha ſe quer á lembrança, que podeſſem fazer a menor brecha na auctoridade que tinhaõ tomado. A dormecidos por huma paz de muitos annos ſeguidos, enſoberbecidos com a viſta de muitos Reis humilhados, eſperavaõ taõ pouco a guerra, que elles meſmos ſe punhaõ em eſtado de a naõ poderem ſuſtentar; taõ longe eſtavaõ de penſar que podeſſem ouſar declarar-lha. As frotas que vinhaõ de Portugal naõ eraõ já taõ numeroſas. Os navios que reſtavaõ na India apodreciaõ nos portos. Os armaſens eſtavaõ vaſios, os meſmos Feitores, e os Governadores das praças ſe ajuſtavaõ para venderem as muniçoens aos inimigos, o theſouro eſtava eſgotado; a deſerçaõ entre os ſoldados fomentada pelos Officiaes era tal, que tudo ſe reduſia a nada, e que em Diu de 900 homens de guarniçaõ, que o General lhe tinha deixado, apenas reſtavaõ 250.

Sofar que naõ ignorava nada de todas eſtas coiſas, julgando que era tem-

Ann. de J. C. 1546.

D. João III. Rei-

D. João de Castro Vice-Rei.

tempo de começar, fingio que Sultaõ Mahmud lhe tinha dado as Cidades de Surrate, e de Rainer, e tinha ajuntado tambem a de Diu. Escreveo a D. Joaõ Mascarenhas que tinha succedido a Manoel de Souza de Sepulveda no Governo da Cidadella: „ para „ se felicitar com elle do gosto que „ teriaõ de viverem juntos: Que lhe „ pedia que se naõ admira-se d'elle fa„ fazer entrar tropas na Cidade: „ Que sendo-lhe dada a proprieda„ de desta praça a elle lhe convinha „ fortificala para todo o acontecimen„ to: Que no mais poderia estar cer„ to no aferro que elle tinha tido sem„ pre aos enteresses da Coroa de Por„ tugal, o qual era fundado em huma „ estimaçaõ naõ equivoca, e de que es„ perava dar-lhe cada vez maiores „ provas. „

Mascarenhas respondeo a esta carta com toda a civilidade que convinha; porém os movimentos das gentes de guerra, sendo já muito grandes para naõ causarem violentas suspeitas, tomou as suas precauçoens como homem prudente, e habil. Enviou os seus espias para diferentes partes. Estes naõ precizaraõ hir muito longe para saberem os disignios do inimigo.

Os

Ann. de J. C. 1546.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

Os caminhos eſtavaõ cheios de conducçoens. As Cidades dos contornos ſe enchiaõ de gentes de guerra. A' de Diu viam-ſe chegar todos os dias novas partidas, ſem falar d'hum grande numero de caras novas, que eraõ outros tantos ſoldados disfarçados. Ao meſmo tempo Maſcarenhas teve aviſo, que Sofar tinha comprado hum Portugues da ſua guarniçaõ para envenenar as aguas da ciſterna, e lançar fogo aos armaſens da polvora. Naõ precizava mais certificar-ſe da verdade das ſuas ſuſpeitas. Eſcreveo logo ao Vice-Rei, e aos Governadores de Baçaim, e de Chaul, para lhes dar aviſo do eſtado em que ſe achava, eſperando hum cerco, que o inverno em que entrava devia fazer largo, e dificil. Fez ſahir todas as bocas inuteis, que meteo em navios mercantes; mandou comprar mantimentos ás Cidades viſinhas; fez arruinar alguns edificios, e tranſportar para á Cidadella todas as madeiras, e materiaes que lhe podiaõ ſervir.

Neſtas circunſtancias Sofar chegou a Diu com os eſcolhidos das ſuas tropas, que conſiſtiaõ em 5ↀ homens Turcos, Mammelus, Arabes, Perſas, Fartaques, Abexins, e Européos arrene

negados de todas as naçoens. O resto do exercito chegava a 20ↀ homens de tropas regulares, com hum maior numero ainda de pioens, trabalhadores, vivandeiros, e outras gentes de serviço. Chegando enviou saudar o Governador, desculpando-se de naõ hir elle pessoalmente. Mascarenhas da sua parte lhe fez pagar logo a visita por Simaõ Feio Juiz do Porto, homem sabio, e prudente.

Ann. de J. C. 1546.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

Desde este momento Sofar mostrou o fundo das suas intençoens, posto que elle as córasse com o pretexto da justiça, e tambem do zelo para o bem dos Portuguezes disse,, que ,, sendo amigo d'elles, era da sua obri- ,, gaçaõ vigiar, que naõ acontecesse de- ,, sordem entre elles, e os seus vassa- ,, los, que para isto mesmo tinha re- ,, solvido levantar o muro de separa- ,, çaõ, em que tinhaõ já concordado. ,, Ajuntou que pertendia mais, que o ,, porto de Diu fosse exempto da ser- ,, vidaõ, a que elles tinhaõ sugeitado ,, os navios estrangeiros, que alli che- ,, gavaõ: Que esta servidaõ tinha sido ,, huma tyrania, de que elle os que- ,, ria libertar: Que era para admirar ,, que hum punhado de gente vinda ,, do fim do mundo tivesse ousado im-

Ann. de J. C. 1546. D. João III. Rei. D. João de Castro Vice-Rei.

„ pôr hum jugo taõ odioſo em hum
„ paiz eſtrangeiro, onde tinhaõ ſido re-
„ cebidos por mercê, e que preſu-
„ mia muito da prudencia d'elles, para
„ que ſe houveſſem de oppor a requeri-
„ mentos taõ juſtos, em hum tempo
„ em que as ſuas forças eſtavaõ ex-
„ tinctas, nas circunſtancias em que el-
„ les tinhaõ allienado todas as vonta-
„ des, e na entrada d'hum inverno
„ que lhes fechava a porta a todos os
„ ſoccorros. „

Feio tendo trazido eſte recado, Maſcarenhas, por parecer do ſeu Conſelho, enviou o meſmo Feio com o original do tratado feito com Sultaõ Mahumud, dizendo „ que eſte tratado „ devendo-lhes ſervir de regra, poria „ da ſua parte todas as facilidades para „ a ſua execuçaõ. Porém que antes „ de conſentir que lhes fizeſſem algu- „ ma infracçaõ, elle eſtava reſoluto a „ morrer, e a dar até a ultima pin- „ ga do ſeu ſangue com todos os „ ſeus. „ Sofar, que naõ queria ſe naõ romper, ſe portou com muita violencia, deſpedaçou o auto, piſou-o aos pés, fez prender Feio com outros dois Portuguezes, que ſe naõ acautelaraõ baſtantemente. Deſde o meſmo dia 21 de Abril de 1546 hu-

ma

ma multidaõ de Indios veio tumultuariamente, e ſem ordem, a fazer huma deſcarga d'arcabuzes, e de flexas contra a Cidadella.

Ann. de J. C. 1546.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

A Cidadella de Diu reparada, e augmentada por D. Garcia de Noronha, tinha entaõ ſobre a face que olhava para á Cidade ſete baluartes, ou baſtioens com ſuas torres, comprehendendo tambem o do meio do rio. Tinhaõ demolido o da Cidade dos Rumes, que eſtava ſeparado da Cidadella, e tinha feito mais mal do que bem no primeiro cerco. Maſcarenhas fazendo murar as grandes portas, para ſó deixar os poſtigos livres, e as ſuas pontes levadiças, deſtribuio os poſtos aos melhores Officiaes d'eſte modo. Pôz Fernando Carvalho no baluarte do mar com trinta homens; no de S. Thiago, Alonſo Bonifacio; no de S. Thomé, Luis de Souza; Gil Coutinho teve o de S. Joaõ; Antonio Peçanha o de S. Jorge onde eſtava a porta nova. O baluarte do porto que chamavaõ tambem de S. Thiago, foi commettido aos dois Irmaõs, D. Pedro, e D. Joaõ d'Almeida; o da porta velha a Antonio Freire, e as duas couraças que eſtavaõ de fronte das portas a Joaõ de Venezeanos,

Ann. de J. C. 1546.

D. João III. Rei.

D. João de Castro Vice-Rei.

e a Antonio Rodrigues. Cada hum deftes Officiaes teve 20 ou 30. foldados: Mafcarenhas efcolheo huns fincoenta para acudir a toda a parte fegundo a precizaõ.

Para começar a meter maõ á obra, tomou Sofar huma altura no quartel da Cidade dos Rumes, na diftancia d' hum tiro d'arcabuz, donde defcubriaõ melhor a Cidadella, onde fez fazer hum baluarte de pedra terraplanado por detras, com fuas Cafamatas, fua muralha, e feu parapeito. Efta obra que foi feita na noite de 21 para 22 á força de maõs admirou extraordinariamente os Portuguezes, que naõ podiaõ efperar huma taõ grande diligencia. Nas duas noites feguintes fez outros dois fimilhantes, tirando para á outra borda do rio fempre na defcida, porque o terreno hia em efcarpa, e fez ellevar cortinas d'hum baluarte ao outro da altura de dois homens. As batarias plantadas fobre eftes baluartes atiravaõ durante o dia; porém os pioens fó trabalhavaõ de noite, cuja efcuridade lhes era mais favoravel. Ifto naõ obftante como delles havia huma multidaõ prodigiofa, o fogo da praça, e principalmente o do baluarte do mar lhe caufava hum grande

de damno por nunca errarem tiro.

Ann. de J. C. 1546.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

Era de huma importancia para os inimigos o tomarem este baluarte, que metendo-os de posse do Porto, lhe dava ainda mais facilidade para baterem a praça. Sofar tinha reservado para este effeito hum grande navio no qual fez elevar huma grande torre de tres estancias, onde 200 homens podiaõ combater. A maquina era quasi similhante á que tinhaõ preparado para o primeiro cerco; porém ella naõ teve melhor sorte. Os que estavaõ de sentinella no alto das torres da Cidadella, avizando ao Governador desta maneira, deo este ordem a Diogo Leite, Capitaõ do porto, que tomasse 20 homens escolhidos em dois catures, além dos remeiros, que eraõ escravos Guzarates forçados, e que fosse queimar esta maquina, quando a noite o favorecesse. Posto que vogassem com remos surdos, e que tivessem o cuidado de encubrir o fogo dos morroens, foraõ presentidos. Sofar que rondava, foi o primeiro que os descubrio, e fez tocar á rebate. Na incerteza deste rebate, naõ sabendo cada hum aonde corresse, a Cidade esteve toda em confuzaõ, e cheia d'espanto. Com tudo o mais concurso se

fez

Ann. de J. C. 1546.

D. João III. Rei.

D. João de Castro Vice-Rei.

fez para o Porto, que retumbava com clamores, e tiros dados ſem ordem. Leite, e os ſeus por iſſo ſe apreſſaraõ a dar fim á ſua empreſa. Lançaraõ-lhe as ſuas panellas de fogo, porem ella eſtava taõ defendida com couros crus, e ervas, que o fogo naõ pôde pegar. Depois de admirarem hum effeito taõ pouco eſperado, e que lhes pareceo hum prodigio, alguns dos mais reſolutos entraraõ para dentro, desbarataraõ os poucos, que alli eſtavaõ para a guardarem: cortaõ os o cabos, lançaõ-lhe os ſeus guropés, e entre huma ſorriada de flexas, e arcabuſes, a rebocaõ até á Cidadella entre os baluartes do Porto, e do mar, onde a queimaraõ muito ſoccegadamente, com grande diſgoſto de Sofar, que bramia de raiva, e deſeſperaçaõ.

Malograda eſta tentativa pelo valor dos Portuguezes, Sofar naõ penſou mais do que em adiantar os ſeus trabalhos da parte da terra. Aperfeiçoando a ſua primeira linha d'huma borda do rio á outra, avaladou as ſuas trincheiras com muros de pedra, da meſma ſorte que os primeiros, porém taõ cortados, e entrelaçados, que formavaõ huma eſpecie de labirinto. Conduſio-os muito perto do foſſo. Tirou

rou de lá outra linha ſimilhante a primeira que fortificou tambem com baluartes, e redutos, onde plantou huma numeroſa artilheria.

Ann. de J. C. 1546.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

O dezaſoſſego tinha canſado Maſcarenhas, e os citiados. Eſtavaõ no fim de Maio. Naõ apparecia ſoccorro algum. Naõ tinhaõ polvora ſe naõ para hum mez. O inimigo adiantavaſe ſempre: conduſia-ſe com todas as regras: a ſua artilheria era ſervida por meſtres habeis. As peças eraõ d'hum tal calibre, e a polvora era taõ fina que as balas furavaõ hum Gabiaõ de parte a parte. O inverno principiava, e os meſmos ventos, que moſtravaõ tirar aos ſitiados toda a eſperança de ſerem ſoccorridos, eraõ os mais favoraveis que os inimigos podiaõ deſejar, para trazerem huma frota auxiliar de Turcos, ſegundo o rumor que tinhaõ divulgado, com o diſignio de os intimidar.

Neſta agitaçaõ appareceraõ oito velas, que pela derrota, que ellas faziaõ julgaraõ ſer o ſoccorro taõ eſperado. Era eſte com effeito D. Fernando de Caſtro o mais moço dos filhos do Vice-Rei, que ſeu pai tinha feito partir, contra o rigor do tempo, ſobre os primeiros aviſos das trincheiras do cerco.

Ann. de J. C. 1546.

D. Joaõ III. Rei.

D. Joaõ de Castro Vice-Rei.

co. Tinha sofrido no caminho hum violento mar, que lhe tinha deitado parte dos navios a Baçaim, parte a Chaul, onde se refugiaraõ. Porém elle resistio contra a tempestade, e entrou no Porto de Diu com oito caturs. A Guarniçaõ depois d'este reforso se achou com 400 para 500 homens pela maior parte Fidalgos, e voluntarios, que tinhaõ cubiçado ganharem honra nesta occasiaõ, seguindo a fortuna de D. Fernando. A praça se achou ao mesmo tempo mais contente, pelo augmento das muniçoens, e viveres. Os postos foraõ reforçados, e este Cavalleiro moço cheio de fogo, e que amava a gloria, quiz ter o de S. Joaõ, porque era o mais fraco.

Os citiantes se consolaraõ da chegada deste fraco soccorro, a respeito das conjuncturas do tempo, com o do seu Sultaõ, que vindo de Champanel ao campo, seguido de toda a sua Corte, com hum corpo de 10ↀ cavallos, convidado por Sofar, que lisongeado de redusir logo a praça, lhe procurava a honra de a tomar. Fez-se na sua entrada hum taõ grande estrondo de artilheria, clarins, trombetas, e todos os instrumentos militares, que naõ poderaõ suspeitar se naõ alguma

gran-

grande novidade. Hum presioneiro que Mascarenhas fez apanhar expressamente, lhe descubrio a causa, e quiz elle dar huma demonstraçaõ similhante, que causou no campo inimigo huma igual admiraçaõ. O Sultaõ foi instruido pelo mesmo presioneiro, que o Governador lhe enviou para lhe testemunhar da sua parte: „ Quanto os Portuguezes eraõ sensiveis á honra que „ elle lhe fazia de illustrar-lhes o valor „ com a sua presença, e dar hum no„ vo relevo á gloria que elles teriaõ „ de frustrarem hum taõ poderoso Prin„ cipe. „ Com tudo Mahmud esteve só 11 dias defronte da praça. Hum tiro de canhaõ levando muito perto d'elle hum dos seus Cortesaõs, os seus Adivinhos tiraraõ d'isto hum máo agoiro. Naõ estranhou que o rogassem para se retirar a Amadaba, o que fez deixando hum corpo de tropas de Abexins a Jusarcaõ, que quiz repartir o comando, e os trabalhos com Sofar.

Ann. de J. C. 1546.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

A retirada do Sultaõ naõ esfriou o ardor dos sitiantes, que a sua presença tinha animado. Sofar continuou a fazer por indignaçaõ, os mesmos esforços, que lhe tinha feito fazer a inveja de se assignalar na presença do Rei seu Senhor. Bateo a brecha, e ataca-

cava

Ann. de J. C. 1546.

D. João III. Rei.

D. João de Castro Vice-Rei.

cava por muitas partes ao mefmo tempo. Elevou dois reductos de fronte dos Baftioens do Porto, e de S. Joaõ. Fez terceiro defronte do Baftiaõ de S. Thomé. Chamaraõ-lhe *o Ramofo*, por fer entrelaçado com ramos, e troncos d'arvores, para o fazerem mais folido, e era taõ alto, que igualava a Cidadella, e defcubria inteiramente a praça. A fua artilheria com tudo jogava terrivelmente. Tinha peças de enorme grandeza, e principalmente hum morteiro que deitava pedras de 6 pés de circumferencia. He verdade que ellas fizeraõ pouco damno, e que fendo morto o que fervia o morteiro, ficou abfolutamente inutil pela pouca deftrefa do engenheiro que lhes fuccedeo. Porém o canhaõ fazia hum effeito prodigiofo. Os Baftioens eftavaõ quafi todos abalados. O de S. Thomé eftava fendido d'alto a baixo, e ameaçava inteiramente ruina. Para reparar todos eftes damnos, Mafcarenhas fez huma cortadura com hum muro de 20 pés de largo. Levantou huma nova torre, toda unida ao de S. Thome, e fez hum Cavalleiro muito perto da Igreja, e do Baftiaõ de S. Thiago do Porto, fobre o qual fez montar duas groffas peças que fez apontar fobre o Ramofo. A

A artilheria da praça naõ fazia o menor damno nos inimigos. Mascarenhas mudando-a de situaçaõ, segundo as diversas precizoens, tirava sempre huma grande vantagem. E como o tempo dos trabalhos era o da noite, dispôz nos fossos, de espaço em espaço, potes de materiaes oleosos, e inflamaveis, que lançando huma grande claridade, faziaõ melhor conhecer os trabalhadores. A multidaõ era taõ grande, que davaõ poucos tiros inuteis. O General inimigo para encubrir as suas perdas, fazia deitar os corpos mortos nas obras que edificava, e fazia levar diante de si esta multidaõ fraca de obreiros a golpes d' alfange, e pontas de dardos, de sorte que estes infelices eraõ obrigados a avançar, igualmente obrigados pelo temor de duas mortes quasi inevitaveis. Naõ obstante este continuo trabalho, o Ramoso foi inteiramente desfeito, e com a sua ruina livrou Mascarenhas do desassocego que lhe causava.

ANN. de J. C. 1546.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

Posto que algum disgosto disso teve Sofar, com tudo naõ se desanimou: tinha adiantado as suas linhas até á borda do fosso, e emprehendeo enchelo. Como Manoel de Sou-

Ann. de J. C. 1546.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

Souza de Sepulveda o tinha alargado muito, e as ruinas das brechas naõ baſtavaõ, era preciſo lançar-lhe alli novos materiaes. Para eſte effeito fez condufir huma trincheira por todo o longo da explanada, taõ porfunda, que os ſeus pioens podiaõ eſtar cobertos: fez guarnecer o ſeu parapeito de taboas diſpoſtas em eſcarpa, embotadas, ligadas, e muito compridas, a fim de que as pedras, e as arvores que por ellas deviaõ rolar, tiveſſem mais extençaõ, e chegaſſem até ao meio do foſſo.

A felicidade com que iſto ſe executou torvou tanto Maſcarenhas, como deo ſatisfaçaõ aos inimigos, que viaõ o fructo de ſeus trabalhos, e o progreſſo da ſua induſtria, ſem que os podeſſem incomodar, nem fazer-lhes algum obſtaculo. Com o que o atreiçoado Sofar poſtava gente na trincheira, que inſultavaõ os ſitiados, reprehendendo-lhes o ſeu temor. „ Onde eſtaõ, diziaõ, aquelles „ Portuguezes, de que hum pequeno „ numero hia deſafiar exercitos innu- „ maraveis, e os punhaõ em derrota? „ Sois vôz do ſangue d'eſtes homens, „ ou tendes degenerado.? Quem vos „ obriga a eſcondervos debaixo das

„ rui-

„ ruinas das voſſas muralhas? Somos „ nos taõ formidaveis, que vos naõ „ uſeis moſtrar-vos? naõ era aſſim no „ tempo d'Antonio da Silveira: eraõ „ homens que ſabiaõ fazer face ao ini- „ migo, e attacar a tempo. Naõ ſe „ conſervavaõ como mulheres, ſem- „ pre no abrigo das ſuas cazas. Ou „ o voſſo Capitaõ he hum fraco, que „ poém freio ao voſſo valor, ou vos „ meſmos o ſois, que naõ ouſais ſe- „ guir os movimentos do ſeu. „

Eſtes diſcurſos, ainda que capazes de ſeduſir, e perturbar a ordem da ſubordinaçaõ, por huma falſa idéa de valor, picavaõ menos Maſcarenhas, do que o picava o naõ poder perturbar o trabalho do inimigo, que ſe adiantava ſempre. Eſtava elle neſtas perplexidades, quando alguns ſoldados que tinhaõ vigiado na praça, lhe fizeraõ notar, que neſte lugar havia hum ſubterraneo, onde n'outro tempo havia hum poſtigo, que hia dar ao foſſo. Logo o fez deſtapar, e limpar. Pôz toda a ſua gente a deſpejar o foſſo, á medida que o inimigo ſe esforçava para o encher. No que ganhou por dois modos, porque ao meſmo tempo que illudia toda a ſua induſtria, provia-ſe de materiaes que

Ann. de J. C. 1546.

D. Joaõ III. Rei.

D. Joaõ de Castro Vice-Rei.

começavaõ a faltar-lhe, tendo-se já servido de quasi todas as ruinas das cazas, que tinha demolido para este effeito.

Era preciso usar de precauçaõ para que o seu artificio naõ fosse descuberto. O que se fez com felicidade por alguns dias. Tirando os materiaes debaixo, deixavaõ huma especie de vacuo, que abatendo-se pouco a pouco, favorecia este engano, porém isto naõ podia durar muito tempo. Os inimigos admirados de verem tantos materiaes absorvidos, deitavaõ muitas vezes o prumo para sondarem o que ainda restava para encher. Finalmente perceberaõ que o montaõ diminuia em vez de crescer. Neste tempo o vacuo se abateo, e os inimigos, que naõ conheciaõ ainda o dolo, sentiraõ os Portuguezes vivamente occupados com o seu roubo. Sofar foi d'isto instruido, e taõ cheio de pesar como de admiraçaõ a respeito do Governador, que escapava a todos os seus enganos, quiz-se certificar do facto por si mesmo. Correo á trincheira, mostra-se por sima do parapeito sem muita reflexaõ, vé tudo: porém no mesmo instante hum tiro d' artilheria atirado ao acaso, lhe levou

a

a cabeça com a maõ direita, em que se tinha encostado para contemplar com mais descanço, e comodidade.

Anno de J. C. 1546.

Naõ podia acontecer cousa de maior desordem para todo este exercito, do que a morte deste homem, que só d'elle era a alma, e o mobil. Sentio-a elle taõ vivamente, que por oito dias successivos esteve em huma inacçaõ apparente, de que os sitiados, que naõ podiaõ advinhar a causa, se admiraraõ, e que á excepçaõ, d'alguns tiros d'arcabus atirados ao acaso, naõ fez movimento algum. Naõ estava elle menos perturbado no interior. Dividio-se em facçoens, e se repartio tanto, que quasi nada faltou para que naõ se dicipasse. Hum Baniane tendo-se aproximado á Cidella, lhe levou a noticia, que naõ esperavaõ mais gostosa do que o feliz momento da sua libertaçaõ. Porém o filho de Sofar, que tinha tomado nome de Rumecaõ, e era General da artilheria, moço de 25 annos, cheio de fogo, e de valor, e que com a experiencia tinha todo o merecimento de seu pai, animou tambem todos os espiritos, e os condusio de modo, que o exercito o nomeou para General. Esta escolha foi confirmada por

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

Ann. de J. C. 1546. D. João III. Rei. D. João de Castro Vice-Rei.

por Sultaõ Mahmud, a quem elle foi dar conta do estado das coisas, e o fez de modo entrar no espirito da sua vingança, que este Principe mandando-o com hum poder dispotico, e ordens muito apertadas, lhe deo ao mesmo tempo novos soccorros de dinheiro; e fez partir pouco depois 400. homens de reforço, com hum grande numero d'outros obreiros que vinhaõ de todas as partes, e se rendiaõ sem cessar, de sorte que a perda de homens naõ se conhecia nesta multidaõ.

Desde os principios de Julho, tendo o exercito inimigo feito as ultimas honras a Sòfar, com toda a magnificencia militar, e todas as mostras de sentimento dividas a hum taõ grande homem, Rumecaõ seguindo os projectos de seu pai, trabalhou em encher o fosso entre os baluartes de S. Joaõ, e de S. Thomé. Fez levantar duas Torres de páo nos lugares onde tinha sido o Ramoso, e em cada torre assentou dois Basaliscos cada hum na sua casamata. Deitou galarias no mesmo fosso, onde os trabalhadores estavaõ cubertos. Aplicou-se principalmente a tornar inutil o postigo que tinha servido aos sitiados para desentupirem o fosso,

fosso, e obrigou Mascarenhas a murallo a elle mesmo por dentro. Finalmente fez rolar tantos materiaes, que conseguio enchello.

Duas grossas pessas d'artilheria que o Governador tinha feito assestar no Bastiaõ de S. Joaõ, naõ poderaõ impedir o successo d'hum trabalho taõ grande, e taõ continuado. Lembrou-se tambem d'outro estratagema que lhe aproveitou melhor. Porque vendo que os maiores intupimentos que se tinhaõ feito no fosso eraõ de paos de palmeiras inteiras, e carcassas de bateis, fez-lhe lançar barris de alcatraõ accesos, e fez decer por cadeias de ferro faxinas breadas. Os inimigos fizeraõ todo o esforço para apagar o fogo, com barris d'agua que lhe deitavaõ continuadamente: porém o fogo do alcatraõ ateado na madeira verde que o toma mais dificilmente, porém que tomando-o, he muito mais aspero, e mais violento, o incendio tomando forças pela agua que lhe deitavaõ, queimou, e calcinou toda a materia que achou até as pedras, e redusio tudo em sinzas.

A necessidade d'hum novo soccorro começava a oprimir os sitiados. Tinhaõ-se já passado do inverno 3 ou

Ann. de J. C. 1546.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

Ann. de J. C. 1546.

D. João III. Rei.

D. João de Castro Vice-Rei.

4 mezes, porém reſtava ainda quaſi outro tanto. O inimigo eſtava no corpo da praça. Os combates de maõ a maõ vinhaõ ſendo frequentes. As muniçoens, e os viveres tinhaõ diminuido conſideravelmente: reſtavaõ ſó 200 homens, muitos eſtavaõ feridos, e incapazes do ſerviço. Os que eſtavaõ em eſtado de trabalhar, naõ deſcançavaõ nem de dia, nem de noite; quaſi todos eſtavaõ abatidos com vigilias, e trabalho. Os ſoldados começavaõ já a tomar medo. Deſte modo o Governador, julgou precizo eſcrever de novo ao Vice-Rei, e de lhe enviar hum homem de confiança. Foi eſte Joaõ Coelho Vigario da praça, homem de valor que affrontando os maiores perigos em hum catur com 12 remeiros, chega a Baçaim, e Chaul, d'onde continuou a ſua viagem por terra até Goa.

O damno que o incendio tinha feito a Rumecaõ, bem longe de o deſcorſoar, ſó ſervio de mais o obſtinar. Tornando com novos reforços, e á força de maõs fazendo tranſportar para o foſſo até os materiaes dos muros, e redutos os mais apartados, e que tinhaõ ſido o primeiro trabalho do cerco, conſeguio igualallo, e enchelo até ao pé das brechas, e até

ar-

arrumar ao Baſtiaõ de S. Thomé os maſtros de navios armados com traveſſas em modo de eſcadas para ſubirem d'aſſalto. Porém antes de chegar a iſto, quiz tentar no principio a diſpoſiçaõ dos ſitiados, para ver ſe poderia reduſilos a conſentir em huma decente capitulaçaõ. Para o que ſe ſervio do preſtimo de Simaõ Feio, que tinha preſo. Feio ſe apreſentou debaixo da praça, á entrada da noite, e requereo falar. Eſcutaraõ as ſuas propoſiçoens. As condiçoens eraõ todas muito vantajozas, e taõ honrozas, quanto podiaõ ſer. A reſpoſta de Maſcarenhas foi por extremo altiva. „ Diſ-„ ſe que naõ queria entrar em algum „ tratado com huma Naçaõ perfida, que „ naõ ſabia guardar nenhum: que ſe „ as ruinas dos ſeus muros naõ po-„ diaõ defendello, iria buſcar Rumecaõ „ até na ſua tenda, e abriria huma „ paſſagem a traves dos ſeus inimigos, „ e ſobre hum montaõ de corpos mor-„ tos: Falando depois a Feio, lhe diſ-„ ſe no que reſpeitava a elle, que ſe „ intentaſe daqui em diante preſtar „ o ſeu indigno miniſterio a ſimilhan-„ tes propoſiçoens, elle lhe faria ati-„ rar como a hum traidor, e hum ar-„ renegado. „

Ann. de J. C. 1546.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

Ann. de J. C. 1546.

D. João III. Rei.

D. João de Castro Vice-Rei.

Repelido com esta resposta, Rumecaõ fez no outro dia dar hum assalto ao Bastiaõ de S. Joaõ, onde commandava D. Fernando de Castro. Começou elle só duas horas antes da noite. He verdade que isto foi só huma espécie de ensaio. Os inimigos se apresentaraõ com huma grande determinaçaõ, grandes gritos, e hum grande estrondo de instrumentos. Trinta se alojaraõ logo sobre a brecha onde foraõ seguidos de outros muitos. Porém foraõ recebidos com tanto valor, que obrigados d'huma parte pela noite que se avisinhava, e da outra pela resistencia que achavaõ, o General fez tocar á retirada depois de ter perdido mais de 50 dos seus, sem falar dos feridos, em lugar dos Portuguezes que só perderaõ hum homem.

Esta tentativa naõ tendo sido feita se naõ como huma disposiçaõ d'hum assalto geral, Rumecaõ, ou porque fosse devoto, ou porque soubesse que a Religiaõ he hum poderoso motivo para conduzir o povo, e o animar, quiz preparar-se com preces publicas, que fez fazer no seu campo, na noite de 24 para 25 de Julho. Fernando Carvalho, que do baluarte do mar percebeo este movimento dos inimigos

pe-

pelo numero das ſuas tochas, e archotes, meteo-ſe em hum eſcaler, e ſe aproximou da terra o mais que pôde: Porém ſendo deſcuberto, foi obrigado a contentar-ſe com dar avizo ao Governador para que eſtiveſſe preſtes, julgando de tudo o que tinha viſto, que naõ tardaria muito em ſer attacado.

Com effeito deſde a meſma noite duas horas antes de amanhecer, Rumecaõ, e Juſarcaõ fizeraõ avançar as ſuas tropas em tres corpos para os baluartes de S. Thomé, e de S. Joaõ, onde commandavaõ Luis de Souza, e D. Fernando de Caſtro para á couraça onde eſtava Antonio Paçanha, que naõ tinha mais do que ruinas para defender. No momento do ſeu rebate, os ſitiados gritando por San-Tiago padroeiro das Eſpanhas, e tomando por feliz preſagio ſerem attacados no dia que a Igreja celebra a ſua Feſta, voaõ de toda a parte ás brechas, olhando cada hum d'elles para eſte dia, como o que devia decidir da fortuna da India, e onde era precizo vencer, ou morrer. A determinaçaõ era a meſma d'ambas as partes, e naõ havia que temer ſe naõ que a noite encobriſſe, e confundiſſe d'alguma ſorte o valor de tantos valerozos. Tan-

Ann. de J. C. 1546.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

Tanto que o combate ſe inflamou, e ſe fez mais horrivel pelas trevas, pelo claraõ dos fogos, e artificios; o eſtrondo da artilheria, e moſquetaria, os gritos dos feridos, e dos combattentes, os citiados tinhaõ maior perigo da parte d'onde menos o eſperavaõ. Alguns ſoldados de Juſarcaõ tendo-ſe introduſido ao longo do mar na baixa mar, onde a Fortaleza eſtava defendida ſó pela altura dos rochedos, alli pozeraõ a eſcalada, e entraraõ para dentro. Maſcarenhas alli tinha poſtado hum pequeno corpo de guarda por cautela. Porém as guardas, naõ temendo nada d'aquella parte, tinhaõ abandonado o ſeu poſto, para correr aonde os chamava o ſeu valor, ſem darem attençaõ ás leis da guerra.

Dois d'eſtes com tudo perceberaõ que o inimigo fazia eſcalada á luz das panelas de fogo, que lançavaõ os combatentes ſobre as brechas. Avizaõ d'iſſo Maſcarenhas, que encontraraõ precedido ſómente d'hum creado, que hia diante d'elle com hum archote. Logo elle ſentio a conſequencia que havia para naõ eſpalhar hum rumor d'eſta natureza, que podia deſordenar os mais valerozos no forte da acçaõ.

Re-

Reteve em fim hum destes soldados, e enviou o outro, a fim de unir a si toda a gente que achasse espalhada pela Cidadella, depois de lhe impôr ordem de segredo. Hum momento depois, a mesma noticia lhe foi confirmada por huma mulher, a quem ordenou que o seguisse.

Anno de J. C. 1546.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

Com tudo os inimigos se tinhaõ introduzido nas cazas, e já se occupavaõ em as roubar. Algumas mulheres a quem tinhaõ pedido o seu dinheiro, os prenderaõ tomando meios piques, e os tinhaõ como sitiados, mais pelos seus gritos, e a incerteza onde se achavaõ, em hum lugar de que naõ sabiaõ as estradas de nenhum modo. A resoluçaõ destas mulheres com tudo foi a salvaçaõ da praça. Mascarenhas, a quem se tinhaõ unido muitas pessoas, teve tempo para chegar, e os expulsarem das cazas, onde muitos foraõ degolados pelas mesmas mulheres. Dali subindo ás muralhas, achando hum corpo de 30 os repelio taõ vivamente que os obrigou a precipitarem-se de sima dos rochedos, que os despedaçaraõ. Fez o mesmo a outros, que tinhaõ sobido depois pelo mesmo lugar, e os obrigou a se precipitarem da mesma maneira.

Naõ

Anno de J. C. 1546.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

Naõ foi esta a unica occasiaõ em que as mulheres se assignalaraõ neste cerco. Naõ cederaõ ellas em nada ás do primeiro. Falaõ principalmente d'huma Isabel Fernandes, e d'outra Isabel Madeira, mulher do Cirurgiaõ mór, a qual foi morta, depois de dar todas as provas do mais alto valor. Estas animavaõ as outras, e todas juntas d'hum commum acordo repartiraõ os trabalhos do cerco, acarretando as pedras, fornecendo armas, soccorrendo os feridos, e algumas mesmo misturandose nos combates com tanto animo, e resoluçaõ, como os homens mais determinados.

Livre do inimigo perigozo Mascarenhas, correo ás brechas onde o combate tinha sido mais violento. Os Portuguezes victoriosos tinhaõ rechassado os sitiantes; porém tam victoriozos como estavaõ, começaõ a desfalecer abatidos com o trabalho. A presença do Governador lhe animou o valor, e a acçaõ começou com mais vigor. O dia era chegado, e distinguiaõ melhor os objectos. Os dois Generaes inimigos, envergonhados do estrago dos seus, tornaraõ ainda ao posto, e o sustiveraõ até quasi o meio dia, ora vencedores, ora vencidos. Com tudo a resistencia foi sempre

pre

pre tal, e a artilheria dos dois baluartes do Porto, e do mar, carregada de metralhas, produsio hum tal effeito batendo as brechas de perto, que Rumecaõ foi obrigado a mandar tocar á retirada, depois de ter perdido muitos estendartes, e bandeiras, e deixando sobre o campo de batalha 1500 homens, entre os quaes foi Jularcaõ, a quem seu sobrinho succedeo com o mesmo nome, ou para melhor dizer com a mesma qualidade. Naõ houveraõ menos que dobrados feridos, e toda esta acçaõ custou poucos homens aos Portuguezes, com hum grande numero de feridos. Dois dias depois Rumecaõ deo hum simillhante assalto, porém naõ teve melhor successo, e a perda naõ foi menos consideravel.

Em todos estes attaques os artificios, e os fogos que deitavaõ d'huma, e outra parte faziaõ hum effeito terrivel: porém os inimigos padeciaõ muito mais. Porque como estavaõ todos vestidos de seda, e de algodaõ, o fogo se unia a elles d'hum modo mais prejudicial, em lugar que os Portuguezes armados de todas as pessas, que tinhaõ boas luvas, com botins de coiro, e vestidos de lam, ou de coiro, se preservavaõ muito melhor. O

Go-

Ann. de J. C. 1546.

D. João III. Rei.

D. João de Castro Vice-Rei.

Governador tinha cuidado de os prover, e quando a materia lhe faltou, fez cortar huma bela tapeſſaria de coiro dourado, que elle tinha nas ſuas ſallas, e a repartio por elles.

Mahmud impaciente de ver que lhe dilatavaõ o cerco, lhe enviou ainda 15000. homens com novas ordens a Rumecaõ, para pôr em maior aperto a praça. Rumecaõ que tomou eſtas ordens como reprehençoens da ſua demora, reſpondeo, que o Sultaõ podia deſcançar, que elle lhe havia ver o fim, ou alli havia morrer. Sobre iſto fez levantar huma nova obra defronte do Baſtiaõ de S. Thiago, donde deſcubria inteiramente a Cidadella, de modo que ninguem podia ſubir ſeguramente aos muros. Fez eſtender ao meſmo tempo hum novo muro para o Baſtiaõ de S. Joaõ, onde cavalgou huma nova bataria. O Governador recebendo huma grande imomodidade de ſe ver aſſim dominado, arriſcou huma ſortida de noite, conduſida pelos dois irmaõs D. Pedro, e D. Joaõ d'Almeida, que na frente de cem homens pozeraõ toda a obra por terra, antes que Rumecaõ, paſmado d'eſte atrevimento, e perſuadido de que os ſitiados tinhaõ recebido algum ſoccorro, poſeſſe as

ſuas

ſuas tropas em eſtado de ſe lhe oppor. Martim Botelho ſeguido de dois valeroſos, fez o meſmo ao muro da nova battaria. Em quanto rechaſſou as guardas que alli vigiavaõ, os ſeus pioens o demoliraõ, e Botelho tornou para á Cidadella levando nos ſeus braços hum valente Nubiano, que ſó tinha ouſado fazerlhe cara.

Ann. de J. C. 1546.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

Rumecaõ unindo a induſtria á força aberta, e procedendo ſegundo as regras da guerra, unio o mineiro ao Baſtiaõ de S. Joaõ. Maſcarenhas tinha feito algumas contraminas em diferentes ſitios da praça; mas ou porque naõ creſſem que os Indios tiveſſem d'iſſo baſtante uſo, ou porque a habilidade de Rumecaõ tiveſſe divertido a attençaõ dos ſitiados com outros movimentos, naõ ſe tinhaõ apercebido do ſeu trabalho. Tanto que a mina eſteve prompta, uſou d'hum novo artificio: fez paſſar á Cidadella hum dos ſeus, que fingio ſer hum deſertor. Pergunguntado o traidor, e affectando huma grande candura, diſſe: „ Que o Sul„ taõ Mahmud opprimido por huma „ irrupçaõ, que o Rei dos Patanes fa„ zia nos ſeus eſtados, tinha enviado „ ordem a Rumecaõ de levantar o cer„ co para hir procurar o inimigo: Que

„ Moja-

Ann. de J. C. 1546.

D. Joaõ III. Rei.

D. Joaõ de Castro Vice-Rei.

„ Mojatecaõ tinha trazido esta ordem „ condusindo os 13000 homens, que ti„ nhaõ chegado pouco depois ao cam„ po: que começavaõ já a acarretar a „ artilheria, e as bagagens; porém „ que Rumecaõ, naõ querendo ser des„ mentido, tinha resolvido dar hum as„ salto geral ao Bastiaõ de S. Joaõ, „ e se lisongeava de tomar a praça „ por este ultimo esforço. „ Este discurso artificioso, e simples do desertor, que naõ tinha outro fim mais que atrahir mais gente para á defensa do Bastiaõ, foi crido com muita facilidade por se mostrar seguro em todas as suas circunstancias. Todos tiveraõ huma verdadeira alegria, e cada hum se preparou para esta ultima acçaõ com muita animosidade. D. Fernando de Castro, que estava com fevre, quiz tornar para o seu posto, e naõ houve razaõ, que disso o dissuadisse.

Rumecaõ naõ duvidando que seu artificio lhe tivesse aproveitado, pôz as suas tropas em movimento no dia de S. Lourenço. O modo com que ellas se aprezentaraõ, e recuaraõ depois, pôs Mascarenhas em desconfiança da mina: e logo enviou ordem a Castro, e aos outros, que abandonassem

o

o baluarte. Obedeceraõ elles: porém Diogo de Reinozo, Official velho e experimentado, a quem o Vice-rei tinha recomendado ſeu filho, levado ſem razaõ d'huma valentia de moço imprudente, fez irrizaõ da ordem do Governador, e fez tornar toda a gente: tanto que ſubiraõ rebentou a mina. O baluarte ſalteu inteiramente, com hum taõ grande eſtrondo, e efeito que alguns foraõ lançados entre os inimigos, outros na Cidadella, e o maior numero ſepultado debaixo das ruinas. De quaſi cem homens ſó ficaraõ 26, dos quaes morreraõ tres pouco depois. Entre os mortos foraõ D. Fernando de Caſtro de idade de 18 annos, em quem o valor ſe tinha adiantado aos annos; Diogo de Reinozo, tres Almeidas, Gil coutinho, Luis e Triſtaõ de Souza, Antonio Rodrigues, Luiz de Mello, e a flor da mocidade Nobre.

ANN. de J. C. 1546.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

Tendo a mina produſido hum taõ terrivel effeito, o inimigo voou a ella com grandes gritos. Sinco homens que acodiraõ, ſuſtentaraõ muito tempo ſós (o que cuſtará a crer) todo o ſeu esforço: eraõ eſtes Antonio Peçanha, Bento Barboſa, Bartholomeu Correa, Sebaſtiaõ de Sá, e o Licenciado

Ann. de J. C. 1546.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

do Joaõ, Cirurgiaõ mór, que foi depois morto neſta occaziaõ, depois de ſe ter aſſignalado em muitas outras. Maſcarenhas naõ tardou em hir ſocorrelos, ſeguido de 15 homens. As meſmas mulheres ali ſe portaraõ com valor com Joaõ Coelho, Vigario, que tinha vindo de Goa com nove homens, trazendo a eſperança d' hum proximo ſoccorro, e que tendo hum Crucifixo na maõ animou tambem os combattentes, que elles fizeraõ esforços mais que humanos até á noite, que os inimigos foraõ obrigados a ſe retirarem com a injuria de ſe verem ainda rechaſſados.

Nem de noite tiveraõ deſcanço os ſitiados. Maſcarenhas, a empregou toda inteira em tirar debaixo das ruinas todos eſtes cadaveres, que as mulheres tomaraõ o cuidado de ſepultar; e a reparar a brecha, fazendo hum contramuro, que ſe achou prompto tanto que amanheceo. Rumecaõ minou tambem ſucceſſivamente os Baſtioens de S. Thiago, de S. Jorge, e de S. Thomé, liſongeado com a eſperança d'hum ſucceſſo ſimilhante ao que tinha tido a primeira mina. Porém o Governador apredendo á ſua cuſta, proveo n'iſſo de modo, que as minas naõ

naõ fizeraõ mal ſe naõ aos inimigos, dos quaes foraõ 300 ſepultados debaixo do Baſtiaõ de S. Thomé.

Ann. de J. C. 1546.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

Iſto naõ obſtante, os inimigos fazendo ſempre novos progreſſos, ſe alojaraõ ſobre as muralhas em diferentes partes, onde arvoraraõ as ſuas bandeiras. A Igreja foi algum tempo diſputada, e depois de diverſos combates, fazendo o Governador hum muro de ſeparaçaõ, ſervio igualmente aos Chriſtaõs, e aos Mahometanos. Ninguem ouſava aparecer na praça d' armas, e Maſcarenhas, para obviar eſte inconveniente, foi obrigado a fazer abrir communicaçaõ por todas as cazas. Se os inimigos ſoubeſſem ao juſto a pouca gente que eſtava em eſtado de pelejar, he quaſi ſem duvida, que em pouco tempo teriaõ tomado a Cidadella. Trez eſcravos que fugiraõ para elles lho diſſeraõ: porém Rumecaõ fazendo hum attaque ſobre a informaçaõ d'elles, e vendo-ſe rechaſſado, naõ pôde crer, tiveſſem taõ pouca gente, e tratou os eſcravos deſertores como eſpias, que o tinhaõ querido enganar. Antonio Correa ſervio tambem a confirmar eſte engano. Tinha ſahido na frente de 20 homens, que o abandonaraõ vergonhoſamente, naõ

ou-

Ann. de J. C. 1546.

D. João III. Rei.

D. João de Castro Vice-Rei.

ousando attacar 14. Correa os attacou só, e o apanharaõ. Perguntado por Rumecaõ, lhe disse com hum ar confiado, que havia ainda 600. homens na praça, o que irritou tanto este barbaro, que o achou muito altivo, e depois de o fazer arrastar pela cauda d'hum cavallo ferrenho, lhe fez cortar a cabeça.

A praça com tudo estava redusida aos ultimos extremos: o numero dos homens era excessivamente diminuto. Naõ havia mais polvora que a que se podia fazer diariamente: huma pequena medida de trigo custava tres quartinhos: os doentes naõ tinhaõ mais refresco do que algumas gralhas, que os soldados criavaõ com a carne dos cadaveres, que vendiaõ por grande preço: tinhaõ comido os caens, os gatos, e os outros animaes de que a natureza tem horror. O soccorro taõ esperado naõ apparecia. Mascarenhas nesta situaçaõ ajuntou a pouca gente que lhe restava, e lhe fez hum discurso muito insinuante.. „ Fez grandes elogios ao valor que tinhaõ mostrado até alli, encareceo a gloria „ que havia em morrer pelo nome de „ Jesus Christo, combatendo contra „ os inimigos da sua Religiaõ. E sup-„ pon-

Ann. de J. C. 1546.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

„ pondo que alli naõ haveria quem
„ naõ prefcriffe efta efpecie de martirio á injuria de cahir na maõ d'eftes perfidos, que naõ fabiaõ cumprir palavra alguma; e teriaõ gofto de infultar a Deos na peffoa d'elles, elle lhes diffe que a refoluçaõ era tal, que quando todos os viveres, e muniçoens foffem abfolutamente acabadas, lançaria fogo a todos os edificios, encravaria a artilheria, e fe lançaria com toda a força no meio dos inimigos, para abrir paffagem, ou morrer como heroé Chriftaõ, e que fe lifongeava que todos o defejariaõ feguir. „ Sendo recebido efte difcurfo com aclamaçaõ, e tendo todos proteftado ferem dos mefmos fentimentos, cada hum fentio em fi huma nova força para efperar os ultimos fucceffos.

O Vice-Rei com tudo eftava foccegado a refpeito do cerco. Tinha refolvido foccorrer a praça, contra o parecer de muitos, que queriaõ que efperaffe pelo fim do inverno. As cartas, que lhe tinha levado o Padre Coelho, lhe davaõ huma nova actividade; porém o fifco eftava exaufto, e naõ tinha nenhum dinheiro para ás

 def-

Ann. de J. C. 1546. D. Joaõ III. Rei. D. Joaõ de Castro Vice-Rei.

despesas do armamento. As Senhoras Portuguezas fizeraõ entaõ huma acçaõ bem digna da sua generosidade. Ajuntaraõ-se, e enviaraõ ao Governador todas as suas joias. As de Chaul foraõ as primeiras a dar exemplo, que foi seguido das de Goa, que enviaraõ as suas pelas suas filhas. Com este soccorro D. Joaõ de Castro se vio em estado de pôr no mar huma poderosa frota. Elle mesmo a queria condusir; porém vendo, que gastaria muito tempo antes que tudo fosse prestes, fez com que partisse primeiro huma parte das embarcaçoens comboiadas por D. Alvaro seu filho morgado, a quem deo ordem expressa, e superior a tudo, de obdedecer á Mascarenhas, posto que pelo seu cargo de General do mar estivesse izento de obedecer aos Governadores das praças.

O soccorro que condusio D. Alvaro era de 50 velas, e de 900 homens: porém os tempos foraõ taõ terriveis, que depois de ter lutado inutilmente contra os ventos, e as ágoas, foi obrigado D. Alvaro a arribar duas vezes, e retirar-se para Baçaim, tomando diversos portos huma parte dos seus navios dispersos. Antonio

Mo-

Monis Barreto, que era desta esquadra, observando que as pequenas embarcaçoens cediaõ mais ás ondas, do que os grossos navios, intentou hir a Diu em hum catur com 8 pessoas. Sendo seguido este exemplo por alguns outros, recebeo a praça desta sorte em poucos dias mais de cem pessoas, que alli fizeraõ grandes acçoens em muitos assaltos, que Mojetecaõ, que d'antes estimava pouco os Portuguezes, naõ se póde ter que naõ dissesse ,, Que elles tinhaõ nacido para ,, dominarem sobre o resto dos ,, homens; porém que se devia obrigaçaõ á providencia de Deos, de ,, serem poucos, assim como os animais feroces, e venenosos, que destruiriaõ o genero humano, se fossem ,, taõ numerozos como nocivos. ,, Emfim D. Alvaro tendo-se feito á vela chegou com 400 homens, depois de ter tomado na sua derrota hum navio de Cambaia ricamente carregado.

Ann. de J. C. 1546.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

Naõ sómente os sitiados começaraõ a respirar com a chegada d'hum soccorro taõ poderozo; porém passaraõ d'hum salto, como d'ordinario acontece, para o excesso d'huma soberba, confiança muito capaz de perdellos. Todos os moços que eraõ da comitiva

Ann. de J. C. 1546.

D. João III. Rei.

D. João de Castro Vice-Rei.

de D. Alvaro, vendo que desde a sua chegada, o Governador tinha expulsado os inimigos da parte das muralhas, e dos Bastioens, onde se tinhaõ alojado, e que os tinha obrigado a fazer novas linhas para se segurarem da sua parte, começaraõ a queixar-se, „ De „ que os tinhaõ presos nos muros d', „ huma Fortaleza, em vez de os con- „ dusirem aos inimigos. Que havia hu- „ ma fraquesa neste procedimento, de „ que os seus predecessores naõ lhes „ tinhaõ dado o exemplo em taõ be- „ las acçoens que tinhaõ feito, as- „ sim dáquem, como d'além Mar. „ Em vaõ D. Alvaro, e D. Fernando de Menezes quiseraõ capacitalos da razaõ, e submetelos ás leis militares da subordinaçaõ, as murmuraçoens cresciaõ. Porém tanto que os inimigos lhes levaraõ hum basilisco que pendia das ruinas do Bastiaõ de S. Thomé, donde Mascarenhas tinha tentado inutilmente de o tirar, entaõ naõ foi mais que huma sediçaõ declarada, acompanhada de tanta insolencia, e desprezo, que o Governador se vio obrigado a contentalos.

Determinando em fim deixar na Fortaleza 200 homens para sua defensa, sahio com 400. Teve bastante tra-

trabalho para acalmar o furor dos espiritos nesta escolha. Todos queriaõ ser da expediçaõ. D. Alvaro de Castro, e D. Fernando de Menezes conduziaõ a vanguarda, e Mascarenhas o corpo de batalha. Estes fanfarroens conheceraõ logo a dificuldade, tanto que chegaraõ ao pé das muralhas, que era precizo escalar. Acharaõ-nos mais altos do que julgavaõ de longe. Entaõ os que tinhaõ tido mais bazofia, naõ foraõ os que mostraraõ mais valor. O sangue se lhes gelou nas veas, e muitos se escondiaõ nas ervas que eraõ muito altas. D. Alvaro com tudo, e Menezes attacaraõ posto que com trabalho, seguidos d'alguns outros. Mascarenhas, que vinha depois, vendo a desordem, que começava a fazer o medo insultou os fracos. „ Naõ era isto, „ Senhores, lhes dizia elle, o que vos „ prometieis quando pedistes ardentemente o combatte. O inimigo naõ „ está nestas vergonhozas retiradas que „ ides buscar. Vos mostrais bem, que „ os mais fortes de lingoa naõ saõ „ sempre os que o saõ de coraçaõ, „ e de maõs „ Dizendo isto os fazia levar ante si, e avançava sempre elle mesmo, até que subio aos entrincheiramentos.

Po-

Ann. de J. C. 1546.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

Porém os inimigos acodiraõ em taõ grande numero; que fizeraõ logo perder aos mais adiantados todo o terreno que tinhaõ ganhado, e faltando elles mesmos abaixo das suas trincheiras, os rechaçaraõ do mesmo modo, com tanta maior facilidade, por os achar possuidos do medo. Mascarenhas fez tudo o que se pode esperar d'hum grande homem. Juntou os seus o melhor que pôde, desembaraçou os que se achavaõ mais oprimidos, e procurou ao menos fazer huma bela retirada. D. Francisco de Menezes, foi morto entre os primeiros combatentes com valor. D. Alvaro ficou taõ atordoado com huma pedrada, que esteve em perigo de morte. Jorge de Mendonça, e Luis de Melo o livraraõ de cahir nas maõs dos inimigos. D. Francisco d'Almeida, Lopo de Souza, D. Fernando de Menezes Pereira, Francisco d'Ilher ficaraõ entre os mortos, que foraõ 60, sem falar dos feridos. Tal he o fructo ordinario d'huma louca vaidade, que faz desprezar as leis da subordinaçaõ, e da obediencia.

O medo seguio-se de modo á presumpçaõ d'estes fanfarroens, que por alguns dias o Governador teve trabalho

lho a conſervalos nos ſeus poſtos. Os inimigos pelo contrario ſe enſoberbeceraõ tanto, que além das feſtas que fizeraõ, e as novas honras que Mahmud fez a Rumecaõ, eſte como para notar o deſpreſo que fazia do Vice-Rei, do qual ſe eſperava a vinda de momento em momento, traçou o plano d'huma nova Cidade, regulou os bairros, aſſignou terrenos, e fez lançar os fundamentos d'hum Palacio para elle meſmo, ſem com tudo iſto ceſſar de expugnar a Fortaleza, e de lhe dar novos attaques.

ANN. de J. C. 1546.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

O inverno eſtava no fim. Os mares eſtavaõ mais trataveis. O Vice-Rei ſempre inquieto com o cerco de Diu apreſſava os preparos da ſua frota. Tinha-lhe chegado huma de Portugal compoſta de ſeis navios commandados por Lourenço Pires de Tavora. Neſtas circunſtancias recebeo cartas de Maſcarenhas, que lhe davaõ a noticia da chegada de D. Alvaro, o eſtado do cerco, e a morte de ſeu filho D. Fernando. No meſmo dia chegou o corpo de Nuno Pereira, que morreo no caminho das feridas, que recebeo na fatal ſortida. D. Joaõ ſofreo como heroe Chriſtaõ a noti-

ANN. de J. C. 1546.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

ticia da morte de ſeu filho, para dar ſómente attençaõ á alegria publica da chegada do ſoccorro. Ordenou ſolemnes acçoens de graças a Deos, a quem aſſiſtio com veſtidos de feſta, e de tarde quiz achar-ſe em hum jogo de canas.

Com tudo fez partir Vaſco da Cunha com ordem de ajuntar os navios da frota de D. Alvaro, que a tempeſtade tinha eſpalhado. Ordenou a D. Manoel de Lima que cruſaſſe na Coſta de Cambaia, e pouco tempo depois, elle meſmo ſe fez á vela. D. Alvaro de Caſtro da ſua parte fez partir de Diu tres navios armados em corſo debaixo da conducta de D. Luis d'Almeida. Lima tinha chegado de Portugal d'onde ElRei o tinha enviado com as proviſoens de Governador d'Ormus, para lhe evitar o encontrarſe com Martim Affonſo de Souza, que voltava das Indias, e com quem queria ter dezafio. Morria por ſe aſſignalar, eſtava taõ picado contra o cerco de Diu, e contra os Guzarates, que em toda a parte em que ſe apreſentou, pôs tudo a ferro, e a ſangue, naõ perdoando nem a idade, nem a ſexo, naõ ſe propondo mais do que em deitar terror por toda a parte,

prin-

principalmente no campo dos inimigos onde fez levar pela força da corrente, que he muito violenta neste Golfo os corpos de todos os Mouros que tinha tomado em mais de 60 *Cotias*, e que tinha feito enforcar todos. O corso d'Almeida se limitou a algumas presas, e em particular á de hum navio commandado por hum parente muito proximo de Rumecaõ. A sua volta para Diu foi hum tanto terrivel para os inimigos, pelo espectaculo que lhe deo do grande numero de cadaveres, que tinha feito pendurar nas suas antenas. Rumecaõ offereceo huma grossa somma de resgate pelo seu parente. D. Alvaro lha recusou com soberba, e lhe enviou a sua cabeça.

Este procedimento devia mostrar aos inimigos, que posto que a Fortaleza estivesse só hum monte de ruinas, naõ os temiaõ tanto. Com effeito de dia em dia chegavaõ novos soccorros, e finalmente appareceo a armada do Vice-Rei composta de 90 velas, que foraõ ancorar na enseada, dando huma descarga geral com toda a sua artilheria, acompanhada pelo som de trombetas, e todos os instrumentos militares. A Fortaleza respondeo a esta saudaçaõ do mesmo modo com todos

Ann. de J. C. 1546. D. João III. Rei.

D. João de Castro Vice-Rei.

dos os sinaes de alegria, que se podem imaginar de pessoas, que se consideravaõ como victimas distinadas a huma morte proxima, vendo chegar o momento do seu livramento, e do seu soccorro. O inimigo mesmo fez hum fogo extraordinario, como se quisesse testemunhar o gosto, que tinha de ver huma nova materia para o seu triumfo, ou encubrir o seu medo com estas demonstraçoens de confiança. Com effeito a armada Portugueza só tinha 4ↀ homens, a delles era de 40ↀ, e tinha sido reforçada pouco depois de mais 5ↀ, entre os quaes haviaõ 700 Janisaros: e Rumecaõ os tinha lisongeado com huma tal certeza da victoria, que prometia, segundo dizia, tomar muitas bandeiras com que varressem as suas Mesquitas.

Na primeira noite Mascarenhas foi a bordo da Almiranta, e recebeo nos abraços do Vice-Rei, os comprimentos, e elogios que merecia por huma taõ bela defensa. D. Joaõ de Castro chamou depois a Conselho. Altercaraõ nelle se era util hir direito ao inimigo, e obrigalo nas suas trincheiras. Venceo a affimativa: Garcia de Sá fez pender a balança para este partido, para o qual o Vice-Rei esta-

eſtava já inteiramente determinado. Naõ ſe tratou mais do que concertar o projecto, e ſeguiraõ o de Maſcarenhas, que foi reputado pelo melhor.

Segundo eſte projecto, o Vice-Rei enviou logo tres fuſtas a ancorarem de fronte da torre da Cidade, que eſtava mais perto do porto, e que chamavaõ a torre de Diogo Lopes de Siqueira, como ſe quizeſſem tentar por aquella parte o dezembarque Depois fez ajuntar todas as chalupas do deſembarque, no meio das quaes eſtava a ſua com huma bandeira, que reprezentava a Bandeira Real. As chalupas, e eſcaleres eſtavaõ cheios de lanças, e piques: porém alli ſó havia gente das equipagens, eſcravos, e trabalhadores da armada, commandados pelos guardas, e cada hum delles devia manejar o remo com huma maõ, e na outra ter hum morraõ acezo. No que toca ás tropas, D. Joaõ de Caſtro as fez paſſar em tres noites ſucceſſivas para á parte da Fortaleza o mais apartado da Cidade, e entrar na praça na baixa mar, por eſcadas de corda, com tanto ſegredo, que os inimigos naõ penſaraõ nada, e foraõ ſempre enganados com as apparencias do dezembarque. Poſto que Rumecaõ ſe

enga-

Ann. de J. C. 1546.

D. Joaõ III. Rei.

D. Joaõ de Castro Vice-Rei.

enganaſſe, naõ deixou com tudo de prover a todos os poſtos, como homem entendido na arte da guerra. A ſua artilheria fazia ſempre hum grande fogo de todas as partes, em quanto a da Fortaleza batia em brecha as primeiras trincheiras do inimigos, por onde diviaõ fazer a irrupçaõ.

Na noite de 10 para 11 de Novembro, foi o Vice-Rei á Fortaleza, fez abrir os portaes murados, e tirar as portas das couceiras. Em conſequencia d'eſta acçaõ fez huma fala ás tropas para lhes perſuadir que era neceſſario vencer, ou morrer. Deſtribuio-as depois em differentes corpos, deo o governo do primeiro, compoſto da guarniçaõ em numero de 500 homens a D. Joaõ Maſcarenhas: o ſegundo que conſiſtia em outros 500, em que entravaõ quaſi toda a Nobreza, e os Officiaes da Marinha, a D. Alvaro de Caſtro ſeu filho: e rezervou para ſi o corpo de batalha, que era de mil Portuguezes, e tropas Malabares. Deſtinou 300 a Antonio Freire para á guarda da praça, e deſtacou hum corpo de igual numero, que D. Manoel de Lima devia conduſir. Propos em ultimo lugar tres premios para os tres primeiros que ſubiſſem ás brechas, e fez pu-

publicar huma ordem de naõ dar quartel a ninguem.

ANN. de J. C. 1546.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VI CE-REI.

Tendo-se passado o resto da noite, parte a preparar as armas, parte a purificar as consciencias, o Custodio dos Franciscanos disse Missa na praça publica, fez huma exortaçaõ pathetica aos combatentes, e deitou a absolviçaõ geral. Dando-se entaõ o sinal da Fortaleza por tres tiros de canhaõ a frota do falso desembarque levou as suas ancoras, e começou a por-se em movimento com hum grande estrondo e apparato, junto com huma lentura affectada. Os fogoens que mostrava a capitania, e o fogo do grande numero de morroens, que se distinguiaõ melhor antes do dia, que naõ tinha ainda vindo, acabando de convencer os inimigos, de que por alli haviaõ hir a elles, os tinha obrigado a pôr alli as suas melhores tropas, e chamou grande numero das dos outros postos, os quaes estiveraõ no erro até muito perto do dia.

Neste tempo Mascarenhas tendo sahido com os seus, se apresentou de fronte das primeiras trincheiras; onde houve hum combate de emulaçaõ digno de ser conservado á posteridade. Dois Fidalgos moços estando desa-

Ann. de J. C. 1546.

D. Joaõ III. Rei.

D. Joaõ de Castro Vice-Rei.

ſafiados para hum combate, ſe perſuadiraõ que era melhor mudarem o objecto de ſeús deſafios, diſputando entre ſi a gloria de ſubir primeiro ás trincheiras dos inimigos. Hum ſe chamava Joaõ Manoel, e outro Joaõ Falcaõ. Aceitaraõ a apoſta. Seus padrinhos lhes levavaõ as eſcadas diante d'elles. Manoel ſubio primeiro. Hum golpe de alfange lhe cortou a maõ direita que lançou ſobre o muro. Outro golpe lhe cortou a eſquerda; e como ainda ſe esforçava para ſubir com os cotos, terceiro golpe lhe levou a cabeça. Falcaõ que ſubio quaſi no meſmo tempo, teve quaſi igual ſorte. Com tudo hum, e outro ſobiraõ com tanto valor, que foi dificil dizer quem tinha tido a gloria de ſubir primeiro. D. Alvaro, e Lima teveraõ a meſma fortuna em diferentes partes, poſto que lhes cuſtaſſe mais ſangue. O Vice-Rei eſcalou da ſua parte com mais facilidade; porém foi detido com huma torre. O ſeu Eſtendarte foi abatido duas vezes, e ſe firmou na terceira. Alguns pertendem que o Vice-Rei tiveſſe a honra de eſcalar primeiro as tincheiras no poſto do ſeu attaque; porém que por modeſtia, quiz ceder eſta honra a Lourenço Pires de

de Tavora que nunca o dezemparou.

Depois da tomada da torre, o Vice-Rei marchou para á ponte da Cidade dos Rumes. Era defendida por 700 homens. De balde tentaraõ por tres vezes lançar fogo á sua artilheria, e naõ o poderaõ conseguir; porém fizeraõ taõ grande fogo com a sua mosquetaria, e seus arteficios, que os Portuguezes começavaõ a afrouxar, quando o Vice-Rei gritando, *Victoria, os inimigos fogem*, os animou. Os inimigos foraõ taõ atemorisados, que abandonaraõ o seu posto para se salvarem na outra borda. Porém pouco depois, se achou o Vice-Rei com Rumecaõ á cara. Rumecaõ emendado do engano em que estava no principio sobre o projecto do dezembarque, tinha hido por hum caminho desviado, para se apoderar da Fortaleza, julgando achala vasia. Mas Antonio Freire, fazendo-lhe mais resistencia do que elle esperava, foi cahir sobre o corpo que commandava o mesmo Vice-Rei, que rompeo duas vezes, e abbateo outras tantas a Bandeira Real. Porém Castro tendo tambem aqui animado os seus com o gesto, e com a vôz, foi de novo obrigado Rumecaõ a arrecuar.

Ann. de J. C. 1546.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

D.

Ann. de J. C. 1546.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

D. Alvaro de Lima tendo ajuntado as ſuas forças tiveraõ que combater contra Mojate-caõ, e Alu-caõ A victoria foi muito tempo duvidoza entre os dois partidos. Os Barbaros foraõ com tudo obrigados a tomarem a fugida. Maſcarenhas, que ſe excedeo neſta jornada, teve igual vantagem contra Juſarcaõ que pôz em derrota.

Rumecaõ ſuperior á ſua má fortuna naõ eſmoreceo de ſer desbaratado. Ajuntou as ſuas tropas eſpalhadas hum pouco mais longe, e as apreſentou em ſimicirculo, de maneira que as duas allas abraçavaõ hum grande terreno para cercar os inimigos. Eſta manobra obrigou o Vice-Rei a ajuntar tambem os ſeus. D. Alvaro a quem elle deo a vanguarda, ſe lançou com impetuoſidade ſobre o inimigo, que ſuſtentou bem o ſeu primeiro esforço; porém cedeo ao ſegundo, e ſe pôz em fugida. Em quanto o vencedor o perſeguio com muito ardor, e ſem ordem, Rumecaõ cahio ſobre elle com hum corpo de reſerva, e tomou huma tal ſuperioridade, que a victoria pareceo ter-ſe reſervado para ſe declarar entaõ em ſeu favor. Neſte momento critico o Cuſtodio dos Franciſcanos, que tinha hum crucifixo

na

na maõ, correndo pelas fileiras, accendeo os animos com as ſuas exortaçoens patheticas. Huma pedrada quebrou o braço direito de Chriſto, e com eſte accidente animou o furor, e excitou de modo o zelo dos combattentes á vingança deſta affronta feita a Deos, e os inimigos naõ podendo ſofrer eſte novo esforço, Rumecaõ fez tocar á retirada, que naõ foi mais do que huma pura derrota. Cada hum procurava a Cidade, e punha a ſua ſalvaçaõ na fugida. D. Alvaro alli entrou miſturado com os fugitivos, e D. Manoel de Lima fez o meſmo, aſſim como Maſcarenhas, que ſendo ſempre victorioſo, da ſua parte decidio a ſorte d'eſta jornada.

ANN. de J. C. 1546.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

Depois de ſe terem fartado todos tres de ſangue, e de mortandade, como ſahiaõ para virem a encontrarſe com o Vice-Rei, que naõ ſabia como eſtavaõ as coiſas, e ignorava que a Cidade eſtiveſſe tomada, viraõ Rumecaõ com hum novo corpo de tropas, que moſtrava querer tornar a começar o combatte. Dividindo-ſe entaõ para o tomarem pela frente, e pelos flancos, cahiraõ de todas as partes ſobre elle com hum exceſſivo furor. Rumecaõ ſofreo o choque como homem

Ann. de J. C. 1546.

D. Joaõ III. Rei.

D. Joaõ de Castro Vice-Rei.

desesperado, e he sem duvida, que se as suas tropas respondessem ao valor do seu General, os Portuguezes ficariaõ vencidos, e destruidos pela multidaõ. Porém no principio foraõ desordenadas, vendo-se enganadas pelo fingimento que lhe tinhaõ feito. Naõ se conservaraõ ellas depois se naõ pelo valor de seus Officiaes, que fizeraõ maravilhas. Em fim naõ tiveraõ animo de se defenderem, e os que naõ podiaõ fugir, se deixavaõ degolar como rezes. Rumecaõ tendo-se desfarçado com a farda d'um simplex soldado, o acharaõ morto no campo da batalha, e apenas era conhecido. Alucaõ, e outros muitos Officiaes de distinçaõ tiveraõ a mesma sorte. Mojatecaõ achando hum cavallo se salvou: Jusarcaõ foi feito presioneiro, e conservado, a pezar da ordem que se tinha publicado de naõ perdoar a ninguem. Fez-se a mesma mercê a seis, ou sete centas pessoas, depois que se cançaraõ de matar. Meteraõ a Cidade á saco, onde se naõ perdoou nem a idade, nem a sexo; nem mesmo perdoaraõ aos animaes. O corpo que commandava Mascarenhas se cevou nos vencidos com mais crueldade, para se vingar dos incommodos que lhe tinha

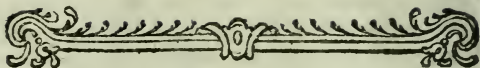
nha causado hum taõ longo cerco.

Além da artilheria, bandeiras, bagagens e despojos immensos, que cahiraõ nas maõs do vencedor, achou este na Cidade huma abundancia de viveres, e dilicias que o admirou, e que lhe representou a imagem da mais florecente paz. Em fim a victoria foi das mais completas, e o segundo cerco de Diu fez ainda mais estrondo no mundo, que o primeiro. Mascarenhas teve delle a principal gloria; porém naõ teve mais do que a gloria; como se entaõ fosse fatal á Coroa de Portugal naõ conhecer o merecimento dos seus maiores homens, ou de o conhecer sem o recompençar.

Ann. de J. C. 1546.

D. Joaõ III. Rei.

D. Joaõ de Castro Vice-Rei.

Fim do Decimo primeiro Livro.

HISTORIA
DOS
DESCOBRIMENTOS, E CONQUISTAS
DOS
PORTUGUEZES,
NO NOVO MUNDO.

LIVRO XII.

Ann. de J. C. 1547.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

O Golpe da viſta com que o vencedor mede o campo da batalha em que ganhou a victoria, poſto que ſeja agradavel, he ſempre miſturado d'horror, pela terrivel imagem da morte, que nelle ſe acha eſpalhada por mil fórmas. O meſmo inimigo derribado, mereceria ſó as ſuas lagrimas, quando naõ tiveſſe que as derramar por ſi pro-

proprio. Tal foi o de D. Joaõ de Caſtro depois da acçaõ. Naõ tinha na Ilha, da qual fez cortar as duas pontes, que a uniaõ ao continente, mais inimigos do que os poucos que tinha reſervado nos ſeus ferros. O reſto tinha fugido aonde eſtava a ſua vida ſacrificada pelo Portugues irritado mais pelo ſeu furor, do que pelas leis legitimas da guerra; porém cuſtou-lhe hum filho de huma grande eſperança, e ternamente amado. Mais de 1500. homens dos ſeus tinhaõ morrido deſde o principio do cerco. A Fortaleza naõ era mais que hum confuſo montaõ de ruinas, e nella naõ reſtava hum ſó muro que podeſſe ſervir.

Ann. de J. C. 1547.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

Tendo julgado os Engenheiros que ſeria mais cuſtozo reparala, do que fazer huma nova, formaraõ outro plano mais amplo, e mais regular, no qual trabalharaõ á pezar das mais nobres cazas da Cidade, que foraõ demolidas, e ſeus materiaes empregados. Faltava dinheiro ao Vice-Rei. O Theſouro Real eſtava vazio. Preciſava 20. Pardaos. Devia-os aprontar, e naõ tinha que lhe hipotecar. Em falta de todo outro penhor, quiz enviar o corpo de ſeu fi-

ANN. de J. C. 1547.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

filho D. Fernando; porém como naõ se achava em estado de ser transportado, Castro se contentou de obrigar alguns cabelos da sua barba, que enviou com huma bela carta ao Conselho, e á Cidade de Goa. O respeito que tinhaõ á sua virtude, junto com o gosto que tiveraõ da sua victoria, e do levantamento do cerco, lhe fez achar logo a somma que pedia, e ainda mais. Entregaraõ-lha, enviando-lhe o seu penhor com os termos mais engraçados. As Senhoras ajuntaraõ de novo as suas joias, que elle lhes restituhio depois, taes como as tinha recebido. Naõ tardou com tudo muito em satisfazer á Cidade de Goa o que lhe tinha emprestado. A presa d'hum rico navio, no qual achou 50ↀ. Seraphins d'oiro foi de sobejo para isso.

Neste tempo, os navios Portuguezes desolavaõ todo este mar sem reserva. D. Jorge de Menezes, e D. Manoel de Lima correraõ toda a costa por 4 ou 5 mezes, onde fizeraõ hostilidades taõ crueis, e taõ frequentes, que se naõ via mais de todas as partes, que os tristes signaes das destruiçoens, que tinhaõ feito o ferro, e o fogo, e se naõ ouviaõ se naõ os gri-

gritos laſtimoſos, e os povos afligidos, que a fugida a penas podia livrar dos flagelos que os ſeguiaõ.

ANN. de J. C. 1547.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

Em fim o Vice-Rei depois de ter reſtabelecido todas as coiſas em Diu, e procurando tornar a povoar a Cidade pelos previlegios que concedeo aos negociantes, partio para Goa, onde chegou no mez d'Abril de 1547. Onde o eſperavaõ com impaciencia, e ſe preparavaõ para o receber com todas as demonſtraçoens d'huma alegria extraordinaria. Na ſua chegada lhe rogaraõ que ſe demoraſſe algum tempo no forte de Pangim, para dar lugar que ſe preparaſſe eſta feſta, que foi huma imitaçaõ do triumpho dos antigos Romanos. O Vencedor appareceo ſoberbamente veſtido, coroado de Palmas, de que tambem tinha hum ramo na maõ. Entrou debaixo do Palio, e aſſim paſſou pelas principaes ruas da Cidade, que eſtavaõ veſtidas das mais ricas tapeſſarias da India. Em quanto por toda a parte reſoavaõ os ſeus elogios, e acclamaçoens do povo, e as Senhoras ricamente preparadas deitavaõ ſobre elle de ſima das varandas, e das janelas flores, e aguas de cheiro, Juſarcaõ, e 600 prezioneiros maniatados formavaõ o triſte

ex-

Ann. de J. C. 1547.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

expectaculo da sua humiliaçaõ. Depois delles seguiaõ-se os estendartes, e as bandeiras tomadas aos inimigos. Levavaõ-nos voltados, e de rastos pelo chaõ. A artilheria, as bagagens, os despojos tomados aos vencidos, as figuras, e as representaçoens da Fortaleza sitiada, e da batalha ganhada, augmentavaõ a pompa d'este apparato. Versos, poesias, cançoens, oraçoens, festins, jogos, nada se omittio para fazer magnifica esta festa, cuja relaçaõ foi enviada para á Europa: porém disto ninguem formou hum juizo mais solido, que a Rainha de Portugal D. Catherina, que disse „ Que D. „ Joaõ de Castro tinha vencido como „ Christaõ, e triumphado como Pa-„ gaõ. „

O Idalcaõ tinha sempre sobre o coraçaõ a má fé do tratado, que tinhaõ feito com elle a respeito de Mealecaõ seu competidor. Tinha dado a Soberania das terras de Bardez, e Salsette a ElRei de Portugal, com a condiçaõ que apartariaõ Meale, e que o enviariaõ a Malaca, onde o teriaõ bem guardado, assim como já disse. Tinhaõ-se apoderado destas terras em virtude do tratado; porém naõ executavaõ a condiçaõ, e Meale ficava sem-

ſempre em Goa. O Idalcaõ tinha-ſe d'iſto queixado a Martinho Affonſo de Souza pelos ſeus Embaixadôres, que negociaraõ tambem occultamente, que mediando 150ꝯ. Pardáos, deviaõ entregar-lhe Meale, e deixalo á ſua deſcripçaõ. Entre tanto, ſendo Souza removido, teve Caſtro horror d'huma infedilidade taõ enorme a reſpeito d' hum Principe, que tinha ſido convidado pelos Portuguezes meſmo para ſe refugiar nos dominios d'elles, como em hum aſylo ſagrado. Meale deveo entaõ eſta boa fortuna á mudança de Senhor, ficou ſoccegado em Goa; porém Caſtro naõ cuidou mais em reſtitüir as terras de Bardes, e de Salſete. Pertendeo que ellas foſſem outra vez cedidas á Coroa, e que o ſeu rendimento naõ era ainda ſufficiente, para compençar as deſpeſas neceſſarias á ſuſtentaçaõ de Meale. O Idalcaõ picado recorreo á via das armas. Houveraõ alguns combates meſmo antes do cerco de Diu. Depois deſte cerco a guerra ſe fez mais vivamente. O Vice-Rei paſſou alli em peſſoa, e o Idalcaõ a peſar da juſtiça, ao menos apparente da ſua cauſa, teve com tudo o diſgoſto de experimentar a fortuna contraria, e de ter cauſado a ruina

ANN. de J. C. 1547.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

de

Ann. de J. C. 1547.

D. João III. Rei.

D. João de Castro Vice-Rei.

de Pondá, e de Dabul, onde exercitaraõ os mesmos rigores, que tinhaõ exercitado sobre a Costa de Cambaia.

O Idalcaõ teria sofrido sem duvida maiores perdas, em consequencia da alliança que tinhaõ feito muitos Princepes seus visinhos com o Vice-rei, sem a diversaõ que fez entaõ a noticia que se divulgou, de que Sultaõ Mahamud se preparava para tornar a Diu com hum exercito de 150⌀ homens que tinha em pé.

Naõ devendo ser desprezada, esta noticia o Vice-Rei fez huma nova armada de 160 fustas, para o qual contribuhio com gosto o povo de Goa. As Senhoras fizeraõ tambem as mesmas demonstraçoens de liberalidade, enviando-lhe as suas peças, e joias com instancias, e reprehençoens mesmo, por elle as naõ ter recebido da outra vez. Castro nem ainda as aceitou d'esta vez, e se contentou com a sua boa vontade. Com tudo partio, chegou a Baçaim, depois a Surrate, onde D. Alvaro se tinha alojado, e tinha tomado alguma artilheria aos inimigos. Dali foi a Baroche arruinada pouco depois por D. Jorge de Menezes, que alli fez huma taõ bela acçaõ, que julgou devela immor-

mortalisar, tomando o sobrenome de Baroche. Neste lugar, o Vice-Rei vio o exercito de Mahmud, que mostrava esperalo para lhe dar batalha. Elle estava ordenado em simicirculo, e tinha huma legoa crusando d'huma ponta á outra. D. Joaõ sem o temer fez o desembarque na sua presença, ordenou as suas tropas como para combater, e porque os inimigos fingiraõ recuar para o cançarem, e o cercarem, elle avançou quasi dois tiros d'arcabuz. Porém os seus Officiaes tendo-lhe representado a pouca proporçaõ que se achava entre 3ↀ. homens que elle tinha, e 150ↀ. que tinhaõ os inimigos; voltou para á praia, embarcou-se com descanço, contente de ter feito esta demonstraçaõ de fronte d'hum exercito taõ numeroso, sem que tivessem outra consequencia estas duas poderosas armadas, a naõ serem algumas novas irrupçoens, que os Portuguezes fizeraõ na sua volta sobre as terras do Idalcaõ, que teve tambem alguma nova disgraça.

Ann. de J. C. 1547.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

A Cidade de Malaca deveo neste tempo a sua salvaçaõ, e huma grande victoria que alcançou sobre os Achenеses, a hum milagre bem autentico do grande S. Francisco Xavier,

que

ANN. de J. C. 1547. D. JOAÕ III. REI. D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

que alli eſtava entaõ, e trabalhava em remedear as diſſoluçoens inormes dos Portuguezes, com mais fadiga, e dificuldade do que achava na converſaõ dos Mahometanos, e dos Idolatras. Eſta Cidade gozava havia muito tempo d'huma paz pernicioza, cauſada por huma parte pela diviſaõ dos Reis ſeus viſinhos attentos a ſe deſtruirem mutuamente, e pela outra por cauſa da negligencia meſmo dos Portuguezes, que penſando unicamente nos ſeus entereſſes peſſoaes, e engolfando-ſe em todos os vicios, naõ tiravaõ proveito algum d'eſta diviſaõ, e abandonavaõ os ſeus alliados, de que tinhaõ elles meſmos huma extrema neceſſidade, para conſervar o equilibrio entre Potencias, das quaes a que podeſſe tomar a ſuperioridade, devia cauſar a ruina d'elles. Por eſta cauſa deixaraõ deſpojar o Rei d'Auru na Ilha de Sumatra dos ſeus Eſtados, e da meſma vida, por ter recuzado de o ſoccorrer contra o Rei d'Achem. Depois da morte d'eſte Principe, a ſua viuva veio peſſoalmente a Malaca ſolicitar hum novo ſoccorro, para hir vingarſe. A occaſiaõ de a ſervir era bela, e legitima; porém eſta Princeſa vendo que a divertiaõ com boas pala-

vras,

vras, foi obrigada a recorrer ao Rei d'Ujentane, que a ajudou com todas as ſuas forças, e lhe pôz huma nova Coroa na cabeça, pela ſolemnidade do cazamento que contratou com elle.

ANN. de J. C. 1547.

D. JOAÕ III. REI.

A guerra que fizeraõ eſtes dois Princepes, ſuſpendeo por alguns annos o odio implacavel que elles tinhaõ aos Portuguezes. Mas em fim o Rei d'Achem, que ſe tinha conſervado nas ſuas uſurpaçoens, e que tinha tomado a auctoridade na Ilha de Sumatra, pôz no mar huma poderoſa frota de 70 embarcaçoens, com 5000 homens de deſembarque, entre os quaes havia hum corpo de 500. Janiſaros, 500 Orobaloens ou Cavalheiros, diſtinctos por hum bracelete d'oiro, commandados por hum valeroſo General, que tomava o titulo de Rei de Pedir. Eſta formidavel frota preparada com muito grande ſegredo, veio ſurgir no porto meſmo de Malaca, em 18. de Outubro deſte meſmo anno de 1547. duas horas depois da meia noite. E para ſe aproveitar do ſuſto que ella cauſava, o General naõ perdeo hum momento em pôr a ſua gente em terra, a dar a eſcalada, e a attacar os navios que eſtavaõ no porto.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

Ann. de J. C. 1547. D. João III. Rei. D. João de Castro Vice-Rei.

porto. Verdadeiramente o assalto foi mal succedido, e quantos inimigos se apresentaraõ, tantos foraõ desbaratados, e mortos. Porém deitaraõ tanto fogo nos navios, e com tanta felicidade, que d'outo que havia no Porto, e dos quaes sinco tinhaõ chegado das Ilhas de Banda ricamente carregados, naõ escapou nenhum que naõ fosse consumido. Altivo com huma taõ grande felicidade, o General inimigo ordenou toda a sua frota em meia lua tanto que o dia apareceo: porém a artilheria da Fortaleza, tendo-o obrigado a desviar-se, se retirou para á Ilha d'Upi, a huma milha da Cidade, onde passou o resto do dia em festas, e divertimentos.

Tendo ali tomado hum batel de pescadores, que tinha 7 pessoas. O barbaro lhes fez cortar o nariz, e as orelhas, e as enviou ao Governador de Malaca, com hum bilhete de desafio, feito em huma carta escrita segundo o estilo dos Orientais com metaforas pomposas, e titulos magnificos, e com grandes demonstraçoens de desprezo para os Portuguezes.

Simaõ de Melo, que era entaõ Governador de Malaca, tendo communicado esta Carta ao Conselho, e naõ se achando em estado de tomar algum par-

partido, recorreo a Xavier como a Oraculo. O Santo, contra a opiniaõ de todos, naõ balançeou em dizer que era precizo desafrontar-se d'huma injuria, que era antes hum insulto feito a Deos do que á Naçaõ. Tendo todos aplaudido o seu zelo, sómente pelo respeito que tinhaõ á sua virtude, transportaraõ-se ao Arsenal, onde só acharaõ hum pequeno catur, e sete cascos de fustas taõ velhos, e podres, que eraõ só proprios para queimar. Tratou-se de as aparelhar, porém o Feitor protestou, com juramento, que naõ haviaõ nem estopas para as calafetar, nem alcatraõ, nem velas, nem ancora, nem hum cabo, nem hum prego. Bela imagem do modo com que os Reis saõ servidos communmente nos paizes apartados. Xavier indignado, se dirigio entaõ a 8 dos mais valerosos Officiaes, assigna a cada hum a sua fusta, e o Catur, e os obriga aos armarem á sua custa.

ANN. de J. C. 1547.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

No espasso de sinco dias se preparou a armada. Francisco de Sá, cunhado do Governador foi feito General desta pequena armada, que era só composta de 180 homens, porém todos de coraçaõ, e maons. Xavier

os

Ann. de J. C. 1547.

D. João III. Rei.

D. João de Castro Vice-Rei.

os exhortou a todos hum apoz do outro, e os abraçou, e dispôz depois pelos Sacramentos para a acçaõ, e para á victoria. O estendarte Real foi bento com solemnidade, e todos se embarcaraõ á vista das acclamaçoens de todo o povo, com aquella confiança, que he felis presagio da victoria, e aquellas demonstraçoens d' alegria que saõ ordinarias a esta sorte d'expetaculo.

Tanto que a Capitania fez alguns movimentos para ganhar o largo, no tempo mais soccegado, e sem tocar em parte alguma, foi ao fundo quasi em hum istante, á vista desta multidaõ de expectadores. Os homens salvaraõ-se, e tiveraõ muito trabalho depois para salvar o resto. A superstiçaõ dos prognosticos ferindo sempre o espirito do povo, todos os coraçoens se mudaraõ neste momento, e os aplausos se trocaraõ em murmuraçoens. Só Xavier naõ se dezanimou, e tornou a animar as esperanças abatidas de todos estes espiritos consternados, que pela pluralidade dos sufragios tinhaõ já determinado abandonar a empresa. Elle os animou, digo, pela certesa que lhes deo da chegada d'hum novo soccorro, que con-

sis-

fiftia em duas fuftas, que fe aviaõ defcobrir fobre a tarde do mefmo dia.

Tendo o fucceffo verificado huma profecia taõ determinada, e taõ autentica, no momento que as fuftas apareceraõ, como ellas tomavaõ o largo para naõ tocarem Malaca, e naõ ferem obrigadas a pagar alli os direitos da Alfandega; Xavier fe tranfportou a ellas em hum efcaler, fala aos Capitaens, promete-lhes a franqueza que elles defejavaõ, encheos de zelo, para tomarem a caufa de Deos, e a a honra da Naçaõ.

ANN. de J. C. 1547.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

Tendo-fe revificado, e augmentado a efperança do fucceffo, a armada fe fez á vela em 21 de Outubro, e correo 7 dias inteiros, até ao termo que o Governador lhe tinha prefcrito, fem ter alguma noticia do inimigo. O valor dos guerreiros os queria levar mais longe. A fidelidade do General os deteve, porém tanto que elles penfaraõ na retirada, levantou-fe hum vento contrario, que os teve 23 dias em tormenta. Faltando-lhe entaõ as provifoens fe viraõ obrigados a paffar á vante para as hirem bufcar.

Efta tardança deitou em Malaca

Ann. de J. C. 1547.

D. João III. Rei.

D. João de Castro Vice-Rei.

——— huma extrema consternação ; e como nestas sortes de acontecimentos, imaginaõ sempre o que he peior, a Cidade estava cheia de murmuraçoens, de prantos, e falsos rumores, cujo pezo todo recahia sómente sobre Xavier. Huma nova circunstancia augmentou a perturbaçaõ, e o terror. Aladim que tinha sido expulsado de Bintam por Pedro Mascarenhas, e depois d'Ujentane por D. Estevaõ da Gama, se tinha fortificado em Jor, onde os Portuguezes o tinhaõ deixado pacifico. Estava entaõ armado com alguns Princepes confederados, contra o Rei de Patane seu visinho, e se achava á entrada do rio Mecar, com huma frota, que alguns fazem chegar até perto de 300 fustas, lanchas, e outras pequenas embarcaçoens de diferente especie. Tendo a noticia do que se passava em Malaca chegado a elle, e tendo despertado a inveja de entrar na posse d'hum Estado, que era sua antiga herança, lhe fez mudar logo o disignio da sua marcha.

Enviou no mesmo tempo hum dos seus principaes Officiaes a Mello, para o fazer comprimentar sobre o insulto que lhe acabavaõ de fazer, e para lhe fazer offerecimento de todas as

suas

suas forças contra o inimigo commum. Sabia elle bem que os seus offerecimentos seriaõ suspeitos, e que o fingimento era muito grosseiro para que o Governador se enganasse. Tambem a sua intençaõ naõ era aproveitar este artificio, senaõ para saber o verdadeiro estado da praça, e naõ esperava mais do que o retorno do seu enviado para se pôr em acçaõ. Era isto o que causava embaraço aos habitantes de Malaca. Tinhaõ-se elles privado das poucas forças, que tinhaõ para se defenderem em taõ terriveis circunstancias. Elles naõ faziaõ mais conta com a sua pequena armada, cuja perda total lhes parecia naõ entrar em duvida, e se viaõ em huma especie d'impossibilidade de resistirem a huma pancada. Mello com tudo fez taõ bom gesto, e respondeo com tanta altivez ao Enviado d'este Principe, que elle descorçoou d'aproveitar no seu projecto, ou naõ foi a tempo de o executar.

Ann. de J. C. 1547.

D. Joaõ III. Rei.

D. Joaõ de Castro Vice-Rei.

Em quanto Malaca estava na agitaçaõ d'estes movimentos tumultuosos, a frota Portugueza passado mais d'hum mez de trabalhos, achou em fim a dos inimigos. Tinha esta entrado nas terras do Rei de Parles, tinha expulsado este Principe que se tinha

Ann. de J. C. 1547.

D. João III. Rei.

D. João de Castro Vice-Rei.

nha refugiado nos eſtados do Rei de Patane, e tinha commetido crueldades inauditas ſobre os ſeus vaſſallos. Tinha-ſe elle apoderado d'hum poſto, e actualmente alli conſtruhia huma Fortaleza para cortar os viveres a Malaca, e impedir que algum navio alli foſſe abordar. Tendo ſido todos eſtes conhecimentos tirados d'alguns peſcadores, e os inimigos da ſua parte, ſendo aviſados da chegada dos Portuguezes, as duas armadas teſtemunharaõ huma grande alegria d'ambas as partes, e ſe diſpozeraõ ao combate com a meſma animozidade. Os Acheneſes foraõ os primeiros que ſe avançaraõ. Quatro fuſtas faziaõ a ſua vanguarda, na qual eſtava a ſua Capitania commandada pelo General em peſſoa. As outras ſeguiaõ ſeis a ſeis muito bela ordem.

Tendo-o percebido Deça, ordenou tambem a ſua pequena frota em batalha, e ſe cobrio com huma enſeada, que formava huma ponta, para naõ ſer cercado. O grande ardor dos inimigos foi cauſa da ſua perda. Fizeraõ elles a ſua deſcarga de taõ longe, que nenhum tiro chegou. O ar eſtava coberto no meſmo tempo d'huma nuvem de flexas, que naõ fizeraõ effei-

to.

to. Os Portuguezes pelo contrario, naõ atirando senaõ d'huma justa distancia, naõ perderaõ quasi nenhum tiro. Na primeira abordada, huma bala atirada da fusta de Joaõ Soares, tomando a Capitania pelo flanco, a offendeo de modo que ella foi logo a pique. As outras 3 fustas da vanguarda tendo-se atravessado para salvarem o seu General, e mais de cem Cavalleiros, que se afogaraõ com elle, fizeraõ barreira ao rio. As fustas que vinhaõ no seguimento, vogando á remos, e á velas, levados por huma corrente muito violenta, cahiraõ humas sobre outras, embaraçaraõ-se nas suas manobras, e causaraõ huma estranha confuzaõ.

ANN. de J. C. 1547.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

Neste momento, Xavier pregava ao povo em Malaca. Em hum Domingo 4 de Dezembro, depois das nove horas da manhã; quasi no meio do seu discurso, parou de repente, e pouco a pouco sahindo como fora de si mesmo, o viraõ entrar em extasis: palavras cortadas, movimentos já de temor, já d'alegria, lagrimas, e suspiros, rogativas animadas d'hum excesso de fervor, suspendem a attençaõ de todo o auditorio, e o tem tambem como em extasis. Em fim tornando o San-

Ann. de J. C. 1547.

D. Joaõ III. Rei.

D. Joaõ de Castro Vice-Rei.

Santo do ſeu tranſporte, annuncia claramente o ganho da batalha, e faz dar logo acçoens de graças a Deos, declara que na ſexta feira ſeguinte, receberiaõ as primeiras noticias da victoria, e que pouco depois veriaõ a frota victorioſa.

O combate a peſar da primeira deſordem ſe tinha reſtabelecido; o Rei de Pedir que tinhaõ ſalvado d'agua, fazia maravilhas, e animava os ſeus. Os Portuguezes da ſua parte, naõ perderaõ nunca a ſua vantagem. Em quanto as ſuas fuſtas, que eſtavaõ nas alas, varejavaõ ſem errar eſta multidaõ d'embarcaçoens juntas, e amontoadas, as do meio correraõ á abordagem. Em pouco tempo o rio ſe cobrio de fragmentos de navios, de mortos, e moribundos. Finalmente o General inimigo, recebendo huma ferida, de que morreo pouco depois, ſe retirou da batalha com pouca comitiva. Augmentando-ſe entaõ a deſordem com a ſua retirada, naõ houve alli mais reſiſtencia. Os Achenefes abandonaraõ as ſuas embarcaçoens, deitaraõ-ſe no rio, cuja corrente abſorveo a maior parte. Conta-ſe que perderaõ 4ↀ homens. De toda eſta armada ſó ſe ſalvaraõ os que ſeguiraõ o General fugitivo. O

O Rei de Parles, que eſtava vigiando, ajuntou algumas tropas foi de repente cahir ſobre hum corpo de 500. Acheneſes, no poſto que elles fortificavaõ, onde guardavaõ os preſioneiros que tinhaõ feito. Paſſou-os todos á eſpada, de ſorte que nenhum eſcapou. Veio depois felicitar o General, e para ter para o futuro huma protecçaõ na Coroa de Portugal ſe lhe rendeo tributario. O Rei d'Ujentane que eſperava o exito deſte ſucceſſo para ſe determinar, cauſou-lhe tanto diſgoſto, que matou com a ſua propria maõ o correio que lhe levou a noticia, e ſe retirou para os ſeus Eſtados fingindo-ſe doente. Com tudo a noticia da victoria chegou a Malaca pontualmente, e algum tempo depois viraõ chegar a frota victorioſa, carregada de deſpojos dos inimigos. Na preſa entraraõ 26 galiotas, ou fuſtas, (tinhaõ queimado as outras, por falta de marinheiros que as mariaſſem) 300 peſas d'artilheria, entre as quaes havia 70 com armas de Portugal, perto de mil arcabuſes, ou eſpingardas, e hum muito grande trem d'outras armas, e muniçoens de toda a eſpécie, como nas victorias mais celebres; cuſtando eſta ſó 25 ou

ANN. de J. C. 1547.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

ou 26 homens quando muito aos vencedores.

Ann. de J. C. 1548.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

Posto que o Vice-Rei conseguisse só muito pequenas victorias sobre o Idalcaõ, naõ deixou com tudo de receber em Goa as honras d'hum novo triumpho, com seu filho D. Alvaro. Melhor faria, se podesse pôr a Cidade d'Adem no numero das suas conquistas, segundo a occasiaõ que por entaõ lhe apresentou.

A tiransa que os Turcos exercitavaõ nesta Cidade, cauzando huma sublevaçaõ, os habitantes os expulsaraõ pelo meio do Rei de Camphar, a quem elles se entregaraõ. Antevendo este bem que os Turcos tornariaõ sobre elle com maiores forças, se meteo debaixo da protecçaõ dos Portuguezes, e pedio soccorro ao Governador d'Ormuz, que lhe enviou D. Paio de Noronha com 12 galeras. Noronha que com ardor tinha desejado esta comissaõ, naõ conservou a gloria d'huma familia que tem produsido tantos homens grandes. O Rei de Camphar o tinha deixado Senhor em Adem, para hir sitiar os Turcos em hum posto em que se tinhaõ fortificado. D. Paio tomado naõ sei de que terror panico, e temendo alguma trai-

traiçaõ ſe retirou a ſeu bordo, e abandonou a Cidade. Quiz a infelicidade do Rei de Camphar, que foſſe morto no momento em que forçava os Turcos, e os tomava d'aſſalto; o medo de Noronha ſe augmentou com eſta triſte noticia, e ordenou a todos os ſeus que ſe retiraſſem para os navios. Apenas conſentio que Pantaleaõ da Maia, e Pedro Fernandes de Carvalho com as ſuas companhias, ficaſſem para guarda do Palacio, e ſegurança dos Principes filhos do Rei defunto. Entre tanto tomando os Turcos coragem, e perſuadindo-ſe bem que a morte do Rei de Camphar teria cauſado perturbaçaõ em Adem, foraõ apreſentar-ſe defronte d'eſta praça, e lhe deraõ muitos aſſaltos, onde foraõ ſempre rebatidos com perda, pelo valor de poucos Portuguezes, que alli eſtavaõ. Com tudo eſte valor naõ pôde impedir que os Turcos naõ entraſſem na praça de noite por traiçaõ, porém iſto ſó ſervio de cauſar maior luſtre. Porque na deſordem d'eſte rebate, ſe conduſiraõ, e brigaraõ tambem, que os expulſaraõ, e perſeguiraõ mais d'huma legoa fora da Cidade.

Ann. de J. C. 1548.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

Em quanto duravaõ eſtes movimen-

ANN. de J. C. 1548.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

mentos, Noronha ficou ſempre immovel, como ſimples expectador. Vindo depois algumas galeras Turcas de Meca, em ſoccorro dos ſitiantes, moſtrou quere-las attacar, porém faltou-lhe o coraçaõ, e depois d'alguns dias de irreſoluçaõ, ou antes de obſtinaçaõ em ſe oppôr contra a vontade dos ſeus Officiaes, e de toda a ſua gente, partio de noite, e ſe retirou ocultamente, e contra a palavra que tinha dado ao novo Rei de Camphar, que naõ ceſſava de o ſolicitar a que peleijaſſe. Só dois Portuguezes chamados Manoel Pereira, e Franciſco Vieira o naõ quiſeraõ ſeguir e ſe uniraõ ao mais moço dos filhos do defunto Rei de Camphar, Principe que tinha muito valor, e merecimento peſſoal. Eſtes dois homens fizeraõ prodigios em quanto durou o cerco, e repararaõ a gloria da ſua Naçaõ, bem abatida por huma partida taõ vergonhoſa. Os Turcos eſtiveraõ alguns dias deſapercebidos da retirada de D. Paio, e ſó o ſouberaõ por hum deſertor, que tinha paſſado da Cidade para o ſeu campo, para praticar hum novo ajuſte, por meio do qual os Turcos entraraõ tambem de noite na praça, e expulſaraõ os Fartaquins, e os vaſſallos

los do novo Rei de Camphar, que alli foi morto com hum dos ſeus irmaõs. O irmaõ mais moço deſte Principe, depois de combater com muito valor, ſe ſalvou com os dois Portuguezes que nunca o abandonaraõ, e teve muita felicidade por recuperar os Eſtados de que a morte de ſeu Pai, e de ſeus irmaõs o metiaõ de poſſe.

Ann. de J. C. 1548.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

A noticia da primeira mudança feita em Adem, tinha cauſado huma infinita alegria aos Portuguezes em toda a India. Naõ podia haver coiſa mais agradavel ao Vice-Rei, que ver hum poſto de tanto ciume em poder d'ElRei de Portugal. Baſtava que o grande Albuquerque naõ o conſeguiſſe com toda a ſua gloria, para engrandecer infinitamente quem o ſenhoreaſſe, de qualquer modo que foſſe. Tambem elle naõ omittio nada para conſeguir eſte negocio, e preparou em muito pouco tempo huma frota de 30 embarcaçoens da qual entregou o commando a ſeu filho D. Alvaro, que conduſio com ſigo a flor de toda a Nobreſa.

D. Alvaro chegando ſobre a Coſta d'Adem, ſoube a triſte revoluçaõ acontecida neſta Cidade no principio, por D. Paio de Noronha meſmo, que

Ann. de J. C. 1548.
D. João III. Rei.
D. João de Castro Vice-Rei.

que naõ deixou de lhe engroſſar os objectos pela ſua juſtificaçaõ; e depois por D. Joaõ d'Ataide que o inſtruio hum pouco mais verdadeiramente. O Conſelho de Guerra julgando, que naõ havia mais que fazer naquella parte, D. Alvaro ſegundo as ordens que tinha de ſeu pai, moveo as ſuas armas para outra parte, em favor do Rei de Caxem, que eſtava deſpojado d'huma parte dos ſeus Eſtados, e que tendo ſempre ſido muito zelozo amigo dos Portuguezes requeria o ſeu ſoccorro. D. Alvaro foi deſembarcar defronte do Forte de Xael, que era huma das praças d'eſte Principe. Os Fartaquins que lha tinhaõ tirado, arvoraraõ Bandeira branca, e enviaraõ huma mulher que ſabia falar Portuguez, para lhes offerecer da parte d'elles, que lhes renderiaõ a praça, no cazo que o deſejaſſem, com tanto que lhes deixaſſem levar os ſeus effeitos.

O Rei de Caxem meſmo, e as peſſoas mais prudentes eſtavaõ contentes d'eſte partido, e queriaõ que o aceitaſſem; porém achando-ſe maior o numero dos loucos, naõ lhes quizeraõ conceder mais do que a vida. Eſta indigna reſpoſta onde a avareza tinha

nha tido mais parte que a raſaõ, e o valor, revoltando os Fartaquins ao ultimo ponto, arvoraraõ o Eſtendarte vermelho, e depois de terem degolado elles meſmo as ſuas mulheres, e filhos, determinaraõ defender-ſe como deſeſperados. Verdadeiramente foraõ obrigados, e quizeraõ antes morrer todos do que pedir quartel. Porém cuſtou tanto ſangue aos Portuguezes, que naõ tiveraõ lugar de ſe alegrarem com huma tal victoria.

D. Alvaro naõ deixou porém de receber as honras do triumpho em Goa por ordem do Vice-Rei, em quem eſtes expectaculos eraõ procedidos de huma boa politica; porém D. Joaõ de Caſtro a pezar d'eſtas apparencias, reſſentio mui vivamente a impropriedade d'eſtas duas acçoens. Irritou-ſe tanto, principalmente contra Noronha, que naõ o quiz nem ver, nem ouvir quando elle ſe aprezentou para lhe dar conta, e eſte Fidalgo foi depois taõ deſacreditado, que naõ pode lavar eſta mancha ſe naõ paſſados muitos annos, quando ſe fez matar como verdadeiro Capitaõ, por huma temeridade fora de propoſito, que merecia taõ poucos elogios, como a ſua exceſſiva prudençia mereceo repreençaõ.

O

ANN. de J. C. 1548.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

O desgosto que o Vice-Rei teve entaõ, unindo-se a outro que tinha tido pouco antes, causado por huma sublevaçaõ das tropas, que tinhaõ vindo sediciosamente pedir-lhe o soldo, ao som de tambor, e mecha acesa, lhe azedou o sangue, e lhe causou huma fevre a que naõ poderaõ achar remedio, e que naõ pôde adoçar-se com as cartas d'amizade que recebeo entaõ d'ElRei, e do Infante D. Luis, a respeito da gloria que tinha adquirido, fazendo levantar o cerco de Diu: nem pela prorogaçaõ do seu Vice-Reinado por tres annos, e a confirmaçaõ do Generalado do mar em favor do seu filho por outro tanto tempo, hum reforço de 17 Navios, novas gratificaçoens, e novas honras.

Que era isto para hum homem que estava na sua ultima hora. Sentindo-a aproximar-se, e naõ se achando em estado de cuidar nos negocios, quiz inteiramente desencarregar-se, para só pensar nos da sua consciencia. Formou para isto hum Conselho composto de sinco pessoas, que foraõ o Bispo de Goa, o Governador da Cidade, o Chanceller, o Auditor Geral, e o Intendente da Fazenda. Fazendo-os chamar com o Padre Guardiaõ dos

Fran-

Franciscanos, e S. Francisco Xavier, lhes fez a sua renuncia. Declarou-lhes depois claramente, e com juramento sobre os Santos Evangelhos: „ Que „ elle naõ tinha desviado nada para „ seu proveito dos bens d'ElRei, e „ dos particulares: Que naõ tinha nun- „ ca recebido presente d'algum: Que „ naõ lhe sendo dadas a tempo, as „ consignaçoens, que devia receber „ da Corte, tinha elle consumido o seu „ proprio cabedal para ás precizoens „ do Estado: Que se achava em hu- „ ma tal situaçaõ, que lhe faltava „ até o necessario que os soldados „ tinhaõ no hospital: Que nem se- „ quer tinha tido comque comprasse „ hum frango, que lhe tinha ordenado „ o seu Medico, e que nesta extre- „ ma pobreza, lhes rogava que o qui- „ sessem fazer sustentar á custa do pu- „ blico, ou da casa da Misericordia, pe- „ lo pouco que lhe restava de vida. „ Depois d'este discurso capaz de tirar lagrimas dos olhos dos mais insensiveis, se fechou com S. Francisco Xavier, entre as maõs de quem teve a felicidade d'entregar o seu espirito ao seu Criador no mez de Junho do anno de 1548, e 48. de sua idade.

ANN. de J. C. 1548.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

Acharaõ depois da sua morte em hum

ANN. de J. C. 1548.

D. JOAÕ III. REI.

hum pequeno armario tres reis, era este todo o dinheiro amoedado que elle tinha, humas disciplinas todas tintas do seu sangue, e os cabelos da barba que tinha dado por cauçaõ aos seus credores.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

D. Joaõ de Castro sendo filho segundo d'huma casa, posto que muito illustre, foi sempre pobre, e naõ teve outro rendimento certo em toda a sua vida mais do que huma Comenda de 500 cruzados cada anno. Hum casamento que elle contratou sendo muito moço com D. Leonor Coutinho, filha do Marechal, que foi morto em Calicut, o desgostou com seu pai, que desaprovou huma alliança em que a esposa naõ trasia outro dote mais do que grandes virtudes. Redusido Castro por este motivo a viver com pouco, se consolou na sua pobresa com o estudo. Aplicou-se fortemente ás Mathematicas, e se fez nellas taõ habil, debaixo da disciplina de Pedro Nunes celebre naquelle tempo, e que as ensinava ao Infante D. Luis. Castro teve entaõ occasiaõ de travar amisade muito estreita com este Principe, que durou até a morte. Castro se destinguio em muitas occasioens em Africa, e nas Indias. Assignalou-se principal-

palmente na companhia do Infante, na expediçaõ que Carlos V. fez a Tunes, e foi o unico que recuſou dois mil ducados, que o Imperador fez deſtribuir a cada hum dos Officiaes Portuguezes. Refuſou com a meſma genoroſidade o Governo d'Ormuz, que ElRei de Portugal lhe offereceo, e mil cruzados de penſaõ, quando paſſou ás Indias com D. Garcia de Noronha ſeu cunhado, dizendo que ainda naõ tinha feito nada para os merecer. Em todas as viagens que fez ás Indias, nunca fez commercio algum, e ſe elle ſe achou em occaſioens em que foi obrigado a aceitar prezentes, os deo ao Fiſco. Contaõ d'elle hum facto ſingular accontecido em Lisboa, no tempo em que ſe diſpunha para á ſua ultima viagem. Paceando pela Cidade, e vendo na logem d'hum Alfaiate hum veſtido hum pouco exquiſito, preguntou de quem era: e dizendo-ſe-lhe que era para hum dos ſeus filhos, pegou na teſoura, cortou-o em pedaços, e diſſe ao Alfaiate. „ Dizei a eſſe rapaz, que compre „ armas. Todas eſtas acçoens que o podem pôr em paralello com os Heroes da antiga Grecia, e com os grandes homens das primeiras idades da ſimpli-

Ann. de J. C. 1548.

D. JOAÕ III. REI.

D. JOAÕ DE CASTRO VICE-REI.

Ann. de J. C. 1548.

D. João III. Rei.

plicidade Romana, quando os tiravaõ da charrua para os fazerem Dictadores, fazem melhor o seu elogio, que tudo o que eu poderia ajuntar para lhe traçar o caracter, e aformosear o retrato.

D. Garcia de Sá governador.

Abertas as successoens segundo as formalidades ordinarias, D. Joaõ Mascarenhas, e D. Jorge Tello de Menezes se acharaõ nomeados na primeira, e na segunda. Porém como ambos tinhaõ voltado para Portugal, abriraõ a terceira que estava toda a favor de Garcia de Sá, o qual foi logo aclamado, e se meteo em posse do Governo, de que era muito digno. Era este hum Cavalheiro da singeleza dos primeiros tempos, e que tendo quasi sempre vivido nas Indias, até á idade de 70 annos, que entaõ tinha, alli tinha adquirido huma grande experiencia dos negocios, huma alta reputaçaõ nas armas, e tinha adquirido a confiança, e a estimaçaõ geral dos Portuguezes, e dos Indios, pela puresa, e candura dos seus costumes.

Hum dos primeiros effeitos desta estimaçaõ, foi a paz feita com o Idalcaõ. Este Principe logo que foi informado da morte do Vice-Rei, e da de-

declaraçaõ do ſeu ſucceſſor, enviou os ſeus Embaixadores para ſe queixar da conducta de D. Joaõ de Caſtro a reſpeito d'elle. Renovava as meſmas propoſiçoens, que tinha feito a reſpeito de Meale. Porém D. Garcia de Sá dirigio eſte negocio com tanta deſtreſa, que o Idalcaõ ſe ſatisfez comque Meale eſtiveſſe guardado em Goa, e que naõ o tranſportaſſem para outra parte, ſem o ſeu conſentimento pelo meio do que confirmou entaõ a doaçaõ das terras firmes de Bardes, e de Salſete. Eſta paz foi ſeguida quaſi ao meſmo tempo da renovaçaõ dos tratados antigos feitos com o Samorim, Nizamaluco, Coramaluco, e outros Principes da India.

Ann. de J. C. 1548.

D. JOAÕ III. REI.

D. GARCIA DE SÁ GOVERNADOR.

O Rei de Cambaia eſtava ſempre em armas, e o Governador penſava efficasmente em o accommodar, para o que tinha feito huma grande armada, e ſe tinha embarcado perto do principio do anno de 1549. Porém tanto que chegou a Baçaim, Sultaõ Mahmud o prevenio pelos ſeos Embaixadores para lhe pedir paz. Deſculparaõ o milhor que poderaõ as culpas que ſe tinhaõ cometido de parte a parte, e a paz foi concluida quaſi com as meſmas condiçoens dos trata-

ANN. de J. C. 1549.

D. JOAÕ III. REI.

D. GARCIA DE SA' GOVERNADOR.

dos precedentes, á excepçaõ do muro de ſeparaçaõ entre a Cidade de Diu, e a Fortaleza, e de alguma partilha nos direitos dos caminhos, de que o Governador naõ quiz ouvir falar, e aqui foi precizo que o Rei de Cambaia ſe rendeſſe.

Por eſte tratado, a India ſe achou de novo em huma perfeita tranquilidade, com grandes vantagens dos Portuguezes, e com muita gloria do novo Governador, que no pouco tempo que tinha manejado os negocios, tinha feito mais, que muitos dos ſeus predeceſſores.

Parecia levantar-ſe huma tempeſtade da parte d'Ormuz, que lhe teria dado trabalho. Hum Abexim chamado Abdalla, homem de reputaçaõ, ſe tinha levantado contra o Rei, fazia corſos, roubava as caravanas, e embaraçava o comercio. D. Manoel de Lima tinha enviado contra elle differentes deſtacamentos. Abdalla os tinha ſempre desbaratado, ou lhes tinha eſcapado. O negocio eſtava ſerio: porém Lima vendo que a força deſcuberta naõ lhe aproveitava, julgou ſer-lhe licito uſar de ardil. Enviou a eſte rebelde hum dezertor, que fingindo ter ſido maltratado, ſe refugiou para elle, inſinuou-

ſe

ſe na ſua amizade, e o apunhalou.

Livre Gracia por eſte meio de todo o medo d'aquella parte, naó teve peior coiza que a morte de Luis Falcaó Governador de Diu, que eſtando ſentado á ſua porta á boca da noite foi morto com hum tiro d'arcabuz, que lhe atiraraó de fora, ſem que nunca ſe podeſſe deſcubrir o autor d'eſte aſſacino, com toda a diligencia que ſe fez. O Governador enviou ali Martim Correa da Silva, e depois foi elle meſmo a Goa.

Ann. de J. C. 1549.

D. JOAÕ III. REI.

D. GARCIA DE SA GOVERNADOR.

Occupou-ſe ali com muita utilidade, e bem do Eſtado fazendo reparar os armazens, eſpalmar os Navios, e dando em tudo provas d'huma grande capacidade, e d'hum grande zelo pelo publico, quando hum attaque de colica, a que era ſogeito, ſobrevindo á ſua idade avançada, o levou a 13 de Iulho com grande diſgoſto das peſſoas de bem, que tinhaó fundado n'elle grandes eſperanças, e que foraó taó edificados com a ſua morte inteiramente Chriſtaá, como o tinhaó ſido das virtudes, que elle tinha moſtrado na ſua vida, e principalmente em quanto eſteve no emprego.

Tinha-ſe deſpojado de todos os ſeus bens em favor das ſuas duas fi-

Ann. de J. C. 1549.

D. JOAÕ III. REI.

filhas, que tinha cazado pouco antes da ſua morte, huma com Manoel de Souza de Sepulveda, e outra com D. Affonſo de Noronha, o mais belo Cavalheiro que havia na India, porém que viveo pouco. Cada huma d'ellas tiveraõ de dote 20ф cruzados, que ſeus maridos eſtimaraõ menos, que a ſua beleza, que era extraordinaria.

D. GARCIA DE SÁ GOVERNADOR.

D. Leonor d'Albuquerque de Sá era já celebrada pelo voto, que tinha feito de caſar com ella hum ſimplez ſoldado n'huma tempeſtade, de que já falei; porém ainda o foi muito mais pelo lamentavel naufragio que fez com ſeu marido, e com toda a ſua familia no Cabo de Boa Eſperança, naufragio de que todos os Autores d'aquelle tempo contaraõ por extenſo as triſtes particularidades, que d'elle fazem hum dos acontecimentos mais tragicos.

JORGE CABRAL GOVERNADOR.

Em virtude da quarta ſucceſſaõ que ſe abrio por morte de Garcia de Sá, Jorge Cabral foi declarado ſeu ſucceſſor. Era entaõ Governador de Baçaim, para onde deſpacharaõ logo correios para o aviſarem. Eſta noticia naõ lhe cauſou nem admiraçaõ, nem alegria. Sabia a ſua nomeaçaõ, e a tinha declarado na morte de Caſtro. E bem longe de aceitar eſte empre-

prego com gosto, duvidou muito tempo. Temia perder 4 annos de dividas atrazadas que lhe deviaõ do seu governo, e temia ainda mais ver chegar, pode ser, passado hum mez, ou a mais tardar hum anno, hum successor segundo o estilo que tinha tomado a Corte de Portugal: depois do que teria huma grande conta que dar, e se acharia arruinado, sem ter tido tempo de se aproveitar do seu emprego. Estas solidas rasoens, que venciaõ o seu animo, cederaõ com tudo á vaidade da sua esposa, que sendo bela, moça, e ambicioza como saõ d'ordinario as do seu sexo, preferio o fumo d' huma honra vã, e o gosto de se ver a primeira Senhora das Indias, á outras vantagens mais solidas.

Ann. de J. C. 1549.

D. JOAÕ III. REI.

JORGE CABRAL GOVERNADOR.

Goa o recebeo com todas as honras dividas ao seu cargo, e com todas as demonstraçoens de gosto, que correspondiaõ á idéa que tinhaõ do seu merecimento pessoal. O publico naõ se enganou n'esta idéa, e o seu Governo ainda que curto, assim como o do seu predecessor, passou por hum dos mais singulares que teve a India. Foi justo, desenteressado, zelozo pelo bem do serviço, sem fausto, facil em dar audiencias, attento a impedir

ANN. de J. C. 1549.

D. JOAÕ III. REI.

JORGE CABRAL GOVERNADOR.

as murmuraçoens das tropas, pagando-lhes exactamente com o seu proprio cabedal, na falta do dinheiro d'ElRei. A todas estas qualidades, que formaõ os bons Senhores, ajuntou mais duas ou tres condiçoens particulares, que lhe adquiriraõ absolutamente a confiança de toda a gente. A primeira foi a facilidade que tinha de tomar conselho nos negocios publicos, o que o levou a excesso, que fez fazer caixas para deitarem os pareceres, que lhe quisessem dar com a liberdade inteira de se naõ darem a conhecer, ou de lhe falarem por cartas anonimas. A segunda he, que entre todos os negocios entreteve sempre o povo em hum espirito de alegria, procurando-lhe sempre divertimentos, que fazia succeder continuamente huns aos outros. Para este effeito dividio todas as espécies de trabalhos, pôz na frente Officiaes de consideraçaõ, e formou assim diversos bandos d'obreiros, que das suas obras passavaõ ás danças, e jogos, que animava com o gosto, que nisso mostrava ter. Hum dia por huma noticia que recebeo, deo ordem a fazer 300. instromentos de campainhas, como espécies de pandeiros, ou de adufes, para os espalhar pelo povo, e acender

der cada vez mais o amor da obrigaçaõ, e o ardor do bem publico pela commua alegria.

ANN. de J. C. 1549.

D. JOAÕ III. REI.

Naõ lhe faltou que fazer quando entrou no Governo. Era precizo prover nas Molucas, onde as coufas corriaõ fempre mal. Os Caftelhanos tinhaõ já tornado: os Portuguezes ali fe tinhaõ dividido entre fi, e fempre em má intelligencia com os Reis do paiz. Hum novo motivo de divifaõ entre o Samorim, e o Rei de Cochim o obrigou contra feu gofto a tomar partido, e a começar huma nova guerra. O Rei de Cota na Ilha de Ceilaõ implorou o feu foccorro contra feu irmaõ. O Rei de Candé na mefma Ilha, fingindo querer fazer-fe Chriftaõ, lhe pedio tambem tropas para fe fortificar contra os feus vaffallos, a quem a fua mudança de Religiaõ, naõ podia deixar de dezagradar, e de pôr em algum perigo. Em fim tinha-fe divulgado o rumor de que os Turcos fazendo huma poderoza armada em Suez, queriaõ vir attacar alguma das Fortalezas da India.

JORGE CABRAL GOVERNADOR.

Cabral deo ordem a tudo, o melhor que lhe foi poffivel, e elle mefmo fe tranfportou a Cochim, onde a fua prefença era neceffaria. A fua via-

Ann. de J. C. 1549.

D. Joaõ III. Rei.

Jorge Cabral Governador.

viagem foi breve, e pouco felis. Embaraçou-se com o Rei de Cochim, pela felicidade que teve em seguir as idéas de Francisco da Silva, Governador da Fortaleza, homem imprudente, e fogoso, que o obrigou a consentir-lhe que fosse saquear o Pagode de Palurt, d'onde julgava tirar hum grande thesouro. Esta temeraria empresa foi taõ mal executada, como tinha sido injustamente tentada. O thesouro naõ se achou: com tudo os Indios se revoltaraõ, e escandalisaraõ d'huma tentativa, que lhe pareceo taõ sacrilega como injusta. Tomaraõ as armas. Morreraõ ali alguns Portuguezes, e hum grande numero de feridos. A indignaçaõ que o Rei tomou por isto, foi cauza para que o Governador naõ regulasse nada dos negocios para que tinha vindo. Foi tambem causa que naquelle anno, só partissem tres navios de carga para Portugal, taõ mal carregados, que disso resultou muito grande prejùizo para os enteresses da Coroa. Depois d'isto Cabral obrigado pelos avisos que recebeo da proxima chegada dos Rumes, foi obrigado a tornar para Goa.

Apenas partio o Governador, a necessidade de soccorro em que se achava

va o Rei de Cochim, pôz efte Principe na precizaõ de fe reconciliar com Silva, que por outra parte fó fervio de perturbar os negocios em lugar de os accommodar.

ANN. de J. C. 1549.

Na vifinhança de Cochim havia hum pequeno Principe, que os Portuguezes chamavaõ o Rei da Pimenta; porque dos feus Eftados he que tiravaõ todos os annos para Portugal a maior quantidade d'efte genero. Era vaffallo do Rei de Cochim, e tinha com elle huma efpecie de filiaçaõ, fundada fobre os principios da fua Religiaõ, e da Naçaõ. O Rei de Cochim tratando-o menos como pai, que como Senhor, lhe tinha feito muitas injuftiças, de que elle fe tinha queixado inutilmente. Naõ podendo obter juftiça, tinha paffado para o Samorim, com quem tinha contratado outra filiaçaõ, rompendo as obrigaçoens da primeira, e em virtude da qual devia fucceder a efte Principe, em falta de feus fobrinhos, como tambem o Samorim devia fucceder nos Eftados d'efte, em cazo de morte.

D. JOAÕ III. REI. JORGE CABRAL GOVERNADOR.

Efta alliança que tinhaõ inutilmente tentado de atraveffar, fendo affim feita, efte Principe fortificado com os foccorros que recebeo do Samo-

Ann. de J. C. 1549. D. JOAÕ III. REI.

morim, veo deitar-ſe com dez mil Naires ſobre a Ilha de Bardelle, que fazia o motivo da diviſaõ, e ſe aſenhoreou d'ella. O Rei de Cochim, e Silva ſe pozeraõ logo em campo com as ſuas tropas, em que eſtavaõ 600 Portuguezes.

JORGE CABRAL GOVERNADOR.

Antes de entrar em acçaõ o Rei da Pimenta que eu chamarei ao Principe da Ilha de Bardelle, que ſó requeria hum ajuſte, acceitou de boa vontade huma conferencia com Silva. Conſentio em tudo, até offereceo entregar-ſe nas maõs deſte Governador, e de vir a Cochim á Fortaleza, com tanto que alli eſtiveſſe debaixo da fiança d'elle. Porém Sylva ſe obſtinou ſempre em querer que elle ſe entregaſſe á deſcripçaõ do Rei de Cochim. Huma propoſiçaõ taõ extravagante, e taõ deſarreſoada, de que nunca Silva quiz ceder, eſcandaliſando eſte Principe, elle lhe voltou as coſtas, e ſe retirou para os ſeus.

O furor ſuccedendo entaõ em Silva á loucura das ſuas pretençoens, naõ tomou, nem ſequer o tempo de eſperar que as ſuas tropas inteiramente deſembarcaſſem, e de as pôr em ordem. Deo ſobre as tropas do Principe com impetuoſidade. O combate foi vi-

vivo, e animado; porém ſendo o Principe ferido os Naires ſe pozeraõ em retirada até ao ſeu Palacio, que os Portuguezes forçaraõ. Lançaraõ-lhe fogo, que ſe ateou tanto, que dizem, que as mulheres do Principe, e o meſmo Principe alli ſe queimaram.

Ann. de J. C. 1549.

D. JOAÕ III. REI.

Os Indios do partido de Silva vendo o fogo do Palacio, lhe advirtiraõ a tempo que ſe retiraſſe, ſegurando-lhe que como eſta era a maior afronta que podia receber o inimigo, depois da morte do Rei, que ignoravaõ ainda, teria bem de preſſa huma tropa de deſeſperados que combater, que lhe dariaõ bem que fazer. Silva era muito pouco prudente para ſe render a eſte parecer. O inimigo com tudo veio com tanta impetuoſidade, e furia, que os Portuguezes naõ podendo ſoſtentar eſte primeiro esforço, ſe pozeraõ num inſtante em deſordem, e em fugida. Silva abandonado dos ſeus, combatteo como hum furioſo, até que cahio morto, traſpaſſado de muitas feridas. Sincoenta Portuguezes que a ſua fugida precipitada naõ pôde ſalvar, tiveraõ a meſma ſorte. O Rei de Cochim recolheo o reſto, e ſe retirou tendo tido a gloria neſta deſordem, de ſe ter conduſido

JORGE CABRAL GOVERNADOR.

com

Ann. de J. C. 1549.

D. João III. Rei.

Jorge Cabral Governador.

com mais prudencia, assim moço como era, do que Silva, que a pezar da sua idade, e experiencia, alli tinha mostrado taõ pouca, despresando a prudencia dos conselhos d'este Principe.

A morte do Principe de Bardelle ainda naõ constava inteiramente, quando sinco mil Naires, seus devotos, cortaraõ metade da barba, e dos cabelos, segundo o seu uzo, para mostrarem a obrigaçaõ que elles tem, e a vontade de morrer, para vingarem o seu Soberano. Estes homens furiosos, e que só procuravaõ a morte, vaõ até a Cochim, onde deraõ hum assalto imprevisto aos seus suburbios, no bairro dos Indios. E posto que Henrique de Souza, que commandava na Fortaleza estendeo 500 sobre a praça, naõ foi sem que elles tivessem feito muitas desordens, e vendido por muito preço a sua vida. Os Autores contaõ dois casos singulares, accontecidos no repente d'este assalto. He, que hum homem doente de quem só se esperava a morte, no primeiro movimento do rebate se levantou, brigou como hum Leaõ, e depois da acçaõ se achou sem fevre, e perfeitamente convalescido. Outro pelo contrario que estava muito bom, tomou hum

hum medo tamanho, que morreo logo.

Ann. de J. C. 1549.

D. JOAÕ III. REI.

JORGE CABRAL GOVERNADOR.

A perda que tinhaõ feito nesta occasiaõ os Naires consagrados naõ demorou o seu furor, antes pelo contrario servio de lho augmentar, principalmente quando souberaõ que o Samorim armava poderosamente, para vingar a morte do seu Senhor. Todos os dias estes Naires faziaõ correrias até ás portas da Cidade, e alli espalharaõ hum tal medo, que o Rei de Cochim, a quem elles procuravaõ principalmente, e que em fim foi apunhalado por hum destes consagrados, naõ se julgando seguro no seu Palacio, foi obrigado a passar para á Fortaleza com hum grande numero de pessoas das mais consideraveis da sua Corte, o que deo causa, que por algum tempo se sentissem alli os effeitos da fome.

Com tudo o Samorim convocando todos os Principes seus vassallos, pôz em pé hum exercito de 140ↀ, e se pôz em marcha para se meter de posse da Ilha de Bardelle, e dos Estados do Principe defunto, de que fez reconhecer o sobrinho por herdeiro legitimo. Os Governadores de Cochim, e de Cananor fizeraõ quanto po-

ANN. de J. C. 1549.

D. JOAÕ III. REI.

JORGE-CABRAL GOVERNADOR.

poderaõ para lhe eſtorvar todas as paſſagens : porém naõ poderaõ impedir que eſte Principe continuaſſe a ſua derrota, e de ſe apoderar da Ilha de Bardelle, onde fez entrar 40ꝺ Naires, commandados pelos Principes alliados, que eraõ 18, entre os quaes havia alguns vaſſallos do Rei de Cochim, os quaes recuſaraõ entaõ de o ſervir a elle, picados de que Martim Affonſo de Souſa os tinha privado de certas penſoens, comque ElRei de Portugal os tinha remunerado, em reconhecimento dos ſerviços que elles, e ſeus pais tinhaõ feito contra o Samorim nas primeiras guerras.

Henrique de Souſa commandante em Cochim, enviou logo á Goa, aſſim por mar, como por terra, para aviſar o Governador de tudo o que ſe paſſava. Ordenóu ao meſmo tempo a Antònio Correa ſeu cunhado, que tomaſſe o mar com 30 embarcaçoens á remos, que tinha tirado de Cochim, e Cananor, e que impediſſe quanto podeſſe a communicaçaõ dos Principes fechados na Ilha com o exercito do Samorim, que eſtava da parte de Chambé no continente.

Cabral teve muito diſgoſto com eſtas noticias. Preparava hum grande

de armamento para hir no encontro da frota Ottomana, que esperava a todo o instante pelos avisos que lhe vinhaõ de todas as partes. As Cidades da India lhe testemunharaõ nesta occasiaõ a estimaçaõ que faziaõ da sua pessoa. Cada huma preparou muitas embarcaçoens á sua custa, pela impossibilidade em que elle estava de o fazer á custa d'ElRei. Além d'isso naõ se podia elle apartar de Goa. Era o tempo da chegada dos Navios do Reino, e estava sempre na inquietaçaõ de se ver render. Algum tempo se passou assim nesta incerteza. Em fim a sezaõ se tinha avançado de modo, que os Navios de Portugal só podiaõ tomar Porto em Cochim, veio tambem hum aviso do Governador, que as galeras Turcas se tinhaõ desarmado em Suez, por huma ordem do Gram Senhor.

Ann. de J. C. 1549.

D. JOAÕ III. REI.

JORGE CABRAL GOVERNADOR.

Por aquella parte livre de todo o temor; Cabral fez partir logo Manoel de Sousa de Sepulveda com quatro Navios, e lhe deo ordem que tivesse a Ilha de Bardelle fechada de taõ perto, até que elle mesmo chegasse, que ninguem podesse entrar, nem sahir. Pouco depois fez seguirem a Sousa outras 12 embarcaçoens, com-

Ann. de J. C. 1549.

D. João III. Rei.

mandadas por Gonçalo Vaz de Tavora. Sousa satisfez tambem á sua commissaõ, que a Ilha foi logo redusida ás ultimas necessidades, e os soldados inimigos, oprimidos pela fome, vinhaõ elles mesmos entregarse suplicando que os recebessem por escravos.

Jorge Cabral Governador.

Tanto que a frota esteve prompta, o mesmo Cabral se embarcou. A sua armada tinha perto de cem velas, nas quaes entravaõ 20 galioens, muitas caravelas, galeras, fustas, bragantins, e outras embarcaçoens a remos, com 4ↀ. homens de desembarque. Na sua derrota queimou Tiracol, Coulete, e Panane, que era da dependencia do Samorim. Esteve tentado a fazer o mesmo a Calicut, e o fizera, se o seu Conselho naõ lhe representasse, que era muito mais importante para elle, hir incessantemente a Bardelle, onde tinha como nas suas redes todas as potencias do Malabar.

Fazendo força de vela, foi surgir á barra de Cochim, onde era esperado pelo Rei, que tinha 40ↀ homens pagos. Tomou tambem dois mil Portuguezes, e logo no dia seguinte se pôz defronte da Ilha de Bar-

Bardelle, que fez cercar por todas as embarcaçoens ligeiras. Estando regulada a ordem do attaque, ao tempo que hia começar a acçaõ, os inimigos arvoraraõ huma bandeira branca para capitular. Naõ se poderaõ ajustar taõ depressa pelas condiçoens que os sitiados acharaõ muito duras. Levou isto dois, ou tres dias. Em fim a ultima palavra do Governador foi que queria que os 18 Principes se entregassem nas suas maõs, salva a vida, e que depois regulariaõ os outros artigos do tratado nos termos da honra, e da amisade.

ANN. de J. C. 1549.

D. JOAÕ III. REI.

JORGE CABRAL GOVERNADOR.

Naõ se determinando os Principes sobre huma proposiçaõ taõ terrivel, o General se resolveo a attacar no outro dia ao amanhecer. Porém durante a noite recebeo a noticia que D. Affonso de Noronha tinha chegado a Coulaõ por Vice-Rei das Indias. Elle mesmo escreveo dando aviso da sua vinda, e a ordem de naõ fazer nem paz, nem guerra em quanto elle naõ estivesse unido á armada. Foi isto hum raio para Cabral, que via tirarem-lhe das maõs a gloria da mais bela acçaõ que se podia fazer nas Indias, e de que se pôdiaõ tirar as maiores vantagens.

Ann. de J. C. 1549.
D. João III. Rei.
Jorge Cabral Governador.

Naõ obſtante iſto os Officiaes queriaõ que elle paſſaſſe avante, e que ſe aproveitaſſe da occaſiaõ que a fortuna lhe apreſentava para ſe immortaliſar. Depois de reflectir hum pouco. „ Eu „ vos agradeço, Senhores, lhe diz, „ o zelo que tendes pela minha glo- „ ria; porém penſando bem, eu naõ „ poderia ter goſto algum em huma „ victoria que vos deve embaraçar „ com o Vice-Rei, ao qual naõ po- „ dereis agradar, começando por lhe „ deſobedecer. Naõ precizo poupalo „ para mim; porém precizo muito „ poupalo para vós. Fazendo-vos eu „ eſte ſerviço, pode ſer que adquira „ mais gloria do que ſe tiveſſe ven- „ cido. „

Chegando Noronha a Cochim, Cabral o foi alli encontrar. Noronha lhe fez pouca honra. Deſcontentaraõ-ſe todos á proporçaõ do amor que tinhaõ a Cabral, com tudo naõ moſtrou reſentimento; porém ſó penſou em apreſſar a ſua partida. O Vice-Rei o fez convidar para o negocio de Bardelle onde ſe diſpunha a hir peſſoalmente. Excuſou-ſe elle. Tambem naõ era já tempo; porque a occaſiaõ tinha eſcapado. A Ilha tinha ſido abundantemente provida de viveres, e os

Prin-

Principes se tinhaõ posto em segurança. Pedio-lhe tambem que cuidasse na carga dos Navios, que deviaõ tornar para Portugal, segundo os poderes que ElRei lhe tinha dado. Cabral se excusou do mesmo modo, e só quiz ter cuidado no que era seu. Guardou com tudo com o Vice-Rei todas as attençoens até ao tempo que se embarcou para Lisboa, onde foi bem recebido do Rei, e da Corte; porém onde chegou pobre, assim como o tinha premeditado, quando se determinou a acceitar o Governo.

ANN. de J. C. 1549.

D. JOAÕ III. REI.

JORGE CABRAL GOVERNADOR.

Os Christaõs se multiplicaraõ na India com o numero dos ministros Evangelicos. Os Padres da Ordem de S. Francisco, estabelecidos havia muito tempo em Goa, tinhaõ feito hum novo estabelecimento na Ilha de Ceilaõ. Os da Ordem de S. Domingos acabavaõ de fundar hum Mosteiro em Goa modernamente, no Governo de Garcia de Sá. O numero dos Missionarios da Companhia de Jesus, tendo crecido muito em pouco tempo, tinhaõ-se espalhado por toda esta parte do mundo até ás portas da China. Todos estes Santos obreiros trabalhavaõ na vinha do Senhor com hum zelo admiravel, e huma perfeita uniaõ.

Vie-

Ann. de J. C. 1549.

D. Joaõ III. Rei.

Jorge Cabral Governador.

Viraõ ali hum grande fructo na mudança dos costumes dos Christaõs, e na conversaõ dos Mahometanos, e Idolatras. O Padre Gaspar Barzeo Jesuita, Flamengo, fez mudar de face toda a Cidade d'Ormus, onde teve successo prodigioso. O Padre Antonio Criminal foi o primeiro da sua companhia, que teve a fortuna de derramar o seu sangue por Jesus Christo, sendo martyrisado pelos Badages. O Vigario Geral Miguel Vaz recebeo tambem a morte em recompença do seu zelo, sendo envenenado pelos novos Christaõs de Goa, entre os quaes se aplicava com excessivo zelo a dezarreigar os restos do Judaismo. Diogo de Borba, imitador do seu zelo, e Clerigo Secular como elle, entristeceose tanto com a sua morte, que se meteo Religiozo na ordem de S. Francisco, onde acabou pouco depois virtuozamente os seus dias.

Naõ era só o povo que se convertia, e os pobres, que estaõ mais perto do Reino do Ceo do que os ricos.: os Brachmanes, os Doutores da lei, os Reis, e os Principes curvavaõ as cabeças debaixo do jugo do Evangelho; e sem falar dos que S. Francisco Xavier ganhou para á nossa santa

ta

ta fé houveraõ tambem outros em diversos lugares, que quizeraõ abraçar a nossa Religiaõ.

De todas as conversoens a que fez mais estrondo, foi a do Rei de Tanor. Os seus Estados eraõ muito consideraveis. Era cunhado do Samorim, e o filho que tinha tido da irmá d'este Principe devia ser o herdeiro do Imperio de Calicut, segundo as leis da Ginecocracia estabelecida no Malabar. A visinhança da Fortaleza de Challe o fez ligar muito estreitamente com Luis Xiralobo que era o Governador, e com o Vigario Joaõ Soares, que era hum grande homem de virtude. Tomou tanto gosto do discurso d'este, tanto afecto aos nossos santos Misterios, que se fez baptisar occultamente com a Rainha sua esposa, e alguns de seus filhos. O segredo naõ pôde ser tal, que os seus vassallos naõ o suspeitassem, vendo principalmente a forte inclinaçaõ que tinha aos Portuguezes, e aos costumes estrangeiros. A desconfiança chegou a hum tal ponto, que elle foi obrigado a pedir algumas tropas ao Governador Garcia de Sá, para se acautelar contra os movimentos, que poderia causar na sua Corte o dissabor

ANN. de J. C. 1549.

D. JOAÕ III. REI.

JORGE CABRAL GOVERNADOR.

Ann. de J. C. 1549.

D. JOAÕ III. REI.

JORGE CABRAL GOVERNADOR.

bor d'huma tal mudança, se se verificasse. O Governador lhe enviou com effeito 60 homens commandados por Garcia de Sá seu sobrinho, a quem ajuntou o Padre Antonio Gomes, Superior dos Jesuitas do Seminario de Goa, para acabar de o instruir na nossa crença.

Animando muito o seu fervor a instrucaõ do Padre, tomou a resoluçaõ de vir a Goa, para ver as Ceremonias augustas da nossa santa Religiaõ, de que lhe haviaõ dado huma alta idéa. Deo parte d'esta determinaçaõ ao Governador, que enviou logo Joaõ Lobo, para o tomar em huma galera soberbamente ornada, e comboiada por 12 embarcaçoens para segurança da sua pessoa. Divulgada esta resoluçaõ do Rei, confirmou as suspeitas dos seus vassallos, e causou entre elles hum grande temor. Fizeraõ todo o esforço para o desviarem d'esta viagem. O mesmo Samorim, a quem isto causou huma grande inquietaçaõ, empregou toda a força do seu credito, e da sua auctoridade para o deter; porém em vaõ. O Rei de Tanor illudio as instancias d'este Principe, fingindo querer retirar-se do mundo, e fazer-se Jogue. Em fim os

seus

ſeus vaſſallos chegaraõ a ſitialo em huma das ſuas praças, que tinha hum cerco de tres muros. Fugio de noite por huma eſcada de corda. Ferio-ſe n'huma perna, e na cabeça ſaltando o ultimo muro, o qual era hum pouco mais alto que os dois primeiros, e ſe tranſportou aſſi ferido á frota que o eſperava para o tranſportar a Goa.

Tinha havido algumas difficuldades neſta Cidade entre os Theologos, ſobre a maneira comque elle devia ſer recebido; porque bem que elle foſſe já Chriſtaõ, conſervava com tudo todos os exteriores da Gentilidade, e principalmente porque trazia ainda o cordaõ triplicado, que os Brachmanes naõ podem deixar, e que he para elles huma profiſſaõ de fé, e da uniaõ ás Divindades que elles adoraõ. O negocio foi debatido com muito calor; porém o parecer do Biſpo de Goa, que por bondade natural, e por inclinaçaõ ao Rei de Tanor julgava, que deviaõ uſar de indulgencia com hum Principe ainda tenro na fé, prevaleceo contra as razoens ſolidas dos outros: tanto mais, dizia elle, que o naõ podiaõ obrigar a deixar eſtas inſignias exteriores de ido-

Ann. de J. C. 1549.

D. João III. Rei.

Jorge Cabral Governador.

idolatria, ſem o expôr a perder o ſeu Reino, excitar huma perſeguiçaõ contra os Chriſtaõs, e impedir hum maior bem; o que confirmou por exemplos tirados do antigo Teſtamento, e pelo uſo da primitiva Igreja mal explicado. Eſte Prelado naõ attendia á differença que ſe deve pôr entre o que he o veſtido ordinario d'huma Naçaõ, e o que he hum ſymbolo diſtinctivo d'huma falſa Religiaõ.

O Rei de Tanor foi recebido em Goa com toda a pompa crivel, e todas as meſmas honras que poderiaõ fazer a ElRei de Portugal em peſſoa. Recebeo as ceremonias do Baptiſmo das maõs do Biſpo, e pouco depois o Sacramento da Confirmaçaõ. Teſtemunhou huma grande ſatisfaçaõ dos uſos da Igreja Romana, moſtrou hum grande zelo para trabalhar na converſaõ dos ſeus vaſſallos, e principalmente dos Principes do Indoſtaõ ſeus parentes, e tornou depois para os ſeus Eſtados muito contente, nos meſmos Navios que o tinhaõ levado.

Eſta converſaõ deo hum grande eſtrondo na Europa, e ElRei D. Joaõ III. fez dar parte diſto ao Papa pelo ſeu Embaixador, como tambem do martyrio do Padre Criminal. A Corte

de

de Roma foi muito ſenſivel á huma, e outra noticia, na eſperança que as premiſſas d'eſte ſangue derramado por Jeſus Chriſto, ſeriaõ huma ſemente fecunda para á multiplicaçaõ do Chriſtianiſmo, que hum Rei taõ conſideravel, como o era aquelle pelo ſeu nacimento, acabava de illuſtrar abraçando-o. Alguns Autores julgaraõ que eſte Principe ſó tinha obrado por viſtas de politica, ou ao menos que voltaria logo aos ſeus primeiros erros. Elles o conjecturaram porque no negocio de Bardelle elle eſtava na frente de 18 Principes unidos debaixo dos eſtendartes do Samorim. E foi em parte por ſeu reſpeito, que Cabral perdeo a occaſiaõ de os desfazer; porém iſto naõ he baſtante prova. O Rei de Tanor naõ podia nunca diſpenſar-ſe de tomar o partido do Samorim, e de todos os outros vaſſallos deſte Principe, com quem elle era taõ unido pelas razoens do ſangue. Com effeito o Padre Mafeo o juſtifica, e diz que o Rei de Tanor, aſſim como o ſeu ſucceſſor, que vivia ainda quando eſte Padre acabava a ſua elegante hiſtoria das Indias, teriaõ eſtado ſempre inviolavelmente unidos aos intereſſes da Coroa de Portugal; o que elle atribue

ANN. de J. C. 1549.

D. JOAÕ III. REI.

JORGE CABRAL GOVERNADOR.

ANN. de J. C. 1549.

D. JOAÕ III. REI.

JORGE CABRAL GOVERNADOR.

á sua paixaõ pela Religiaõ mesmo.

Poderiaõ duvidar com mais justiça da sinceridade do Rei de Candé na Ilha de Ceilaõ, que pedio tambem com muita instancia o santo Baptismo, e hum soccorro ao Governador, para se poder conservar no caso da revolta dos seus vassallos. Os Religiosos de S. Francisco tinhaõ entrado até á caza d'elle, e lhe tinhaõ feito gostar das verdades da nossa Religiaõ. S. Francisco Xavier tinha hido tambem á sua Corte, e alli tinha pregado o Evangelho com huma efficacia de palavras que submetia tudo a Jesus Christo. Ha lugar de presumir que elle triumphara do coraçaõ d'este Principe, bem que d'outra parte este Principe teve hum poderoso motivo de politica, para fingir querer fazer-se Christaõ, pelo temor que lhe davaõ dois filhos do Rei de Cota, que sendo Baptisados, tinhaõ hido a Goa solicitar o Vice-Rei D. Joaõ de Castro, com dinheiro, e com promessas de unirem as suas força ás d'elle, para conquistar os Reinos de Candé, e de Jafanapatam. Ou porque fosse verdadeiramente tocado da graça de Deos, ou porque naõ tivesse outra idéa mais que de desviar a tempestade de que estava

ame-

ameaçado, fez partir hum Embaixador, que Xavier mesmo conduzio a Goa.

Castro recebeo o Embaixador com toda a sorte de distinçaõ, e lhe mostrou tanta mais amisade, por se ter convertido elle mesmo com os da sua comitiva. Enviou-o pouco depois accumulado de prezentes, e com o soccorro, que elle pedia, que consistia em 150 Besteiros commandados por Antonio Monis Barreto, que Xavier acompanhou até á Ilha de Ceilaõ.

O Rei de Cota sempre zeloso amigo dos Portuguezes, fez quanto pôde para fazer suspeita a Barreto a sinceridade do Rei de Candé, e para o desviar d'huma viagem, de que naõ esperava bom successo. Com effeito o Rei de Ceitavaca Madune Pandar tinha prevertido este Principe, e o tinha obrigado a fazer aos Portuguezes huma notavel traiçaõ. Barreto estava muito inquieto com o que tinha para fazer. Tinha comque desconfiar de todas as partes. Porém as vivas instancias do Rei de Candé, e os prezentes que tinha enviado, tendo-o determinado de algum modo, contra a sua vontade, se pôz em marcha para Candé, conduzindo cada hum dos seus

com

Ann. de J. C. 1549.

D. João III. Rei.

Jorge Cabral Governador.

comſigo duas ou tres peſſoas dos naturaes do paiz para levarem a ſua bagagem. Em quanto na ſua derrota recebia do perfido Rei de Candé novas demonſtraçoens, que ſerviaõ de o atrahir cada vez mais para o laço, paſſavaõ-ſe muitas coiſas, que lhe podiaõ abrir os olhos; porém naõ os abrio ſe naõ ás portas meſmo de Candé ſobre o aviſo certo que entaõ recebeo da traiçaõ, que lhe tramavaõ. Naõ tinha tempo que perder. Eſtava entranhado nas terras em trinta legoas, no coraçaõ da Ilha, e rodeado de inimigos. Era precizo tomar huma reſoluçaõ prompta. Elle o fez, e logo ordenou que largaſſem fogo a todas as bagagens, naõ reſervando mais do que as armas, e hum pouco de biſcouto para á retirada.

Tendo depois falado aos ſeus para os animar a ſe livrarem d'hum perigo taõ urgente, ſe pôz á caminho para voltar ſobre ſeus paſſos. O Rei de Candé vendo entaõ deſcuberta a ſua perfidia, tirou a maſcara, e pôz as ſuas tropas no ſeguimento d' elles. Alcançaraõ-nos logo, e engroſſaraõ por pelotoens até ao numero de 8ꝏ homens. Barreto fez hum corpo dos ſeus, e ſe meteo na retaguar-

da

da para eſtar mais em eſtado de fazer cara aos inimigos, quando os ſeus esforços o obrigaraõ a fazer alto. Deo as ſuas ordens para o jogo da moſquetaria, a fim de que as deſcargas ſe fizeſſem ſempre exceſſivamente, e com ſegurança. Marchou depois em bela ordem, e a paſſos medidos ſem ſe deter. Em todo o primeiro dia os inimigos os ſeguiraõ vivamente, principalmente nas paſſagens eſtreitas, onde os hiaõ eſperar por caminhos cortados, e atravez, e onde ſe achavaõ primeiro do que elle, pelo conhecimento que tinhaõ do paiz. A perſeguiçaõ foi menos viva de noute, a moſquetaria Portugueza conſervava o inimigo hum pouco mais em cautela. E nos dias ſeguintes os attaques redobraraõ. Combatiaõ cummumente de perto. Os Portuguezes ſe excederaõ neſtas pelejas, obrigados pela neceſſidade a vencer, ou a morrer.

Em hum d'eſtes attaques, Barreto tomou hum dos Modeliares, ou Grandes Senhores do Reino, de quem ſoube que os inimigos eſperavaõ desfazelo em huma ponte, por onde era precizo neceſſariamente paſſar. O esforço com effeito foi alli muito grande, e os Portuguezes nunca ſe tinhaõ

Ann. de J. C. 1549.

D. JOAÕ III. REI.

JORGE CABRAL GOVERNADOR.

——— nhaõ visto taõ apertados. Barreto se livrou por huma astucia de guerra. Fez cortar as coxas das pernas do Modeliar, e dos outros presioneiros que tinha feito, para divertir a attençaõ dos inimigos, que naõ deixaraõ d'acodir a estes infelices. Neste tempo, Barreto tomou a passagem da ponte, que derrubou, depois de ter passado.

A sua marcha foi depois hum pouco mais soccegada; porém restava-lhe hum novo perigo, que naõ era menor que o primeiro. O seu caminho mais direito, e mais conhecido o obrigava a passar por Ceitavaca, de que o Rei naõ era menos poderozo, nem menos para temer, que o de Candé. Os Modeliares d'este Principe lhe aconselhavaõ que se aproveitasse d'esta occaziaõ, e lhe representavaõ pouco trabalho a destruir gente meia desfeita. Porém Madune nam tendo valor para isso, e retido por consideraçoens mais importantes, veio ao encontro de Barreto, fez-lhe muito acolhimento, e naõ omitio nada para lhe persuadir, que esta traiçaõ do Rei de Candé tinha sido traçada por seu irmaõ o Rei de Cota, que tinha grande interesse de o fazer suspeito. Barreto sabia bem

O

Ann. de J. C. 1549.

D. JOAÕ III. REI.

JORGE CABRAL GOVERNADOR.

o que devia crer; porém a neceſſidade em que ſe achava, o obrigou a diſſimular. Aproveitou-ſe dos favores d'eſte Principe perfido, e ſe tranſportou depois a Columbo, ſem ter perdido hum ſó homem. Alli foi logo inſtruido da verdade de toda eſta intriga pelos Embaixadores do Rei de Candé, que arrependido, ou temendo as conſequencias do ſeu máo procedimento, o tinha feito ſeguir para lhe dar as ſuas deſculpas, deitando toda a culpa da ſua perfidia ſobre Madune, que o tinha ſeduſido pelos ſeus máos conſelhos, e deitado neſte precipicio pelas ſuſpeitas que tinha feito naſcer no ſeu eſpirito, e por ter mudado as ſuas primeiras intençoens.

Eſta retirada de Antonio Moniz Barreto pode certamente ſer poſta entre as mais belas coiſas, que os Portuguezes fizeraõ nas Indias. Hum autor d'eſta Naçaõ naõ faz difficuldade de a pôr muito ſuperior á de Decio, quando paſſa de noite pelo meio dos Samnites, que o tinhaõ inveſtido no Monte Gaurus. Acçaõ que Tito Livio engrandeceo muito pelos ſeus elogios: Fora hum pouco exceſſivo comparala com a retirada dos dez mil.

O Rei de Candé, liſongeando-

Ann. de J. C. 1549.

D. João III. Rei.

Jorge Cabral Governador.

se de que as suas desculpas tinhaõ sido recebidas, estava tanto mais descançado, principalmente depois da partida de Barreto da Ilha de Ceilaõ, por saber ao mesmo tempo que os dois Principes de Cota tinhaõ morrido em Goa de bexigas. Porém vio-se logo engolfado nas maiores inquietaçoens da parte donde menos o esperava. Seu filho Principe herdeiro, lhe tinha aconselhado que soltasse os Padres de S. Francisco, que tinha feito prender, quando Barreto teve o aviso da sua traiçaõ por estes Padres. Este moço Principe tinha feito huma forte liga com elles, e tinha de modo gostado das verdades do Christianismo, que só lhe faltava o Baptismo para ser Christaõ. A protecçaõ que dava aos que se convertiaõ, tendo-o feito suspeito ao Rei seu pai, incorreo na sua indignaçaõ até tal ponto, que o Rei quiz fazer passar o direito de succeSSaõ a hum filho natural, que amava muito, e que o Principe herdeiro para sustentar a justiça da sua causa, se revoltou, tomou as armas, e se salvou nas montanhas com os que quizeraõ seguir a sua fortuna.

Os Religiosos de S. Francisco, que eraõ deste numero, aconselharaõ

este

este Principe a que recorresse ao Governador, a quem elles mesmos escreveraõ para lhe representarem a situaçaõ das coisas, e a necessidade de se aproveitar das conjuncturas. Estas noticias chegaraõ justamente no tempo que Jorge Cabral fazia partir 600 homens debaixo da conducta de Jorge de Castro seu tio materno, para soccorrer o Rei de Cota, contra quem Madune seu irmaõ se tinha de novo revoltado, de sorte que só teve que lhe recomendar, que attendesse aos negocios do Principe de Candé, depois que tivesse sugeitado o rebelde Madune.

ANN. de J. C. 1549.

D. JOAÕ III. REI.

JORGE CABRAL GOVERNADOR.

Castro tinha desembarcado á Columbo, o Rei de Candé que foi logo avisado pelos seus espias, recorreo ao seu primeiro arteficio. Enviou os seus Embaixadores ao General Portugues, para justificar tudo o passado, e offerecer-se a tudo o que fosse do serviço d'ElRei de Portugal: testemunharlhe que nada dezejava tanto como reconciliar-se com seu filho, e que presseverava sempre na vontade de se fazer Christaõ, rogando-lhe que lhe enviassem dois Religiosos de S. Francisco, para acabarem de o instruir.

Esta Embaixada deo muito gosto

Ann. de J. C. 1549.

D. Joaõ III. Rei.

Jorge Cabral Governador.

a Caſtro, que crendo muito ligeirámente neſtas apparencias exteriores, fez partir com os Embaixadores os dois Religioſos, que o Rei de Candé tinha pedido, e hum Official Francez que eſtava no ſerviço de Portugal, e doze ſoldados.

Caſtro com tudo pondo-ſe em marcha para Cota, Madune que tinha eſta Cidade ſercada, levantou-lhe o cerco com precepitaçaõ, e ſe retirou para á Cidade capital de Ceitavaca. Caſtro naõ o querendo deixar reſpirar, o ſeguio com todas ás ſuas tropas, e as do Rei de Cota, que acabava de livrar. Era precizo forſar na ſua derrota tres paſſagens fortificadas de trincheiras, e bons foſſos. Foraõ tomadas com muito vigor. Madune tendo-ſe depois apreſentado em campo raſo, os dois exercitos ſe attacaraõ com muita reſoluçaõ e animoſidade. Em fim depois d'huma grande, efuſaõ de ſangue, desfeito Madune, e desbaratado ſe retirou para os matos, e naõ ouſando fechar-ſe na Cidade, que abrio as ſuas portas ao vencedor, e foi ſaqueada, á excepçaõ dos Pagodes, nos quaes naõ tocaraõ em reſpeito ao Rei de Cota, que a ſua Religiaõ entereſſou em favor dos Templos dos ſeus

Deo-

Deoſes, e que naõ quiz conſentir que o aſilo lhe foſſe violado.

Madune privado de todo o remedio, recorreo á ſua diſimulaçaõ ordinaria, á clemencia de ſeu irmaõ, de que tinha abuſado muitas vezes para merecer que lhe perdoaſſe. Porém o Rei de Cota muito bom, quiz ainda recebelo na ſua graça, e reſtituir-lhe tudo o que lhe tinha tomado, debaixo d'algumas condiçoens, que o vencido aceitou.

ANN. de J. C. 1549.

D. JOAÕ III. REI.

JORGE CABRAL GOVERNADOR.

Jorge de Caſtro ſe diſpôz depois a paſſar para o Reino de Candé. O Rei de Cota fez quanto pôde para o deſviar d'eſte penſamento, aſſim como tinha uſado com Antonio Monis Barreto. Porém Caſtro, que tinha as ordens do Governador, ſeguio o ſeu conceito, e ſe pôz em caminho com as ſuas tropas, e as que os Reis alliados eraõ obrigados a dar-lhe. O Rei de Candé, que era aviſado todos os dias da ſua marcha, tinha fortificado a ſua Cidade, e ajuntou 40000 homens, naõ duvidando que com tantas forças naõ eſtiveſſe em eſtado de o opprimir. Caſtro marchava com huma grande ſegurança, e eſtava já á huma legoa de Candé ſem deſconfiar de couſa alguma, quando por effeito da

Pro-

Ann. de J. C. 1549.

D. João III. Rei.

Jorge Cabral Governador.

Providencia, o Official Frances efcapando dos feus guardas, veio dar-lhe avifo á entrada da noite, da nova perfidia do Rei. Havia pouco alli que deliberar; retrocedeo logo o caminho fazendo toda a diligencia poffivel. O Rei de Candé no outro dia fabendo da fua retirada, fahio côm toda a fua gente, foi cortar-lhe o caminho para o efperar nos desfiladeiros. Ou porque Caftro naõ tiveffe tanta fciencia como tinha moftrado Barreto em huma occafiaõ toda fimilhante, ou porque naõ podeffe tomar tanta auctoridade fobre os feus, que fe demandaraõ fem atenderem á fua vóz, nem á dos feus Officiaes, teve a infelicidade de fahir com tanta injuria, como Barreto tinha ganhado de gloria. Os inimigos muito fuperiores em numero achando os feus efpalhados, e em defordem, lhe mataraõ oitocentos, onde havia quatrocentos Portuguezes, os outros eraõ pela maior parte Chriftaõs do paiz, ou vaffallos do Rei de Cota.

Nem por iffo foi deixado; porque tendo entrado nos Eftados de Ceitavaca, Madune vendo-o desfeito, como he o coftume dos traidores, de tornarem fempre ao feu caracter de efpirito perfido, mandou-lhe ao encontro

frô hum Modeliar com 500 homens com o pretexto de lhe ſervirem de eſcolta, e de o conduſirem á ſua caſa. Caſtro preſentio a traiçaõ, e fingindo acceitar os offerecimentos d'eſte Principe, levantou o campo de noite para ſe ſalvar em Cota por caminhos deſviados. O Modeliar admirado, naõ achou ao outro dia no campo; ſe naõ as bagagens, e os feridos, a quem o perfido Madune fez cortar a cabeça, dizendo, que faria o meſmo ao General ſe tiveſſe ſido taõ imprudente, que ſe vieſſe meter entre as ſuas maõs. O Rei de Cota recebeo Caſtro com amiſade, naõ omitio nada para o conſolar da ſua deſgraça, e o proveo ſempre abundantemente de tudo até ao momento que ſe embarcou para tornar a paſſar para Cochim.

ANN. de J. C. 1549.

D. JOAÕ III. REI.

JORGE CABRAL GOVERNADOR.

As Molucas, e as outras Ilhas veſinhas, neſte Archipelago regadas com os ſuores de S. Franciſco Xavier fizeraõ na Religiaõ progreſſos taõ rapidos, que pareciaõ incriveis, e podem paſſar por milagroſos. Naõ ſe precizava menos que milagres, e milagres eſpantoſos, para eſtabelecer huma Religiaõ, que alguns Portuguezes differentes entre ſi meſmo, e dos da ſua Naçaõ, trabalhavaõ, no que pare-

Ann. de J. C. 1549.

D. Joaõ III. Rei.

Jorge Cabral Governador.

rece a dezacreditala com todas as ſuas forças, por coſtumes taõ diſſolutos, injuſtiças taõ enormes, acçoens taõ vergonhoſas, que faziaõ horror á natureza, e pareciaõ barbaras aos meſmos barbaros. Porque eſta pequena quantidade de facinoroſos, que naõ conheciaõ nem Senhor, nem leis, naõ omitiaõ nada, ao que parece, para ſe fazerem aborrecer d'eſtes pobres povos, que tendo-os acolhido com humanidade, tiraniſados depois por elles, naõ deixavaõ com tudo de os amar; ainda que foſſem indignos, naõ podendo reſolver-ſe a confundir com alguns culpados, as peſſoas de bem d'eſta Naçaõ, que naõ ſe acautelando de terem parte nas ſuas deſordens, ſentiaõ elles meſmos naõ lhas poderem impedir.

O Rei de Baçaim recebeo o Baptiſmo, com a maior parte dos ſeus vaſſallos. Muitos Principes, e Senhores fizeraõ o meſmo nos Eſtados, e meſmo nas familias d'aquelles que eraõ mais oppoſtos á Religiaõ. A Religiaõ com tudo foi em muitos lugares hum motivo de guerra, e perturbaçaõ. Alguns deſtes Reis, e deſtes Principes fizeraõ honra á fé, eſtimando antes ſofrer a perda dos ſeus Eſtados,

dos, e da mesma vida, do que renunciala. Vieraõ pelo contrario Cidades inteiras a abjurala com tanta facilidade, como a tinhaõ tido em a abraçar. Os Portuguezes tomaraõ sempre parte nestas guerras. O maior numero pelo espirito de zelo, alguns outros, que no fundo do coraçaõ tinhaõ pouco, ou nada de Religiaõ, hum pretexto para cobrirem as differentes paixoens d'enteresse, e de cubiça, que os animavaõ. Deste modo estavaõ sempre com as armas na maõ, humas vezes contra os Castelhanos, outras divididos entre si, e armados huns contra os outros, e sempre contra os naturaes do paiz. Assim naõ se falava d'outra cousa, se naõ nos corsos perpetuos que faziaõ nestas Ilhas, onde posto que em muito pequeno numero, mas sempre com huma superioridade fatal, naõ pareciaõ se naõ flagellos, e levavaõ a toda a parte a destruiçaõ, e dessolaçaõ. Os Reis de Gilolo, e de Tidor foraõ as tristes victimas, como tambem o de Ternate.

Naõ he o meu disignio entrar na relaçaõ de todas estas pequenas acçoens, que saõ muito pouco consideraveis por huma parte, e muito terriveis pela outra. He bom lançar hum

veo

Ann. de J. C. 1549.

D. João III. Rei.

Jorge Cabral Governador.

veo sobre todos estes horrores; e para naõ ser mais obrigado a tornar aqui, vou acabar o que pertence ás Molucas, pondo debaixo d'hum só golpe de vista, tudo o que padeceo o Rei Aciro o ultimo dos filhos de Boleife, em mais de 35 annos que esteve no Trono, até ao seu fim infelis, e á vingança que d'isso se tomou.

Hum autor Italiano illustre, mal instruido do que pertence a este Principe, no-lo representa como hum homem que naõ tendo outra Religiaõ mais que a da sua ambiçaõ, era com tudo isto hum velhaco taõ sagas, que parecia sempre dezejar com ardor a vantagem d'aquelles, que tinha mais dezejo d'enganar. Christaõ de inclinaçaõ com os Portuguezes, e Musulmano zeloso com os Mahometanos, soube revoltar huns contra os outros, e escapar sempre aos olhos mais perspicazes. Pelo meio do que, além das Ilhas de Ternate, de Machian, de Timor, e algumas outras da dependencia das Molucas, se fez tambem senhor das Ilhas do More, e d'huma grande parte da d'Amboine, aspirando á Monarchia universal d'estas pequenas Ilhas. Parecia ao mesmo tempo taõ fiel aos partidos oppostos, e prin-

Ann. de J. C. 1549.

D. JOAÕ III. REI.

JORGE CABRAL GOVERNADOR.

principalmente aos Portuguezes, que quando elle mesmo fazia maior mal, fazia desvanecer ao mesmo tempo todas as suspeitas; e naõ percebe-raõ as suas velhacarias, se naõ quando se tinha feito muito poderoso, e se viraõ obrigados a poupa-lo, contra sua vontade.

He verdade que elle nunca abra-çou a Religiaõ Christam, posto que elle se aprezentasse em differentes tem-pos para receber o Baptismo, e pode ser que seja isto o que tem causado a idéa desavantojosa d'quelles, sobre as memorias dos quaes este Autor es-creveo. Porque elles pretenderaõ que com effeito elle aborrecesse mortalmen-te os Christaõs, ainda que no exte-rior os favorecesse em tudo, até ao ponto que os Missionarios, exigindo a separaçaõ dos Christaõs, e dos Mu-sulmanos, acçaõ que devia natural-mente ter grandes inconvenientes, sendo todas as familias divididas, em materia de Religiaõ, Aeiro obrigou todos os seus vassallos a esta triste se-paraçaõ, e disto deo elle mesmo o primeiro exemplo na sua propria casa, donde fez sahir duas de suas irmans, e huma de suas mulheres, que se ti-nhaõ baptisado.

Com

ANN. de J. C. 1549.
D. JOAÕ III. REI.
JORGE CABRAL GOVERNADOR.

Com tudo para fazer a justiça que he devida á verdade, eu naõ posso deixar de dizer, que todos os Autores Portuguezes, que tem escrito a Historia da Conquista das Indias, affirmaõ d'este Principe, que em 35 annos de reinado, foi por tal modo unido á sua Naçaõ, como ninguem o foi já mais com tanto zelo, e lealdade, e que todas as suas disgraças, e a sua morte mesmo, naõ foraõ occazionadas se naõ pela fidelidade, que elle teve sempre em sustentar os enteresses da Coroa de Portugal contra as vistas do enteresse pessoal dos Governadores de Ternate, e dos outros Officiaes, que se ajustavaõ a defraudar os direitos do Rei.

Era este zelo tanto mais admiravel por ser menos natural, que ninguem tinha sido mais maltratado dos Portuguezes do que este Principe. Duas vezes os Governadores de Ternate o tinhaõ enviado a Goa carregado de ferros. Duas veses D. Joaõ de Castro o restituhio com toda a sorte d' honras. Jordaõ de Freitas, de quem tinha tido mais occasiaõ de se queixar, sendo enviado Governador ás Molucas por Jorge Cabral, foi para elle huma nova mortificaçaõ. Freitas, e elle naõ se

ſe viaõ nunca; com tudo naõ perdeo nada do ſeu affecto aos Portuguezes, e naõ omitio nada do que era do ſerviço da Coroa, até ſe incommodar elle ſmeſmo conſideravelmente, para ſatisfazer á cubiça dos particulares, com tanto que naõ foſſem contrarios ao ſerviço.

ANN. de J. C. 1549.

D. JOAÕ III. REI.

JORGE CABRAL GOVERNADOR.

Foi muito pior para eſte pobre Principe, quando Duarte Deça entrou no Governo perto do anno de 1557. Era eſte hum homem ſeco, arrebatado, e d'huma cobiça extrema. Com eſtes defeitos, naõ ſe podia ajuſtar muito tempo com hum Principe taõ differente de coſtumes, e temperamento. Elles ſe embaraçaraõ, e eſte homem violento chegou até ao ponto de arrebatar o Rei com ſua tia, e o Cachil Guzarrate ſeu irmaõ materno. Fez-lhes lançar ferros aos pés, maõs, e peſcoço, e os fez amarrar á huma peça na Cidadella, prohibindo que lhes deſſem de comer. O clamor geral dos Portuguezes, e dos Ilheos o obrigou a conſentir que a caſa da Miſericordia provêſſe no ſeu ſuſtento. Tentou depois envenenalos pela agua que bebiaõ. Alguns Autores dizem que o veneno ſe deſcubrio pela virtude d'huma pedra, que o Rei trazia em hum anel: ou-

Ann. de J. C. 1549.

D. João III. Rei.

Jorge Cabral Governador.

outros asseguraõ que elle foi realmente envenenado, e que se curou sabendo habitualmente hum páo, que he hum antidoto contra todas as qualidades de venenos.

A prisaõ d'Aeiro soblevou todas estas Ilhas, cujos habitantes posseraõ no seu Trono o Cachil Babu seu filho mais velho. Os Portuguezes se viraõ entaõ á braços com huma guerra, no tempo da qual Deos favoreceo as suas armas em algumas occasioens, como se a sua causa fosse justa. Foraõ com tudo redusidos a grandes necessidades pelo decurso do tempo, sem que as calamidades publicas, e o perigo em que estavaõ de perder tudo, abrandassem o coraçaõ de Deça. O Rei julgou acelerar o seu livramento fazendo dizer pelos seus amigos a Babu, que apanhassem o Padre Affonso de Castro, superior dos Jesuitas de Ternate, que voltava da sua carreira Apostolica, e pelo qual elle poderia ser trocado. Castro foi apanhado, e tratado humanamente pelo Principe Babu; porém Deça que aborrecia este Padre estimou antes deixalo morrer, do que escutar alguma proposiçaõ, e consentir no livramento do Rei por huma tal troca. Babu fez quanto póde por salvar

var

var a vida a Caſtro, porém os Ilheos que o tinhaõ apanhado, ſendo os ſenhores da ſua ſorte, lhe fizeraõ padecer o martyrio, matando-o em odio da ſua Religiaõ, por hum eſtranho modo de ſupplicio. Aeiro teria apodrecido nos ſeus ferros, ſe depois d'hum anno, e meio de priſaõ, a compaixaõ que todos tinhaõ d'elle, e o odio que tinhaõ concebido a Deça, naõ tiveſſe armado os Portuguezes contra eſte ultimo, que depoſeraõ, e meteraõ nos meſmos ferros, em que elle tinha tido o Rei.

ANN. de J. C. 1549.

D. JOAÕ III. REI.

JORGE CABRAL GOVERNADOR.

Eſta mudança de fortuna reſtabeleceo a tranquilidade, e ſocegou os animos. Aeiro ſempre o meſmo a reſpeito dos Portuguezes, goſou por alguns annos da doçura da boa correſpondencia, que tinha cuidado de entreter com elles. Manoel de Vaſconcellos lhe deo hum novo diſgoſto, que teria perdido tudo, ſe foſſe feito a outro qualquer. Porque o obrigou a renunciar á ſua Soberania nas maõs d'ElRei de Portugal em virtude da ceſſaõ de Tibarija, e acontentar-ſe com o titulo de ſeu Tenente General, a que elle obedeceo ſem replica. Porém em fim a boa correſpondencia foi perturbada inteiramente perto do anno de

1570

Ann. de J. C. 1549. D. Joaõ III. Rei.

Jorge Cabral Governador.

1570 no Governo de Diogo Lopes de Mesquita, máo homem, e pior cem vezes do que era Deça.

A causa do odio d'este, foi recusar-lhe o Rei algumas Caracoras que lhe tinha prometido, julgando que eraõ para o serviço d'ElRei de Portugal; porém que as naõ quiz dar, tanto que soube que haviaõ ser empregadas no enteresse particular d'este Governador. A occasiaõ da ruptura, consequencia triste d'este odio fatal, foi a morte d'hum dos sobrinhos do Rei, assacinado, sem que por isso se fizesse a menor justiça, nem ainda a menor devassa. Tres Portuguezes sendo depois mortos em vingança deste primeiro assacinio, sem que o Rei fizesse muita diligencia para punir os culpados, as coisas foraõ levadas taõ longe que todos os Portuguezes correraõ risco de serem as victimas d'huma conjuraçaõ secreta, de que a bondade do Rei suspendeo o effeito.

Este Principe consentio mesmo em huma negociaçaõ, e em huma practica, onde a paz foi jurada sollemnemente entre elle, e o Governador. Aeiro quiz, que Mesquita jurasse sobre hum Missal. Jurou elle mesmo sobre o seu Mosaf, ou o livro da sua lei, e to-

tomou o Efcudo de Portugal, que eftava fobre a porta da Fortaleza, por penhor da fantidade, e fidelidade dos feus juramentos.

ANN. de J. C. 1549.

Alguns dias depois, para moftrar a finceridade, e a rectidaõ das fuas intençoens, veio á Cidadella acompanhado d'hum de feus filhos chamado Mufa, e de alguns Fidalgos, fem armas, e fem defenfa. Eftava elle veftido com hum fobretudo carmefi, com hum chapeo de palhinha na cabeça, e huma bengala na maõ. Era hum negocio importante, e do ferviço do Rei que o condufia. O Governador que tinha já tentado fazelo matar, o recebeo mal, e perceberaõ das lagrimas que corriaõ dos olhos do Rei, que devia com effeito ter fido muito maltratado, o que pareceo tambem pelas palavras que deixou efcapar, que naõ podiaõ entender. O Governador fe feparou delle defcortefmente, e feu fobrinho Martim Affonfo Pimentel, taõ máo com feu tio, continuou a converfaçaõ fempre em voz baixa, e com hum modo muito injuriofo. Em fim efte perfido facinorofo depois de o ter ultrajado com os feus difcurfos, lhe deo tres punhaladas. Sentindo-fe elle ferido gritou: „

D. JOAÕ III. REI.

JORGE CABRAL GOVERNADOR.

Ann. de J. C. 1549.

D. João III. Rei.

Jorge Cabral Governador.

„ Ah ! Senhores, porque fazeis morrer „ rer assim o mais fiel vassallo d'El- „ Rei meu Senhor, e vosso amo ? „ Dizendo isto foi morrer sobre huma pessa d'artilheria onde estavaõ gravadas as armas de Portugal, que tinha tomado para testemunho dos seus juramentos, e que parecia invocar abraçando-a como o vingador d'esta indigna perfidia. Hum dos Fidalgos da sua comitiva morreo com elle. Musa, e os outros se salvaraõ. O pouco caso que Mesquita fez deste assacinio, e a horrivel brutalidade comque elle fez esquartejar o corpo, fechar em huma caixa, e deitar no mar, sem o querer entregar ás instancias, que para isso lhe fizeraõ a Rainha viuva, e seus filhos, que o pediaõ para lhe darem huma sepultura conveniente, mostraraõ bem que elle tinha tido parte nesta morte, da qual todas as provas o faziaõ culpado.

Por este modo morreo em 1570. Aeiro o ultimo dos filhos de Boleife, que naõ recebeo dos Portuguezes, por total recompensa dos seus serviços pessoaes, e dos de seus filhos, mais do que affrontas sem numero acabadas pela morte funesta de ambos.

A de Aeiro foi como o sello, e

o

o ultimo periodo a que tinhaõ chegado os crimes dos Portuguezes nas Molucas. Deos que he o justo vingador, mostrou ter posto este termo á tantas insolencias. Os Ilheos tiveraõ d'isto hum horror que seria dificil explicar. Começaraõ por abandonarem a sua Cidade, a qual era contigua á Fortaleza. Retiraraõ-se para o centro das terras, onde os Portuguezes naõ podiaõ chegar. Construiraõ alli hum forte, onde podessem defender-se das incursoens, e em todo o tempo que durou este trabalho, naõ fizeraõ nenhuma hostilidade. Quando estiveraõ promptos, começaraõ a tomar medidas para á ruina total d'aquelles, que consideravaõ como falsos alliados, peores que os inimigos mais terriveis.

A Providencia os ajudou; os Governadores Geraes cuidaraõ pouco em mandar ás Molucas os soccorros necessarios: os que alli enviavaõ, ou lá naõ chegavaõ, e acabavaõ antes d'chegarem, ou chegavaõ muito tarde, ou se faziaõ inuteis pelas divisoens intestinas, e domesticas. Em fim Babu filho d'Aeiro, depois de muitos annos, concorrendo para isto mais os Portuguezes, do que Babu com as suas forças, se

Ann. de J. C. 1549.

D. Joaõ III. Rei.

Jorge Cabral Governador.

fez Senhor da Fortaleza d'elles em 1581. E entrando disse: „ Que recebia „ esta praça como hum penhor, que „ entregaria a ElRei de Portugal quan- „ do lhe desse satisfaçaõ da morte de „ seu pai. „ Quiz elle fazer hum auto autentico desta declaraçaõ, e tratou com muita bondade os presioneiros. Outro qualquer os teria sacrificado á sua vingança. Deos castigou isto na pessoa de Affonso Pimentel, que morreo desesperado, d'huma molestia chamada no paiz *Berber*. ElRei de Portugal enviou tambem ordem que transportassem Diogo Lopes de Mesquita em ferros a Ternate, para lhe fazer padecer o ultimo supplicio: porém indo lá, os habitantes da Ilha de Java tendo apanhado o navio, e matado todos os que nelle estavaõ, Mesquita alli morreo com os outros, tendo-se defendido com muito valor, naõ obstante o pezo das cadeas de que estava carregado. Gonçalo Pereira Marramaque, que tinha consentido no assacinio, morreo de disgosto indo para Amboine. Em fim os Portuguezes odiados, pelos crimes de alguns miseraveis da sua Naçaõ, foraõ absolutamente expulsados pelos Iheos d'estas Ilhas, de que os Holandeses saõ hoje Senhores.

Os

Os Autores Portuguezes attribuem as desordens dos seus nacionaes nas Molucas, onde elles se conportaraõ muito differentemente do que commumente faziaõ n'outra parte, á esperança da impuniçaõ fundada sobre a demora das sentenças que podiaõ ter as suas acçoens, e sobre a incerteza destas sentenças. Precizavaõ-se annos, para poderem trazer a Portugal as queixas das desordens, e se precizavaõ annos para receberem a resposta. E como no pequeno numero, e a parcialidade dos que escreviaõ, se achavaõ contradiçoens inexplicaveis, era impossivel, ou quasi impossivel pronunciar sobre relaçoens taõ differentes. He precizo acrecentar, que os que tinhaõ as commissoens d'estes governos, sendo favorecidos dos Governadores Geraes, ou Vice-Reis, de quem eraõ parentes, ou creaturas, ou aquem pagavaõ grossas pensoens, os seus crimes eraõ sempre paliados, e desfarçados.

Ann. de J. C. 1549.

D. JOAÕ III. REI.

JORGE CABRAL GOVERNADOR.

1550.

1551.

As desordens que reinavaõ entre os Portuguezes de Malaca, eraõ differentes dos das Molucas de que acabamos de falar. Porém ellas eraõ taes que provocavaõ a justiça de Deos, que tendo algum tempo suspensos os sig-

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

Ann. de J. C. 1551.

D. João III. Rei.

D. Affonso de Noronha Vice-Rei

signaes da sua colera sobre esta Cidade dissoluta, os arremessou em fim conforme a predicçaõ que lhe tinha feito S. Francisco Xavier. Aladim Rei d'Ujentane, foi o instrumento, de que se servio tambem para executar as suas vinganças. Este Principe inquieto, e sempre desejozo de entrar no seu antigo Patrimonio, tinha feito huma nova liga com muitos Principes visinhos, e com a Rainha de Japara, na Ilha de Java. As suas forças estavaõ reunidas em Jor, onde fazia a sua residencia. Achou-se alli hum exercito de dez mil homens, e de mais de 200 embarcaçoens de differentes especies, entre as quaes havia 25 Juncos da Rainha de Japara.

Para enganar os Portuguezes, Aladim fez divulgar que os seus preparativos eraõ para se por em defensa contra o Rei d'Achem que o ameaçava; enviou hum Embaixador a D. Pedro da Silva Gama, filho do Almirante D. Vasco da Gama, que era entaõ Governador da Cidade. O Embaixador era filho do famoso Laczamana seu Almirante. Este velho prudente, e experimentado tinha sido contrario a esta guerra de que via a pouca justiça, e naõ esperava fructo al-

algum. Porém naõ sendo seguido o seu conselho, informou o Governador por huma carta particular que o Embaixador lhe remeteo, e que era bem differente d'aquella que elle levava como Embaixador. Porque ella avisava Silva dos disignios secretos d'Aladim, da cubiça que elle tinha d'assaltar Malaca, e de lhe conhecer as forças por meio de seu filho, que tinha obrigado a acceitar esta Embaixada, em que naõ devia propriamente fazer mais que o officio d'espia.

Silva dissimulou, tornou a mandar o Embaixador com grossos prezentes, e se pôz em defensa. Naõ teve elle mais do que o tempo de evitar o primeiro assalto. Esta frota formidavel veio ancorar a Malaca, no mes de Janeiro do anno de 1550. ou 1551. Aladim queimou os Navios que se achavaõ fora do tiro de canhaõ da Fortaleza, e tendo depois descido, tomou todos os arredores de Cidade, e tomou os seus quarteis nos suburbios. D. Garcia de Menezes, que o Vice-Rei D. Affonso de Noronha enviou ás Molucas, para substituir Jordaõ de Freitas, animou hum pouco o valor dos sitiados. Aladim que o vio chegar com prenhes velas, destacou so-

Ann. de J. C. 1551.

D. Joaõ III. Rei.

D. Afonso de Noronha Vice-Rei

ſobre elle 50 lanchas commandadas por Lac-zamana em peſſoa. Menezes brigou com tanto valor e honra, que metendo á pique a lancha do Almirante, o qual foi morto com hum tiro de canhaõ, e ſeu filho, e ſeu genro: decipou o reſto d'eſta frota, e veio ancorar debaixo do forte todo triumphante.

Menezes naõ goſou muito tempo d'eſta victoria, porque fazendo alguns dias depois huma ſortida para ganhar huma peça d'artilheria, que os inimigos tinhaõ aſſeſtado para á frente da ponte, alli foi morto; os inimigos ganharaõ a ponte, e a Cidade onde fizeraõ huma preſa de mais de hum milhaõ, tomaraõ mais de 20$ eſcravos, e os Portuguezes depois de perderem mais de 50 dos ſeus, tiveraõ muito trabalho para ganharem a Fortaleza, ſuſtentados pelo Governador que tinha ſahido para favorecer a ſua retirada.

Paſſado algum tempo, os inimigos deraõ á Fortaleza hum aſſalto geral, em que lhes ſuccedeo mal. Niſto foraõ obrigados á prevençaõ que tinha tomado Silva, pelo conſelho d'hum ſimplez ſoldado, de diſpor ſecretamente ſobre os muros hum grande nume-

ro

ro de antenas, e maſtros, que largados a tempo ſobre as eſcadas dos ſitiantes, as quebraraõ todas, e mataraõ 500 peſſoas.

Ann. de J. C. 1551.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

Huma expediçaõ que ſugerio o meſmo ſoldado teve melhor ſucceſſo. Padeciaõ fome na praça, comiaõ até as immundices, ſegundo o ordinario dos grandes cercos. Aconſelhou a Silva que preparaſſe quantos Navios tinha, que os enviaſſem para procurarem viveres em qualquer parte que foſſe; porém que ao meſmo tempo divulgaſſe que lhes tinhaõ ordenado, que foſſem pôr tudo á ferro, e fogo nas terras dos Principes alliados. O expediente aproveitou. Todos eſtes Principes ſe deſtacaraõ para correrem á defender os ſeus pequenos Eſtados. Pouco depois Gil Fernandes Carvalho tendo chegado com alguuns ſoccorros, attacou o quartel dos Javas, que continuavaõ o cerco, e os pôz de tal ſorte em deſordem, que morreraõ mais de 2ↀ. ou na acçaõ, ou na precipitaçaõ com que procuravaõ as ſuas embarcaçoens para ſe ſalvarem. A ſua morte foi com tudo bem vingada depois da ſua fugida. Hum poſſo que elles tinhaõ envenenado fez morrer mais de duzentos Portuguezes, de que

naõ

Ann. de J. C. 1551. D. João III. Rei. D. Affonso de Noronha Vice-Rei

naõ poderaõ evitar a perda por conhecerem muito tarde a caufa do mal.

S. Francifco Xavier que tinha predicto efta calamidade a vio em efpirito, pofto que muito diftante, avifou d'ifto os Portuguezes que eftavaõ com elle. Porém como elles naõ eftavaõ nem a tempo, nem no eftado de foccorrer Malaca, he crivel que efte grande Santo a foccorreo elle mefmo pelo fervor de fuas preces, e que efta Cidade lhe foi entaõ obrigada por lhe ter evitado a fua ruina inteira.

Efte grande Santo eftava entaõ no Japaõ, onde foi o primeiro que lhe levou a luz do Evangelho.

O Imperio do Japaõ, chamado Niphon pelos do paiz, confifte em hum ajuntamento de Ilhas as mais altas de todas as que formaõ o Archipelago, que chamaõ commumente de Sunda no mar do Sul, e que eftaõ ao meio dia das primeiras. Ao Oriente tem toda efta terra da America que fe eftende para Caliphornia. Ao Occidente a Penirfula de Correa, á qual fe vaõ ajuntar a China, e ao Norte a terra de Veffo, de que ainda fe duvida, fe ella mefmo he huma Ilha, ou huma producçaõ d'efta parte do continente, por onde crem mui-

muito provavelmente que as terras da Asia se ajuntaõ ás da America, e por onde he muito verosimil que passaraõ a maior parte das Naçoens differentes, que povoaraõ esta quarta parte do mundo.

Entre estas Ilhas ha tres principaes, as quaes saõ divididas em muitas outras, e nas quaes se comprehendiaõ até 78 Reinos, cujos Soberanos eraõ n'outro tempo os vassallos d'hum só Monarcha chamado o Dairi, ao qual pela serie dos tempos, o Cubo, hum dos grandes Officiaes da sua Coroa lhe tirou d'ella os melhores floroẽs, separando todo o temporal, para o redusir só ao espiritual, o que naõ impede que elle seja ainda hum muito poderoso Principe, e huma especie de Divindade, á qual os Imperadores, que se levantaraõ sobre as ruinas do seu poder, fazem muito grandes honras.

A origem dos Japoneses he muito antiga; porém cheia de fabulas como as dos outros povos. Eu naõ posso approvar a opiniaõ d'aquelles que os consideraõ como huma colonia dos Chineses. Eu naõ me fundo tanto na differença do seu caracter, como sobre a da sua lingoa, e d'infi-

Ann. de J. C. 1551.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

Ann. de J. C. 1551.

D. João III. Rei.

D. Afonso de Noronha Vice-Rei

finitas outras conſideraçoens de que ſeria muito longa a ſua relaçaõ. Se naõ foſſe a infelicidade, que fechou a porta d'eſte vaſto Imperio á Religiaõ Chriſtã, e aos Sabios, pode ſer que tiveſſem podido tirar algumas luzes dos ſeus livros antigos, e do commercio que tiveſſem com os meſmos Bonzos, que ſaõ os Doutores, e os interpretes da ſua lei.

A Idolatria, que he a Religiaõ do paiz, eſtá alli em taõ grande veneraçaõ como o pode eſtar em qualquer outro paiz da Gentilidade. A examinar como he precizo, todas eſtas Religioens do Paganiſmo, ainda florecente em todo o Oriente, veriaõ que ellas ſe referem todas humas ás outras, que naõ parecem differentes ſe naõ nos differentes nomes barbaros das Divindades que adoraõ, e que tem quaſi em toda a parte os meſmos uſos, as meſmas ceremonias, e os meſmos principios. O Japaõ he cheio de Templos ſoberbos, de Communidades da Bonſos, e de eſpecies de Religiozos, e Religiozas, que ſaõ em taõ grande numero que excedem a idéa, que delles ſe podem formar, e que apenas daõ credito ás noticias que tem dado os que diſto tem feito relaçoens.

O

Ann. de J. C. 1551.

D. João III. Rei.

D. Affonso de Noronha Vice-Rei

O Imperio do Japaõ naõ cede qùasi em nada ao da China nas ſuas riqueſas, na magnificencia dos ſeus edificios na fertilidade das ſuas terras, na induſtria dos ſeus habitantes, na variedade das Artes, e Sciencias, na politica do ſeu Governo, na abundancia do ſeu commercio, e na multiplicidade daquellas vantagens que fazem huma Naçaõ civilizada, eſtimavel, e reſpeitavel áquelles que a conhecem. Os Japoneſes moſtraõ conſentir elles meſmos em huma eſpecie de ſuperioridade, que os Chineſes tem ſobre elles, e neſte ponto fazem juſtiça a eſta Naçaõ, cuja Monarchia ſe tem conſervado por tantos ſeculos em huma taõ alta reputaçaõ de prudencia. Vencem com tudo em muitas coiſas os Chineſes, tem mais vivacidade no eſpirito, mais nobreſa no ſentimento, mais delicadeſa nos pontos d'honra, mais ſinceridade, e fidelidade no commercio, mais goſto para o luxo, o fauſto, e a deſpeza. Além d'iſto ſaõ bons ſoldados, valentes, e intrepidos no perigo, e deſprezaõ de modo a vida, que excede toda a imaginaçaõ; deſprezo notado pelo ſangue frio comque elles meſmos ſe mataõ, abrindo o ventre em crus, quando a ſua Religiaõ os

obri-

Ann. de J. C. 1551.

D. Joaõ III. Rei.

D. Affonso de Noronha Vice-Rei

obriga a ſervir no outro mundo, por aquelles a quem ſaõ conſagrados, oũ quando ſe vem obrigados pelo temor de certas diſgraças, que querem acautelar por huma morte nobre, e voluntaria.

Os primeiros dos Européos que abordaraõ no Japaõ, foraõ tres Portuguezes chamados Antonio da Mota, Franciſco Zeimoto, e Antonio Peixoto. Os Portuguezes eſtavaõ muito empenhados a procurararem naquellas partes huma Ilha imaginaria, a que davaõ o nome d'Ilha d'ouro. Muitos morreraõ, ou deraõ paſſos muito inuteis neſta diligencia quimerica. Eſtes tres naõ a procuravaõ. Tinhaõ-ſe embarcado n'hum Junco para hirem á China. Huma d'eſtas violentas borraſcas, que chamaõ Typhoens neſtes mares, os levou contra vontade para huma das Ilhas de Japaõ, que tocaraõ ſó por naufragio. O Senhor da Ilha os recebeo com muita humanidade, e moſtrou muito dezejo de ſe ligar com os da ſua Naçaõ para ſe aproveitar do ſeu commercio. A riqueſa do pais, e as relaçoens que eſtes delle fizeraõ, quando tornaraõ para ás Indias, deraõ muito goſto aos Portuguezes para ſe eſtabelecerem alli como tinhaõ feito nóutras partes.

Se-

Ann. de J. C. 1551.

D. João III. Rei.

D. Afonso de Noronha Vice-Rei

Sete annos depois, S. Francisco Xavier alli entrou conduſido por hum Japones, que os prodigios que elle tinha ouvido contar d'eſte homem milagroſo tinhaõ obrigado a fazer a viagem das Indias unicamente para o conhecer. A viſta, e a converſaçaõ de Xavier, que elle encontrou em Malaca, quando voltava das Molucas, encheraõ, e excederaõ ainda a idéa que d'elle tinha formado. Fes-ſe Chriſtaõ com dois criados Japonezes que o ſeguiaõ, e tomou o nome de Paulo de Santa Fé no Baptiſmo, ao qual foi depois ſempre taõ fiel, que ſe pode dizer que a élle he que o Japaõ deve a primeira obrigaçaõ dos grandes progreſſos que alli fez depois a Religiaõ.

Depois de ter feito as ultimas honras ao Vice-Rei D. Joaõ de Caſtro, e provido nas differentes Miſſoens das Indias como Superior, Xavier ſe embarcou para tornar para Malaca com os tres Japoneſes, e dois Religioſos da ſua companhia, que elle queria aſſociar aos ſeus trabalhos na conquiſta d'eſte grande Imperio. Naõ havia no porto de Malaca nenhum Navio que foſſe para o Japaõ, excepto hum Junco conhecido pelo nome

de

Ann. de J. C. 1551.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

do Junco do ladraõ, porque pertencia a hum celebre Pirata, que se se tinha feito formidavel em todos estes mares. O grande Apostolo, que tinha já vencido infinitos obstaculos, que se tinhaõ formado para o desviarem do seu disignio, venceo tambem este, e buscando com confiança o Pirata, ajustou com elle a sua passagem, e dos seus companheiros. O Pirata lhe foi fiel, e o transportou a Cangoxima no Reino de Saxuma.

Paulo de Santa Fé recebeo os seus hospedes na sua patria, e na sua caza, e os tratou d'hum modo conforme á grande estimaçaõ que delles fazia. Procurou-lhes hum accesso favoravel para com o Rei, que lhes deo hum amplo poder para pregarem o Evangelho. He verdade que tendo só ainda os primeiros elementos da lingoa, naõ poderaõ fazer no principio grandes fructos por si mesmos. Paulo lhes servia d'interprete, e por meio d'elle converteraõ hum cento de pessoas. Levada entaõ a noticia a Cangoxima, de que hum Navio Portugues tinha chegado a Firandó, a vontade do Rei, que vio com pena os seus visinhos aproveitar-se d'hum commercio de que elle queria só ter todo fru-

fructo, se esfriou a respeito dos Missionarios, e lhes fez retractar a permissaõ que lhes tinha dado.

Ann. de J. C. 1551. D. JOAÕ III. REI. D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

Xavier tendo recomendado a Paulo a Missaõ que estava nacendo, passou á Firandó com os seus companheiros. Teve quando chegou alli as mesmas licenças que tinha tido em Cangoxima, e alli fez mais conquistas para Jesus Christo em poucos dias, do que tinha feito nesta primeira Cidade no decurso de quasi todo hum anno. A grande idéa de Xavier era d'hir a Meaco capital do Imperio, e de penetrar até aos pés do Trono do Imperador na esperança de mover este Principe, e de obter d'elle hum aresto favoravel á Religiaõ para toda a extençaõ dos seus Estados. Nada o pôde desviar d'este pensamento, nem a diligencia dos Portuguezes, que se esforçavaõ para o reter; nem os inconvenientes, que havia para estrangeiros emprehenderem huma taõ longa viagem sós, e sem algum soccorro humano. Deixou finalmente Cosme de Torres em Firandó, e partio acompanhado de Joaõ Fernandes, com o qual chegou poucos dias depois á Amanguchi.

Esta Cidade situada cem legoas d's-

ANN. de J. C. 1551.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI I

distante de Firandó era entaõ vasta, e muito povoada, e d'hum grande commercio, como naõ foi depois, sendo arruinada por guerras. Xavier, e o seu companheiro alli quiseraõ pregar a fé. O mesmo Rei dezejou ouvilos, e depois de os ouvir, naõ lhes testemunhou mais do que huma perfeita indifferença, que podia proceder do seu desprezo; porém o povo, e a Nobresa excitados pelos Bonzos, naõ lhes fizeraõ mais do que insultos, que na verdade satisfizeraõ á sua humildade, e ao dezejo que tinhaõ de padecer; porém que inteiramente naõ contentaraõ ao seu zelo.

Continuando em fim a sua derrota para Meaco, chegaraõ lá depois de immensas fadigas. O estado pobre em que se achavaõ naõ lhes permitio terem audiencia do Imperador, e foraõ obrigados a voltar para Firandó com os mesmos trabalhos. Pondo-se alli Xavier em hum estado mais decente, e tomando comsigo as cartas do Rei, e as que os Governadores das Indias lhe tinhaõ dado para os Principes do Oriente, e os presentes que D. Pedro da Silva Gama Governador de Malaca lhe tinha dado com liberalidade para d'elles fa-

zer

zer hum tam bom uſo', ſe pôz á caminho para tornar á Amanguchi.

Recebendo o Rei entaõ Xavier com mais honra, os Miniſtros Evangelicos começaraõ a pregar com mais tranquilidade, porém com muito pouco fructo. A pobreza do ſeu veſtido, e ainda mais da ſua lingoa eſtropiada, formava o maior obſtaculo aos ſeus Santos dezejos; elles os venceraõ mais pelos prodigios que fez Xavier, e pelos exemplos d'huma virtude, que pareceo ainda mais milagroſa. A paciencia de Fernandes, que ſofreo com paciencia hum eſcarro, comque lhe cobriraõ a cara, moveo logo os eſpiritos em ſeu favor. Viraõ depois Xavier falar no meſmo tempo differentes lingoas, ſatisfazer á muitas queſtoens com huma ſó repoſta. Milagres d'eſta eſpecie naõ podiaõ ſer ſem grandes fructos: porém eſtes fructos naõ foraõ ſem grandes contradiçoens, principalmente da parte dos Bonzos. O Rei d'Amanguchi foi a victima. A protecçaõ, que elle deo aos Miſſionarios, cauſou huma revoluçaõ em que perdeo a vida com os ſeus Eſtados, ſem ter a felicidade de ter d'iſto algum merecimento diante de Deos. Cortou elle meſmo a cabeça de ſeu filho, abrio

ANN. de J. C. 1551.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

Ann. de J. C. 1551.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

o ventre em crus conforme o uſo do paiz, e ſe fez queimar no ſeu Palacio.

Xavier paſſando depois para o Reino de Bongo, teve ſucceſſos mais admiraveis, e foi recebido com magnificencia do Rei, que favoreceo ſempre a Religiaõ, que elle meſmo abraçou depois, tomando no Baptiſmo o nome de Franciſco, em memoria do grande Santo de que Deos ſe tinha ſervido para o allumiar.

Tais foraõ no Japaõ as premiſſas da noſſa Santa fé, que multiplicando-ſe como o graõ da moſtarda, formou em pouco tempo huma Chriſtandade de mais de 400ↀ. Fiéis, cuja conſtancia nos tormentos da perſeguiçaõ que excitou Taicoſama, pode de alguma ſorte hir á par com a dos Martyres da primitiva Igreja. A divina Providencia he adoravel, ſem duvida, em permitir que a ſemente da noſſa Fé ſe extinguiſſe neſte grande Imperio, com o ſange deſtes zelozos defenſores; porém poder-ſe ha penſar ſem derramar lagrimas na imprudencia, que foi cauſa da perſeguiçaõ, e ſem horror no execravel meio que o inferno fez inventar aos ſeus miniſtros, para fechar a entrada d'huma taõ fermoza colheita a todo o que naõ

tem

tem o caracter da avareza, da heresia, e do ciume do commercio d'huma só Naçaõ contra todas as outras?

Como huma das grandes dificuldades que os Japonefes oppunhaõ sem cessar ao grande Apostolo das Indias, era o exemplo dos Chinefes, que tendo a reputaçaõ de ferem os mais prudentes, e os mais allumiados dos homens, naõ tinhaõ com tudo nunca tido o conhecimento das verdades que elle lhes annunciava, julgou que a conversaõ do Japaõ acharia sempre obstaculos infinitos, em quanto o Imperio da China estivesse sepultado nas trevas da sua infidelidade, e que o meio mais efficaz de se fazer util a huns, e a outros, era de meter incessantemente máos á obra, para levar a luz do Evangelho á esta vasta Monarchia. Tendo concebido o designio, persuadio-se que o tempo teria adoçado o espirito dos Chinefes, e que teriaõ esquecido os primeiros insultos dos Portuguezes que os tinhaõ irritado; que huma Embaixada solemne em nome d'ElRei de Portugal na Corte de Pekim teria toda a felicidade que elle esperava.

Animado com esta esperança, parte do Japaõ no mez de Novembro

ANN. de J. C. 1551.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFONSO DE NORONHA VICE-REI.

Ann. de J. C. 1551.

D. João III. Rei.

D. Affonso de Noronha Vice-Rei

bro de 1551. Achou em Sancian Diogo Pereira ſeu amigo fiel, communica-lhe o ſeu projecto, e fazendo-o conſentir em ſe fazer chefe da Embaixada, continua com elle a ſua derrota para ás Indias, e chegou a Goa 4 mezes depois da ſua partida do Japaõ, vencendo as eſtaçoens, e multiplicando os milagres por fazer ſervir os ventos, e os Typhoens meſmo á ſatisfaçaõ dos ſeus dezejos.

Pereira, tirando o unico obſtaculo que podia demorar tudo, com o offerecimento de fazer todas as deſpezas da Embaixada, o Vice-Rei D. Affonſo de Noronha naõ teve duvida de lhe dar todo o favor que podia faze-la aproveitar. O Santo da ſua parte apreſſou de modo a execuçaõ, que tres mezes depois ſe fez á vela para hir a Malaca, onde devia acabar de ſe pôr em eſtado de paſſar á vante para chegar ao ſeu termo.

Malaca tinha ſido deſolada ultimamente pelo contagio, e os flagelos de Deos ſuccedendo-ſe huns aos outros neſta Cidade criminoſa: achava-ſe entaõ ainda mais diſſolada pelo fogo da diviſaõ atiçado pelo máo caracter d'hum ſó homem. Era eſte D. Alvaro d'Ataide Gama filho do Conde

de Almirante D. Vasco da Gama. Estava provido no Governo de Malaca, e devia succeder ao seu irmaõ D. Pedro da Silva Gama, que tinha ainda hum anno que passar antes d'acabar o seu tempo. O dezejo que teve de o detronar antes do seu termo os embaraçou com hum estrondo muito escandalozo. Os dois irmaõs se assimilhavaõ pouco: D. Pedro era bom, liberal, officiozo, cheio de piedade, muito affectuoso de S. Francisco Xavier. Ataide pelo contrario era hum homem duro, vingativo, avaro por excesso, e que sacrificava facilmente a sua Religiaõ aos seus enteresses. Tinha-se mostrado amigo de Xavier, e o Santo lhe tinha alcançado do Vice-Rei o Generalado do mar, e muitos outros privilegios singulares, que deviaõ servir para lhe fazer o seu Governo mais agradavel. Mas servio-se elle das vantagens que lhe tinha procurado o seu bemfeitor contra elle mesmo. No principio dissimulou com elle, e mostrou aprovar o projecto da Embaixada da China, que estava resoluto a impedir com todas as suas forças. O odio, a vingança, o ciume, e a cubiça foraõ os motivos disto. Aborrecia Pereira, que lhe tinha recuzado em-

ANN. de J. C. 1551.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

Ann. de J. C. 1551.

D. Joaõ III. Rei.

D. Afonso de Noronha Vice-Rei

empreſtar des mil cruzados. Naõ podia ſofrer que hum mercador como Pereira, foſſe encarregado d'huma Embaixada taõ honroſa, e queria para ſi proprio os proveitos, que d'ella ſe podiaõ eſperar.

Naõ enganava com tudo o Santo pela ſua diſſimulaçaõ. Xavier tinha previſto, e prediſto em narraçaõ a Pereira toda a perſeguiçaõ, que elles tinhaõ para padecer hum, e outro; porém naõ deixava de obrar como ſe deveſſe aproveitar, perſuadido que a gloria de Deos o requeria d'elle. Tanto que o Navio de Pereira voltou das Ilhas de Sunda, onde ſe tinha hido carregar, D. Alvaro lhe fez tirar o ſeu leme, e fez o meſmo a todos os Navios do porto, com hum falſo pretexto d'hum rebate de guerra da parte dos Acheneſes. Obrando depois mais deſcobertamente apoſſou-ſe do Navio de Pereira, poſ-lhe hum Capitaõ da ſua maõ, peſſoas ſuas, e o carregou por ſua conta.

Hum procedimento taõ violento revoltou toda a gente, e em particu- D. Pedro da Silva, que naõ o podendo ſofrer, entregou a Fortaleza nas maõs de Caſtro para a guardar até que o ſeu termo expiraſſe. Só o Santo

to se naõ perturbou com isto. Tentou no principio todas as vias da doçura; porém ellas só serviraõ para excitar contra elle da parte de D. Alvaro huma perseguiçaõ, a qual no parecer do mesmo Santo, era a mais viva que tinha tido na sua vida. Ataide naõ omitio nada para o fazer passar por hum velhaco, hum hypocrita: e amotinou por modo contra elle os seus apaniguados, e o povo vil, que Xavier apenas ousava apparecer.

ANN. de J. C. 1551.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

Sendo tudo inutil a D. Alvaro para o fazer entrar em si mesmo, o Santo naõ deixou de se embarcar no mesmo Navio de Pereira, posto que estivesse cheio de creaturas do seu perseguidor, devia esperar ter alli muito pouca licença. Porém como os Santos tem muitas rasoens sobre naturaes d'obrar, e differentes das vistas, e das consideraçoens humanas, naõ se quiz deixar dobrar para hir ver Alvaro antes de partir, posto que os seus amigos lhe representassem ser isto huma especie de obrigaçaõ, e civilidade a que naõ podia faltar. Bem longe d'isto, crendo dever seguir os movimentos d'huma indignaçaõ, que o espirito de Deos excita algumas vezes nos Santos, se quiz servir só nesta

Ann. de J. C. 1551.

D. João III. Rei.

D. Affonso de Noronha Vice-Rei

occaſiaõ dos poderes de Nuncio Apoſtolico, de que nunca tinha uſado. Excomungo-o ſollemnemente. Sacudio quando partio a poeira dos ſeus çapatos ſegundo o preceito do Evangelho, e falando como homem inſpirado, profetou taõ claramente os juſtos juizos de Deos ſobre D. Alvaro, que os que o ouviraõ naõ poderaõ augurar a eſte ſe naõ infelicidades neſte mundo, e no outro.

Xavier morreo na Ilha de Sancian ás portas da China, como Moyſes á viſta da terra de Promiſſaõ, em huma neceſſidade, que lhe ſuprio o martyrio, que elle ardentemente dezejava. Os Portuguezes do Navio naõ abriraõ os olhos, ſe naõ depois da morte d'eſte grande Santo. Cahio entaõ o veo que os cegava. Huma veneraçaõ profunda ſe ſeguio á preocupaçaõ, e deſde entaõ, reſpeitaraõ como merecia huma taõ alta virtude. Seu Santo corpo, inteiro, e flexivel, depois de ſer metido duas vezes em cal viva, foi tranſportado neſte meſmo anno á Malaca, e de la á Goa, onde he ainda hum milagre continuado, e huma prova ſenſivel dos outros prodigios, que tinha obrado na ſua vida.

As profecias do Santo eraõ mui-

to ſeguras, para ſe naõ verificarem contra D. Alvaro. Sobre as queixas feitas ao Vice-Rei, das ſuas extorſoẽs, e violencias, D. Affonſo lhe fez fazer o ſeu proceſſo: e antes de ter paſſado dois annos no ſeu Governo foi tranſportado em ferros para Goa, e d'alli para Portugal, onde os ſeus bens foraõ confiſcados, e elle condenado á huma perpetua priſaõ. Huma eſpécie de lepra, que tinha adquirido nas Indias, ſe inflamou de tal ſorte, que ninguem tinha animo de ſe lhe chegar para o ſervir, e que era inſupportavel a elle meſmo. Em fim, mais embravecido, que tocado do ſeu eſtado infelis, faleceo de morte ſubita, ſem ſentimentos de penitencia, e deixando muito que duvidar ſobre a ſalvaçaõ da ſua alma.

Ann. de J. C. 1551.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

Eu naõ poſſo omitir aqui dois exemplos fortes, e que ſaõ de grande inſtrucçaõ para todos os ſubalternos, e principalmente para ás peſſoas que ſaõ occupadas nas funçoens de zelo nas Colonias. He certo que acontece algumas vezes que os Reis alli ſaõ muito mal ſervidos por aquelles a quem fazem depoſitarios da ſua auctoridade. Sabem-no muitas vezes ſem o poderem emendar. S. Franciſco Xa-

Ann. de J. C. 1551.

D. Joaõ III. Rei.

D. Affonso de Noronha Vice-Rei

vier via este mal com os seus olhos; e o via melhor do que ninguem. Escreveo nisso a ElRei de Portugal, de quem sabia ser bem atendido. „ Os „ damnos que se fazem nunca cessaraõ, „ diz elle, se vossa Alteza naõ faz „ delles responsaveis os Governadores, „ e os que estaõ n'isso empregados, pe„ los seus bens, ou pelas suas pessoas. „ Eu sei que he muito odiozo escre„ ver isto, e que vossa Alteza mesmo „ naõ fará nada nisto]; por esta razaõ es„ tou arrependido de o escrever: „ porém escrevendo-o, satisfaço ao „ menos aos encargos da minha cons„ ciencia. „ Exaqui a cautela comque elle escrevia. Tratando huma materia taõ delicada, naõ nomea pessoa. Representa o mal em geral, e o faz com todas as modificaçoens que pode sugerir a prudencia.

O segundo exemplo pertence ao mesmo D. Alvaro. Este lhe tinha feito muito mal, para naõ suspeitar que delle se poderia queixar á Corte, e escrever vivamente contra elle. Apanhou hum dos dois massos das cartas, que Xavier enviava por huma de duas vias, que partiaõ todos os annos, e se admirou estranhamente de ver, que naõ dizia nem huma palavra em seu desa-

desabono. Belo exemplo para todos os falsos zelozos, que cobrindo a sua paixaõ, ou hum zelo mal entendido, com o pretexto da gloriá de Deos, derramaõ hum amargozo fel em cartas mal ordenadas, cujo effeito ordinario he prejudicarem antes ao bem mesmo que mostraõ querer procurar, do que ás pessoas que saõ o objecto das suas invectivas, e das suas devotas satiras.

ANN. de J. C. 1551.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

Desde o tempo em que Pedro Alvares Cabral descobrio o Brasil, os Reis de Portugal tinhaõ tido grande cuidado de continuarem a fazer os descobrimentos desta vasta parte do continente d'America. Americo Vespucio, que lhe deo o seu nome, depois d'elle Gonçallo Coelho, e muitos outros empregaraõ muito tempo em lhe visitar os Portos, Bahias, os Rios, e a tomarem outras noticias do paiz. Porém como naõ era habitado se naõ por Naçoens pobres, as mais feroces, e mais bárbaras do mundo; aquellas terras ainda que bellas, e ferteis, naõ descobriaõ as suas minas, e as suas riquesas; nada em fim alli aparecia do que experta a cubiça: o zelo d'estabelecer alli Colonias se esfriou, com tudo sem que que abandonassem

inter-

Ann. de J. C. 1551.

D. João III. Rei.

D. Affonso de Noronha Vice-Rei.

inteiramente o projecto. Contentaraõ-se em fim por entaõ d'enviarem para alli miseraveis, e mulheres de má vida, de que queriaõ purificar o Reino, e que expunhaõ á mil mortes, fazendo-lhes mercê da vida. Deraõ depois amplas concessoens aos que se offereciaõ para se hirem lá estabelecer. Assignaraõ mesmo á alguns Fidalgos do Reino Provincias inteiras. A terra custava pouco a dar, e o Estado naõ despendia nada. Em fim deraõ o Brasil de arrendamento, e por humas rendas muito modicas, contentando-se ElRei d'huma Soberania redusida quasi a hum só titulo. Nestes principios os Portuguèzes tiveraõ muitas vezes que combater contra os naturaes do paiz, e sofreraõ muitas vezes a pena das injurias que lhes faziaõ, ou foraõ victimas da sua ferocidade, sendo devorados por estes barbaros Antrophagos acostumados a tratar assim todos os seus inimigos.

A pezar d'isto com tudo o paiz se povoou muito no espaço de 50 annos, e a industria dos habitantes destas novas plantaçoens mostrou que poderiaõ tirar grandes fructos d'estas ricas Provincias, situadas no clima mais fertil do mundo. A Corte conhe-

nheceo entaõ o abúso que tinha feito destas concessoens muito amplas. El-Rei D. Joaõ III. emprehendeo redusir as cousas a melhor pé.

Ann. de J. C. 1551.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI.

Para este effeito revogou todos os poderes dados antecedentemente aos chefes das Capitanias, e enviou huma esquadra de seis navios commandados por Thomé de Sousa, que devia ficar Capitaõ Geral, e fundar huma Cidade na Bahia de todos os Santos. Sousa levou com sigo huma forma de Governo regulado pela Corte, e condusio os Officiaes. Condusio tambem os primeiros Missionarios da Companhia de Jesus, que foraõ abrir estas terras incultas, onde aproveitaraõ tambem os seus suores, e o seu mesmo sangue, que pouco a pouco todas estas Naçoens barbaras, se despojaraõ da sua ferocidade natural, para se revistirem da doçura do jugo de Jesus Christo.

Foraõ menos infelices no Reino de Congo, onde foraõ tambem enviados quasi no mesmo tempo. Porque ainda que foraõ muito bem recebidos do successor do Rei D. Affonso, com tudo como este Principe tinha sentimentos, e costumes bem differentes dos do seu predecessor, os Negros d'es-

Ann. de J. C. 1551. D. JOAÕ III. REI. D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

d'efte Reino tornaraõ logo ás fuas primeiras fuperftiçoens, e á fua libertinagem. E pofto que alli trabalhaffem em grandes fadigas, por huma longa ferie d'annos, a Religiaõ fe apagou alli infenfivelmente, de modo que, neftes ultimos tempos foraõ obrigados a abandonar hum paiz, que recufava os feus trabalhos. O que eu atribuo a que os Portuguezes naõ tendo nunca fido Senhores do Reino de Congo mas fómente alliados, nunca poderaõ fazer o esforço faudavel que fizeraõ no Brafil, de que fubjugaraõ os povos, que depois infenfivelmente redufiraõ a viver á fua moda.

As carreiras que os Armadores Francefes começavaõ a fazer para o Brafil, naõ ferviraõ pouco para defpertarem a attençaõ da Corte de Portugal fobre hum paiz que lhe poderia efcapar; e foi efte hum dos principaes motivos que obrigou D. Joaõ III a fazer efta grande armada, que enviou por Thomé de Souza.

Os Armadores Francefes tinhaõ moleftado os Portuguezes defde os principios dos defcobrimentos das Indias. Hum d'elles chamado Mont-dragon, lhes deo por algum tempo muito trabalho, até que ElRei D. Manoel fazen-

zendo armar contra elle o celebre Duarte Pacheco, Montdragon foi apanhado por eſte Heroe perto do Cabo de Finiſterra, e conduſido a Lisboa, onde foi bem tratado, e enviado depois com honra, porém com a promeſſa de que naõ faria mais corſos ſobre os Navios da Coroa.

Ann. de J. C. 1551.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA-VICE-REI

As riqueſas immenſas que traziaõ das Indias excitando a cubiça, augmentou o numero dos armadores, ſem que a Corte de França, que teria muito goſto de meter pé em alguma parte do Novo Mundo, e que queria fazer huma Marinha, ſe diſgoſtaſſe muito com iſto, e ſe empenhaſe muito a evitar eſtas Piratagens. Pareceo que eſtes corſarios foraõ muitas vezes favorecidos da fortuna. D. Pedro de Caſtello-Branco, que tinha ſido Governador d'Ormuz, onde tinha feito muito bem os ſeus negocios, teve a infelicidade de ſer apanhado na ſua retirada. Veio a Paris para ſolicitar a ſua cauſa. Se naõ teve a inteira ſatisfaçaõ de alcançar o que requeria, teve a de falar ao Rei Franciſco I. com muita liberdade. No reinado d'Henrique II. ElRei D. Joaõ III. requerendo pelo ſeu Embaixador, fizeraõſe regulamentos, e Juizes eſtabelecidos em Paris,

Ann. de J. C. 1551.

D. João III. Rei.

D. Affonso de Noronha Vice-Rei

e em Lisboa, para fentenciarem os litigantes, a quem deraõ dois annos de tempo para formarem os feus proceffos, e feguirem a fua caufa. Concederaõ depois ainda mais dois annos, por fer o primeiro termo muito curto por caufa da diftancia dos lugares.

Naõ fervindo tudo ifto de grande coifa, os Reis de Portugal, e de Hefpanha fizeraõ entre fi hum tratado d'alliança, para defenderem as fuas Coftas, e os feus paifes de conquiftas. Repartiraõ entre fi as paragens, e foraõ obrigados a fuftentar frotas, para alli crufarem, e fegurarem as viagens dos feus navios.

Naõ obftante ifto os Armadores fe multiplicaraõ, e perto de tres, ou 4 annos depois, foraõ fazer hum eftabelecimento no Brafil, debaixo da conducta do Marquez de Villegagnon. Eraõ todos Religionarios, que fegundo o efpirito que infpira a herefia, procuravaõ formar huma Soberania a qual podeffe fer como o feu forte, e donde elles fe podeffem fazer temer. Efte projecto chimerico foi approvado pelo Almirante de Coligni, que lhes tinha dado huma commiffaõ particular. Porém entrando entre elles a divifaõ, Villegagnon abjurando os feus erros,

e

e caſſando os Proteſtantes, Coligni por eſta razaõ deixou de os proteger, e o novo eſtabelecimento cahio por ſi meſmo.

Os Francezes alguns annos depois tentaraõ fazer outro eſtabelecimento na Provincia do Maranhaõ, debaixo da conducta do cavalheiro Vauz, o qual foi reforçado depois por hum ſoccorro que conduſiraõ os cavalheiros de Raſilli, e de Rovardier; mas os Portuguezes os expulſaraõ tambem, e ficaraõ muito tempo depois ſoccegados d'aquella parte, perdendo os Francezes entaõ, ao que parece, a eſperança de alli fazerem eſtas ſortes de eſtabelecimentos, ſem perderem a de correr os mares, e fazerem prezas.

ANN. de J. C. 1551.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

Fim do Duodecimo Livro, e do Tomo terceiro.